

NÃO



SOU

UMIA

Uma garota
conta tudo que
“aprendeu”

DESSAS

Lena Dunham

Criadora e roteirista da série *Girls*, da HBO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

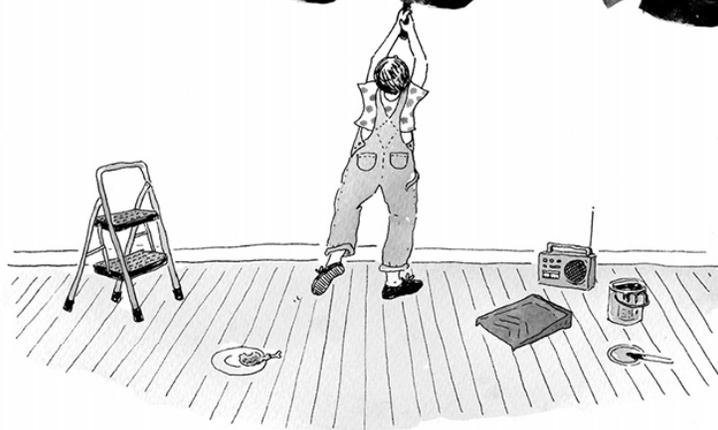
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

NÃO SOU LUMA DESSAS



Lena Dunham

Tradução de Lourdes Sette



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Para minha família, claro.

Para Nora.

E para Jack, que é exatamente aquilo que ela disse que ele seria.

No fundo da alma, todavia, esperava um acontecimento. Como os marinheiros angustiados, lançava sobre a solidão de sua vida olhos desesperados, procurando ao longe alguma vela branca nas brumas do horizonte. Não sabia qual seria aquele acaso, o vento que o empurraria até ela, para que margens ele a levaria, se seria uma chalupa ou um navio de três conveses, carregado de angústias ou cheio de felicidade até as escotilhas. Mas, cada manhã, ao acordar, esperava-o para aquele mesmo dia...

— GUSTAVE FLAUBERT, *Madame Bovary*

Como você é rápida para transformar a energia que a vida lhe dá em obras de arte acabadas.

— MEU PAI, me censurando

Sumário

Introdução

SEÇÃO I *Amor & sexo*

Tira a minha virgindade (não, sério, tira)

Dividindo a cama platonicamente: uma ótima ideia (para quem se odeia)

18 coisas improváveis que eu disse no meio de um flerte

Igor: ou, Meu namorado virtual morreu e o mesmo pode acontecer com o seu

Revelando preocupações: o pior e-mail da minha vida, com notas de rodapé

Garotas & babacas

Barry

Estou me apaixonando

SEÇÃO II *Corpo*

“Dieta” é um palavrão: como continuar cinco quilos acima do peso comendo apenas alimentos saudáveis

Cenas de sexo, cenas de nudez e exibição pública do corpo

15 coisas que aprendi com a minha mãe

O que tem na minha bolsa

Quem mexeu no meu útero?

SEÇÃO III *Amizade*

Fixação por garotas: naquela época em que quase fui lésbica, depois vomitei

A melhor parte

13 coisas que aprendi que não se deve dizer aos amigos

Grace

10 razões por que eu <3 Nova York

SEÇÃO IV *Trabalho*

Isso era para ser engraçado? Aproveitando ao máximo a sua
educação

Luvinhas de couro: a alegria de perder tempo

17 coisas que aprendi com o meu pai

E-mails que eu enviaria se fosse um pouquinho mais maluca /
zangada / corajosa

Eu não transei com eles, mas eles gritaram comigo

SEÇÃO V *Panorama*

A terapia e eu

Isso é mesmo real? Pensamentos sobre a morte e morrer

Minhas 10 maiores preocupações com a saúde

Oi, Mãe; oi, Pai: saudações da Colônia de Férias para Meninas
Fernwood Cove

Meus arrependimentos

Guia para fugir de casa

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a ilustradora



Introdução

TENHO VINTE ANOS e me odeio. Meu cabelo, meu rosto, o formato da minha barriga. A maneira como minha voz soa hesitante e meus poemas soam piegas. A maneira como meus pais falam comigo num tom ligeiramente mais formal do que o que usam com minha irmã, como se eu fosse uma funcionária pública surtada e que, se for pressionada demais, talvez exploda os reféns que deixei amarrados no porão.

Dissimulo esse ódio com um tipo de autoaceitação agressiva. Pinto o cabelo de amarelo fluorescente e faço um corte estilo *mullet*, mais inspirada nas fotografias de mães adolescentes dos anos 1980 do que em qualquer tendência atual. Uso uma roupa de elastano brilhante que ressalta todas as minhas gorduras. Tenho uma briga horrorosa com minha mãe quando decido vestir uma miniblusa com estampa de bananas e leggings cor-de-rosa para ir ao Vaticano, e turistas devotos fazem cara feia e viram as costas.

Estou morando num alojamento que foi, não muito tempo atrás, um asilo para idosos de baixa renda e não gosto de pensar onde eles devem estar agora. Minha colega de quarto se mudou para Nova York

para explorar a culinária feita com produtos locais e o lesbianismo, então estou sozinha, num apartamento de um quarto no térreo — um fato que aprecio até que, certa noite, uma jogadora de rúgbi arranca a porta de tela das dobradiças e irrompe alojamento adentro para atacar sua namorada infiel. Comprei um videocassete e agulhas de tricô, e passo a maioria das noites no sofá, tricotando meio cachecol para um garoto de quem gosto que teve um surto maníaco e largou a faculdade. Fiz dois curtas-metragens, os quais meu pai considerou “interessantes, mas irrelevantes”, e meu bloqueio criativo está tão ruim que comecei a traduzir poemas escritos em línguas que não falo, um tipo de exercício surrealista que supostamente vai me inspirar, mas também vai evitar que eu tenha aqueles pensamentos perversos e recorrentes que surgem do nada: sou horrorosa; vou estar internada num hospital psiquiátrico quando tiver 29 anos; nunca vou ser alguém.

Você não diria isso se me visse numa festa. No meio da multidão, sou imprudentemente alegre, muito bem-vestida com roupas de brechó e unhas postiças, lutando contra o sono provocado pelos 350 miligramas de remédios que tomo todas as noites. Danço feito louca, rio feito louca de minhas próprias piadas e faço referências superficiais à minha vagina, como se ela fosse um carro ou uma cômoda. Peguei mononucleose ano passado e nunca me curei totalmente. De vez em quando, uma das minhas glândulas fica do tamanho de uma bola de golfe e sobressai no meu pescoço como um dos pinos que mantêm o corpo do monstro de Frankenstein inteiro.

Tenho amigas: um grupo simpático de garotas cujas paixões (fazer bolos, montar álbuns de flores prensadas, fazer trabalho social) não me empolgam. Eu me sinto culpada por isso, uma sensação de que minha inabilidade para me sentir à vontade com elas prova, de uma vez por todas, que não sirvo para nada. Rio, concordo, encontro razões para voltar para casa mais cedo. Tenho a sensação incômoda de que minhas *verdadeiras* amigas estão me esperando depois da faculdade: mulheres incomuns cujas ambições são tão grandes quanto

suas transgressões passadas, cujos penteados atingem as alturas, dramáticos como a topiaria dos jardins de Versalhes e que nunca, jamais dizem “eu não precisava saber disso” quando alguém menciona um sonho erótico que teve com o próprio pai.

Mas eu também me sentia assim no ensino médio, com a certeza de que o *meu* grupo era de outro lugar, tinha outro destino e me reconheceria se me visse. Eles gostariam tanto de mim que não faria diferença se eu gostasse de mim mesma. Eles veriam as coisas boas em mim para que eu pudesse vê-las também.



Aos sábados, minhas amigas e eu nos esprememos no Volvo velho de alguém e vamos para um brechó, onde compramos bugigangas que cheiram às vidas de outras pessoas e roupas que acreditamos que tenham o poder de melhorar as nossas próprias. Todas nós queremos parecer personagens de alguma sitcom da nossa juventude, as adolescentes que admirávamos quando ainda éramos crianças. As calças nunca me servem, a menos que eu vá para a seção de grávidas, então acabo comprando vestidos do tipo saco e suéteres iguais aos que Bill Cosby usava no programa dele.

Em alguns dias, a carga é pesada: um terno anos 1980 cor de pêssego e com manchas de café quase imperceptíveis; leggings com correntes *trompe l'oeil* nas laterais; um par de botas feitas sob medida para alguém com pernas de comprimentos diferentes. Mas, em outros dias, a busca rende pouco. Os achados de sempre, como tênis Keds genéricos estampados e camisolas rasgadas, já foram arrematados. Nesses casos, passeio na seção de livros, onde as pessoas descartam seus guias para obter um divórcio melhor e seus manuais de artesanato, às vezes até álbuns de recortes e de fotografias da família.

Dou uma olhada na prateleira empoeirada, que parece a coleção de livros de uma família infeliz e talvez até analfabeta. Ignoro os

conselhos sobre como enriquecer depressa, me detenho rapidamente na autobiografia de Miss Piggy, contemplo um livro chamado *Sisters: The Gift of Love*. Mas quando pego uma velha edição de bolso com as laterais quase verdes de tão amareladas, paro. *Having It All* [Como ter tudo], de Helen Gurley Brown, que aparece na capa apoiada numa escrivaninha arrumada e vestindo o tipo de terno cor de ameixa com ombreiras que passei a usar de forma irônica, cheia de pérolas e sorriso de quem sabe tudo.

Gasto os 65 centavos necessários para levar o livro para casa. No carro, mostro o exemplar às minhas amigas como se fosse uma piada decorativa, algo para minha prateleira de troféus *kitsch* e fotos de estúdio de crianças desconhecidas. Esse é o nosso hobby, a apropriação de objetos significativos para outras pessoas e a exibição deles como prova de quem nunca seremos. Mas sei que devorarei esse livro e, quando chego em casa, vou direto para a cama, tremendo embaixo da colcha de patchwork, com uma tempestade de neve rodopiando no estacionamento do lado de fora da janela.

O livro é de 1982 e, na folha de rosto, há uma dedicatória, escrita com caneta esferográfica: “Para Betty! Com amor, Margaret, sua amiga de Optifast ☺”. Isso me comove, a ideia de que o livro foi dado por uma mulher a outra, em algum grupo bem antigo de apoio à perda de peso. Amplio a mensagem dela mentalmente: *Betty, vamos conseguir. Estamos conseguindo. Que este livro leve você para as estrelas e além.*

Durante uma semana, volto correndo para casa todos os dias depois da aula para devorar os ensinamentos de Helen. Estou maravilhada pela forma como, em *Having It All*, Gurley Brown compartilha suas diversas humilhações e ocasionais triunfos e explica, com a precisão de um Guia do Idiota, como você também pode ser abençoada com “amor, sucesso, sexo e dinheiro, mesmo que comece do nada”.



A maior parte dos conselhos, vale notar, é pura loucura. Ela incentiva as leitoras a comer menos de mil calorias por dia (“dietas radicais são aceitáveis, jejum também [...] Saciedade está fora de questão. Você precisa se sentir um pouco desconfortável e faminta enquanto perde peso ou, provavelmente, não está perdendo nada”), evitar ter filhos se puder e estar disposta a chupar o seu parceiro o tempo inteiro (“quanto mais sexo você fizer, mais conseguirá suportar”). Helen tem pouca tolerância com o livre-arbítrio nesse departamento: “Exaustão, preocupação com um problema, cólicas menstruais — nada é desculpa para não fazer amor, a menos que você esteja tão zangada com o homem na sua cama a ponto de revirar os olhos e ranger os dentes.”

Alguns dos conselhos dela são um pouco mais razoáveis: “Sempre vá para o aeroporto quinze minutos mais cedo do que você *poderia*. Isso evitará o desgaste das suas válvulas”; ou “Se você tem problemas pessoais sérios, acho que deve procurar um psiquiatra para obter conselhos e apoio. Não consigo conceber a diferença entre não receber cuidados para uma cabeça e um *coração* machucados e andar pelas ruas com sangue jorrando de sua garganta...”. Mas sua sabedoria franca perde parte de seu poder porque é forçada a ocupar o mesmo espaço que pérolas como “para mim, evitar totalmente os homens casados quando se está solteira seria como recusar primeiros socorros em um hospital de Tijuana quando se está sangrando até a morte porque prefere um hospital americano imaculado, bem distante e do outro lado da fronteira”.

Having It All é dividido em seções, e cada uma delas é uma jornada a algum aspecto em geral sacrossanto da vida feminina, como dietas, sexo ou as complexidades do casamento. No entanto, apesar de suas teorias dementes, que não se encaixam nem um pouco na minha criação fervorosamente feminista, aprecio a forma como Helen compartilha sua história cheia de constrangimentos e de acne escondida numa tentativa de dizer *Olha, felicidade e satisfação podem acontecer com todo mundo*. No processo, ela revela as próprias fraquezas (um trecho sobre comer *baklava* até passar mal ficou gravado na minha mente), mas talvez eu a tenha subestimado. Talvez isso não seja uma obra do acaso, mas, na verdade, seu dom.



Quando encontrei o livro dela, ainda não sabia qual posição Helen Gurley ocupava no cânone, nem que ela havia sido objeto da análise e das críticas de mulheres que viriam a me inspirar, como Gloria Steinem e Nora Ephron. Não sabia que ela era a pedra no sapato tanto do movimento feminista quanto da patrulha moralista, ou que ainda estava viva e com quase noventa anos, ainda espalhando para as oprimidas os conselhos alegres e superficiais que se tornaram sua marca. Tudo o que eu sabia era que Helen pintou um quadro da vida que se tornou muito mais interessante por ela já ter sido, em suas palavras, uma caidinha: feia, nada especial, sem graça. Para ela, em última análise, caidinhas são as mulheres que prevalecerão, que sobreviverão para contar suas histórias de serem desprezadas e pouco amadas. É uma perspectiva oportunista, mas eu precisava dela mais que tudo. Talvez, como Helen prega, uma mulher confiante, poderosa e, sim, até mesmo sexy possa ser construída, e não necessariamente nasça assim. Talvez.

Não há nada mais corajoso para mim do que uma pessoa anunciar que sua história merece ser contada, sobretudo se essa pessoa é uma mulher. Por mais que tenhamos trabalhado muito e por mais longe

que tenhamos chegado, ainda existem muitas forças que conspiram para dizer às mulheres que nossas preocupações são fúteis, que nossas opiniões não são relevantes, que não dispomos do grau de seriedade necessário para que nossas histórias tenham importância. Que a escrita pessoal feminina não passa de um exercício de vaidade e que nós deveríamos apreciar esse novo mundo para mulheres, sentar e calar a boca.

Mas eu quero contar minhas histórias e, mais do que isso, *preciso* fazê-lo para manter minha sanidade mental: histórias sobre o despertar para o meu corpo feminino adulto e sobre sentir nojo e pavor. Sobre ter minha bunda apalpada num estágio, precisar provar meu valor numa reunião cheia de cinquentões e ir a um evento de gala com o antissocial mais ranzinza que já se viu. Sobre me permitir ser tratada pelos homens de formas que eu sabia que eram erradas. Histórias sobre minha mãe, minha avó, sobre o primeiro cara que amei e que virou semigay e sobre a primeira garota que amei e que virou minha inimiga. E, se eu puder lançar mão do que aprendi e tornar qualquer tarefa mais fácil para você ou evitar que você faça o tipo de sexo em que ache melhor nem tirar os tênis para o caso de querer sair correndo durante o ato, então cada passo em falso que dei terá valido a pena. Já estou prevendo a vergonha que sentirei por ter pensado que tinha algo a oferecer, mas também uma glória futura, caso eu evite que você experimente um desses sucos detox caríssimos ou que pense que é culpa sua quando a pessoa com quem você está saindo se afasta de repente, intimidada com a clareza de sua missão pessoal aqui na Terra. Não, não sou nutricionista, psicóloga ou especialista em sexo. Não tenho três filhos, nem sou a proprietária de uma franquia bem-sucedida de roupa íntima. Mas sou uma garota com um grande interesse em ter tudo o que quero e, nas próximas páginas, apresento relatos das linhas de frente dessa batalha.



SEÇÃO I

Amor & sexo





Tira a minha virgindade

(Não, sério, tira)

QUANDO EU TINHA NOVE ANOS, escrevi um voto de castidade num pedaço de papel e o engoli. Prometi a mim mesma, com marca-texto laranja, que permaneceria virgem até terminar o ensino médio. Isso parecia importante porque eu sabia que a minha mãe tinha esperado até o verão anterior à sua entrada na faculdade e também porque Angela Chase parecia muito perturbada por sua experiência naquele motel barato aonde os garotos da escola iam para copular. Se a minha relação com o patê de fígado era um sinal — e pouco tempo antes eu tinha comido tanto que vomitei —, então minha força de vontade deixava muito a desejar. Eu precisaria de algo mais forte do que a resolução para me impedir de ter relações sexuais tão cedo na vida,

então escrevi o voto de castidade e pedi à minha mãe para assinar o documento. Ela se recusou. “Você simplesmente não sabe o que a vida lhe trará, e eu não quero que você se sinta culpada”, disse ela.

No fim das contas, o contrato foi uma precaução desnecessária. A oportunidade nunca surgiu no ensino médio, nem mesmo durante o meu primeiro ano de faculdade na New School, em Nova York, a menos que você considere uma tentativa fracassada com um aspirante a piloto atarracado chamado James. Embora nunca consumado, esse encontro foi longe o suficiente para que eu tivesse que pescar uma camisinha verde nunca usada de trás do beliche do dormitório no dia seguinte. Tudo ia bem, e eu já estava sem blusa e sem calça, mas, quando revelei minha condição de virgem, ele ficou (talvez com razão) com medo de que eu criasse uma ligação unilateral indissolúvel com ele e fugiu. No segundo ano, pedi transferência para uma faculdade de artes em Ohio, conhecida tanto por ter sido a primeira universidade a aceitar mulheres e afro-americanos quanto por seu corpo discente poliamoroso e bicurioso. Eu não era nenhum dos dois, mas aquele parecia ser um ambiente bom e compreensivo onde, enfim, eu poderia colocar a bola em jogo.

Oberlin era uma fantasia do amor livre. Durante a primeira tempestade do ano, estudantes nus invadiram a praça central do campus, lambuzando os corpos uns dos outros com lama. (Eu usava um biquíni com blusa de alcinha.) As pessoas se referiam umas às outras como “ex-amantes, atuais amigos”. Havia um seminário sobre sexo coordenado por estudantes no qual todo ano um garoto e uma garota eram recrutados para mostrar o pênis e a vagina, respectivamente, para a multidão ansiosa de aspirantes a dra. Ruth Westheimer, a famosa terapeuta sexual alemã.

Eu me senti mesmo a virgem mais velha da cidade, e provavelmente era, a não ser por uma garota punk peituda, de Olympia, Washington, que era igualmente frustrada; ela e eu muitas vezes nos encontrávamos em nossas roupas de dormir para discutir a falta de perspectiva. Apenas duas Emily Dickinsons com piercings

faciais imaginando o que a vida nos traria e se tínhamos, sem querer, cruzado a fronteira entre o inocente e o patético.

— Josh Krolnik passou os dedos pelo elástico da minha calcinha! O que você acha que isso significa?

— Ele fez isso comigo também...

Nós inclusive percebemos, com bastante terror, que o cara que aparecia de roupão roxo em todas as aulas parecia ser amado por uma garota que vestia pijamas com estampa do Super-Homem. Eles trocavam olhares pegajosos, mergulhados no mundo (sem dúvida sexual) da roupa de ficar em casa.

As opções eram parcas, principalmente se, como eu, você já não estivesse mais interessada em bissexuais. Pelo menos 50% dos homens heterossexuais no campus jogavam Dungeons & Dragons e outros 25% evitavam usar qualquer tipo de sapato. O cara mais atraente que vi na faculdade até hoje, um alpinista de cabelo comprido chamado Privan, se levantou da carteira no final da aula, revelando que vestia uma saia branca esvoaçante. Estava claro que eu teria de fazer algumas concessões para experimentar o amor carnal.



Conheci Jonah¹ no refeitório. Ele não tinha um estilo específico além de se vestir como uma lésbica de meia-idade. Era baixo, mas forte. (Caras com menos de 1,60 metro pareciam ser o meu destino.) Ele vestia uma camiseta do Dia de Conscientização para o Bullying contra Gays de sua escola (uma escola que tem um dia de conscientização para o Bullying Contra Gays! Que curioso!), e sua abordagem ao bufê eterno que era o nosso refeitório era bem civilizada, o que me agradava — até mesmo os veganos costumavam entupir os pratos de comida como se o apocalipse estivesse chegando e retornavam aos seus alojamentos catatônicos pelo esforço da digestão. Mencionei, como que por acaso, que estava frustrada com a impossibilidade de ir

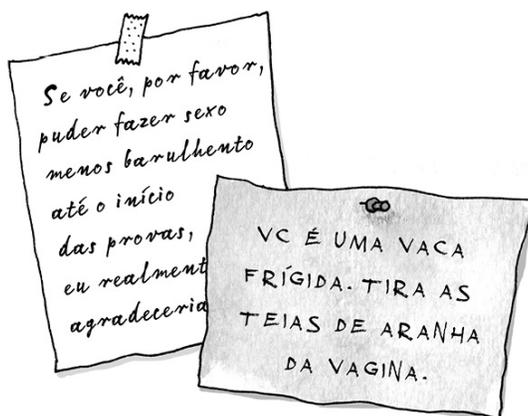
a Kentucky para um trabalho de jornalismo, e ele imediatamente ofereceu seus serviços. Embora surpresa com sua generosidade, na verdade, eu não queria fazer uma viagem de cinco horas com um estranho. No entanto, algo em torno de cinco a 45 minutos de sexo parecia bom.

A melhor forma de fazer isso, obviamente, era dar uma festa de queijos e vinhos, o que fiz em meu quarto de sete metros quadrados no “andar tranquilo” do East Hall. Comprar vinho exigia pegar minha bicicleta e pedalar onze quilômetros congelantes até uma loja de bebidas na cidade vizinha de Lorain que não costumava exigir comprovante de idade, então acabou sendo uma festa de queijos e cerveja e uma grande caixa de biscoitos salgados sortidos. Jonah foi “casualmente” convidado num e-mail coletivo que me fez parecer muito mais tranquila (“Ei, galera, às vezes, numa quinta à noite, preciso mesmo é relaxar. VOCÊS NÃO?”) do que de fato estava. E ele veio e ficou, mesmo depois de todos os meus convidados já terem ido embora. Foi quando soube que, no mínimo, ele passaria a mão no meu peito. Conversamos, no começo animadamente e, depois, naquelas meias exclamações nervosas que substituem os beijos quando todos estão muito constrangidos. Finalmente, contei-lhe que o trabalho do meu pai era pintar imagens imensas de pênis. Quando ele perguntou se podíamos vê-las na internet, agarrei-o pelo pescoço e me joguei. Tirei minha blusa quase imediatamente, como tinha feito com o piloto, e isso pareceu impressioná-lo. Continuando na vertente ousada, peguei uma camisinha do “kit de sobrevivência do calouro” que havíamos recebido (muito embora eu já estivesse no segundo ano e muito embora eu tivesse bastante certeza de que precisaríamos de muito mais do que Ray-Bans falsos, uma barra de cereal e alguns mini-Band-Aids se o apocalipse chegasse).

Enquanto isso, do outro lado do campus, minha amiga Audrey enfrentava um inferno pessoal criado por ela mesma. Estivera em pé de guerra com a colega de quarto durante todo o semestre, uma garota voluptuosa da Filadélfia, fã de feiras renascentistas, que era o

objeto de luxúria de todos os viciados em RPG e black metal do campus. Audrey só queria um pouco de tranquilidade para ler a revista *The New Republic* e trocar mensagens pelo iChat com seu namorado na Virgínia, enquanto sua colega de quarto saía com um garoto que havia tentado produzir metanfetamina na cozinha do alojamento, o que atraiu uma visita de emergência de homens vestidos com aquelas roupas de proteção contra substâncias perigosas. Audrey pediu à colega de quarto para não guardar seu anel vaginal no frigobar, algo que a garota considerou uma afronta indesculpável à sua honra.

Antes de sair para a minha festinha de queijos e cerveja, Audrey tinha deixado um recado para sua colega de quarto: “Se você, por favor, puder fazer sexo menos barulhento até o início das provas, eu realmente agradeceria.” A resposta da garota foi queimar o bilhete de Audrey, espalhar as cinzas pelo chão e deixar um recado: “Vc é uma vaca frígida. Tira as teias de aranha da vagina.”



Audrey voltou correndo para o meu quarto, na esperança de dormir lá. Ela até soluçava, temendo que o bilhete queimado fosse apenas um prenúncio de danos físicos mais graves, e também tinha certeza absoluta de que eu estaria sozinha, acabando com o queijo. Então ela escancarou minha porta sem bater — e encontrou Jonah

em cima de mim. Ela entendeu de imediato a magnitude da ocasião e, em meio às lágrimas, gritou: “Mazel tov!”

Eu não tinha contado a Jonah que era virgem, apenas que nunca havia feito “muito” aquilo. Tinha certeza de que já rompera o meu hímen quando estava no ensino médio e pulei uma cerca no Brooklyn ao perseguir um gato que não queria ser resgatado. Ainda assim, doeu mais do que eu esperava e de uma forma diferente também — mais difusa, menos como uma facada e mais como uma dor de cabeça. Ele estava nervoso e, respeitando a igualdade entre os sexos, nenhum de nós gozou. Depois disso, nos deitamos e conversamos, e percebi que ele era uma boa pessoa, seja lá o que isso signifique.



Acordei na manhã seguinte da mesma forma que todas as manhãs e fui fazer as minhas coisas normais: liguei para a minha mãe, bebi três copos de suco de laranja, comi metade de um cheddar picante que tinha ficado fora da geladeira desde a noite anterior e ouvi músicas de garotas cantando com violões. Olhei para fotos de coisas fofas na internet e inspecionei minha virilha para ver se tinha pelos encravados. Chequei meus e-mails, dobrei suéteres e depois desdobrei todos eles no processo de tentar decidir qual usar. Naquela noite, me deitar pareceu normal, e o sono veio rápido. Nenhuma comporta tinha sido aberta. Nenhum cofre da verdadeira feminilidade tinha sido destrancado. Ela continuou lá, e ela era eu.

Jonah e eu só fizemos sexo uma vez. No dia seguinte, ele passou para dizer que achava que tínhamos transado muito cedo e que deveríamos tirar umas semanas para nos conhecermos melhor. Então me pediu para ser sua namorada, colocou meu capacete de bicicleta rosa-shocking na cabeça e proclamou que aquele era o “capacete do namoro”, fazendo um sinal maníaco de aprovação com o polegar.

Nós “namoramos” por doze horas, depois terminei o namoro na lavanderia do alojamento dele. No Natal, ele me enviou uma mensagem no Facebook que dizia apenas: “Gostosa.”

Claramente, fazer sexo foi mais fácil do que eu havia pensado. Cheguei à conclusão de que nos últimos anos tinha escolhido garotos que não estavam interessados em mim, e a razão era que *eu* não estava pronta. Apesar de todos os filmes sobre adolescentes rebeldes a que eu gostava de assistir, meus anos de ensino médio tinham sido dedicados a amar meus bichos de estimação, escrever poemas sobre amor proibido e entregar meu corpo apenas às minhas próprias fantasias. E eu ainda não estava pronta para abrir mão daquilo. Tinha certeza de que, quando deixasse alguém me penetrar, meu mundo mudaria de alguma maneira indescritível, porém fundamental. Nunca mais conseguiria abraçar meus pais com a mesma inocência e ficar sozinha ganharia um sentido diferente. Como é que eu experimentaria novamente a verdadeira solidão depois de alguém ter dado umas estocadas em minhas entranhas?

Como a virgindade parece permanente, mas também tão sem importância. Depois de Jonah, quase não me lembro da sensação de falta, de constrangimento e de urgência. Lembro-me de passar pela garota punk de braços dados com o namorado logo antes da formatura, e nem sequer trocamos um aceno de sobreviventes. Provavelmente ela transava todas as noites, os seios grandes balançando no ritmo de algum metal pesado, nosso vínculo desfeito pela experiência. Não fazíamos mais parte de nenhum clube, apenas parte do mundo. Bom para ela.

Foi só mais tarde que sexo e identidade se tornaram um só. Escrevi aquela cena da perda da minha virgindade quase palavra por palavra no meu primeiro filme, *Creative Nonfiction*, tirando a parte em que Audrey arrombou a porta com medo de morrer. Quando atuei naquela cena de sexo, minha primeira do tipo, me senti mais transformada do que pela experiência real de fazer sexo com Jonah. Era como se aquilo fosse apenas sexo, mas esse era o meu trabalho.

1 O nome foi alterado para proteger o verdadeiramente inocente.



Dividindo a cama platonicamente

Uma ótima ideia (para quem se odeia)

POR MUITO TEMPO, não tive certeza se gostava de sexo. Eu gostava de tudo que antecedia o ato: a especulação, as interações exploratórias e sedutoras, a conversa afetada no caminho gelado de volta para casa, minha imagem no espelho do banheiro minúsculo de alguém. Gostava do vislumbre que isso me dava do subconsciente do meu parceiro, e talvez esse fosse o único momento em que realmente acreditei que alguém, além de mim, existia mesmo. Gostava da parte em que sentia que alguém podia, talvez até mesmo queria, me desejar. Porém, o sexo em si era um mistério. Pouca coisa fazia sentido. A transa era, muitas vezes, como enfiar uma esponja de banho num pote de conserva. E eu nunca conseguia dormir depois. Se nos separávamos, minha cabeça zumbia, e eu não conseguia ficar tranquila. Se dormíssemos na mesma cama, sentia câimbras nas

pernas e ficava olhando para a parede. Como dormir quando a pessoa ao meu lado tinha um conhecimento profundo das minhas membranas mucosas?

No terceiro ano da faculdade, encontrei uma solução para esse problema: dividir a cama platonicamente, o ato de ter na sua cama alguém por quem você se sente atraída por uma noite que contém tudo menos sexo. Vocês vão rir. Vão ficar abraçados. Vão evitar todos os barulhos humilhantes e indesejáveis que acompanham o sexo amador.

Dividir a cama platonicamente me proporcionava a oportunidade de exibir minhas roupas de dormir como uma dona de casa dos anos 1950 e experimentar um frisson de desejo sem a invasão das minhas entranhas. Era eficiente, como aquilo que os exploradores fazem para permanecer aquecidos em montanhas geladas. A única questão era se a gente dormiria de conchinha ou não. No dia seguinte, sentia o calor de ter sido desejada, sem as imagens terríveis do pau, das bolas e do cuspe que me vinham em replay depois de um encontro sexual de verdade.

Claro, nessa época, eu não tinha qualquer consciência dos meus motivos e achava que o meu destino era dividir a cama platonicamente: não era feia demais a ponto de ser repulsiva e não era bonita demais a ponto de ser sedutora. Minha cama era uma parada de descanso para os solitários, e eu era a solteirona dona da estalagem.



Dividi a cama com a minha irmã, Grace, até os dezessete anos. Ela tinha medo de dormir sozinha e começava a pedir, por volta das cinco da tarde, todos os dias, para dormir comigo. Eu fazia toda uma encenação dizendo que não, adorava vê-la implorar e fazer cara feia, mas, por fim, sempre cedia. O corpinho úmido e musculoso dela se

agitava ao meu lado todas as noites enquanto eu lia Anne Sexton, assistia a reprises do *Saturday Night Live* e, às vezes, até quando eu enfiava a mão dentro da calcinha para tentar entender alguma coisa. Grace tinha as mesmas propriedades confortáveis e indutoras do sono que uma bolsa de água quente ou um gato.

Sempre fingi odiar aquilo. Reclamava com meus pais: “Nenhuma outra adolescente precisa dividir a cama, a menos que seja MUITO POBRE! Alguém, por favor, faça ela dormir sozinha! Ela está destruindo a minha vida!” Afinal, ela tinha a própria cama e havia *escolhido* não dormir nela. “Converse com ela”, diziam, cientes de que eu também me beneficiava com a situação.

A verdade é que eu não tinha o direito de reclamar, pois na infância fui afetada por “distúrbios do sono” tão severos que meu pai conta que não teve uma única noite de sono ininterrupto entre 1986 e 1998. Para mim, dormir era como morrer. Qual era a diferença entre fechar os olhos e perder a consciência e morrer? O que separava a perda de consciência temporária da obliteração permanente? Eu não conseguia enfrentar essa perspectiva sozinha, então, todas as noites, precisava ser arrastada esperneando e gritando até o meu quarto, onde exigia uma série de rituais para adormecer tão elaborados que fico surpresa por meus pais nunca terem me batido (para valer).

Então, por volta de uma da manhã, quando eles enfim estavam dormindo, eu entrava no quarto deles em silêncio, expulsava meu pai da cama, me aconchegava no calor do lugar dele e adormecia ao lado da minha mãe. A culpa passageira de tirá-lo dali era superada em muito pela alegria de não estar mais sozinha. Apenas recentemente me ocorreu que talvez essa tinha sido a maneira de me certificar de que meus pais nunca mais fariam sexo.

O coitado do meu pai, desesperado para terminar a guerra fria deflagrada na nossa casa sobre a hora de dormir, me disse que, se eu fosse para a cama às nove todas as noites e permanecesse tranquilamente em meu quarto, ele se levantaria às três da manhã e

me levaria para o quarto dele. Isso parecia razoável: eu não teria a oportunidade de ficar morta por tantas horas sozinha, e ele pararia de gritar tanto comigo. Meu pai cumpriu a promessa, acordando religiosamente às três da manhã para me mudar de quarto.

Aí, uma noite, quando eu tinha onze anos, ele não apareceu. Não percebi até acordar, às sete da manhã, com os sons matinais da nossa casa. Grace já estava no andar de baixo degustando waffles orgânicos congelados e assistindo ao Cartoon Network. Olhei ao redor, meio grogue, indignada pelo feixe de luz que entrava pela janela do meu quarto.

— VOCÊ NÃO CUMPRIU A PROMESSA! — gritei, chorando.

— Mas você ficou bem — afirmou ele.

Não havia argumento contra isso. Ele estava certo. Foi um alívio não ter visto o mundo às três da manhã.

Assim que os meus problemas acabaram, os de Grace chegaram para substituí-los, como se os distúrbios do sono fossem uma questão familiar que passasse de geração a geração. E, embora eu continuasse a reclamar, ainda gostava secretamente da presença dela na minha cama. O ronco suave, o modo como ela adormecia contando as rachaduras do teto, observando uma por uma com um som parecido com o de um rato que é melhor expresso como: *mip mip mip*. A maneira como a blusinha do pijama dela levantava e deixava sua barriga à mostra. Meu bebê. Eu mantinha Grace segura até o amanhecer.

.  .

Tudo começou com Jared Krauter. Ele foi a primeira coisa que notei na orientação da New School, encostado na parede, conversando com uma garota com cabelo raspado — os olhos de personagem de anime, os jeans femininos boca de sino, o cabelo cheio estilo Príncipe Valente que parecia um capacete. Ele foi o primeiro cara que vi usando Keds e fiquei emocionada pela confiança que tinha para usar

sapatos delicados de mulher. Toda a presença dele me emocionou. Se estivesse sozinha, teria ido às escondidas para trás de uma porta, me derretendo e suspirado como Natalie Wood em *Clamor do sexo*.

Essa tecnicamente não foi a primeira vez que vi Jared. Ele era um garoto da cidade e costumava ficar do lado de fora da minha escola esperando pelo amigo dele da colônia de férias. Todas as vezes em que o via, pensava: Esse cara tem uma bunda linda.

— Ei — falei, me aproximando dele no meu tomara que caia cor de pele. — Acho que já vi você na saída do Saint Ann. Você conhece o Steph, né?

Jared era mais amigável do que se espera de um cara descolado. Ele me convidou para ver sua banda tocar mais tarde naquela noite. Foi o primeiro show de muitos a que eu assistiria — e a primeira de muitas noites que passamos no meu beliche de cima, apertados como sardinhas, sem nos beijarmos. No começo, parecia timidez. Como se ele fosse um cavalheiro e estivéssemos indo com calma. Sem dúvida, aquilo aconteceria em algum momento, e riríamos quando nos lembrássemos daqueles dias hesitantes e depois foderíamos com paixão. Mas os dias viraram semanas, que viraram meses, e seu afeto por mim nunca tomou um rumo sexual. Eu sentia falta dele, apesar de dormir pressionada contra seu corpo. Sua pele cheirava a sabonete e a metrô, e, quando ele dormia, suas pálpebras se agitavam.

Apesar de sua pose indie e de seu acesso irrestrito ao álcool por trabalhar como segurança num bar, Jared era tão virgem quanto eu. Achávamos graça das mesmas coisas (uma garota mexicana no nosso dormitório que nos contou que os pais dela moravam num “apartamento na Flórida”), adorávamos as mesmas comidas (anéis de cebola fritos, talvez a razão por que nunca nos beijamos) e as mesmas músicas (tudo o que ele dizia que eu deveria ouvir). Ele era um escudo contra a solidão, contra as brigas com a minha mãe, as notas baixas nos trabalhos e os garçons irritantes que não aceitavam minha identidade falsa. Quando lhe contei que trocava de faculdade, seus

olhos se encheram de lágrimas. Na semana seguinte, ele abandonou o curso.

Em Oberlin, senti saudade de Jared. A barriga dele contra as minhas costas. O cheiro levemente azedo de seu hálito no meu rosto. Ambos concordando em continuar dormindo depois que o despertador tocasse. Mas não demorou muito para eu substituí-lo.

Primeiro, veio o Dev Coughlin, um estudante de piano que vi pela primeira vez quando ele saía do banho e coloquei na cabeça que ia beijá-lo. Ele tinha um rosto sério e o cabelo absolutamente incrível de Alain Delon, mas dizia “sinistro” mais do que a maioria dos atores franceses da Nouvelle Vague. Uma noite, caminhamos pelo campo de softball, onde contei-lhe que era virgem, e ele me disse que seu alojamento estava cheio de mofo e que ele precisava de um lugar para dormir. O que se seguiu foi um período intenso de duas semanas dividindo a cama, não de forma totalmente platônica, porque nos beijamos duas vezes. Durante o resto do tempo eu estremecia como uma gata no cio, esperando que ele roçasse em mim de um jeito que eu conseguiria traduzir em prazer. Não sei se o mofo foi erradicado ou se o meu desespero se tornou demais para ele, mas Dev voltou para seu quarto em meados de outubro. Fiquei de luto por algumas semanas antes de passar para Jerry Barrow.

Jerry era um estudante de física nascido em Baltimore que usava óculos e calças meio curtas demais e que alternava entre os nomes de usuário Sherylcrowcantaminhahistória e Nação-Peituda. Se eu achava Jared e Dev lindos, Jerry era meramente útil. Eu sabia que nunca nos apaixonaríamos, mas sua presença física sólida me acalmava, e dividimos a cama por uma semana. Ele teve autoestima suficiente para se retirar da situação quando convidei seu melhor amigo, Josh Berenson, para dormir do meu outro lado.

É isso aí, cara.

Josh era o tipo de cara que eu gostava de chamar de “gostosão da parada”, e tinha um senso de humor nihilista e chargista que eu curti. Apesar de eu praticar o “esfrega” — o movimento em que você

empurra a bunda devagar mas de forma constante na virilha de um homem que não espera por isso —, ele não demonstrou qualquer interesse em se envolver fisicamente comigo. O mais perto que chegamos um do outro foi quando ele passou a mão no meu peito esquerdo com a mão espalmada, como se fosse um alienígena que tinha aprendido sobre sexualidade humana com um robô.

Mas, a essa altura, a notícia já tinha se espalhado: a Lena gosta de dividir a cama.

Amigos homens que vinham para estudar comigo simplesmente presumiam que ficariam para dormir. Garotos que moravam do outro lado do campus pediam para dormir no meu quarto para chegar à aula bem cedo na manhã seguinte. Minha reputação me precedia, e não da forma como sempre sonhei. (Exemplo: *Você conhece a Lena? Nunca conheci uma mulher tão criativa e ao mesmo tempo tão sensual. O quadril dela é tão flexível que ela poderia trabalhar no circo, mas ela é inteligente demais para isso.*) No entanto, eu tinha algumas exigências e não estava disposta a dividir uma cama com qualquer um. Entre o batalhão de recusados estavam:

Nikolai, um russo que usava botas pretas de bico fino e lia para mim um livro do William Burroughs sobre gatos com o rosto bem perto do meu. Era um cara de 26 anos que estava no segundo ano e que se referia a vaginas como “pererecas”, como se fosse 1973.

Jason, um estudante de psicologia que me contou o seu sonho de ter sete filhos para levá-los aos jogos dos Yankees vestidos com jaquetas com letras nas costas que, juntas, formariam o nome do time.

Patrick, tão doce e baixinho que o deixei deitar na minha cama só uma vez, mas acordei de madrugada e o braço dele pairava sobre mim, como se ele estivesse com medo demais para deixá-lo apoiado no meu corpo. Passamos a chamá-lo de “conchinha-flutuante” para sempre, mesmo após ele ter ficado conhecido no campus como o cara que despejou vodca dentro do próprio ânus com um funil.



Apreendi a me masturbar no verão seguinte ao terceiro ano do fundamental. Tinha lido sobre o assunto num livro sobre puberdade, que descrevia o ato como “tocar suas partes privadas até você sentir uma sensação muito gostosa, como um espirro”. A ideia de um espirro vaginal parecia, na melhor das hipóteses, constrangedora e, na pior, nojenta, mas o verão estava um tédio e por isso decidi explorar minhas alternativas.

Abordei a questão clinicamente por vários dias, deitada no tapete do único banheiro na nossa casa de veraneio que tinha tranca. Toquei meu corpo aplicando pressões diferentes e em ritmos variados. A sensação era prazerosa, da mesma forma que uma massagem nos pés. Uma tarde, deitada no tapete, olhei para cima e vi um filhote de morcego pendurado de cabeça para baixo no tubo da cortina do box. Ficamos nos olhando em silêncio, atordoados.

Finalmente, quase no fim do verão, o trabalho árduo foi recompensado, e senti o espirro, que, na verdade, foi mais parecido com uma convulsão. Esperei um pouco no tapete do banheiro para me acalmar, depois levantei, lavei as mãos e antes de descer conferi meu rosto para ver se não estava congelado numa expressão estranha, para ver se eu ainda parecia a filha dos meus pais.

Às vezes, já adulta, quando faço sexo, imagens do banheiro surgem espontaneamente. O painel de madeira do teto, cheio de nós e esburacado como um queijo suíço. Os sabonetes caros da minha mãe numa cestinha na banheira retrô. O balde enferrujado onde guardamos o papel higiênico. Sinto o cheiro da madeira. Ouço o motor dos barcos no lago, minha irmã arrastando seu triciclo para a frente e para trás na varanda. Estou com calor. Estou com vontade de lanchar. Mas, na maior parte do tempo, estou sozinha.



Quando me formei e voltei para a casa dos meus pais, a divisão de cama continuou — Bo, Kevin, Norris — e se tornou um ponto de controvérsia importante. Minha mãe expressou seu sofrimento, não apenas por ter homens estranhos em casa, mas por eu me interessar por uma atividade tão ingrata. “É pior do que foder com todos eles!”, disse ela. “Você não deve um *quarto de dormir* a todo mundo”, disse meu pai.

Eles não entendiam. Eles não entendiam nada daquilo. Será que nunca tinham se sentido sozinhos?

Eu me lembro do sétimo ano, quando minha amiga Natalie e eu começamos a dormir na sala de TV da casa dela nas noites de sexta e sábado, toda semana. Assistíamos ao Comedy Central ou ao *Saturday Night Live* e comíamos pizza fria até uma ou duas horas da manhã, apagávamos no sofá-cama, depois acordávamos bem cedo para ver a irmã mais velha dela, Holly, e seu namorado albino entrarem no quarto dela às escondidas. Isso rolou durante alguns meses, confiável, alegre e estranhamente doméstico, nossa rotina tão rígida quanto um casal de oitenta anos. Porém, uma sexta-feira depois da escola, ela me disse friamente que “precisava de espaço” (nunca saberei onde uma garota de doze anos aprendeu essa frase), e fiquei arrasada. Novamente em casa, meu próprio quarto parecia uma prisão. Eu havia passado de uma companhia perfeita a nada.

Em resposta, escrevi um conto trágico, à la Raymond Carver, sobre uma jovem que chega à cidade para tentar a carreira de atriz na Broadway e acaba seduzida por um trabalhador da construção civil controlador que a transforma numa escrava doméstica. Ela passava os dias lavando pratos, fritando ovos e brigando com o dono do apartamento decrepito onde moravam. A conclusão da história envolvia ela rastejar até uma cabine telefônica para ligar para a mãe em Kansas City, um lugar aonde eu nunca tinha ido. A mãe anuncia que a renegara, então ela continuava andando rumo a só Deus sabe onde. Não me lembro de nenhuma frase específica, apenas desta sentença final: *Ela queria dormir sem a pressão dos braços dele.*



Por um breve período, tive um relacionamento com uma ex-celebridade televisiva que, acometido pela tragédia de seu fracasso precoce, havia se mudado para Los Angeles para começar uma vida nova. Eu morava num apart-hotel em LA, num quarto bege de frente para o jardim de dois idosos nudistas, estava muito solitária e não odiava beijá-lo. Ele ainda lembrava vagamente uma pessoa que eu tinha visto na televisão no começo da adolescência e, quando saíamos juntos, eu costumava observar as expressões das garçonetes e dos taxistas para ver se eles o reconheciam. Mas beijar foi o mais longe que chegamos. Ele estava, como me contou, emocionalmente traumatizado por um antigo relacionamento, por um cachorro que havia morrido e por algo que tinha a ver com a guerra no Iraque (da qual ele não participara, até onde sei). Eu gostava do apartamento dele. Tinha luminárias de vidro soprado, um labrador preto já grisalho e uma geladeira cheia de Perrier. Ele mantinha seu home office bem-arrumado, e um quadro-negro com ideias rabiscadas era a única decoração. Certa noite, enquanto dirigíamos no meio de uma tempestade, o carro derrapou e ele agarrou minha perna como um pai faria. Demos uma caminhada em Malibu e dividimos um sorvete. Fiquei com ele durante sua pneumonia, aquecendo sopas, enchendo copo após copo de refrigerante e verificando a sua temperatura enquanto ele dormia. Ele me alertou sobre a vida que eu teria se não tomasse cuidado. O sucesso era algo apavorante para um jovem, contou. Eu tinha 24 anos e ele, 33 (“a idade de Cristo”, ele me lembrava repetidas vezes). Havia algo meigo nele, sofrido e gentil, e eu achava que o sexo com ele pudesse ser algo semelhante. Eu não teria que fingir, como tinha feito com outros caras. Talvez nós dois chorássemos. Talvez fosse tão bom quanto dividir uma cama.

No Dia dos Namorados, vesti uma lingerie de renda e implorei para que ele, por favor, finalmente transasse comigo. A litania de desculpas que ele apresentou em resposta teria sido cômica se não

fosse trágica: “Quero conhecer você melhor.” “Não tenho camisinha.” “Tenho medo, porque gosto muito de você.” Ele tomou um calmante e dormiu, o braço estendido do meu lado, e, enquanto estava deitada lá, plenamente acordada e toda me coçando por causa da lingerie de renda, ocorreu-me que aquilo era humilhante, assexual e, pior de tudo, enfadonho. Aquilo não era conforto. Era paralisia. Era distância travestida de conexão. Eu estava sendo dessexualizada em câmera lenta, me transformando num urso de pelúcia com seios.

Eu era trabalhadora. Merecia beijos. Merecia ser tratada como um pedaço de carne, mas também ser respeitada pela minha inteligência. E tinha dinheiro para pagar um táxi de volta para casa. Então chamei um, e o cachorro triste dele, com nome hebraico, me observou pular a cerca e andar pela calçada, de um lado para o outro, até o táxi chegar.



Eis as pessoas com quem é bom dividir a cama:

Sua irmã se você for menina, seu irmão se você for menino, sua mãe se você for menina e seu pai se você tiver menos de doze ou se ele tiver mais de noventa anos. Seu melhor amigo. Um carpinteiro que você paquerou na barraca de tortas de limão em Red Hook. Um porteiro que você conheceu no centro de convenções de um hotel no Colorado. Um modelo espanhol, um cachorrinho, um gatinho, uma daquelas minicabras domesticadas. Um cobertor elétrico. Um saco vazio de salgadinhos. O amor da sua vida.

Eis as pessoas com quem não é bom dividir a cama:

Qualquer um que faça você sentir que está invadindo o espaço dele. Qualquer um que lhe diga “não posso ficar sozinho neste momento”. Qualquer um que não faça você sentir que dividir uma cama é a atividade mais aconchegante e sensual que ele pode realizar (a menos, claro, que essa pessoa seja um dos parentes mencionados

acima; nesse caso, ele deve agir com carinho, mas também de forma reservada/um pouco irritada).

Agora, olhe para a pessoa ao seu lado. Ela atende a esses critérios? Se a resposta for não, retire-a ou retire-se. É melhor ficar sozinha.

18 coisas improváveis que eu disse no meio de um flerte

1. “Meu apelido no ensino médio era Lena Boquete, mas só porque eu NUNCA chupei ninguém! Como quando você chama um cara gordo de Joe Palito.”
2. “Só tenho cecê em uma das axilas. Juro. A minha mãe é igual.”
3. “Uma vez, acordei no meio de uma transa com um cara praticamente desconhecido!”
4. “Vamos tomar um café, sim. Bem, não *café* café. Uma outra bebida, porque café já me deu infecção intestinal e tive que usar uma calcinha de papel que o hospital me deu.”
5. “Sem querer dar uma de hippie, mas curei meu HPV com acupuntura.”
6. “Ele não tinha pernas e ELE não estava a fim de MIM. Mas não foi por isso que deixamos de ser amigos.”
7. “Nunca vi *Star Wars* OU *O poderoso chefão*, portanto essa deveria ser uma boa desculpa para passarmos bastante tempo juntos.”
8. “Fui uma adolescente bem roliça, coberta por uma camada grossa de gordura. Sério, vou mostrar uma foto.”
9. “Você deveria vir para cá. Meu pai é superengraçado.”
10. “Sou o tipo de pessoa que provavelmente deveria namorar caras mais velhos, mas não consigo lidar com as bolas deles.”
11. “Estou obcecada com as cortinas da sua van!”

12. “Vem para a minha festa! Não podemos conversar nem fazer barulho porque o meu vizinho está morrendo, mas gastei uma fortuna em salame.”
13. “Chega mais perto do meu umbigo. Isso parece herpes, sarna, os dois ou nenhum deles?”
14. “Uma vez, pensei que estava acariciando meu gato sem pelo, mas, na verdade, era a vagina da minha mãe. Pelo cobertor, claro!”
15. “Desculpa se meu hálito está um pouco metálico. É o remédio. Curiosidade: estou tomando a dose mais alta já registrada desse troço.”
16. “Eu não dou a mínima se você furta lojas.”
17. “Gostei de você não ter comentado sobre minha imensa perda de peso. É cansativo ouvir todo mundo dizendo: ‘Como você conseguiu? e blá-blá-blá.’”
18. “Minha irmã voltou lá para dentro, então acho que estamos seguros. Quer sentar na pedra sem alga? Ou, tudo bem, se quiser sentar na que tem alga.”



Igor

Ou, Meu namorado virtual morreu e o mesmo pode acontecer com o seu

OS COMPUTADORES simplesmente apareceram um dia. Voltamos das férias e lá estavam elas: sete caixas cinza em uma longa mesa no corredor do quinto andar.

“Temos computadores!”, anuncia nossa professora. “E eles vão nos ajudar a aprender!”

Todos estão animados, mas eu logo fico desconfiada. O que há de tão sensacional em ter nosso corredor cheio de robôs atarracados e horrorosos? Por que todos estão alegres feito idiotas? O que podemos aprender com essas máquinas que não podemos com os professores?

Os garotos, sobretudo, estão vidrados e passam todo o tempo livre fazendo tec-tec-tec no teclado, jogando um jogo simples que envolve empilhar blocos para fazê-los explodir. Fico longe. Antes disso, só toquei em outro computador, na casa da minha amiga Marissa, e

achei a experiência desconcertante. Havia algo sinistro nas letras e nos números verdes que brilhavam na tela enquanto o computador ligava, e odiei a forma como Marissa parou de responder a perguntas ou de me dar atenção no segundo em que ele começou a funcionar.

Minha aversão pelos computadores tem um fervor quase político: eu digo que eles estão mudando nossa sociedade, e para pior. Vamos agir como humanos. Conversar. Escrever à mão. Pedi para não participar da aula de digitação, na qual usamos um programa chamado Mavis Beacon Ensina a Digitar para aprender qual dedo deve tocar cada tecla. (Mindinho no *P*, diz ela. Mindinho no *P*.) Enquanto os outros tentam agradar Mavis, escrevo em meu caderno.

Nas reuniões de pais e mestres, minha professora conta aos meus pais que eu demonstro “uma verdadeira aversão à tecnologia”. Ela queria que eu estivesse mais disposta a “abraçar as novidades na sala de aula”. Quando minha mãe anuncia que teremos um na nossa casa, vou para meu quarto e ligo a televisãozinha em preto e branco que comprei de segunda mão e me recuso a sair por mais de uma hora.

Ele chega numa noite depois da escola, um Apple com um monitor do tamanho de uma caixa de mudança. Um cara com rabo de cavalo o instala, mostra à minha mãe como usar o drive de CD-ROM e pergunta se quero ver os jogos “pré-instalados”. Faço que não com a cabeça: *Não. Não quero.*

Mas o computador exerce uma atração magnética, lá no meio da nossa sala, zumbindo muito levemente. Observo minha babá ajudar minha irmã com o jogo Oregon Trail, apenas para fazer toda a família digital dela morrer de disenteria antes de atravessar o rio. Minha mãe digita algo num documento Word usando apenas os indicadores. “Você não quer experimentar?”, pergunta ela.

No fim das contas, a tentação é forte demais. Quero experimentar, ver a razão de tanto alvoroço, mas não quero ser hipócrita. Já havia desistido de ser vegetariana e estava tão envergonhada que contei às meninas, no almoço, que o meu sanduíche era de presunto de tofu. Tenho que ser verdadeira comigo mesma. Não posso ficar mudando

minha identidade, e odiar computadores faz parte dela. Um dia, minha mãe está no quarto organizando seus sapatos, e sei que a barra está limpa. Entro na sala de estar, me sento na cadeira de escritório metálica e, devagar, estico meu dedo na direção do botão de ligar. Ouço o computador iniciar, *ping* e *prrr*. Tenho uma sensação eletrizante de transgressão.



No quinto ano, todos temos nomes de usuário. Enviamos mensagens uns para os outros, mas também conversamos em salas de chat, pontos de encontro digitais com nomes como Espaço Teen e Um Lugar para Amigos. Leva um tempo para eu me acostumar com a ideia do anonimato. Com pessoas que não posso ver e que não podem me ver. Com ser vista sem ser vista de forma alguma. Katie Pomerantz e eu assumimos juntas a persona de uma modelo de catorze anos chamada Mariah, que tem cabelos pretos esvoaçantes, sutiã tamanho 42 e um estoque infinito de carinhas felizes. Consciente do poder incrível de Mariah, seduzimos garotos, prometendo-lhes que somos lindas, populares e estamos em busca de amor, além de sermos ricas com os nossos salários de modelos adolescentes. Rimos enquanto revezamos na digitação, deleitando-nos com o nosso poder. Em dado momento, pedimos a um garoto em Delaware para verificar a etiqueta de seu jeans e nos dizer qual é a marca.

“É Wrangler”, responde ele. “Minha mãe comprou essa calça no Walmart.”

Empolgadas por nossa vitória, desconectamos.



Juliana é nova na turma do nono ano. Ela não conhece ninguém, mas tem a confiança de quem é popular desde o jardim de infância. Ela é punk: com piercing no nariz e o cabelo espetado. Usa uma camiseta feita em casa com os dizeres SOBRA DE CRACK, e seu rosto é tão bonito que às vezes não consigo deixar de imaginá-lo sobreposto ao meu. Juliana é vegana por razões políticas e parece gostar de verdade de músicas sem melodia. Quando me conta que fez sexo — em um beco, imagina, com um cara de vinte anos —, preciso de uma semana para me recuperar.

“Eu estava de saia, então ele só puxou minha calcinha para o lado”, relata ela, com tanta naturalidade como se me contasse o que a mãe dela fez para o jantar.

Dois meses após o início das aulas, ela usa uma identidade falsa para fazer uma tatuagem, uma estrela náutica na nuca, as linhas grossas e pouco elegantes.

Peço para passar os dedos sobre a casquinha, incapaz de acreditar que aquilo existirá para *sempre*.

Muitos dos amigos punk de Juliana moram em Nova Jersey, aonde ela costuma ir aos fins de semana para “shows”. No almoço, damos uma olhada nos sites amadores das bandas no Angelfire.com, um dos quais tem a imagem de uma carcaça de bebê em estado de decomposição. Porém, a maioria posta fotos deles mesmos, suados e amontoados diante de palcos improvisados. É difícil dizer quem faz parte da banda e quem só está ali de bobeira. Ela aponta para Shane, um louro lindo por quem ela tem uma queda. O site dele se chama Str8OuttaCompton, uma referência que eu vou levar dez anos para entender. Numa das fotos de Shane, tirada durante um show num porão apertado, percebo um garoto, bronzeado, bochechudo e com olhos azuis vazios, batendo cabeça numa roda punk num canto, com uma bandana amarrada na cabeça.

— Quem é esse? — pergunto.

— O nome dele é Igor — responde Juliana. — Ele é russo. Vegano também. Ele é muito legal.

— Ele é bonito — digo.

Naquela noite, recebo uma mensagem instantânea do Pyro0001.
Aceito.



Pyro0001: Oi, é o Igor.



Pelos três meses seguintes, Igor e eu trocamos mensagens instantâneas por horas, todas as noites. Chego em casa por volta das três e meia e ele, às quatro, então faço um lanche e espero o nome dele aparecer. Quero deixar ele dizer “oi” primeiro, mas normalmente não consigo esperar tanto. Conversamos sobre animais. Sobre a escola. Sobre as injustiças do mundo, a maioria delas dirigidas a animais inocentes que não podem se defender das maldades feitas pela humanidade. Ele é um homem de poucas palavras, mas as que usa são perfeitas para mim.

Não me oponho mais ao computador. Estou apaixonada por ele.

Nenhum dos garotos gosta de mim na escola. Alguns me ignoram e outros são bem cruéis, mas nenhum quer me beijar. Ainda estou arrasada por causa do fim de um namoro que tive no sétimo ano e me recuso a ir a festas nas quais sei que meu ex estará. Neste momento, minha dor de cotovelo já durou 24 vezes mais do que a nossa relação.

Igor quer ver uma foto minha, então envio uma em que estou encostada na parede do quarto, onde desenhei árvores e nus com uma caneta permanente. Meu cabelo amarelo e alisado está solto e exibo um meio sorriso cheio de gloss. Igor diz que pareço a Christina Aguilera. Ele é punk, então o que diz parece mais uma constatação do que um elogio, mas fico animada.

Trocamos mensagens durante o jantar, em meio a brigas com os nossos pais. Ele descreve como tudo é tranquilo quando ele chega em casa, uma vez que seus pais só chegam às oito da noite. Ele diz “jah volto” quando vai até a porta para pegar a comida que pediu por telefone, que é, em geral, berinjela à parmegiana sem o queijo. Ele me conta que a escola dele é daquelas em que há os garotos populares e os fracassados, os atletas e os excêntricos. Uma escola pública grande com uma turma cheia de estranhos. Minha escola deveria ser diferente — pequena, criativa e inclusiva —, mas, às vezes, me sinto tão isolada quanto ele. Começo a descrever meus colegas de escola como “patricinhas” e “picaretas”, palavras que nunca teria pensado em usar antes de ele me apresentar a elas. Palavras que ele entenderá e que o atrairão para mim.

Quando saio de férias com a minha família peço à recepção do hotel para usar o computador para enviar a Igor um e-mail no Dia dos Namorados. Ele me diz que não quer me enviar uma foto nova dele porque têm surgido “algumas espinhas” recentemente. Meu pai fica irritado por eu passar o tempo em que poderia estar na praia sentada num escritório sem janelas com uma mulher fumando Newports, enviando recados apaixonados para alguém que nunca conheci pessoalmente. Ele não entende. Ele nem sequer tem e-mail.

Juliana diz que o amigo de Igor, Shane, diz que Igor diz que gosta muito de mim. Isso me dá coragem para pedir a ele para falarmos ao telefone. Ele parece ansioso e anota meu número, mas nunca liga. Juliana diz que acha que ele pode estar inseguro por causa do sotaque.



TrixieBelle86: Se vc não gosta de telefone, o q acha da gnt se encontrar pessoalmente?

Ele concorda em me encontrar no sábado seguinte no Saint Mark's Place, em Manhattan. Ele vai pegar o trem para a cidade, e vamos nos encontrar na esquina. Vou de camiseta apertada e sem mangas, calça cargo e uma jaqueta jeans, embora esteja muito frio. Estou muito nervosa, chego vinte minutos antes da hora marcada. Ele ainda não está lá. Espero por mais meia hora, mas ele não chega. Tento parecer tranquila enquanto garotos da Universidade de Nova York cheios de piercing e garotas asiáticas de cabelo cor-de-rosa passam por mim. Chego em casa e entro na internet, mas ele também não está lá.

No dia seguinte, ele me envia uma mensagem:

Pyro0001: Dsc!p. Castigo. Tlvz outro dia.



Aos poucos, Igor para de me enviar mensagens. Quando faz contato, é só para responder. Ele nunca começa uma conversa. Toda vez que ouço o som de mensagem chegando, corro para o computador, esperando que seja ele. Mas é apenas o John, um garoto de uma escola vizinha que é fera no break dance, ou minha amiga Stephanie reclamando das regras rígidas do pai peruano em relação ao comprimento das saias dela. Igor não me pergunta mais nada. Nosso relacionamento era cheio de possibilidades: a possibilidade de nos encontrarmos, de gostarmos um do outro ainda mais pessoalmente do que on-line, de nos apaixonarmos pelos olhos, pelo cheiro e pelos tênis um do outro. Agora acabou antes de ter começado. Fico pensando se posso considerá-lo um ex.

Um dia, no final do verão, Juliana me envia uma mensagem instantânea.

Northernstar2001: Lena Igor morreu.

Trixiabelle86: O quê???

Northernstar2001: Shane me mandou uma msg. Ele teve uma overdose de metadona, engasgou com a própria língua no porão. Foda. Ele é filho único e os pais tipo não falam inglês.

Trixiabelle86: Shane disse se o Igor parou de gostar de mim?



Não sei a quem dar a notícia porque não sei quem vai se importar e não quero explicar a história toda para ninguém. Era impossível para os meus pais entender a realidade do Igor enquanto ele estava vivo, então por que eles entenderiam agora que ele está morto?

Um ano mais tarde, tenho que mudar meu nome de usuário porque um garoto na escola, um cabeludo enorme, com rosto que parecia uma pintura do Picasso, me envia um e-mail dizendo que vai me estuprar e me besuntar de molho barbecue. Ele é o único cara que gosta de mim desse jeito, mas queria muito que ele não gostasse. Ele menciona ter um facão e anexa uma foto de um gatinho enfiado numa garrafa e abandonado lá para morrer. Meu pai fica zangado, com toda razão, e chama meu tio, que é advogado e diz que é preciso chamar a polícia. Pela primeira e última vez na vida sou escoltada da escola para casa por policiais. Quando eles vão à casa dele, descobrem que ele imprimiu e gravou todas as nossas mensagens instantâneas, páginas e mais páginas delas. Um dos policiais insinua que eu não deveria ter sido tão simpática com ele se não gostasse dele “daquele jeito”. Digo a eles que apenas sentia pena dele. Eles dizem que devo ser mais cautelosa no futuro. Sinto vergonha.

Meu novo nome de usuário inclui meu nome verdadeiro e só é compartilhado com alguns amigos e familiares, mas transfiro todos os meus contatos e por isso sempre posso ver quem está conectado e quando. Um dia, na barra DISPONÍVEL, eu o vejo: Pyro0001. O mundo gira depressa e depois fica devagar de novo, como acontece às vezes

quando levanto para fazer xixi de noite e é como se a casa toda dissesse *Lena, Lena, Lena*.

“Oi”, digito.

O nome desaparece.

Ando à toa o resto do dia como se tivesse visto um fantasma. Digito o nome completo dele em vários sites de busca, procurando pelo obituário ou alguma prova de que ele existiu. Quer dizer, Juliana o conhecia. Ela esteve com ele. Ela ouviu o sotaque dele. Ele era real. Ele morreu. Gente falsa não morre. Gente falsa nem mesmo existe.

Anos mais tarde, darei seu sobrenome a um personagem no meu programa de TV. Um sinal de fumaça para quem quiser saber: ele era legal comigo. Ele tinha o que dizer. De alguma maneira, eu o amava. Eu amava, amava, amava.



Revelando preocupações

O pior e-mail da minha vida, com notas de rodapé

27 de setembro de 2010

A.,¹

Antes de voltar a escrever, tive que rabiscar este texto para você.² Tipo, as últimas seis vezes em que nos falamos acabaram com uma série de longos silêncios em que digo algo, depois digo outra coisa para modificar o que disse antes, então eu meio que me desculpo, aí meio que retiro as minhas desculpas.³

Isso seria engraçado se fosse uma cena de uma comédia romântica indie,⁴ e é engraçado nas primeiras vezes que acontece, mas não precisa acontecer porque eu deveria simplesmente desligar o telefone e dizer “tenha um bom-dia, A., até mais”. Estou claramente buscando determinadas reações e depois as explicando entre silêncios.

Eu deveria parar de me desculpar por ser analítica demais em relação a isso, mesmo que lamente (não por você, mas de uma forma mais profunda, pela química cerebral e por quem sou. Uso todos os meios que posso para mudar isso, exceto heroína, mas nasci tão ansiosa e obcecada quanto qualquer criança incrivelmente linda poderia ser).⁵ A dinâmica das relações românticas é obviamente fascinante para nós dois, de forma artística e teórica.⁶ Idem para o

sexo. No entanto, é mais difícil de incorporar ao seu dia a dia de uma maneira que seja confortável.⁷

É claro que eu gosto muito de você. Não de um jeito opressivo e assustador,⁸ e não de uma forma “acabei de gozar só de olhar para uma foto sua” (embora eu tenha feito isso mesmo),⁹ mas de uma maneira em que faço um esforço enorme para incluir você na minha vida, ou só para descobrir no que isso pode dar. Eu estava tão pronta para passar quatro meses em Los Angeles curtindo essa cidade estranha de árvores decrépitas, deixando meus pais me visitarem, fazendo caminhadas e talvez saindo com um babaca só para ter uma história para contar.¹⁰ Uma semana antes de encontrar você, falei brincando para alguém: “Eu seria uma namorada horrível neste momento da minha vida, porque estou carente e nunca disponível.”¹¹ Piadas não são apenas piadas.¹²

É muito bom falar com você, e fico fascinada com a possibilidade de compartilhar certos tipos de preocupações com regularidade.¹³ Como estou aqui e você está aí, as coisas não podem acontecer de uma forma totalmente orgânica, e tenho dificuldade em lidar com isso, por ser quem sou. Então é por isso que tento descobrir se vou ver você quando voltar para essas bandas, se você pensa em mim quando se masturba¹⁴ ou simplesmente qual a sua disposição para ter a vida um pouquinho revirada.

Na noite da festa em que nos conhecemos, quando você me disse para encontrá-lo num canto, eu tinha certeza absoluta de que iria até lá e você teria me enganado e ido para outro lugar. Mas então você não estava exatamente onde disse que estaria, porém estava perto.¹⁵

OK,¹⁶

L¹⁷

p.s. Se você não tem nada para dizer em resposta a este e-mail, isso será um tipo de justiça poética incrível.¹⁸ Também peço desculpas se este e-mail é tão sem graça.¹⁹

1 Dirigir-me ao meu amado apenas pela primeira letra do nome dele parecia romântico, como a correspondência desesperada e secreta entre dois intelectuais casados no final do século XIX. Por precaução, caso o administrador do e-mail descubra nossas identidades e revele nosso caso para nossos esposos vingativos, usaremos um código para nos comunicar. Esse código será: a primeira letra dos nossos nomes.

2 “Rabiscar” é uma palavra muito informal para a dissertação sobre disfunção emocional que se segue. Ao longo desse relacionamento, escrevi epopeias para A. que ele respondia com uma única palavra (“legal”, “claro”) ou com um extenso discurso sobre algum assunto totalmente diferente que o incomodava no momento, como a impossibilidade de encontrar botas de inverno na moda ou a falta de Hemingways contemporâneos. Eu lia esses e-mails com muita atenção, procurando desesperadamente uma indicação de que eles eram realmente dirigidos a mim e sobre mim, e acabava concluindo apenas que de fato tinham sido enviados para meu endereço eletrônico.

3 Eu: Então...

[*Pausa.*]

Eu: Você ainda está aí? Estou me sentindo um pouco... Seria legal se, quem sabe, quando eu dissesse algo, você dissesse algo, porque isso se chama...

[*Pausa.*]

Eu: Uma conversa.

4 Referências irônicas a comédias românticas são uma ótima maneira de mostrar que você NÃO é o tipo de garota/mulher que se importa com convenções românticas. Muitas vezes, A. e eu discordávamos em relação ao que assistir. Ele preferia clássicos masculinos dos anos 1980, enquanto eu tendia (e ainda tendo) a querer assistir a filmes com protagonistas femininas. Em vez de admitir que ele não queria passar duas horas assistindo ao desenrolar da vida íntima de uma mulher, ele me dizia que aqueles filmes “não tinham estrutura”. Estrutura era um tópico recorrente. Ele construía prateleiras, escrevia roteiros e se vestia para o inverno com um rigor e uma disciplina que, embora intrigantes no início, começaram a provocar a sensação de estar sob um regime comunista. Regras, regras, regras: não misture preto com azul-marinho, nada de empilhar livros na horizontal, despeje bebida em um pote para conservas de meio litro e se certifique de que algo impactante acontece na página dez.

5 Essa é uma referência à vez em que contei a ele que, quando era criança, ficava hipnotizada pela minha própria beleza. Essa época da minha vida foi antes de eu aprender que gostar de si mesmo não era bem-visto pela sociedade em geral.

6 Embora ele tivesse uma profissão que envolvia muito esforço físico e levantamento de peso, sua verdadeira paixão era escrever ficção, e, após muita bajulação, ele me entregou uma de suas histórias para eu ler. Era um relato de vinte páginas sobre um jovem muito parecido com ele mesmo que tentava, sem sucesso, seduzir uma asiática que trabalhava na loja de roupas J. Crew no Soho. Embora a prosa fosse insólita e engraçada, a história teve o mesmo efeito em mim que uma comida estragada. Levei cerca de 24 horas para perceber o problema: eu conseguia

sentir, em quase todas as frases, um desprezo essencial pelo sexo feminino que não era nem abordado nem explicado. Foi a mesma sensação que tive após minha primeira leitura de *Adeus, Columbus*, de Philip Roth, no oitavo ano: amo esse livro, mas não quero conhecer esse homem. No entanto, nesse caso, era: essa história é ok e seu autor já gozou dentro de mim.

7 Na primeira semana em que nos conhecemos, dormi na casa dele todas as noites. O tempo parava no quarto dele, que não tinha janelas e era um forno. Todos os dias, dávamos juntos um novo passo: passar fio dental, dividir um bagel, dormir sem transar. Ele confessou que tinha problemas estomacais. Quando deixei a casa dele na manhã de sexta-feira, tínhamos basicamente vivido o primeiro ano de um relacionamento em cinco dias. Peguei o avião para Los Angeles sem saber quando nos veríamos de novo. Eu tinha certeza absoluta de que o vi chorar um pouquinho ao me deixar no metrô.

8 Ou talvez sim.

9 Como uma experiência. Foi parecido com olhar para um vaso vazio ou pela janela.

10 Nessa viagem, a primeira da minha carreira profissional, aluguei uma casa nos morros acima de Hollywood. Tinham me falado que era “chique” e “perto o bastante para ir andando até os lugares chiques”, mas era pequena e úmida, sem janelas em três lados, e tinha a fachada quadrada e genérica de um laboratório de metanfetamina. Apertada entre a casa de um roteirista de televisão fracassado com alguns pit bulls e a de um professor universitário de teoria *queer* que usava gravatas estilo faroeste e colecionava vidros de Murano, decidi que o medo que sentia por estar sozinha naquela casa era diretamente proporcional a tudo o que eu aprenderia morando nela. E assim permaneci por cinco meses, chamando aquilo de crescimento. Numa noite, coloquei uma camisola, fui para a varanda, olhei para a lua e perguntei: “Quem sou eu?”

11 Lembro-me de ficar tão impressionada com essa frase que anotava com cuidado para quem eu já tinha falado isso e com quem eu ainda poderia tentar usar.

12 Parafraseando Freud.

13 Eu queria um namorado. Qualquer um. Esse namorado, esse rostinho zangado do Steve McQueen, se encaixava perfeitamente na minha autoimagem, mas sejamos honestos, ele estava no lugar certo na hora certa. Em cerca de um mês de relação, comecei a me dar conta de que passar o tempo com ele me dava uma sensação de vazio, parecida com uma gripe, de que ele odiava todas as minhas escolhas musicais e, às vezes, eu ficava tão entediada que provocava brigas só para experimentar a sensação de quase perdê-lo. Passei as três horas de uma viagem de

carro chorando atrás dos meus óculos escuros como se o meu casamento de trinta anos estivesse acabando. “Não sei mais o que fazer”, soluzei. “Não posso mais continuar.” “Não pode ou não quer”, gritou ele, como Stanley Kowalski, dando uma ré raivosa para entrar na vaga de estacionamento de que ele menos gostava e colocando a marcha violentamente em ponto morto. No andar de cima, andei de um lado para o outro, chorei, ele chorou também e, quando falei que podíamos dar mais uma chance para a relação, ele ligou o PlayStation, contente.

14 Num determinado momento, perguntei isso a ele, que respondeu com um silêncio característico. Tentei iniciar uma sessão de sexo pelo celular, começando com “Quero foder você sobre a colcha”. Isso parecia algo que Anaïs Nin solicitaria. *Não*, ela diria. *Deixa sem colcha*. Ele respondeu com mensagens que diziam: “Quero foder você com o ar-condicionado ligado” e “Quero foder você depois de programar o despertador para as 8h45”. Fechei os olhos e tentei mergulhar em toda a sensualidade de suas palavras: o ar frio reciclado no meu pescoço, saber que o alarme tocaria um pouco antes das nove. Levou cerca de onze dessas mensagens para eu perceber que ele estava fazendo algum tipo de performance artística dadaísta às minhas custas.

15 Eu queria desesperadamente que isso fosse uma metáfora para as formas como o amor nos amplia e transforma, mas nunca nos trai.

16 Viu só? Sou apenas uma garota descolada escrevendo um e-mail descolado, bróder.

17 No Natal, tivemos que terminar tudo de verdade dessa vez. Afinal, ele disse que era incapaz de amar e buscava apenas satisfação. Eu, por outro lado, estava apaixonada e cheia de vida, eletricidade correndo em todos os membros, uma árvore crescendo no Brooklyn. Fui para o apartamento dele assim que ele voltou da casa dos pais, determinada a facilitar tudo, cortar a relação no território dele. A senhoria dele, Kathy, costumava sentar na entrada do prédio. Uma idosa com uma tatuagem poderosa de uma pantera nos ombros largos e gordos, ela e seus yorkshires vigiavam a vizinhança. Porém, nessa noite Kathy não estava presente. Em vez disso, um santuário de velas e flores ocupava o caminho até a porta. No apartamento, ele me disse que achava que um dos cachorros da Kathy devia ter morrido. Ligamos para ela para ver se estava tudo bem, mas a filha de Kathy atendeu — Kathy tinha levado um tombo no chuveiro. Talvez tenha sido o coração. Eles ainda não tinham certeza. O velório era naquela mesma noite. Então, meu futuro ex-namorado e eu fomos até a capela, no Brooklyn, onde prestamos a última homenagem ao corpo cinzento, maquiado e rígido de Kathy, vestido num conjunto de moletom aveludado vermelho que tinha um maço de cigarros mentolados enfiado no bolso da frente. Mais tarde, no sofá de A., demos as mãos enquanto ele

se perguntava se ela teria sentido dor e se o aluguel dele subiria. Apertei a mão dele, pronta:

— Amo você, sabe.

Ele fez que sim com a cabeça solenemente.

— Eu sei.

18 Cinco minutos após eu clicar em enviar, ele me ligou.

— Espera aí, o quê?

— O que você acha disso? — perguntei. — Discorda de alguma coisa que eu disse? Quer dizer, se discorda, é só falar.

— Parei de ler depois daquela parte sobre me masturbar.

Na manhã do Ano-Novo, transamos pela última vez. Eu não estava totalmente acordada enquanto ele me pressionava por trás. Estávamos visitando uns amigos meus, amigos adultos, fora da cidade, e eu podia ouvir os filhos deles, acordados desde as seis, escorregando de meias no assoalho de madeira e pedindo coisas. Quero ter filhos, pensei enquanto ele me fodia em silêncio. Filhos meus, algum dia. Então imaginei se as pessoas fodiam perto de mim quando *eu* era criança. Fiquei toda arrepiada com a ideia. Antes de voltarmos para a estrada, outro convidado bateu na traseira do carro dele e o para-choque caiu. De volta à cidade, dei-lhe um beijo de despedida, então enviei uma mensagem alguns minutos depois: “Não venha aqui nem mais tarde nem nunca.” A gente faz o que pode.

19 Eu diria que este e-mail *é* engraçado, só que não da forma pretendida.



Garotas & babacas

Existe uma superstição comum de que “amor-próprio” é um tipo de amuleto contra serpentes, algo que mantém aqueles que o detêm presos em algum Éden imaculado, longe de camas estranhas, conversas confusas e problemas em geral. Não é assim. Não tem nada a ver com a superfície das coisas, mas envolve uma paz distinta, uma reconciliação particular.

— JOAN DIDION, “On Self-Respect”¹

Sempre me deparo com mulheres fortes à procura de homens fracos para dominá-las.

— ANDY WARHOL

SEMPRE FUI ATRAÍDA por babacas. Eles variam de esquisitões petulantes — que são, em última análise, caras muito gente boa — a sociopatas

viciados em sexo, mas o denominador comum é uma péssima atitude logo no primeiro encontro e um desejo de me ensinar uma lição.

Rapazes: se vocês forem grosseiros comigo numa loja de comida natural? Ficarei intrigada. Se me ignorarem numa conversa em grupo? Também vou reparar nisso. Gosto principalmente quando um cara começa grosseiro, explica que isso é um mecanismo de defesa e depois fica ainda mais grosseiro quando o conheço melhor. Quando ultrapassei o marco de um quarto de século de vida e comecei um relacionamento com uma pessoa gentil de verdade, tudo isso mudou. Agora me considero em fase de desintoxicação de babacas. Por isso, estar perto de qualquer um dos comportamentos acima citados ainda não é seguro para mim.

Minha atração por babacas começou cedo. Passei os verões de minha pré-adolescência num chalé perto de um lago, aninhada num sofá esburacado e vestindo a camiseta da minha mãe com a inscrição do metrô de Londres, MIND THE GAP, assistindo a filmes como *Agora e sempre* e *No mundo da lua*. Se aprendi alguma coisa com essas histórias de desejo juvenil foi que, quando um cara gosta mesmo de você, ele atira em você com uma pistola d'água e a chama por apelidos, como “a Bolha”. Se ele a empurra da bicicleta e seus joelhos sangram, provavelmente significa que ele vai beijá-la perto de um açude num futuro próximo.

Até onde lembro, minha primeira excitação sexual aconteceu enquanto assistia a Jackie Earle Haley no papel de Kelly Leak em *Sujou... Chegaram os Bears*. Ele vestia uma jaqueta de couro, pilotava uma moto antes da idade permitida, fumava e tratava os mais velhos com um tipo de desrespeito que eu nunca tinha visto em qualquer um dos garotos na escola quacre. Além disso, ele lançava olhares sedutores para mulheres adultas, como um acólito de Hugh Hefner. Mais tarde, fui seduzida por imagens de atração raivosa, meio *desejo-você-contra-a-minha-própria-vontade*, o tipo de coisa que Jane Eyre e Rochester faziam. Sabe o olhar da Holly Hunter para o William Hurt em *Nos bastidores da notícia*, como se ela odiasse tudo o que ele

representa? Isso era o máximo. Mesmo em *9 ½ semanas de amor* fazia algum sentido horrível. Tudo é bastante natural — quem não curte um pouco de empurra-empurra, uma dose de conversa atlética —, mas sou a primeira a admitir que, muitas vezes, passo dos limites.



Dizem que quem tem um bom pai tende a escolher um bom homem, e eu tenho o pai mais legal do mundo. Não quero dizer legal porque ele age de uma maneira castrada, do tipo “sim, querida”. Quero dizer legal no sentido de que ele sempre respeitou a essência da minha natureza e me ofereceu uma mistura ótima de espaço e apoio. Ele é um líder firme, porém benevolente. Ele fala com adultos como se fossem delinquentes juvenis e com crianças como se fossem adultos. Muitas vezes tentei criar um personagem baseado nele, mas destilar a sua essência é um desafio muito grande. Nem sempre fui fácil, e muito menos ele — afinal, os artistas gostam de se entocar em estúdios por dias a fio e dar chiliques por causa da iluminação ruim —, mas a atenção cuidadosa e confiável desse homem tem sido fundamental para a minha sensação de segurança. Até hoje, a sensação de alegria mais verdadeira que tive foi quando a porta da casa de uma amiguinha abriu e vi meu pai — em seu casaco de tweed — pronto para me resgatar de uma tarde de brincadeiras que não tinha dado certo.

Uma vez, quando tinha cinco anos, eu estava numa exposição de arte conversando com uma senhora inglesa fabulosa e completamente bêbada. Minha hora de ir para a cama já tinha passado havia muito, e aquela cena toda começava a me deprimir. Eu estava perto da minha amiga Zoe, que, com apenas quatro anos, era

uma companhia constrangedora por ser nova demais. A inglesa, tentando puxar conversa, perguntou a Zoe e a mim o que nossos pais faziam quando éramos “meninas levadas”.

— Quando sou levada, fico de castigo — respondeu Zoe.

— Quando sou levada — declarei —, meu pai enfia um garfo na minha vagina.

Isso é difícil de contar sem causar alarme. Somos ensinados a ouvir garotinhas, especialmente quando elas dizem coisas sobre serem sodomizadas com talheres. Além disso, as obras de arte do meu pai são sexualmente explícitas, então ele já deve estar no radar de garfos-na-vagina do FBI. É uma demonstração do seu caráter o fato de que, depois de a inglesa repetir minha história “hilária” para um grupo de adultos, ele simplesmente tenha me pegado no colo e dito: “Acho que está na hora de alguém dormir.”

É difícil entender qual era a minha intenção naquele caso — estamos falando de uma criança que gostava de fingir que um fantasma tocava em seu peito sem seios contra a vontade dela —, mas acho que a moral dessa história é que meu pai é muito legal, embora eu sempre tenha cultivado uma imaginação capaz de entender, e talvez mesmo apreciar, a punição.



Existe uma teoria pouco discutida — talvez porque eu seja a inventora dela — de que, se seu pai é incrivelmente gentil, você procurará um relacionamento oposto como um ato de rebeldia.

Nada na minha história sugere que eu curtiria babacas. Fui à minha primeira reunião da Coalização de Ação das Mulheres quando tinha três anos. Nós, as filhas das agitadoras, sentávamos numa sala dos fundos, colorindo desenhos de Susan B. Anthony enquanto nossas mães tramavam a manifestação seguinte. Entendi que o feminismo era um conceito valioso muito antes de perceber que eu

era uma mulher, ao ouvir minha mãe e suas amigas discutirem os desafios de navegar no mundo das artes dominado pelos homens. Minha doutrinação feminista continuou em escolas particulares de vanguarda, onde a igualdade entre os sexos era tão estudada quanto a álgebra; numa colônia de férias só para meninas no Maine; e enquanto eu vasculhava os álbuns de fotografias da minha avó da época da guerra (“As enfermeiras faziam o trabalho *de verdade*”, ela sempre dizia). E enfatizando tudo isso estava a insistência do meu pai em dizer que minha irmã e eu éramos as garotas mais bonitas, inteligentes e fodonas desta Gotham que é Nova York, não importando quantas vezes a gente fizesse xixi nas calças ou cortasse a franja com uma tesoura de cozinha cega.

Acho que nunca fui apresentada a um republicano até os dezenove anos, quando tive uma noite malfadada de sexo com o conservador mais famoso do campus, que usava botas de caubói roxas e apresentava um programa de rádio chamado *Real Talk with Jimbo* [Papo reto com Jimbo]. Tudo o que eu sabia, quando voltei para casa aos tropeços atrás dele ao sair de uma festa, era que ele era mau perdedor no pôquer, mal-humorado e parecia um bandido. Como tudo isso levou ao sexo é um exemplo de como a repulsa pode rapidamente se tornar desejo quando misturada com os relaxantes musculares certos. No meio da transa no tapete mofado do quarto, olhei para o vaso de planta de Sarah, minha colega de quarto, e percebi que havia algo pendurado. Tentei decifrar o formato da coisa, mas depois percebi: era a camisinha. O Sr. Bonito para o Rádio tinha jogado o preservativo na nossa palmeira minúscula, pensando que eu era uma idiota ou que estava bêbada ou ansiosa demais para questioná-lo.

— Acho... que a camisinha está... na palmeira? — gaguejei febrilmente.

— Ih — disse ele, como se estivesse tão surpreso quanto eu.



Ele se esticou para pegá-la, como se fosse colocá-la de novo, mas eu já estava em pé, cambaleando na direção do sofá, que era a coisa mais parecida com uma roupa que encontrei. Falei para ele ir embora e atirei seu casaco com capuz e suas botas pela porta enquanto o expulsava. Na manhã seguinte, sentei na banheira com pouca água por meia hora como um personagem desses filmes de formação.

Ele não disse oi para mim no campus no dia seguinte, e eu nem sabia se queria que ele me cumprimentasse. Ele se formou em dezembro, e com ele se foram 86% da população republicana de Oberlin. Canalizei meus sentimentos de vergonha num curta-metragem experimental chamado *Condom in a Tree* (Camisinha na palmeira, um clássico!) e decidi que a próxima vez em que fosse penetrada seria numa situação mais respeitosa.

Foi quando conheci Geoff.

Geoff estava no último ano da faculdade e tinha cabelo claro, meditava e certa vez chorou na rede dos meus pais porque, como ele me disse: “Você está forçando o sexo quando eu só quero ser ouvido.” Ele tinha seus momentos ruins.² Mas, a maior parte do tempo, me estimulava e apoiava. Nós nos amávamos com calma, carinho e igualdade. Geoff não era um babaca, mas também não era para mim.

Terminamos, como faz a maioria dos casais de faculdade. Passei o mês seguinte de cama, incapaz de engolir qualquer coisa que não fosse macarrão com queijo. Até mesmo meu pai, tão paciente, cansou da minha dor de cotovelo de novela mexicana. No entanto, no meu primeiro emprego após a faculdade, num restaurante no centro da cidade, conheci um tipo de cara diferente. Joaquin era quase dez anos mais velho do que eu, vinha da Filadélfia e tinha um ar insolente que não se justificava, já que ele usava a PORRA DE UM CHAPÉU FEDORA. Seu corpo era longo e esbelto, e ele se vestia como Marlon Brando em *Um bonde chamado desejo*. Era meu soberano, um gourmet cínico, e entre suas frases favoritas estava “Viver depois dos 45 anos deve ser uma merda.” Embora ele tivesse namorada, flertamos. A paquera consistia em ele questionar minha inteligência e salientar minha falta de noção de espaço e depois dar uma piscadinha para eu saber que era tudo brincadeira. Uma noite, alguém fez cocô não dentro do vaso, mas no chão diante dele.

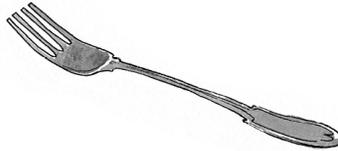
— Espero que você saiba que vai ter que limpar isso.

Não limpei, mas meio que gostei de receber a ordem. Joaquin era absolutamente insolente e, apesar da falsa consternação do tipo “ah, é? Tenho mesmo?”, eu estava derretendo. Ele era o malvado Snidely Whiplash, e eu era a garota inocente amarrada aos trilhos que não queria que Dudley Certinho chegasse.

Começamos a trocar e-mails. Os meus eram longos e pesados, tentando mostrar a ele como meu senso de humor era negro (consigo fazer piadas sobre incesto!) e o quanto eu sabia sobre Roman Polanski. Os de Joaquin eram breves, e eu conseguia interpretar nada e tudo deles. Ele nem sequer os assinava. Na noite em que pedi demissão, nos encontramos após o trabalho e fumamos a maconha que eu tinha me esforçado para conseguir especialmente para a ocasião. Eu não tinha seda para enrolar (porque eu não fumava maconha!), então enrolamos a erva numa página do *Final Cut Pro para leigos*. Quando tentei beijá-lo, ele me disse que não podia — não porque tinha namorada, mas porque já estava dormindo com

outra hostess. Fomos a um restaurante paquistanês 24 horas e, por ter sido rejeitada, fiquei com fome pela primeira vez em dias. Comemos pão *naan* em silêncio.

Mantivemos nossa versão de amizade até que, enfim, em junho daquele ano, nos beijamos na rua em frente ao restaurante. Fiquei decepcionada por os lábios dele serem muito duros e por causa do silêncio em que ele ficou ao ter uma ereção.



O que se seguiu foram dois anos de sexo ambíguo e esporádico, cada vez mais perverso em sua execução e que, muitas vezes, envolvia remédios controlados das várias cirurgias bucais dos meus pais que eu havia juntado às escondidas. Ele me ignorava por meses a fio, e durante esse tempo eu pegava o metrô usando boina e imaginando que o via entrar no trem em todas as estações. Quando ele finalmente me convidava para ir à sua casa, o lugar parecia um buraco negro. Se eu dormia lá, acabava saindo no dia seguinte só depois do meio-dia. Na rua, o sol insípido do Brooklyn me fazia piscar, enquanto eu sentia frio até os ossos.

Essa relação culminou na pior viagem a Los Angeles já vista fora de um filme do David Lynch. Passamos quatro dias no Chateau Marmont, onde o fantasma de John Belushi faz a água da banheira correr de um jeito esquisito e você é maltratada se pedir uma colher. Os destaques dessa viagem incluíram ele não me tocar uma vez sequer, eu cair no sono vestida apenas com botas até as coxas que eram da minha mãe e a confissão dele de achar que não sabia cuidar de outra pessoa.

À medida que eu progredia nos meus projetos criativos, achava que o respeito dele por mim aumentaria, mas tudo o que consegui foi

ganhar mais dinheiro para jantar fora com amigos e pegar um táxi para ir à casa dele. Esperava que ninguém me perguntasse aonde eu ia para não ser forçada a mentir. Transamos uma ou duas vezes depois da nossa excursão a Los Angeles, mas meu sentimento tinha mudado. Como se tal sentimento sequer tivesse existido antes.

Se eu estivesse escrevendo isto naquela época, teria glamorizado tudo para você — explicado sobre como Joaquin era incompreendido e como ele era tão triste, apavorado e solitário quanto o resto de nós. Eu teria rido ao descrever todas as liberdades sexuais estranhas que permiti que ele tomasse comigo e a sua imaturidade geral (uma cama desmontada bloqueando a porta da frente, uma caixa de charutos cheia de dinheiro, camisinhas em bolsos aleatórios). Antes de entrar na casa de Joaquin, eu sempre me lembrava de que ali não era exatamente onde eu deveria estar, mas é bom dar umas paradinhas na estrada da vida, não é? Eu me considerava um tipo de espiã, disfarçada de garota com baixa autoestima, que preparava relatórios detalhados sobre o lado sombrio para garotas cujos namorados pareciam lésbicas e assistiam a *Friday Night Lights* com elas enquanto pediam comida em casa. Eles poderiam ter seus relacionamentos de apoio mútuo e aquelas clássicas historinhas de amor. Eu estaria dando uma de Sid e Nancy, não me conformando ao *status quo*. Eu seria descolada.



Quando eu era criança, minha vida era boa. Nunca foi fácil viver dentro da minha cabeça, mas eu tinha uma família que me amava e não tínhamos muitas preocupações além de decidir qual galeria de arte visitar no domingo e se a psicóloga infantil estava me ajudando com meus distúrbios do sono. Somente quando entrei na faculdade é que me dei conta de que talvez minha criação não tivesse sido muito “mundo real”. Numa noite do meu primeiro ano, notei um grupo

fumando e rindo histericamente do lado de fora do meu alojamento, então corri para lá, de pijama, ansiosa para participar.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Ah — respondeu Gary Pralick, que sempre usava um suéter tricotado pela bisavó (mais tarde descobri que ela só tinha 79 anos). — Não tem nada a ver com *você*, Leninha do Soho.

Que babaca debochado. (Obviamente, mais tarde dormi com o cara.) Tentei muito ignorar o comentário, mas ele me incomodava, se infiltrando no momento noturno entre comer três pedaços de pizza e adormecer. O que era aquilo que eu não conseguia entender, e como poderia entender senão me mudando para um país devastado pela guerra? Eu não conseguia fugir da sensação de que tinha experiências a ganhar, coisas a aprender. Esse sentimento foi o cerne de todo o meu relacionamento com Joaquin.

Bem, amigos, ninguém aprende sobre o “mundo” fingindo que é uma prostituta enquanto um cara de uma parte de Nova Jersey perto da Pensilvânia decide qual disco do Steely Dan colocar para tocar às quatro da manhã. Os segredos da vida não são revelados quando alguém ri por você ter estudado escrita criativa. Não existe iluminação a ser alcançada ao deixar o amigo careca do seu seminamorado tocar suas coxas perto demais da parte em que elas encontram a virilha, mas você permite que isso aconteça por achar que talvez esteja apaixonada. De que outra forma você pode explicar ter gastado tanto dinheiro para ir para a casa dele?

As primeiras poucas vezes em que Joaquin e eu transamos foram rápidas e um pouco tristes. As lâmpadas do teto zumbiam. Ele não olhou para mim e depois foi logo embora. Achei que, de alguma forma, talvez tivesse sido minha culpa. Talvez eu fosse um saco de batatas, sem criatividade na cama, paralisada pelo meu desespero de agradar. Talvez estivesse destinada a ficar lá deitada, dura feito pedra, até ser velha demais para fazer sexo.

Então, na véspera do Dia de Ação de Graças, encontrei-o num bar no Queens. De meias arrastão e terninho com minissaia cinza da J.C.

Penney, eu me vestia como uma prostituta vestida como uma corretora de seguros. Mas algo no look o inspirou, e ele me olhou com um novo tipo de ardor que nos fez voltar para a sua casa, onde me beijou no sofá, determinado, talvez um pouco irritado. Ele me levou para a cama, onde me virou de bruços. Álcool, medo e fascinação turvam a minha memória, mas sei que a meia-calça foi embolada e colocada na minha boca. Não sabia em qual parte do quarto ele estava em determinados momentos, até descobrir. E ele falou comigo, soltando torrentes das maiores imundícies que eu já ouvi sair da boca de um ser humano. Impressionante em sua narrativa intrincada e aterrorizante em suas predileções. Isso, eu decidi acreditar, era o melhor jogo que já tinha jogado.

Saí para a rua no dia seguinte com as pernas nuas e cambaleante, sem saber se havia sido arruinada ou despertada.

Mas não cheguei mais perto da iluminação me escondendo numa lojinha de conveniência no fim do quarteirão da casa de Joaquin, fingindo estar numa festa legal, “meio perto da sua casa”. Ele estava ocupado. Com a outra namorada, que, disse ele, era “muito educada, e até suas calcinhas sujas cheiram bem”. Por que continuei ligando para ele? Eu esperava que ele mudasse de atitude, que falasse comigo como meu pai ou Geoff faziam, mesmo durante o nosso pior momento. Intrigada como estava por essa nova dinâmica de desrespeito, no fundo, eu não queria que alguém falasse comigo daquele jeito. Isso fazia com que eu me sentisse solitária, desconectada de mim mesma e como se tivesse sido forçada a me calar, um sentimento que, acredito, parece uma náusea extrema, mas sem vomitar: é o fundo do poço da tristeza humana.

O fim nunca chega quando se acha que vai chegar. Ele está sempre dez passos depois do pior momento, depois de uma curva estranha para a esquerda. Após um longo esfriamento pós-Califórnia, Joaquin e eu nos apaixonamos por uma semana. Pelo menos foi assim que nos sentimos. Era outubro, ainda fazia calor, com uma garoa quase constante. Eu tinha uma jaqueta de couro nova, comprada com o

meu primeiro salário. Ela tinha ilhoses prateados e lapela larga, e fazia qualquer look parecer um uniforme do futuro. Nós nos encontramos para tomar um drinque, e ele me deu um abraço apertado. Conversamos sobre Los Angeles, como tinha sido deprimente e sobre o fato de que seria melhor para nós sermos amigos. Fomos esticando, drinque após drinque, e depois, na casa dele, concordamos que amigos podiam transar se não se beijassem, no estilo *Uma linda mulher*. Na manhã seguinte, ele se virou para mim e não para o outro lado. Enviou uma mensagem algumas horas depois para dizer que tinha gostado da nossa noite. Parecia um milagre.

Dois dias depois, nos encontramos para ver um filme. Eu estava com a jaqueta de couro de novo, e ele me pagou um hambúrguer — foi ele quem deu fim à minha fase vegetariana, algo pelo que serei eternamente grata, porque fico mais forte com sangue de animais. Ele caminhou bem perto de mim, e percebi que era a primeira vez que Joaquim deixava claro publicamente que estávamos juntos. De volta ao meu quarto — meus pais estavam viajando —, rimos, conversamos e voltamos a nos beijar. Era assim que as coisas poderiam ter sido. E nunca foram. E então fiquei com raiva.

Encorajada pela minha nova vida como uma mulher com um trabalho importante e uma boa jaqueta, eu disse a Joaquim para ir se foder para sempre. Bem, disse isso pela internet. Após nossa melhor noite juntos, a primeira em que ele deixou que eu me sentisse eu mesma, escrevi um e-mail dizendo que ele tinha me magoado, que tinha se aproveitado do meu sentimento e feito eu me sentir descartável. Disse que não era dessa maneira que eu queria ser tratada e que não estaria mais disponível para ele. E depois senti vontade de vomitar enquanto esperava um pedido de desculpas que nunca chegou.

Após enviar esse e-mail, só dormi na cama dele mais uma vez, vestindo um conjunto de moletom completo. Passos de formiga.



Quando interpreto um personagem, nunca posso afirmar explicitamente a mensagem que deve ser passada pelas minhas cenas — afinal, parte do conflito dramático é que a pessoa que estou representando ainda não sabe do que se trata. Então, me permita fazer isso aqui: pensei que fosse esperta e prática o bastante para separar o que Joaquin dizia que eu era do que eu sabia que era. Na minha opinião, eu era capaz de ser tratada com uma indiferença que beirava o desdém enquanto mantinha um forte sentimento de autoestima. Obedeci às ordens dele, certa de que podia desempenhar esse papel enquanto ainda protegia o lugar sagrado dentro de mim que sabia que eu merecia mais. Algo diferente. Algo melhor.

Mas não é assim que funciona. Quando alguém revela que você significa muito pouco e você continua com essa pessoa, sem se dar conta, começa a significar menos para si mesma. Você não é feita de compartimentos! Você é uma pessoa inteira! O que é dito para você é dito para você como um *todo*, e o mesmo vale para o que é feito. Ser tratada como merda não é um jogo divertido ou uma experiência intelectual transgressora. É algo que você aceita, tolera e aprende a acreditar que merece. Isso é tão simples. Mas me esforcei muito para complicar tudo.

Disse a mim mesma que tinha sido minha culpa. Afinal, Joaquin nunca falou que terminaria com a namorada. Ele me informou desde o início que era rebelde e do tipo que diz as coisas na cara. Ele nunca sequer disse que me ligaria. Mas também acho que, ao embarcarmos em relacionamentos íntimos, fazemos uma promessa humana básica de sermos decentes, de segurarmos um espelho gentil para o outro, de sermos respeitosos enquanto exploramos um ao outro. Como disse uma amiga ao reclamar do advogado que ela estava namorando: “Como alguém que se preocupa tanto com justiça social pode se preocupar tão pouco com os meus sentimentos?” Contei a ela sobre a minha crença nessa promessa. Que era certo e verdadeiro. Joaquin

não cumpriu a sua parte do acordo. E eu não aprendi nada sobre a vida que já não tivesse aprendido no Soho.

1 Acho que Joan e eu estamos falando sobre tipos de amor-próprio um pouco diferentes. Ela se refere a uma sensação geral de responsabilidade pelas próprias ações e um sentimento de que somos verdadeiros com nós mesmos quando colocamos a cabeça no travesseiro à noite. Estou falando mais de sexo. Mas também do que ela disse.

2 • A vez em que tomamos ecstasy e, logo antes de fazer efeito, ele perguntou o que eu achava de relacionamentos abertos. Corta para doze horas de choro, não o orgasmo de oito horas que minha amiga Sophie tinha descrito.

- A vez em que ele me fez dirigir por três horas até a festa de aniversário de um amigo dele, depois teve um ataque de ansiedade e não conseguiu entrar lá.

- A vez em que ele inventou um gato roxo que vivia no armário da cozinha dele e fazia muita bagunça. Ou será que isso era uma qualidade?



Barry

SOU UMA NARRADORA nada confiável.

Porque acrescento detalhes inventados a quase toda história que conto sobre minha mãe. Porque minha irmã afirma que todas as memórias que “compartilhamos” foram fabricadas por mim para impressionar as pessoas. Porque fico “doente” demais. Porque falo no mesmo tom grave meio “dããã” com todos os caras que conheço, exceto pelo tom adulto e evasivo que uso para imitar meu pai. Mas sobretudo porque em outra parte deste livro descrevo um encontro sexual com um universitário republicano bigodudo como a escolha angustiada porém educacional de uma novata no sexo quando, na verdade, senti que não havia escolha alguma.



Contei diferentes versões da história para mim mesma — algumas delas não saem da minha memória, embora a natureza dos eventos seja de que eles só acontecem uma única vez e de uma única maneira. No dia seguinte, todos os detalhes ainda estão frescos na memória (ou tão frescos como estaria qualquer ato cometido numa névoa de

cerveja quente, comprimidos de ansiolítico e cocaína mal administrada). Em semanas, era uma lembrança da qual eu tentava fugir, como o momento em que fiz uma curva na capela do velório e vi meu avô deitado no caixão aberto, em seu uniforme azul da marinha.

A versão mais recente é que me lembro das partes que consigo lembrar. Acordo no meio do ato. Não lembro como começou e, quando me dou conta, estamos rolando pelo carpete, Barry e eu, sem uma geografia clara da cena. Na meia-luz empoeirada de um apartamento universitário, vejo um pênis pálido e flácido vindo na direção do meu rosto e sinto ar e lábios em lugares que não sabia que estavam expostos. O mantra que ouço várias vezes na minha cabeça, um tipo de mecanismo autocalmante, é: *Isso é o que os adultos fazem.*



Na minha vida, houve dois momentos em que me senti descolada, e ambos envolveram ser nova na escola. A primeira vez foi no sétimo ano, quando mudei de uma escola quacre em Manhattan para uma de artes no Brooklyn. Na escola quacre, eu tinha sido um pouco irritante, o equivalente a ser uma criança aspirante a cantora de musical. O único problema é que eu não sabia cantar, então apenas lia a biografia de Barbra Streisand e comia sanduíches de *prosciutto*, sozinha num canto da lanchonete, curtindo a solidão como uma divorciada num café de Roma. Na minha nova escola, eu era descolada. Tinha luzes no cabelo. Usava sapatos plataforma. Tinha uma jaqueta jeans com um botão novo que dizia QUEM COLOCOU FOGO NA SUA CALCINHA? Garotos mandavam outros garotos virem me dizer que gostavam de mim. Falei para um certo Chase Dixon, um especialista em computador cujas mães eram lésbicas, que eu simplesmente não estava pronta para começar um relacionamento. As pessoas adoravam os meus poemas. Mas depois de um tempo o brilho

da novidade esmaeceu, e voltei, mais uma vez, ao escalão das notas oito ou sete na ecologia escolar.

A segunda vez em que fui descolada foi quando mudei de universidade, fugindo de uma situação desastrosa numa faculdade a dez quarteirões da minha casa para um paraíso das artes nas plantações de milho de Ohio. Eu era novamente loura, novamente proprietária de uma jaqueta estilosa — um casaco de marinheiro elegante, listrado de verde e branco e feito no Japão — e recebi muita atenção daqueles que também pareciam gostar dos meus poemas.

Ao chegar, um dos meus primeiros atos de autodefinição foi trabalhar com o pessoal do *The Grape*, a publicação que se orgulhava mais do que deveria de ser o jornal alternativo numa universidade alternativa. Escrevi críticas de pornôs (“*Annie anal e os maridos dispostos é esquisito porque a protagonista tem a língua presa*”), denúncias sarcásticas da cultura Facebook (“o diário de festas de Stephan Markowitz tem o objetivo de fazer os calouros se sentirem sozinhos”) e um relatório investigativo severo sobre a inundação do alojamento da Casa do Patrimônio Africano. Um dos editores do jornal, Mike, me impressionou de cara, um veterano com quase dois metros de altura que usava óculos à la Napoleon Dynamite, mas com a arrogância de um membro de fraternidade estudantil e o jeito sombrio de Ryan Gosling. Ele morava na Renson Cottage, uma casa vitoriana da faculdade, famosa por ter sido a residência de Liz Phair em seus tempos de estudante.

No início da minha carreira no *Grape*, Mike e eu dançamos nos esfregando numa festa, o joelho dele bem enfiado entre as minhas pernas, fato do qual ele pareceu não se lembrar na reunião seguinte da equipe do jornal. Ele comandava o *Grape* com mão de ferro, abusando verbalmente dos subalternos a torto e direito, mas eu cumpria as minhas tarefas e ele muitas vezes me convidava para me sentar ao seu lado no refeitório, onde comia pratos abarrotados de macarrão oriental, hambúrgueres vegetarianos e todos os tipos de bolos bem secos com seu aliado judeu e baixinho, Goldblatt. Mike e

eu travávamos uma guerra de palavras constante. Era flerte. Nós nos esforçávamos para impressionar um ao outro e ainda mais para fingir que não nos importávamos um com o outro.

— Acho que a monogamia nunca pode dar certo — disse ele, certo dia, enquanto comíamos batatas fritas no refeitório.

— Não estou nem aí. Não sou sua namorada — rebati.

— Graças a Deus, querida.

Achei graça. Eu era muito mais do que uma namorada. Era uma repórter. Uma sedutora. Uma estudante do segundo ano.



Naquele inverno, fui para casa por um mês porque peguei mononucleose e, durante aquele tempo, Mike perguntava com frequência como eu estava, sob o pretexto de que ele estava “com dificuldades, sentindo falta da minha melhor repórter por aqui” e sendo aniquilado pelo nosso rival, *The Oberlin Review*. Na noite em que voltei, com as glândulas ainda inchadas, usei um vestido de casamento vintage para jantar com ele e Goldblatt no melhor restaurante da cidade. Mike sorriu para mim como se fôssemos um casal de verdade (um casal que levava um capanga judeu baixinho para cima e para baixo).

Algumas semanas depois, Mike veio até o meu quarto assistir a *Sob o domínio do medo*. Conteí a ele o quanto eu tinha ficado perturbada pela representação da sexualidade feminina no filme, com uma mulher que odiava ser desejada e queria muito ser usada, e, então, ele deitou em mim e nos beijamos por quarenta minutos.

O que aconteceu depois foi um caso tortuoso que resultou no seguinte:

Uma rodada e meia de relações sexuais

Um banho de chuveiro compartilhado (meu primeiro)

Cerca de sete poemas sofridos que descreviam a forma como
“nossas barrigas batiam uma na outra naquela noite”
Um teste de gravidez totalmente desnecessário

Uma vez apareci numa festa dele com o nariz vermelho escorrendo e sintomas residuais da mononucleose, implorei para conversarmos num canto e desmaiei em seguida. Fui levada para casa por Kyle, o colega de quarto dele, que me incentivou a me dar ao respeito.



Quando eu tinha sete anos, aprendi a palavra “estupro”, mas achava que era “estupo”. Passei a usá-la sem qualquer constrangimento. Uma tarde, enquanto lia no sofá, minha irmã de dois anos se aproximou de mim, no seu pijama de balõezinhos pesado por causa da fralda suja. Ah, a injustiça de ter que aturar uma *criança*. Grace, querendo desesperadamente brincar, agarrou meu pé e tornozelos. Como isso não conseguiu provocar uma reação, ela começou a subir em mim como se eu fosse um trepa-trepa, com aquela risada de bebê.

— Mamãe! Papai! — gritei. — Ela está me estupando! Ela está me estupando!

— *O quê?* — perguntou minha mãe, tentando com todas as forças evitar que seus lábios abrissem um sorriso.

— Grace está me estupando.



Mike foi a primeira pessoa a me chupar, depois de uma festa em apoio à Palestina, no tapete do meu quarto no alojamento. Parecia que eu estava sendo mastigada por um filho que não era meu. A primeira vez que transamos foi a minha segunda experiência. Ele

colocou música africana, me beijou como se aquilo fosse uma tarefa tediosa passada pelo supervisor de condicional, e eu me agarrei nele, achando que ele me diria se aquilo não fosse como o sexo deveria ser. Quando ele finalmente gozou, fez uns barulhinhos pavorosos que lembravam um gato trancado fora de casa na chuva. Continuei me mexendo até ele me mandar parar.



Noni e eu estamos numa banca de jornal em frente à pré-escola de Grace, esperando para buscá-la. Tenho nove anos e estou num dia sem aula, o que é meu sonho, mas não o aproveitei bem. Noni é a minha babá. Ela é irlandesa e sofreu um grave acidente de carro quando tinha dezesseis anos que fez com que seu maxilar só abrisse até certo ponto. O cabelo dela é duro por causa do laquê, e ela usa leggings que mostram suas panturrilhas bronzeadas. Estamos folheando revistas e bebendo chá gelado. O jornaleiro olha para mim por um momento e, por alguma razão, isso me provoca um arrepio.

— Noni — sussurro em pânico. — Noni.

Ela tira os olhos da revista *People* e se inclina na minha direção. A essa altura, sei a palavra certa.

— O que é?

— Acho que ele está tentando me estuprar.



Ajudei Mike e Goldblatt a comprar tentilhões para um projeto de instalação artística e, quando as aves se soltaram no banheiro do Renson Cottage, usei a minha experiência como voluntária da Fundação Audubon, uma ONG ambiental, para encurralá-las num canto e pegá-las com as mãos. O tentilhão bateu as asas, e pensei que segurar um passarinho era o mais perto que um não cirurgião podia

chegar de sentir um coração batendo na palma da mão. A ave bicou as minhas mãos, mas não tive medo, e a enfiei de volta na gaiola. Quantas garotas conseguem fazer *isso*?



Em maio, Mike se formou junto com toda a sua gangue: Goldblatt, Kyle (um especialista em cultura costa-riquenha) e Quinn, um estudante de têxteis cujo projeto de conclusão de curso envolvia criar roupas de banho com buracos onde seriam as virilhas. O único deixado para trás foi Barry. Barry seria a essa altura um superveterano, uma condecoração ambígua dada àqueles que têm mais um semestre para cumprir.

Audrey e eu concordamos que Barry era bem esquisito. Ele tinha um bigode que ficava entre a moda irônica de Williamsburg e o de um caçador de alces, e usava um Reebok branco visto pela última vez nos vídeos de ginástica dos anos 1980. Trabalhava meio expediente na biblioteca, e eu volta e meia o via se escondendo pelos corredores, guardando livros nas estantes erradas. Nos ambientes sociais, ele atraía a atenção pelo físico agressivamente masculino e pela voz grave nível Barry White. Diziam que ele tinha dado um soco nos peitos de uma garota numa festa. Ele era republicano. Ou seja, todas as razões para evitá-lo e para indagar por que o deixavam frequentar tanto a sala de convivência do Renson Cottage.

No seu semestre de superveterano, Barry parecia perdido. Com a partida dos amigos, sua cara ficou menos fechada. A gente o via fumando cigarros sozinho, chutando o chão na frente do diretório estudantil e sentado no lugar em que Mike ficava no laboratório de informática, como um cachorro sem dono.

Quem é o cara agora?



Houve uma festa especialmente barulhenta no sótão em cima da videolocadora. Eu usava o elegante vestido transpassado de Audrey, cada uma bebeu duas cervejas antes de irmos para lá e dividimos um ansiolítico que ela ainda tinha de um voo para Boca com a avó. O remédio bateu rápido e violento e, quando chegamos, eu estava possuída por um espírito festeiro nada típico de mim. Audrey, por sua vez, ficou tonta e, após muita deliberação, voltou para casa, me fazendo prometer tratar seu vestido transpassado com o devido respeito. Senti muito a falta dela por um momento, então cheirei um punhadinho de cocaína, antes de beijar um calouro e furar, dançando, a fila do banheiro, onde mostrei às pessoas como era fácil abrir o vestido transpassado de Audrey e expliquei quanto o departamento de escrita criativa era uma “fraude”.

Todos os meus amigos tinham ido embora. Procurei Audrey, mesmo após ela me dizer que voltaria para casa, e eu também tê-la visto indo embora.

Finalmente, avistei meu amigo Joey de costas para mim. O doce e retardado Joey — um DJ fofo cheio de orgulho de Michigan. Lá estava ele, na sua jaqueta da Members Only, alto, quentinho e pronto para me salvar. Aproximei-me silenciosamente por trás e pulei nas costas dele.

Quando ele se virou, não era Joey. Era Barry. *Ô-ou* tocou na minha cabeça, como um efeito sonoro de perdedor num programa de entrevistas japônês. *Ô-ou, ô-ou, ô-ou, ô-ou.*

— Faz tempo que não vejo você — comentou ele.

— Bem, a gente não se conhece — retruquei. — Preciso fazer xixi.



Barry me leva até o estacionamento. Digo a ele para virar o rosto. Abaixo a meia-calça para fazer xixi e ele enfia alguns dedos dentro de mim, como se tentasse me tampar. Não sei se não consigo ou não quero impedir aquilo.

Ao sair do estacionamento, vejo meu amigo Fred. Ele olha Barry me levando pelo braço para o meu apartamento (parece que contei a ele onde morava) e grita meu nome. Eu o ignoro. Quando isso não funciona, ele agarra o meu braço. Barry desaparece por um instante e por isso estamos sozinhos, Fred e eu.

— Não faz isso — diz ele.

— Você não quer me levar para casa, então me deixa em paz — retruco, de forma embolada, expressando uma dor profunda que eu nem sabia que sentia. — Só me deixa em paz.

Ele balança a cabeça, desistindo. O que pode fazer?



Agora Barry está na minha casa.

Agora estamos no chão, fazendo tudo aquilo que os adultos fazem. Não sei como chegamos até aqui, mas me recuso a acreditar que tenha sido por acaso.

Agora ele está dentro de mim, mas não está completamente duro. Olho para o chão, para seu joelho pálido dobrado, e vejo que ele tirou a camisinha. Eu o mandei colocar uma camisinha? A camisinha era do meu estojo de primeiros socorros. Eu sabia onde ela estava guardada, ele não; então devo ter me arrastado para pegá-la. Uma escolha. Por que ele acha que pode tirar a camisinha?

Fico um pouco mais desperta, percebo que isso não é um sonho. Digo que ele precisa colocar a camisinha de novo. Ele não está duro, e agora está me chupando enquanto esfrega o pau no meu rosto. Parece um dedo sem ossos.

Gemo, como se dissesse *gosto muito, muito disso*.

Ele me chama de gostosa. Ou diz “Ah, sua gostosa”, o que é bem diferente.

— Você quer me fazer gozar? — pergunto.

— Hã? — pergunta ele.

— Você quer me fazer gozar? — repito, e percebo que, se faço esses sons e essas perguntas, isso é, novamente, uma escolha.

Agora estamos do outro lado do quarto, nossos corpos numa nova formação. Inclino a cabeça para trás o máximo possível. E lá em cima, na planta da minha colega de quarto, vejo outra camisinha. Ou a mesma. Uma camisinha que não está nele e talvez nunca tenha estado.

Agora me levanto, desajeitada como um potro recém-nascido, jogando Barry e todas as roupas dele pela porta de correr para o estacionamento. Ele segura a camisa e tenta pegar a bota. O ar do inverno parece deixá-lo mais sóbrio, fecho a porta e observo pela janela enquanto ele procura o caminho de casa. Eu não gostaria de topar com ele neste momento. Fico escondida na quitinete, esperando ele ir embora.

Agora acordo de vez. Minha colega de quarto não está em casa. Mais tarde, sou informada de que ela ouviu sons do outro lado da porta e subiu para dormir no quarto de uma amiga para não me interromper.

Antes de o sol nascer, registro com esmero o encontro num documento Word que mantenho, intitulado “Banco de dados íntimos”. *Barry. Número quatro. Trepamos. Fizemos 69. Foi muito agressivo. Uma vez só. Ninguém gozou.*



Quando era mais nova, li um artigo sobre uma garota de dez anos estuprada por um estranho numa estrada de terra. Agora, com quase quarenta anos, ela se lembra de deitar, usando um vestido de algodão

que a mãe tinha feito para ela, e de fingir gemidos de prazer para se proteger. Parecia aterrorizante e excitante, e um bom plano de sobrevivência. Nunca esqueci essa história, mas não me lembrei dela até muitos dias depois que Barry me fodeu. Fodeu tão forte que, na manhã seguinte, tive que me sentar na banheira com água quente para me recuperar. Aí, lembrei.



No dia seguinte ao Barry, Audrey e eu nos encontramos para fazer o trabalho de casa no laboratório de informática. Ainda estamos de pijama, e por cima dele há camadas e mais camadas de roupa para nos proteger do frio. No banheiro, ao lavarmos as mãos e as deixarmos um tempo debaixo da água quente, digo:

— Preciso contar uma coisa.

Sentamos no aparador do aquecedor, nos aconchegamos, e então descrevo os eventos da noite anterior, terminando com:

— Desculpa pelo seu vestido transpassado.

O rostinho pálido de Audrey fica paralisado. Ela agarra minha mão e, com a voz típica das mães nos filmes dramáticos, sussurra:

— Você foi estuprada.

Caio na gargalhada.



Naquela noite, estou no Gtalk com Mike. Ele mora em São Francisco agora, trabalha numa agência de propaganda e namora uma garota viciada em remédios e que tem o que ele chama de “uma bunda sensacional”. O nome de usuário dela no Myspace é Rainbowmolly.

0h30

eu: bobo

liguei pra você

Mike: eu sei

tô de reaçac

a

ressaca

eu: eu tb

0h31

Mike: SÉRIO

eu: fiquei muito bêbada

Mike: legal

vomitei em mim mesmo

eu: eca

vc tá bem?

Mike: tô

0h32

não

saí de casa

eu: fiz uma coisa muito retardada

vc vai rir de mim

Mike: conta

0h33

CONTA

eu: fui pra casa com seu amigo esquisito Barry

Mike: -----

haha

HAHAHA

eu: eu sei

Ligo para Mike do meu celular de flip rosa-shoking, sem saber se queria que ele atendesse ou não.

— Estranho, né?

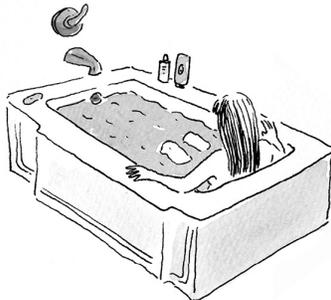
— Bem, Barry me ligou hoje, disse que acordou no corredor do alojamento dele. Contou que meteu fundo em uma garota, mas não

tem a mínima ideia de quem seja. — Ele ri, uma risada exausta e encatarrada.

“Meteu fundo”, nunca vou esquecer essa expressão. Ficaré comigo até muito depois que a dor dentro de mim — como se alguma coisa dentro do meu corpo estivesse esfolada — tiver passado. Depois de esquecer o gosto amargo da saliva de Barry ou a voz dele xingando pelo vidro grosso da minha porta de correr. Separados do sentido, todos esses elementos formam um conjunto de sons que significa vergonha.

Na semana seguinte, minha vagina ainda dói. Quando ando, quando sento. Achei que um banho quente na manhã seguinte fosse me curar, mas está piorando. Passo o Natal em casa, congelando a não ser por essa parte quente que nunca consegue esfriar, então vou à médica da minha mãe, a que fez o parto da minha irmã. Com cuidado, ela me examina e explica que está melhorando aos poucos. É como ralar o joelho e o machucado ficar roçando no jeans.

“Deve ter sido bem violento”, diz ela, sem tom de crítica.



No semestre seguinte, após Barry deixar a faculdade, minha amiga Melody me conta que, uma vez, sua amiga Julia acordou numa manhã após ter transado com ele e viu a parede respingada de sangue. *Respingada*, contou Melody, “como uma cena de crime”. Mas ele foi legal, levou-a para tomar a pílula do dia seguinte e deu um nome ao bebê que eles não teriam. Julia não ficou zangada. “Mas é bom você

saber”, diz ela, “que ele perdeu a virgindade com uma puta em Nova Orleans”.

O que posso fazer com esse aviso atrasado? Só remoê-lo, o que mais?



Faço um voto de não transar com mais ninguém, a menos que esteja apaixonada. Espero seis meses, e a próxima pessoa com quem transo se torna meu primeiro namorado sério. Ainda que ele seja sexualmente confuso e muito antissocial, me trata como se eu fosse a oitava maravilha do mundo, e nos tornamos melhores amigos.

Numa tarde, deitada na cama de uma forma que só é aceitável durante a faculdade ou numa depressão profunda, conto a ele sobre Barry. Choro, em parte por me lembrar daquilo e em parte porque odeio a maneira como me expressei. Ele tenta lembrar se alguma vez viu Barry no campus. Fico com raiva simplesmente por não ter palavras melhores para descrever o ocorrido.



Mesmo na melhor sala de roteiristas de televisão, as pessoas dizem coisas terríveis. Confissões sobre os nossos verdadeiros sentimentos pelas pessoas de quem gostamos. Histórias da infância que nossos pais prefeririam que tivéssemos esquecido. Críticas ao corpo dos outros. É tudo material para subtramas, motivações, piadas descartáveis. Fico pensando em quantas pessoas queridas assistem à televisão procurando sinais da própria destruição.

Rimos muito, de coisas que não deveriam ser engraçadas — separações, overdoses, pais explicando o divórcio iminente para um

filho com catapora. É essa a graça da coisa. Numa tarde, proponho uma versão da história de Barry. Um encontro sexual para o qual ninguém consegue encontrar uma classificação apropriada. Uma camisinha jogada numa planta contra a vontade da garota que estava sendo fodida. Uma reação de que aquilo foi um crime, à la Audrey.

Murray faz que não com a cabeça.

— Simplesmente não acho estupro algo engraçado em nenhuma situação.

— Sim — concorda Bruce. — É problemático.

— Mas essa é a questão — digo. — Ninguém *sabe* se é estupro. É, tipo, uma situação confusa que... — Perco o fio da meada.

— Mas lamento que tenha acontecido com você — diz Jenni. — Odeio isso.



Conto a Jack por acaso. Estamos conversando ao telefone sobre sexo sem proteção, sobre como isso não é bom para pessoas com o nosso temperamento específico, a nossa ansiedade que parece uma erva daninha descontrolada. Ele pergunta se já fiz sexo “estressante de verdade”, e aí despejo a história toda antes de conseguir refletir sobre como contá-la. Jack fica chateado. Com raiva, mas não de mim.

Estou chorando, embora não queira chorar. Não é catártico, nem me ajuda a provar o meu argumento. Continuo contando piadas, mas as minhas lágrimas me traem, dando a entender que posso encarar a minha dor com objetividade, quando isso não é verdade. Jack está na Bélgica. Está tarde lá, ele está muito cansado, e eu preferia não ter essa conversa dessa maneira.

— Não é sua culpa — diz ele, achando que é isso que preciso ouvir. — Não existe nenhuma versão dessa história em que a culpa seja sua.

Sinto como se houvesse cinquenta maneiras de a culpa ser minha. Fantasio. Tomei o comprimido grande e o pequeno, me enchi de

substâncias para facilitar um pouco sair para o mundo com pessoas da minha idade. Para diminuir a distância entre mim e todo mundo. Estava ávida para ser vista. Mas também sei que em momento algum consenti ser tratada daquela forma. Nunca dei permissão a ele para ser bruto, para se meter dentro mim sem uma barreira entre nós dois. Nunca dei permissão. Sei disso no meu eu mais profundo, e saber disso evita que eu afunde.

Desejando não ter contado a Jack, me encolho contra a parede.

— Te amo tanto — diz ele. — Sinto muito mesmo que isso tenha acontecido.

Então, seu tom muda e passa da pena para algo mais incisivo.

— Preciso lhe dizer uma coisa e espero que você entenda.

— O quê? — esganiço.

— Estou doido para trepar com você. Espero que você saiba por que estou dizendo isso. Porque nada mudou. Estou preparando um plano.

— Você vai fazer isso?

— De várias maneiras diferentes.

Choro mais ainda.

— Espero que faça mesmo.

Preciso vestir um colete jeans para participar de uma campanha promocional na Levi's Haus of Strauss. Digo a Jack que tenho que desligar, e ele geme "não", como se eu fosse uma babá arrancando-o dos braços da mãe que está pronta para ir a uma festa. Ele está sonolento agora. Dá para ouvir. Emoções são cansativas.

— Te amo muito — digo a ele, chorando de novo.

Desligo e vou até o espelho, preparada para ver o delineador escorrendo pelo meu rosto, deixando rastros no meu blush e na base. Estou em Los Angeles, então manda ver, universo: se é para cair, que seja ao estilo Lindsay Lohan. Mas me surpreendo ao descobrir que meu rosto está intacto, parece até recém-maquiado. A maquiagem está onde deveria.

Pareço bem. Pareço eu mesma.



Estou me apaixonando

Se você cortasse um pedaço de corda de violão/

Eu a usaria como aliança.

— CARLY RAE JEPSEN

Ele toca violão, esse cara. Não profissionalmente, mas, ah, ele é bom.

Sim, eu o vejo e ele está rindo para mim. Ele é muito engraçado.

Ele chega em abril.

— TERRY, o médium da minha mãe

PRONUNCIEI AS PALAVRAS “eu te amo” para quatro homens, sem contar meu pai, tio e alguns neuróticos platônicos com quem vou ao cinema.

O primeiro foi meu namorado na faculdade, que já torturei bastante em fórum público, então não vou revisitar nosso caso aqui. Basta dizer que fui a primeira a falar, e ele não retribuiu a frase. Passei semanas chorando e implorando até ele me responder do mesmo jeito, e logo depois ele retirou o que disse. Quando finalmente falou de novo, as palavras tinham perdido o encanto.

O segundo “eu te amo” foi dito para Ben, que representou uma recuperação emocional desse primeiro relacionamento. Eu o conhecia da faculdade, onde dormimos juntos algumas vezes antes de

ele estragar tudo quando entrou no chuveiro gelado do alojamento e depois se jogou, nu, na minha cama por fazer, gritando “QUERO SABER ONDE TÁ O OURO!”. (Depois, estragou tudo ainda mais quando parou de me procurar.) Mas a faculdade terminou e fiquei solitária, como acontece, e, pela primeira vez na vida, *entediada*. Logo estourei o limite do meu cartão de crédito novinho em folha numa passagem de avião para São Francisco, onde ele morava num quarteirão que lembrava as imagens dos créditos de *Três é demais*, com janelas grandes e um pôster de Selena, a estrela mexicana assassinada, colado na parede amarelada do quarto. Passamos quatro dias subindo e descendo morros, sentando em bondes de mãos dadas, bebendo com caras que trabalhavam em lojas de bicicletas e nos unindo em comunhão sexual. Uma manhã, no café, o cara com quem ele dividia o apartamento anunciou: “Vocês dois transam sempre nas mesmas horas, uma vez de manhã e uma à noite. Como se fossem casados.”

À noite, sentamos na varanda dos fundos e comemos o ravióli que ele mesmo passou a tarde toda fazendo à mão. Ben tinha muito tempo para cozinhar: seu trabalho, editar um jornal de uma ONG que promovia o idioma universal esperanto, era “flexível”.

Quando ele enfim tinha que ir ao trabalho, eu visitava amigos na Telegraph Hill, onde vivem papagaios selvagens e onde a vista tem aquela grandiosidade urbana que os yuppies adoram. Isso foi antes de eu ter qualquer noção da realidade financeira dos meus amigos. “Ah”, eu explicava a respeito de um amigo que morava num loft imenso no West Village, “Acho que ele ganha rios de dinheiro estagiando na campanha Food Not Bombs”. Foi só mais tarde que percebi que aqueles amigos no Telegraph Hill, um cineasta e um poeta, tomavam conta da casa de outra pessoa e não tinham condições financeiras de bancar uma mansão com um chuveiro no terraço. Na época, fiquei maravilhada com o que o mercado imobiliário de São Francisco tinha para oferecer aos artistas. Se trabalhássemos o bastante, Ben e eu poderíamos nos mudar para lá, com um vira-lata, uma estante e um daqueles carros Smart laranja.

Chorei quando precisei voltar para casa, e dei a ele uma fita cassete em que eu gravei vários covers obscuros de “I Left My Heart in San Francisco”, entre outras músicas.

Durante o inverno, sonhei com a minha nova vida na Costa Oeste. Ben enviou fotos de panquecas e óculos escuros de lojas de um dólar e das festas em que hippies estacionavam barcos nas salas de estar. Novas tatuagens de cifrões e símbolos comunistas. Cartazes de oferta de emprego em sex shops e programas de alfabetização para crianças. Ele me mandou uma lata de brownies pelo correio com uma mensagem que terminava ironicamente: “Lembranças platônicas, Ben.”

Voltei numa sexta-feira à tarde, e ele me encontrou no aeroporto. Pegamos o Bart para a casa dele, que é parecido com o sistema de metrô de Nova York, só que aparentemente pode-se acreditar que os habitantes de São Francisco vão respeitar os assentos estofados. Quando sentamos, sorridentes e satisfeitos, uma chinesa idosa passou e escarrou num dos sapatos dele. “Opa, sua vaca!”, gritou ele. Para minha própria surpresa, secretamente fiquei do lado dela.

No domingo, um morador de rua camuflado como uma moita pulou em cima de mim no píer, riu quando gritei e depois pediu dinheiro. Ben pareceu impressionado com a perspicácia dele. Mais tarde, tirou o pôster de Selena da parede para cheirar anfetamina dos peitos dela. Peguei uma gripe forte e não encontrei nada parecido com um lenço no apartamento. Nossos cartões de créditos foram recusados nas lojas de comida natural.

Aonde quer que você vá, os problemas vão junto.

Na noite em que ele disse que me amava, estava totalmente bêbado. Estávamos na cadeira de escritório do quarto quando ele deixou a frase escapar, eu montada nele ouvindo a festa na sala chegar ao fim. Recusei-me a responder até ficar embaixo dele na cama dez minutos mais tarde. Ben me disse que não valia falar “*eu te amo*” durante a transa. No dia seguinte, comemos fast-food demais (nós dois estávamos meio gordinhos, o que, na época, parecia uma

revolução), ficamos na cama, um ao lado do outro, e chorei, aparentemente porque sentiria saudades dele quando fosse embora, mas na verdade porque me sentia morta por dentro.

Eu amava mesmo Ben, de certa forma. Porque ele cozinhava para mim. Porque dizia que meu corpo era bonito, como uma pintura renascentista, algo que eu precisava muito ouvir. Porque a madrasta dele era da mesma idade que ele, e isso é muito triste. Mas também não o amava. Porque a vaidade o levou a usar sapatos vintage que davam bolhas nos pés. Porque ele me passou HPV.

Ele me chamou de nomes terríveis quando o troquei por um porto-riquenho chamado Joe que tinha uma tatuagem que dizia MAMÃE em Comic Sans. Admito, também não lidei muito bem com a situação quando, vários meses mais tarde, ele foi morar com uma garota que lecionava em uma pré-escola para crianças com necessidades especiais. Não pronunciei as palavras “eu te amo” novamente, num contexto romântico, por mais de dois anos depois disso. No final das contas, Joe considerava boquete um ato misógino e fingiu que a casa dele tinha pegado fogo só para escapar do compromisso.

O terceiro “eu te amo” foi para Devon. Eu estava quase acabando de filmar a primeira temporada de *Girls* e tinha cultivado algumas quedinhas durante todo o processo. Uma foi pelo nosso adrecista-assistente, um cara fofo que usava óculos e se chamava Tom, mas que depois concluí que era muito mais burro do que parecia. Em seguida, voltei minha atenção para um ator com cara de *hooligan* de futebol inglês. Ele me levou a um bar na Eleventh Street, chorou por causa da ex-noiva, enfiou a língua na minha boca enquanto me pressionava contra um poste e depois me disse que não estava atrás de um relacionamento.

Não era apenas porque essas quedinhas faziam os dias passarem mais rápido ou satisfaziam alguma volúpia de alto verão. Em algum nível mais profundo, elas faziam tudo parecer menos adulto. Eu tinha sido atirada num mundo de obrigações e responsabilidades,

orçamentos e escrutínio. Meu processo criativo tinha passado da solidão absoluta à total exposição para dezenas de “adultos” que, eu tinha certeza, estavam loucos para gritar: *É por isso! É por isso que não contratamos garotas de 25 anos!* O romance era a melhor maneira que eu conhecia de esquecer minhas obrigações, obliterar a mim mesma e fingir ser outra pessoa.

Devon apareceu no estúdio de *Girls* enquanto eu dirigia o último programa da temporada. Ele era amigo de um amigo e tinha sido trazido para ajudar num dia de gravação intensa. Pequeno e diabólico, com uma testa protuberante como um Neandertal, ele atirava sacos de areia pelo lugar com uma facilidade surpreendente e enrolava cabos como um especialista. Notei um piercing na cartilagem de sua orelha direita (tão anos 1990) e gostei do jeito como os jeans dele se aninhavam no cano curto de suas botas de trabalho imaculadas. Quando sorria, era um sorrisinho malicioso que revelava um espaço entre os dois dentes da frente. Após várias interações nas quais ele questionou minha autoridade e fingiu não me ouvir, tive certeza de que era o meu tipo.

Quando Devon chegou, eu estava no meio de um ataque de completa fúria dissociativa. A ansiedade que me acompanha pela vida como um amigo ruim tinha reaparecido com força e assumido uma forma totalmente nova. Eu sentia como se estivesse fora do meu corpo, me vendo trabalhar. Não me importava se teria sucesso ou fracassaria porque não tinha certeza absoluta se estava viva. Entre as cenas, me escondia no banheiro e rezava pela capacidade de chorar, um sinal indubitável de que eu existia de verdade. Não sabia por que aquilo estava acontecendo. A realidade cruel da ansiedade é que você nunca acha que é boa o bastante. Nos momentos em que se espera que ela ataque, fico totalmente serena. Numa tarde preguiçosa, sou invadida por um pavor terrível. Nesse momento, eu tinha muitas razões para me sentir ansiosa: pressão, exposição, uma discussão tensa com um colega querido. Porém, tinha ainda mais motivos para estar agradecida.

No entanto, não sentia nada.

Três dias depois, ele apareceu na festa de encerramento da gravação. Seus braços eram tão musculosos quanto os do boneco Ken, mas também igualmente pequenos. Ignorei a presença dele, batendo papo com os colegas do elenco e bebendo um ou dois dedos de vinho tinto (o suficiente para me deixar bêbada). Mais tarde, embriagada e certa de que a noite não oferecia nenhuma outra perspectiva, sentei ao lado dele no bar e anunciei:

— Você é grosseiro e acho que está a fim de mim.

Passaram-se alguns minutos de conversa desinteressante até ele se inclinar e falar baixo.

— É o seguinte — disse ele. — Vou sair e esperar lá na esquina. Você vai esperar três minutos e depois vai sair também. Não vai se despedir de ninguém e vamos pegar um táxi para a minha casa.

Fiquei surpresa com a meticulosidade do plano. Após meses tomando decisões de modo frenético, foi um grande alívio ter um plano pronto para mim.

Tentei beijá-lo no caminho até o táxi, mas ele me afastou.

— Ainda não — falou.

No táxi, seu cartão de crédito não funcionou e eu paguei a corrida, bêbada e exibida. Segui Devon escada acima até seu apartamento no quarto andar do edifício sem elevador. Quando abriu a porta, ele gritou:

— Nina? Joanne? Emily?

Suas colegas de quarto, explicou. Quando ligou as luzes, ficou evidente que estávamos numa quitinete. Nenhuma garota morava lá. Estávamos sozinhos. Gargalhei.

Antes de me beijar, ele precisava preparar a mochila para o trabalho do dia seguinte. Observei-o encher uma mochila cuidadosamente com ferramentas, se certificar de que sua furadeira estava carregada e examinar as ordens de serviço em busca de detalhes. Eu gostava do cuidado obsessivo com que ele se preparava para trabalhar. Isso me lembrou do meu pai me ensinando a lavar

pratos. O quarto dele era pintado de vermelho e não tinha janelas. Sentei na cama e esperei.

Após o que pareceu meses, ele se sentou na minha frente, um pé ainda no chão, e olhou para mim por um bom tempo, como se estivesse se preparando para comer algo que não tinha certeza de que ia gostar. Não fiquei ofendida. Não tinha nem certeza de que eu era real. Quando nos beijamos, fiquei atordoada. Caí para trás, sem saber direito onde estava ou o que estava acontecendo, sabendo apenas que a parte de mim que tinha partido voltara, e a reincorporação quase doeu, como Wendy tentando costurar a sombra do Peter Pan no corpo dele. Fiquei impressionada com a fluidez dos movimentos de Devon, com a agilidade dele ao pegar a camisinha, ao me tocar, ao se esticar para apagar a luz.

Enquanto transávamos, ele ficou em silêncio, e isso, somado à escuridão total, criou a impressão de que eu estava sendo penetrada por algum tipo de demônio. Ele parecia estranhamente distante e, quando pedi para confirmar seu nome, não disse nada. Na manhã seguinte, acordei com uma sensação terrível de que ele se chamava Dave.

Passamos o resto da semana juntos. Eu terminava o trabalho e ia direto para a casa dele. Conversávamos — sobre filmes que ele odiava, livros que não odiava e pessoas que evitava. Seu espírito misantrópico ficava evidente em tudo que ele dizia e fazia.

— Gosto de você — falei na terceira noite, sentada entre os joelhos dele, muito depois da hora de dormir.

— Eu sei — respondeu.

Sem dúvida, ele era estranho. Mantinha a touca de banho pendurada no teto, presa a uma roldana que tinha instalado para abaixá-la sempre que fosse necessário. Havia apenas suco de laranja na geladeira, além de chocolate Hershey's "porque é disso que as garotas gostam". Ele guardava fósforos no banheiro para quando fizesse cocô, o que parecia educado e trágico por causa da quantidade de tempo que ele passava sozinho. Falou da ex-namorada do ensino

médio com o tipo de amargura persistente sentida com mais frequência por maridos abandonados com vários filhos para criar.

Depois daquela semana, tive que ir embora. Para Los Angeles, para trabalhar. Devon não era uma desculpa para ficar, mesmo que parecesse. Ele me levou até o metrô, e fui para o aeroporto com lágrimas nos olhos. Eu era eu mesma novamente e não gostava disso.

O resto do nosso relacionamento (cinco meses) logo foi ladeira abaixo. Sua natureza crítica acabou se mostrando sufocante — ele odiava as minhas saias, os meus amigos e o meu trabalho. Odiava comédias românticas e comédias normais. Odiava comida tailandesa, ar-condicionado e lembranças “sentimentaloides”. O que de início tinha parecido um profundo poço de dor provocado por mulheres inatingíveis era, na verdade, um desdém Philip Rothiano pelo sexo feminino. Hoje é terrivelmente popular dizer que alguém está no espectro autista, então só direi que a incapacidade dele para perceber quando eu estava chorando tinha que ser algum tipo de patologia.

Passamos fins de semana torturantes, tentando comer brunches e ir ao cinema juntos como pessoas que se conheciam. Mas ele não ficou muito impressionado com o quanto meu pai é engraçado, e eu não entendia o que era tão legal no amigo dele, Leo, o titereiro. Tentei terminar com ele em pelo menos sete ocasiões, e em cada uma delas ele chorou, implorou e mostrou mais emoção do que jamais tinha feito em nossos encontros sexuais silenciosos ou nas manhãs que passamos bebendo chá na cama.

— Você gosta de mim — dizia ele. — Você nunca se sentiu assim antes.

E quem era eu para dizer que não?

Arrastei Devon para muitos lugares que não deveria, numa tentativa de integrá-lo à minha vida: jantar com amigas, a árvore de Natal no Met, até mesmo uma viagem em família para a Alemanha. (Meu pai me pediu para pensar melhor. Na ida, senti tanto medo no avião que tomei dois ansiolíticos e comprei malas novas numa das escalas do voo.)

— Não dá para tirar leite de pedra — disse minha mãe gentilmente, levando-se em conta que ela precisou fazer companhia a ele por quase cinco horas numa tarde enquanto fiquei no quarto do hotel contemplando o meu destino. Se eu terminasse a relação, ficaria sozinha para sempre? Tudo bem, ele odiava as minhas saias. Tudo bem, ele escrevia obras de ficção sobre como as garotas que trabalham na J. Crew são vagabundas. Mas e o amor?



Meus pais se apaixonaram quando tinham 27 anos. Era 1977, eles moravam no centro da cidade e andavam com o mesmo grupo de artistas que usava chinelos chineses e jogava tênis ironicamente. Meu pai emoldurava fotografias e minha mãe as tirava. Um dia, ela pediu ajuda a ele, e o resto é história.

— Conta de novo como você conheceu a mamãe — peço ao meu pai.

— Não conto se for para você escrever sobre isso — respondeu. Mas, no fim, ele não resiste e descreve como o senso de humor dela era estranho e seus amigos, absurdamente dramáticos. — Eles andavam por aí brigando com todo mundo.

A história tem de tudo: drama, ciúme, bebedeira, fins de amizade e gatos herdados. Ele gostava do jeito como ela se vestia, um estilo meio masculino, e como ela se portava — da mesma forma. Ela tinha mudado sua impressão inicial sobre ele: a de que parecia muito um rato. Eles não tinham celular, então tinham que fazer planos e mantê-los, ou iam à casa um do outro, tocavam a campainha e torciam para dar certo. Às vezes, ele se embebedava e ela ficava com raiva. Às vezes, ela brigava só porque estava com fome. Às vezes, eles iam a festas e observavam um ao outro em meio à fumaça dos lofts, impressionados. Apesar da genética e de afiliações culturais diferentes, eles tinham a mesma cor e quase a mesma altura. Tinham o mesmo peso também.

Como irmãos que se reencontravam após um longo tempo sem saberem o paradeiro um do outro. Adoro imaginá-los naquela época, quando não sabiam muito mais do que sei agora, apenas que gostavam de ficar juntos.



Devon não tinha resolvido aquele sentimento de dissociação de vez e, quando aquilo voltou, foi com força total. Eu havia terminado com Devon na sétima tentativa, e uma delas nem conta porque tudo o que consegui dizer foi:

— Eu te amo.

— Eu sei — respondeu ele.

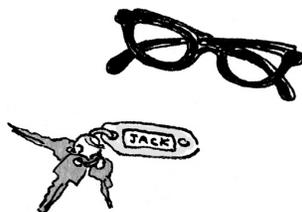
Mas ele estava errado.

Fiquei deitada na cama o dia todo, esfregando um pé no outro e sussurrando: “Você existe de verdade. Você existe de verdade. Você existe...”

E quando emergi, seis quilos mais leve, mas abalada demais para desfrutar da situação, pensei que poderia passar os próximos oito anos apenas me conhecendo, e isso seria bom. A ideia de transar naquele momento parecia tão atraente quanto colocar uma lagosta viva *naquele lugar*.



Então ele apareceu. Com espaço entre os dentes, rosto esculpido, óculos de desenho animado; tão sério que fiquei desconfiada e tão espirituoso que fiquei com medo. Eu o vi ali, cardigã amarelo e ombros curvados, e pensei: Olha, aí está o meu amigo. Os meses seguintes foram um aprendizado para me abrir, deixar rolar, ser gentil e corajosa.



Escrevi vários parágrafos para lembrar aqueles meses juntos: primeiro beijo, primeiro sorvete, primeira vez que notei que ele não toca numa maçaneta sem antes cobri-la com o casaco. Escrevi frases sobre a primeira vez em que fizemos amor, que foi como largar as chaves na mesa depois de uma longa viagem, e sobre usar os tênis dele enquanto corríamos pelo parque em direção à minha casa, que um dia se tornaria a nossa. Sobre a forma como ele me pegava no colo depois de um dia longo e horrível e me colocava para dormir. Sobre o fato de que ele agora é a minha família. Escrevi tudo isso, encontrei as palavras que evocavam o sentimento exato da entrada do parque às onze da noite de uma terça-feira quente, acompanhada pelo homem que eu começava a amar. Mas, analisando aquelas palavras, percebi que elas são minhas. Ele é meu e devo protegê-lo. Já expus muitas coisas, e essa exposição também já sufocou muitas coisas. Nunca sofri por isso porque nunca teve importância.



Não amo mais nenhum dos meus antigos namorados. Não tenho certeza de que algum dia os amei, e não sei se na época achava que tinha. Minha mãe diz que isso é normal, que os homens se orgulham de todas as suas conquistas e as mulheres desejam esquecer todas elas. Ela diz que essa é uma diferença essencial entre os gêneros, e eu não tenho condições de dizer que discordo dessa teoria. A única coisa que evita que eu sinta uma repulsa completa, que deseje o equivalente sexual de uma anulação, é pensar sobre o que aprendi com cada um dos quais ainda me lembro hoje.

Meu namorado de faculdade me tornou uma pessoa mais atenta à saúde dos meus intestinos (tanto uma bênção quanto uma maldição) e me fez formular algumas questões fundamentais sobre o universo que eu deixava de lado para comprar a revista de fofocas assim que chegava às bancas, nas quartas-feiras.

Ben me ensinou o termo “realização pessoal”, e ela se tornou não apenas uma expressão favorita, mas uma meta.

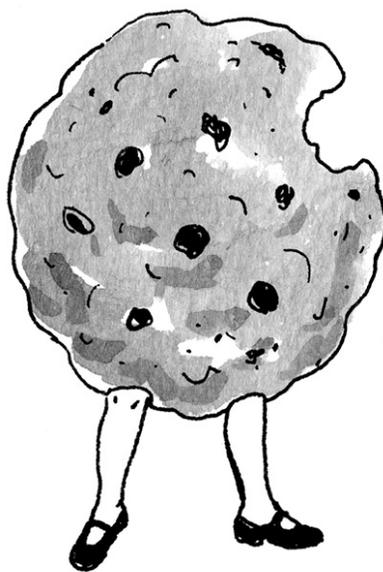
Devon fez um estojo com apontador acoplado para mim, me emprestou seu relógio de pulso, me mostrou como não embolar meus fios e cabos e mudou o alarme do meu iPhone de marimba para timba para que eu acordasse mais feliz e mais calma.

E agora chego a ele, inteira e pronta para ser conhecida de outra forma. A vida é longa, as pessoas mudam, eu nunca seria tão boba a ponto de achar o contrário. Mas, de qualquer forma, nada pode ser do jeito que já foi um dia. Tudo mudou de uma forma que parece trivial e quase ofensiva quando descrevo numa conversa casual. Nunca poderei ser quem fui. Posso simplesmente observá-la com compaixão, compreensão e, em certa medida, espanto. Lá vai ela, mochila nas costas, rumo ao metrô ou ao aeroporto. Ela fez o melhor que pôde com o delineador. Ela aprendeu uma nova palavra que quer experimentar com você. Ela anda devagar. Ela está numa busca.

SEÇÃO II

Corpo





“Dieta” é um palavrão

Como continuar cinco quilos acima do peso comendo apenas alimentos saudáveis

QUANDO CRIANÇA, desenvolvi um medo terrível de me tornar anoréxica. Tal temor foi provocado por uma matéria que li numa revista para adolescentes, que mostrava imagens perturbadoras de meninas magérrimas, com olhos muito fundos e mãos cruzadas. A anorexia parecia horrível: a menina ficava faminta, triste e ossuda, e, mesmo assim, via o reflexo de uma garota gorda todas as vezes em que olhava seu esqueleto de 35 quilos no espelho. Se levasse isso às últimas consequências, tinha que ser internada num hospital e ficar longe dos pais. A matéria descrevia a anorexia como uma epidemia que se espalhava pela nação, como uma gripe ou a *E. coli* que se pode pegar comendo hambúrguer de fast-food. Então me sentei à mesa da cozinha, jantei e torci para não ser a próxima. Várias vezes, minha mãe tentou me explicar que uma garota não *se torna* anoréxica da noite para o dia.

Eu tinha aquele instinto para parar de comer?, perguntava ela.
Não. Eu gostava muito de comer.

E por que não gostaria? Minha dieta, até aquele momento, consistia inteiramente de hambúrgueres orgânicos, ravióli de espinafre e queijo (que eu chamava de ravióli de grama) e panquecas feitas pelo meu pai no formato de camundongos ou armas. Sempre ouvi dizer que comer, comer de verdade, era a única maneira de ficar grande, forte e inteligente.

Porque eu era pequena. Muito pequena. Muito embora minhas comidas favoritas fossem: Doritos. Bife. Bolos da seção de congelados (de preferência ainda meio congelados). Pizzas de pepperoni de pão francês, a torta de carne com purê de batata da minha babá irlandesa e nacos imensos de patê de fígado de ganso, que eu comia com as mãos como petisco. Minha mãe nega que tenha me deixado comer hambúrguer cru e beber uma xícara de vinagre, mas sei que as duas coisas aconteceram. Eu queria experimentar tudo.

Quando nasci, era um bebê muito gordo — cinco quilos (o que me parece pouco agora). Tinha papadas e uma barriga que transbordava por um lado do carrinho. Nunca engatinhei, só rolava, um sinal precoce de que seria resistente à maioria dos exercícios físicos e às posições sexuais que não me permitissem apoiar as costas. Mas, por volta dos três anos, comecei a mudar. Meu cabelo preto caiu e o novo nasceu louro. Minhas papadas foram sumindo. Entrei no jardim de infância como uma menininha linda e bronzeada. Lembro-me de passar o que devem ter sido horas, quando criança, me olhando no espelho, maravilhada com a beleza dos meus traços, o quadril reto, a penugem nas pernas e a maciez do meu rabo de cavalo dourado. Ainda invejo minha eu de oito anos toda confiante numa praia do México, vestindo um biquíni e lanchando nachos com Coca-Cola.



Então, nas férias depois do oitavo ano, fiquei menstruada. Meu pai e eu estávamos caminhando no campo quando senti algo fazendo cócegas entre as minhas pernas. Ao olhar para baixo, vi um fio de sangue escorrendo em direção à minha meia soquete.

— Papai? — murmurei.

Ele ficou com os olhos marejados.

— Bem — respondeu ele —, nas culturas dos pigmeus você precisaria começar a ter filhos agora.

Ele chamou a minha mãe, que largou o que estava fazendo e correu para casa com uma caixa de absorventes e um sanduíche de almôndegas.



Logo ganhei quase quinze quilos. Entrar no ensino médio já é complicado o suficiente sem que as suas camisolas favoritas se transformem em blusinhas. Mas ali estava eu, um fiapo de gente que de repente se transformara num ursinho de goma. Eu não era obesa, mas um garoto do terceiro ano disse que eu parecia “uma bola de boliche com chapéu”. Segundo a minha mãe, o ganho de peso era em parte hormonal. Outra parte era resultado dos remédios que eu tomava para controlar meu transtorno obsessivo-compulsivo. Tudo isso era alienígena para mim — e alienante.

Foi nesse mesmo ano que me tornei vegana. Minha inspiração foi meu amor por filhotes de cachorro e também uma vaca que piscou para mim durante uma das férias com a minha família em São Vicente e Granadinas, nas Antilhas. Racionalmente, eu sabia que devia ser uma tentativa da vaca de tirar uma mosca da pálpebra sem o auxílio de braços. Mas a piscadela, aquele sinal irrefutável de consciência, despertou algo em mim — um medo de causar dor a outra criatura, de não reconhecer seu sofrimento.



Mantive minha decisão de ser vegana por quase dez anos, com um deslize ou outro no vegetarianismo — pelos quais me censurei. Aos dezessete, até dei um jantar vegano que virou tema de uma crônica na seção de estilo do *The New York Times* — manchete: “A Crunchy Menu for a Youthful Crowd!” [Um cardápio crocante para uma galera jovem!] —, fornecido por um estabelecimento, agora fechado, chamado Veg-City Diner. Usei o vestido Dior da minha avó, insisti em ficar descalça (couro era proibido) e expliquei ao repórter que, apesar de não me importar muito com a guerra no Iraque, estava bem preocupada com a atitude displicente do nosso país em relação ao assassinato bovino.

Embora meu veganismo tenha começado como uma posição moral baseada em sentimentos profundos, ele logo se transformou num distúrbio alimentar não muito eficiente. Nunca pensei naquilo como uma dieta, mas *era* uma forma de limitar o vasto mundo de comida de que eu gostava tanto antes — tinha a sensação de que enlouqueceria

se não me impusesse limites. Como aquele cara que bebeu o oceano e nem assim ficou satisfeito.



Numa tarde na casa da minha avó, me apaixonei pelas tirinhas da Cathy ao folhear o jornal *Hartford Courant*. Elas não circulavam no *The New York Times*, o jornal preferido da minha casa. Então, em todas as semanas a partir daí, minha avó recortava com cuidado as tirinhas do jornal e as enviava para mim, sem bilhete. Eu as saboreava depois da escola, junto com metade de uma caixa de biscoitos, me esforçando para entender cada piada. Cathy gostava de comida e de gatos. Ela não resistia a uma liquidação ou a carboidratos. Nenhum homem parecia prestar atenção nela. Eu me identificava. Quando entrei no ensino médio, não lia mais Cathy, mas agia como ela. Lembro-me especificamente de um banho de chuveiro que tomei em que a parte inferior do meu corpo ficou sob a água corrente, e a superior, deitada no tapete do banheiro, enquanto eu comia um pedaço de pão.¹

A faculdade foi uma orgia de sorvete de soja, burritos ultrarrecheados e pizza ruim, tudo devorado às três da manhã. Não me preocupava muito com o meu peso, como a comida fazia eu me sentir ou até mesmo com o fato de que o que eu comia podia ter um impacto na minha aparência. Meus amigos e eu parecíamos administrar uma rede de comedores compulsivos interdependentes.

“Você **PRECISA** e **MERECE** esse brownie.”

“Ei, você vai comer esse risoto todo?”

Quando uma amiga da minha mãe que eu não conhecia muito bem morreu, comi um panini imenso, usando o luto como desculpa.

Não subi numa balança até um ano após me formar. Eu mantinha a perspectiva infantil de que se pesar era algo que só se fazia no consultório médico — e só se um pirulito for a recompensa.

De vez em quando, entrava na cozinha de calcinha e sutiã, ficava em pé, de lado, para exibir o que considerava meus músculos abdominais, e comentava com a minha mãe:

— Acho que estou emagrecendo.

Ela concordava educadamente e voltava a organizar a seção Sondheim da sua biblioteca do iTunes.

No meu exame ginecológico anual, eles me colocaram na balança.

— Acho que tenho uns 64 quilos — disse à enfermeira, que concordou e sorriu enquanto aumentava os números.

A balança fez uns barulhos metálicos até, enfim, se estabilizar logo abaixo dos 73 quilos.

— Vamos dizer 72 e meio — acrescentou ela, generosa.

Setenta e dois quilos? Setenta e dois!?! Não podia estar certo. Não era eu. Não era o meu corpo. Era um engano.

— Acho que a sua balança está quebrada — retruquei. — Não deu isso quando me pesei em casa.

Ao sair do consultório, liguei para a minha amiga Isabel, com raiva e chorando.

— Acho que tenho um problema de tireoide — gritei. — Vem para cá?

Isabel sentou na minha cozinha comendo fatias de peito de peru de um pacote, ouvindo com paciência enquanto eu me lamentava, deitada no mármore da bancada:

— Estou tão gorda. Só engordo mais e mais. Vou ficar tão grande que não vou passar pela porta de nenhuma boate.

— Nós não *vamos* a boates — rebateu ela.

— Mas, se a gente fosse, você teria que me carregar numa bandeja de prata, como um pedaço de porco. — Fiquei defensiva em relação à minha própria crítica. — E, de qualquer forma, 72 quilos não é *tanto* assim. É, tipo, uns treze a mais do que a maioria das modelos altas.



Então, lá estava eu, na sala de espera do nutricionista da minha mãe, o Vinnie. Depois de todos esses anos, ela tinha vencido.

Uma observação sobre os meus pais: eles têm uma variedade de profissionais holísticos à disposição. Uma das minhas memórias mais antigas é ser apertada com força por Dimitri, o médium da minha mãe, que cheirava a óleos essenciais e andava pela nossa casa investigando “energias”. Ele me disse que eu viveria até os noventa anos enquanto tudo que eu queria era ver desenhos animados.

Vinnie não era uma figura intimidadora — ele falava com carinho da casa em Staten Island onde morava com a mãe —, mas não mediu palavras ao explicar que esse aumento de peso não era, na verdade, causado por uma tireoide problemática.

Não, ele era causado pelo consumo excessivo de açúcar. Contei a ele que eu comia onze tangerinas em um dia. Sem gordura saudável suficiente. Anemia leve. Comida demais. Ele me passou alguns princípios básicos (comer proteína, evitar açúcar, tomar café da manhã) e deixou claro que, todas as vezes em que eu comia um cookie ou uma baguete, enchia meu corpo de calorias inúteis e promovia inflamação desnecessária, emperrando minhas articulações.

Ele contou a Isabel, que também queria controlar a alimentação, que o álcool mais digerível era o champanhe e que não havia nada de errado em ingerir bastante azeite. Para mim, Isabel não precisava da ajuda dele, considerando que, uma vez, ela emagreceu nove quilos comendo um bolo inteiro por dia e mais nada, mas eu estava feliz por ter uma companheira de batalha. Com o alerta de Vinnie, comecei a controlar o que consumia (até as amêndoas) com ajuda de um aplicativo do iPhone e emagreci quase nove quilos em poucos meses. Ficava no meu emprego temporário, meus lanchinhos do dia alinhados na mesa à minha frente, esperando pelo momento em que poderia acrescentá-los às minhas anotações. Eu tanto odiava quanto adorava a última porção do dia (em geral, outra amêndoa). Não via a diferença no meu corpo, mas a minha balança e a minha mãe me garantiam que eu estava diminuindo.

Cada quilo perdido me deixava eufórica, mas, ao mesmo tempo, uma voz dentro de mim gritava: *Quem é essa moça em que você se transformou? Você é uma rebelde pançuda! Por que está registrando sua ingestão calórica no smartphome!?*

O que veio depois foi um ano de efeito sanfona. Isso gerou o seguinte trecho do meu diário que escrevi no final de 2009: *Comecei a pensar em fazer dieta e em meu peso pela primeira vez, e fui de 69 a 66 quilos, depois a 73 e a 64 quilos. Neste momento, enquanto escrevo isto, estou com cerca de 67, e meu objetivo é atingir 63 quilos em fevereiro (mas darei mais informações mais tarde).*

Durante quase todo aquele ano, fui a bulímica ocasional menos bem-sucedida do mundo. Entendia muito bem a parte de “comer até cair” da equação, mas, depois de encher a cara com todos os biscoitos e queijo de soja disponíveis, eu entrava num estupor e me esquecia de tentar vomitar. Quando, por fim, saía dele, tudo o que conseguia era provocar ânsias de vômito e botar para fora restos de aipo que tinha comido nove ou dez horas antes, durante um momento mais otimista. Com o rosto inchado e o estômago dolorido, adormecia como um bebê resfriado e acordava na manhã seguinte com uma vaga lembrança de que algo terrível tinha acontecido entre as 23h30 e uma da manhã. Certa vez, meu pai notou uma constelação de capilares rompidos em volta dos meus olhos e perguntou com delicadeza:

— Que merda você fez com o seu rosto?

— Chorei — respondi. — Muito.

Em outra ocasião, anunciei à minha irmã a intenção de vomitar uma caixa de pralinés, e ela então ficou batendo na porta trancada do banheiro, chorando e gritando, enquanto eu me debruçava no vaso. “Nem funcionou”, disse a ela, voltando para meu quarto.

Certa vez, uma amiga me contou que, depois de passar pelos Alcoólicos Anônimos, beber perde a graça para sempre. É assim que me sinto em relação a consultar um nutricionista — eu nunca mais pensarei em comida sem restrição e sem culpa. E isso não é

problema, mas me lembro daqueles anos de faculdade como a época anterior à minha expulsão do Éden.



A seguir, transcrevo trechos de um diário de 2010 que registram minhas tentativas de emagrecer. Esse foi, até hoje, o documento mais secreto e humilhante no meu computador, mais escondido do que a minha lista de senhas ou o meu registro de relacionamentos sexuais.

SÁBADO, 21 DE AGOSTO DE 2010

Café da manhã, 11h:

duas fatias de torrada sem glúten (100 calorias cada)
c/ óleo de linhaça (120 calorias)
¼ de iogurte grego (35 calorias)
pêssego (80 calorias)

Almoço/lanche, 13h30:

30g de salame (110 calorias)
talos de aipo (??)

Lanche da tarde, 15h30:

cereal sem glúten e sem trigo (110 calorias)
leite de arroz (110 calorias)
½ iogurte grego (25 calorias)
c/ 8 nozes-pecã (104 calorias)
8 cerejas-passas (30 calorias)

Jantar, 20h30:

Abobrinha ao vapor (nenhuma caloria?)
Aprox 170g de bife (não sei quantas calorias)
Tomates (60 calorias?)
Rúcula (3 calorias?)
Molho de salada pronto (45 calorias)

Sobremesa:

Porção pequena de chocolate amargo (30 calorias)

Chocolate quente sem gordura (50 calorias)

4h:

1 pedaço de pêssego (10 calorias)

Colher cheia de pasta de amêndoa (110 calorias)

Aipo (0 caloria, acho)

total de calorias ingeridas: aprox 1.560

Observações: eu podia ter comido mais legumes e verduras. Também reconheço que pareço melhor do que nunca e que estou irradiando um tipo de boa saúde que nunca tive antes. Também estou lidando com a minha culpa psicológica/alimentar — a necessidade de ser perfeita é a minha obsessão que depois me tira dos trilhos, quando o verdadeiro objetivo é curtir a comida e ouvir o meu corpo. Isso nunca me desvia do caminho certo. Este diário vai ajudar muito. Vou tentar manter as 1.500 calorias por dia, ou menos, e não me pesar até 22 de setembro.

**DOMINGO, 22 DE AGOSTO DE 2010****Café da manhã: meio-dia**

Cereal sem glúten e sem trigo (120 calorias)

leite de arroz (110 calorias)

2 nozes-pecã (26 calorias)

2 cerejas-passas (20 calorias?)

Almoço: 13h30

2 ovos mexidos com molho picante (150 calorias)

Rúcula (3-7 calorias)

Lanche: 15h45

¼ de maçã verde (45 calorias)
1 colher cheia de pasta de amêndoa (110 calorias)
5 cerejas-passas (30 calorias?)

Lanche: 18h40

⅔ de um pacote de frutas descascadas — frutas secas, castanhas-de-caju, nozes (200 calorias)

Jantar: 21h

2¼ salgadinhos de tortilha de milho com 2 colheres de guacamole (110 calorias?)
Salada de beterraba, cenoura, nabo mexicano, espinafre, molho de pimenta jalapeño (150 calorias?)
Taco de peixe frito com tortilha de milho (300 calorias?)
1 pedaço de banana frita (50 calorias?)

total de calorias ingeridas: aprox 1.411

Observações: Este diário é um espaço para registrar todas as emoções conflitantes e intensas que tenho em relação à comida e me libertar delas. Não são só as calorias. Decidi me pesar todos os domingos para saber se estou no caminho certo. Hoje, pesei 68 quilos na balança da minha mãe (uma balança mais pesada). Não vou ficar obcecada com meu peso, mas um objetivo positivo seria chegar aos 63 quilos em 12 de novembro, no lançamento de *Tiny Furniture*. Vou tomar providências para fazer com que isso aconteça (tomar meus suplementos, ouvir meu corpo, evitar glúten, açúcar refinado, álcool, muita carne vermelha e gorduras e ir à academia, embora as mulheres de lá sejam todas noivas e mesquinhas).

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2010**1h:**

Chá laxativo

Lanche da madrugada: 4h45

Frutas secas (100 calorias)

Café da manhã: 10h15

- 1 biscoito de chocolate cru — são como Oreos, mas crus (100 calorias)
- 2 bolinhos de figos/tâmaras/amêndoas (180 calorias)
- 1 colher de sopa de óleo de linhaça (120 calorias)
- 1 fatia de pão de aveia sem glúten (120 calorias?)
- 2 pedaços de restos de frango chinês (100 calorias?)

Almoço: 13h30, Wild Ginger

- ½ tigela de sopa vegetariana picante e amarga (110 calorias?)
- Salada com tofu suave e tempero de cenoura e gengibre (200 calorias?)
- Brócolis chinês no vapor (25 calorias?)
- Chá-verde (0 calorias)

Café: 15h

- Café com ½ xícara de leite de soja e um cadinho de xarope de bordo (50 calorias?)

Jantar: 18h30, Strip House

- 170g de filé-mignon (348 calorias)
- ½ porção de creme de espinafre (100 calorias?)
- NOTA DA EDITORA: aham, claro
- 2 pedacinhos de batata frita (50 calorias?)
- 1 pedaço de torrada com tutano (60 calorias?)
- 1 pedaço de escargot, ¼ de lesma (43 calorias?)

Bebidas:

- 2 águas com gás

total de calorias ingeridas: aprox 1.576

Observações: Tive diarreia hoje! Talvez seja do chá laxativo, no qual estou estranhamente viciada. Tem sabor de chocolate!

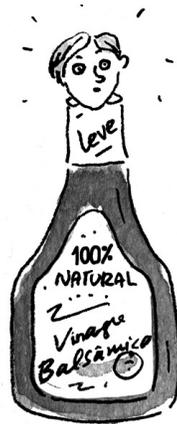
TERÇA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2010**Café da manhã: 10h30**

- 2 cerejas açucaradas de uma torta (20 calorias?)
- 1 fatia de pão de aveia com mel sem glúten (120 calorias)

c/ pasta de amêndoa (100 calorias)
água com gás

Almoço: 15h

salada de frutas c/ kiwi, laranja, maçã, uva, abacaxi e morango (110 calorias)
queijo cottage (100 calorias)
chá



Jantar: 20h30

pudim de soja e coco com calda de cereja (300 calorias?)
 $\frac{1}{3}$ de pão de milho com manteiga miso (100 calorias?)

Lanche da madrugada: 0h30

$\frac{1}{4}$ de pão de milho com manteiga miso (150 calorias?)
 $\frac{1}{4}$ de xícara de refrigerante de gengibre (93 calorias?)

total de calorias ingeridas: aprox 1.093

Observações: Hoje tive febre alta (quase quarenta graus) e aquela sensação de gripe generalizada. No entanto, sinto como se tivesse encontrado um ritmo na minha alimentação e estou com a cabeça 100% mais saudável do que tenho estado há muito tempo. Não parei de comer nada, nem estou sendo radical. Assim, nenhuma vontade de me entupir ou de entrar na zona de comidas malucas. É uma sensação totalmente nova!

QUARTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 2010

Café da manhã: 11h

2 goles de refrigerante de gengibre (10 calorias?)
2 xícaras de chá-verde
1 pedaço de pudim de soja e chá-verde (20 calorias?)
cereal de arroz integral crocante (100 calorias?)
 $\frac{3}{4}$ de xícara de leite de arroz (90 calorias)

Almoço: 14h

3 goles de refrigerante de gengibre (20 calorias?)
 $\frac{3}{4}$ de xícara de arroz integral com algas, feijão-branco e verduras (300 calorias?)
molho tahini cremoso (80 calorias?)
 $\frac{1}{4}$ de abóbora-menina (15 calorias?)

Lanche: 18h

$\frac{1}{4}$ de pêssego (30 calorias?)
1 xícara de sorvete de chocolate de soja (250 calorias)

Jantar: 22h

sopa de galinha com macarrão de arroz (400 calorias?)
 $\frac{1}{4}$ de xícara de queijo cottage c/ abacaxi (120 calorias)
3 framboesas (4 calorias)
refresco de amora (20 calorias)

total de calorias ingeridas: aprox 1.459 calorias

Observações: EU ME SINTO UMA MERDA TOTAL. Um mal-estar na barriga e aquela sensação de gripe generalizada. Sem apetite. Mas minha atitude em relação à alimentação continua ótima! Deveria ter comido mais legumes e menos açúcar/carboidratos.

QUINTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2010**Lanche da madrugada: 4h**

$\frac{3}{4}$ de pote de iogurte grego com 2% de gordura (110 calorias)
framboesas (20 calorias)

Café da manhã: 6h30

torrada de aveia com mel sem glúten (120 calorias)
c/ pasta de amêndoa (100 calorias)

9h30

30 framboesas (35 calorias?)

13h45

suco de laranja esquisito/líquido de contraste para tomografia computadorizada (100 calorias?)

15h

5 passas cobertas com chocolate (38 calorias)

17h30

¼ de peru no pão de centeio c/ alface e mostarda (300 calorias?)
2 garrafinhas de chá-verde

21h

¼ de pote pequeno de *saag paneer* e arroz branco (380 calorias?)
½ pote de sorvete de soja sabor chocolate delicioso (230 calorias)
chá-verde
água com gás

total de calorias ingeridas: aprox 1.433

Observações: Passei o dia no setor de emergência. Diagnóstico de colite aguda. (Não do tipo crônico! Talvez do chá laxante?) Muito a dizer sobre isso e vou escrever quando não estiver no serviço de júri. Quer dizer, tomando analgésico. Quis dizer analgésico e digitei “serviço de júri”. Acho que superestimo minhas calorias, às vezes.

SEXTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2010

Café da manhã: 10h30

2 mordidas de ras malai indiano (100 calorias?)
¾ de pizza de frango sem glúten com molho barbecue c/ rúcula extra (320 calorias)

16h

resto de ras malai indiano (300 calorias?)

20h

½ pêssego verde (30 calorias?)

1 pedaço de torrada de aveia com mel sem glúten (120 calorias)

¼ de tigela de arroz c/ sopa de cogumelos e umê em conserva (250 calorias?)

0h30

¼ de cookie vegano com gotas de chocolate (65 calorias)

2 conchas de massa de cookie vegano (280 calorias)

¼ de xícara de leite de arroz (60 calorias)

cereal sem glúten (70 calorias)

total de calorias ingeridas: aprox 1.595

Observações: Estou tomando antibióticos, nada de álcool até terminar, na sexta-feira, 10 de setembro. Encontrei Elaine, e ela percebeu que emagreci. Achou que fosse por causa de alguma doença, mas sei o motivo verdadeiro. Parece o regime alimentar mais saudável e sustentável que já segui!

SÁBADO, 28 DE AGOSTO DE 2010**11h**

2¼ rolos de yuba (nata de soja) (150 calorias?)

¼ de xícara de cereal sem glúten (70 calorias)

¼ de xícara de leite de arroz (60 calorias)

12h30

¼ de maçã verde (40 calorias)

13h

¼ de peru assado no pão de centeio com alface e mostarda (250 calorias?)

16h30

smoothie grande de pasta de amêndoa, leite de arroz e figo (500 calorias?)

21h30

salada de agrião c/ grãos de soja crocantes (60 calorias?)

salada de repolho (20 calorias?)

brócolis (40 calorias?)

verduras no vapor (20 calorias?)

molho de tahini cremoso (90 calorias?)

molho de gergelim (40 calorias?)

2 fatias de *prosciutto* (70 calorias)

total de calorias ingeridas: aprox 1.410

Observações: Cheirei um pouco de cocaína hoje à noite! Joaquin apareceu no bar, e eu disse que não podia beber, então ele falou: “Cheira esse pó.” Só um montinho. Depois, fomos para outro bar comer hambúrguer, fiquei com raiva e peguei um táxi. Mas ainda me sinto bem em relação à comida — não chorosa — e recebi um monte de elogios à minha aparência no bar. Ainda não estou comendo tudo o que devo no quesito frutas e legumes. Amanhã, vou começar o dia com uma porção razoável de iogurte e algumas tâmaras, depois almoço e jantar abarrotados de legumes — é disso que este corpo precisa.

DOMINGO, 29 DE AGOSTO DE 2010

2h

musse de feijão azuki (250 calorias)

12h

torta de maçã (450 calorias)

1 probiótico (45 calorias)

xarope de bordo (25 calorias)

13h30

salada Waldorf de maçã (350 calorias)

¼ de peito de frango assado (150 calorias)

pedacinho de pão de milho (50 calorias)

16h

pedaço pequeno de chocolate ao leite (50 calorias)

suco de cenoura com laranja (120 calorias)

17h

Sobremesa congelada pequena (80 calorias)

Sobremesa congelada grande (150 calorias)



18h

muito bolo de limão (300 calorias)

19h

vinho branco (100 calorias)

20h

bife, legumes e verduras (300 calorias)

22h

mais bolo de limão (300 calorias)

ainda mais bolo de limão (300 calorias)

cereal e leite de amêndoas (250 calorias)

banana (120 calorias)

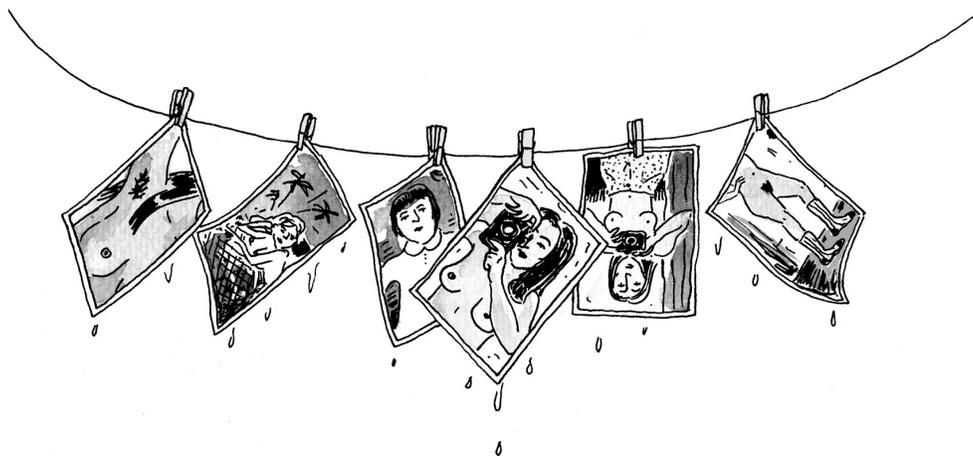
maçã (85 calorias)

¼ de pote de pasta de amendoim (700 calorias)

total de calorias ingeridas: aprox 4.225

Observações: Enlouqueci por completo e comi tudo o que tinha pela frente.

1 Pão tende a ser vegano.



Cenas de sexo, cenas de nudez e exibição pública do corpo

MINHA MÃE inventou o selfie.

Claro, os autorretratos já existiam antes, mas ela aperfeiçoou a arte da fotografia informal vulnerável sem propósito específico. Ela usava uma Nikon — de filme, com timer —, programava-a, ficava de pé diante do papel de parede com estampas de cereja de seu quarto e posava.

Era o início dos anos 1970. Ela tinha chegado à cidade armada apenas com essa câmera e a vontade de trabalhar. Havia deixado o namorado para trás, um carpinteiro gentil e careca de Roscoe, Nova York, que usava pijama de flanela e sabia tirar seiva de árvores. Acabei descobrindo que ele é gentil porque o visitamos uma vez e sentamos à sua mesa para beber limonada, e ele não parecia chateado por ela tê-lo deixado, apenas contente pelos sucessos dela e satisfeito com a minha existência.

Quando chegou a Nova York, minha mãe se mudou para o loft onde fui criada, um pouco grande demais para uma jovem solteira e um pouco pequeno demais para uma família. Ela fazia alguns bicos

para pagar o aluguel — produzia fotos de comida, vendia bolas de bilhar e, uma vez, apenas uma vez, acompanhou um empresário japonês num passeio pela vida noturna de Nova York. (Uma qualidade particular da minha mãe é que, quando não está confortável em uma situação, ela expressa sua raiva mais pura e profunda, então acho que ele não se divertiu.)

Das imagens que retratava dela mesma no loft, ela só aparece vestida em algumas, com um suéter largo ou com uma bermuda safari e cinto. Mas, na maioria das fotos, aparece nua. Ou seminua. Jeans sem blusa, os ombros brancos curvados, os joelhos encostados um no outro. Uma blusa de decote redondo e meias de lã grossas, mas sem calças, e o lugar sombreado entre as nádegas aparecia quando ela dobrava os joelhos até o queixo.

Com o tempo, seu cabelo mudou: mechas longas alisadas se transformaram num permanente questionável. Um corte chanel, as pontas ainda molhadas do banho. Suas axilas quase nunca estavam depiladas, um estilo que eu preferiria não saber que meu pai gostava. Às vezes, ela acrescentava um vaso com uma planta à imagem para dar textura, como uma estudante de cinema criando um cenário improvisado do Vietnã.

De vez em quando, virava as lentes para o espelho, de maneira que seu rosto ficava escondido pelo corpo da câmera negra volumosa, focando nos seus lábios secos em formato de coração e nos dentes de coelho (iguais aos meus, os mesmos que ela mais tarde acertou no dentista). Mas, na maior parte das vezes, o olhar é atraído pela nudez dela. Pernas abertas como em desafio. Essa não era oficialmente sua arte, mas ela era dedicada.

O fato de usar filme de verdade — e não um iPhone ou uma Polaroid comprada na Urban Outfitters, como são feitas as *selfies* de hoje — conferia uma seriedade atraente à sua fascinação pela própria imagem. Algo sobre a intencionalidade do meio. Afinal, ela tinha que colocar o filme na câmera, revelá-lo à mão na sala escura, depois pendurar as imagens num varal para secar. Quando seu colega de

quarto, Jimmy, um fotógrafo mais experiente, não estava por perto para ajudar, ela ligava para a central de atendimento da Kodak, que consistia num solitário cavalheiro sobrecarregado (“Está um forno na minha sala escura e tenho colocado cubos de gelo no meu revelador. O senhor acha que tem algum problema?”). Constrangida pela frequência de seus telefonemas, ela imitava sotaques estranhos para disfarçar a voz. Imagina fazer todo esse esforço só para descobrir como seus pentelhos ficam quando combinados com galochas verde-limão e óculos aviador. Não era tão simples quanto virar o iPhone para si mesmo e empinar os peitos. Dava trabalho.

Minha mãe é magra. Torso alongado, braços soltos e clavículas tão escarpadas quanto um penhasco. Mas a câmera ressaltava suas imperfeições — a faixa de gordura embaixo das nádegas, o osso angular do joelho, a imensa marca de nascença no antebraço, que ela removeu cirurgicamente como um presente de quarenta anos a si mesma. Penso nela revelando essas imagens, mergulhando-as na solução de fotografia com dois pegadores de salada. Esperava enquanto elas ficavam acinzentadas, depois se formavam em contraste total, para então ver como seu corpo de fato era.

Ela convenceu a irmã mais nova a posar também. A irmã mais nova: uma estudante de medicina loura com um daqueles corpos feitos para se espreguiçar na areia molhada. Essa linda amazona de cabelos macios ficava de cara fechada quando estava sem blusa. Envergonhada. A câmera, esse grande nivelador.

Minha mãe entendeu, implicitamente, o poder de tudo aquilo. Estão vendo esse quadril, esses dentes, essas sobancelhas e essas meias-calças que caem e embolam nos tornozelos? Tudo isso é digno de ser capturado e mantido para sempre. Nunca mais serei jovem assim. Ou solitária assim. Ou peluda assim. Venham todos ver meu espetáculo particular.

Quando o meu pai entrou em cena, havia fotografias dele também, sentado na banheira, segurando uma frigideira como escudo. Por mais desconcertante que seja ver o seu pai fazendo uma careta que só

pode ser descrita como “coquete”, são as imagens da minha mãe que me fascinam. O lampejo de temor no seu olhar — ou será que é desejo? A necessidade febril de revelar quem ela realmente é, tanto para si mesma quanto para qualquer um.



Fico nua na televisão. Muito.

Começou na faculdade. Influenciada por atores que personificavam o espírito de desespero sexual que eu tentava cultivar, me inseri no elenco. Sem saber como as cenas de sexo eram feitas pelos profissionais, não comprei tapa-sexos nem exigi um “set fechado”. Simplesmente tirei a blusa e caí dentro.

— Você quer que eu chupe de verdade o seu mamilo? — perguntou Jeff, meu confuso parceiro de cena.

Mais tarde, assistindo à gravação no laboratório de mídia de Oberlin, não me senti envergonhada. Não adorava o que via, mas também não odiava. Meu corpo era só uma ferramenta para contar uma história. Nem era eu, mas um manequim vestindo calcinhas do tempo da vovó que eu tinha empregado cuidadosamente. Não parecia elegante, bonita ou habilidosa. Era o sexo como eu conhecia.

O exibicionismo não era novidade para mim. Sempre me interessei pela nudez, de uma forma que eu descreveria como mais sociológica do que sexual. Quem deveria estar nu, e por quê? No verão entre o quarto e o quinto ano da escola, lembro-me de passear de bicicleta com o meu melhor amigo, Willy, em volta de um lago em Connecticut, onde nossas famílias se reuniam para passar todos os verões — tipo *Dirty Dancing*, porém, com mais pedófilos conhecidos na vizinhança —, quando fiquei bem consciente de que eu vestia uma camisa e ele não. Isso não parecia justo. Afinal, havia pouco tempo minha mãe tinha me contado que não era ilegal mulheres andarem

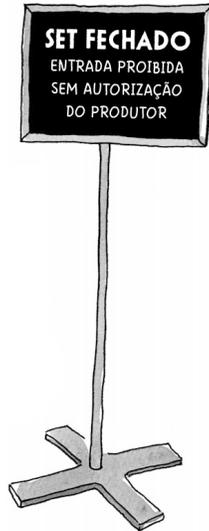
por Manhattan sem blusa, mesmo que poucas exercessem esse direito. Por que Willy tinha o privilégio de sentir a brisa de verão no peito? O que havia de tão ruim em expor o meu? Parei, tirei a camiseta e pedalamos em silêncio.



Em 2010, tive a oportunidade de fazer um programa de televisão. A emissora me disse que queria ver minha faixa etária, as preocupações dos meus amigos e inimigos, em detalhes gráficos — e não parecia estar blefando. Se a ideia era escrever honestamente sobre a vida de pessoas com vinte e poucos anos, o sexo era um assunto que eu precisaria abordar com franqueza. E o sexo da televisão e do cinema sempre me irritaram. Tudo ao que assisti quando criança, de *Barrados no baile* a *As pontes de Madison*, tinha me levado a acreditar que sexo era um acontecimento submisso e iluminado com cores quentes em que dois otários de pele macia e olhares melosos atingiam o orgasmo ao mesmo tempo, respirando na cara um do outro. Na primeira vez em que fiquei nua com um cara, por mais grotesco que tenha sido, fiquei muito aliviada por ele não inalar profundamente o meu perfume ou passar as mãos pelo meu corpo ao som de Chris Isaak.

Além de repulsivas, essas imagens de sexo podem também ser destrutivas. Entre as comédias românticas dos grandes estúdios e a pornografia, ficamos com a nítida impressão de que fazemos tudo errado. Nossos lençóis não são corretos. Nossos movimentos não são corretos. Nossos corpos não são corretos.

Então, quando me ofereceram a oportunidade de fazer o programa, fiz o que vinha fazendo por quase cinco anos em produções bem mais “independentes”: tirei a roupa e caí dentro.



As pessoas sempre fazem perguntas, então vou contar como é deitar numa cama dentro de uma sala cheia de espectadores e simular relações sexuais com alguém que você talvez conheça ou não. Os atores profissionais sempre dão respostas prontas, como “É apenas um trabalho, é muito mecânico” ou “Foi muito legal trabalhar com ele, ele é como um irmão”, mas, como ninguém nunca me acusou de ser profissional *ou* atriz, serei honesta.

É estranho pra cacete. Sim, é apenas um trabalho, *mas* o trabalho da maioria das pessoas não consiste em ficar batendo a vagina contra o pênis flácido e envolto em náilon de um cara que usa quantidades imensas de base para esconder a acne na bunda. Já sofri humilhações como: dar uma joelhada no saco do meu parceiro de cena; perceber, sob as luzes brilhantes do estúdio, que tem um pelo preto e grosso crescendo no meu mamilo; e encontrar uma camisinha cênica lubrificada presa entre as minhas nádegas sete horas depois de chegar em casa.

É difícil imaginar que tudo o que você faz numa sala cheia de luzes, italianos velhos e sanduíches de atum ruins será visto na televisão por multidões, então nem penso muito no público durante as cenas de sexo. Ficar nua é melhor em alguns dias do que em outros. (Melhor: quando você está bronzada de leve. Pior: quando

me abordou. Ele era baixinho. Muito baixinho. O tipo de baixinho que, para um adolescente, deve ser sofrido. Ele parecia um ratinho de brinquedo de um gato persa.

— Com licença — disse, envergonhado. — Eu só queria que você soubesse como foi importante para mim ver você mostrar o corpo daquela forma. Fez eu me sentir muito melhor comigo mesmo.

Minha primeira reação foi imaginá-lo nu, o que foi perturbador. A segunda foi sentir uma gratidão imensa: pela generosidade dele em compartilhar seus sentimentos, pela minha capacidade de impactar, de alguma forma, a imagem corporal desse jovem cavalheiro obviamente descolado e de mente aberta (afinal, ele tinha assistido a um filme obscuro com temática feminina numa noite no meio da semana).

— Muito obrigada. — Sorri. — Você é um tesão.

15 coisas que aprendi com a minha mãe

1. Luxo é bom, mas criatividade é melhor ainda. Daí o jogo em que você entra numa loja de dez dólares e escolhe uma roupa para usar na entrega do Oscar (ou na festa do sexto ano).
2. Na verdade, a calçada não é tão suja assim.
3. A Barbie é distorcida. Não tem problema brincar com ela, desde que você se lembre disso.
4. Se tem uma intuição ruim em relação a alguém, não se preocupe em ofendê-lo. Simplesmente saia correndo. Se você for educada, acabam roubando a sua bolsa ou “roubando a sua bolsa”.
5. Relacionado: se alguém diz “Não vou machucar você” ou “Não sou maluco”, essa pessoa provavelmente vai ou é. Quem não é doido não sente necessidade de alardear isso toda hora.
6. Nunca grite com o filho de alguém. Só fale mal dele pelas costas.
7. É aceitável ignorar o *dress code* se você for um “artista”. As pessoas acharão que você está atuando num plano mais elevado e, de repente, se sentirão constrangidas.
8. Se alguém não responde ao seu e-mail em seis horas, significa que essa pessoa odeia você.
9. “Babaca” não é xingamento. Nem se você acrescentar “de merda” depois.
10. É melhor comer pequenas porções de tudo do que grandes quantidades de uma coisa só. Se isso não der certo, experimente

grandes porções de tudo.

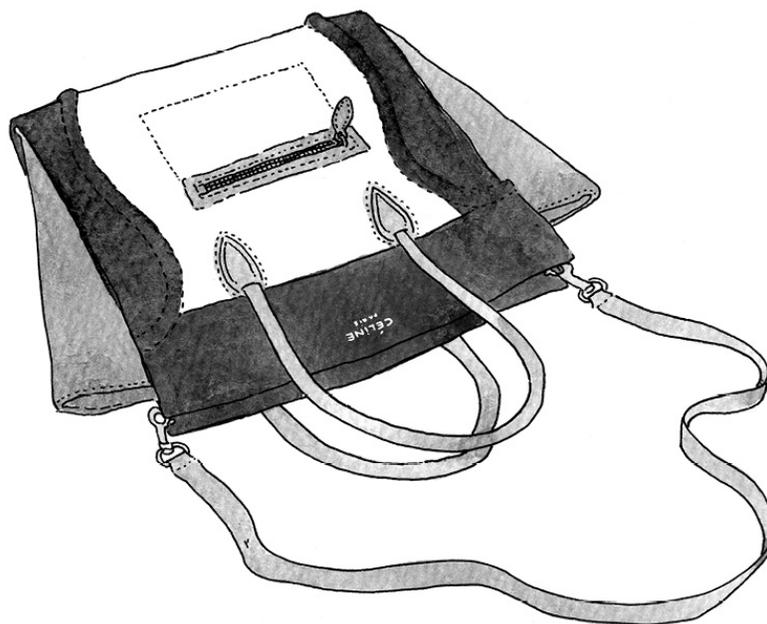
11. Respeito não é algo que você consegue por meio de intimidação e bullying intelectual. É algo que se constrói ao longo de uma vida inteira tratando as pessoas como você deseja ser tratada e se concentrando na sua missão.

12. Mantenha os amigos por perto. Compre algo legal para os inimigos.

13. Por que gastar 200 dólares por semana em terapia quando você pode gastar 150 por ano com um médium?

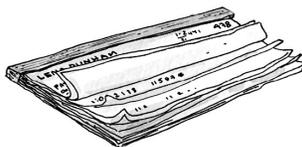
14. “Às vezes, um cachorro cheira o traseiro de outro cachorro e simplesmente não gosta do cheiro.”

15. Família em primeiro lugar. Trabalho em segundo. Vingança em terceiro.



O que tem na minha bolsa

1. Um talão de cheques molambento e manchado. Porque nunca se sabe.
2. Meu iPhone novo, junto com o meu iPhone velho e quebrado, já que não posso correr o risco de alguém que saiba consertar o aparelho descobri-lo e depois ver todas as fotos que tirei da minha bunda queimada de sol só para ver como era.



3. Um lápis de sobrancelha, pois tirava demais as minhas como toda pré-adolescente dos anos 1990, e agora fiquei com o que minha irmã chama de lagartas carecas. Sobrancelhas fracas = apresentação fraca.

É como dar um aperto de mão com a mão mole, mas é pior porque está bem na sua cara.¹



4. Analgésico, antidepressivo, descongestionante, calmante e antigripal, para segurança emocional. Se você tiver qualquer comprimido sobrando, vou pegar também só para incrementar a diversidade do meu portfólio. Para ser honesta: raramente tomo esses remédios. É uma situação tipo “conhecimento é poder”. Algo isso.



5. Cartões de visita. De mulheres tão diversas quanto Ingrid, a Encantadora de Músculos, e Sandra Fluke.

Uma vez, eu estava sentada no café da Barnes and Noble às nove da noite, absorta num livro sobre azeites, à espera de uma amiga, quando um cartão de visitas surgiu na mesa. Escrito à mão, lia-se: “Só quero chupar você. Não peço nada em troca. Vou aonde você estiver. Favor ligar para: 212 555 5555.” Mais tarde, morrendo de curiosidade mórbida, coloquei meu número como restrito e digitei o dele. “Alô?”, a voz era igual à de Bruce Vilanch. Eu quase sentia a mãe dele morrendo ao fundo. Rasguei o cartão em pedacinhos, com medo do que poderia acontecer se o guardasse. Meu desejo de que o cara não me chupasse era tão grande que aquilo parecia estar destinado a acontecer.



6. O informe do meu prédio: a média de idade dos residentes é de 85 anos. Na primeira noite que dormi no meu apartamento, acordei às sete da manhã para o que só pode ser descrito como cacarejos. De um canto da janela, vi três ou quatro idosas no terraço (quantidade suficiente para caracterizar uma convenção de bruxas), com toalhas de mão brancas na cabeça e chapéus de safári por cima, fazendo uma coreografia.

O único vizinho mais próximo da minha faixa etária tem nove anos e se chama Elyse. Com a vontade de ser escritora/padeira no futuro, ela assumiu a responsabilidade de lançar o primeiro informe do prédio. Nele, detalha eventos de feriados, vendas de artigos usados e o andamento dos consertos no elevador. Ela destaca vizinhos notáveis. (Tradutores da ONU! Cantores de ópera!) Sua prosa é sucinta e leve, e o layout, alegre. Minha única crítica é que ela não estabeleceu um cronograma de publicação regular.

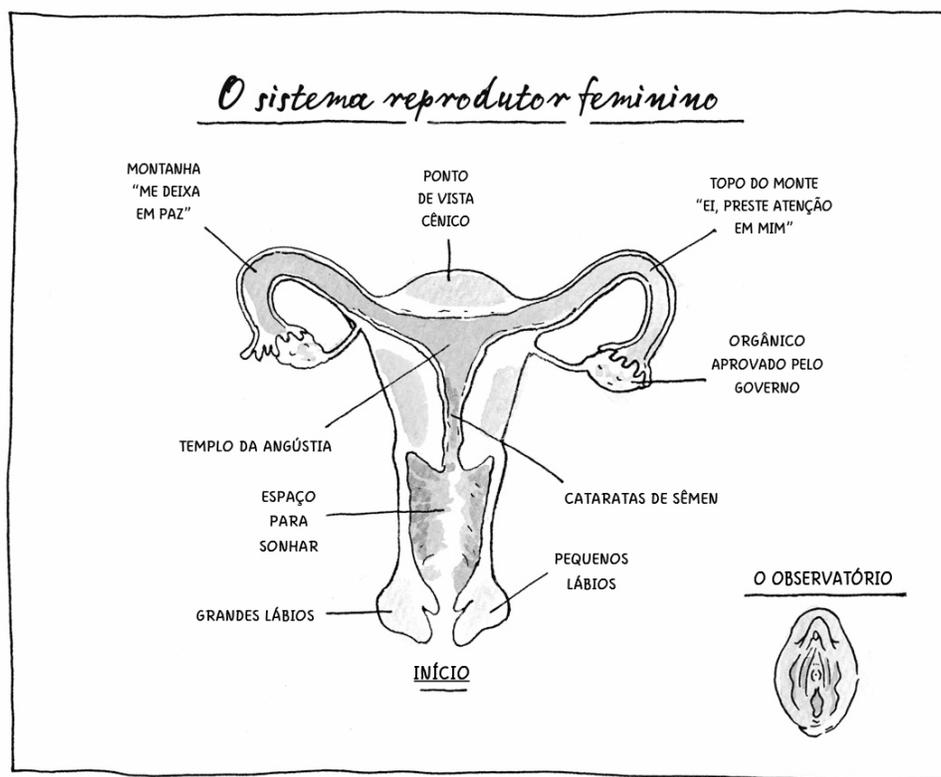
Elyse não foi responsável pelo memorando sobre as formas mais apropriadas de descartar fraldas geriátricas que circulou no último março.



7. Minha carteira. Comprei a minha carteira no aeroporto de Hamburgo enquanto estava muito doida de remédios controlados adquiridos legalmente. Ela tem desenhos de palhaços, carros e cachorros-salsicha e é adorada tanto por crianças quanto por mulheres japonesas.



1 Depois que escrevi isto, descobri a coloração de sobrancelhas, e a vida está cerca de 63% melhor.



Quem mexeu no meu útero?

SEMPRE SOUBE que havia algo errado com o meu útero.

Era apenas uma sensação, na verdade. Uma desconfiança de que as coisas não estavam muito *certas* lá embaixo. O sistema inteiro. Ainda criança, aos quatro ou cinco anos, eu costumava procurar a minha mãe para reclamar de uma dorzinha “naquele lugar”. Vaselina era o remédio dela para tudo, e ela a aplicava com um distanciamento científico. “Lembre-se de limpar bem”, dizia. Mas eu jurava que não era aquilo. Apreciava o fato de ela nunca usar apelidos constrangedores ao se referir às minhas partes íntimas, ao contrário de algumas outras garotas cujas mães dizem “periquita” ou “perereca”. No ensino fundamental, quando meu corpo se preparava para menstruar pela primeira vez, eu sentia uma corrente elétrica,

uma energia que parecia errada, ondas de dor que passavam pela pélvis e pelo abdômen inferior.

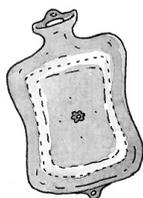
Fiquei menstruada pela primeira vez no verão anterior ao nono ano, e naquele outono fazia aulas de dança com a minha amiga Sophie, cuja mãe era francesa e, portanto, fã do balé como exercício físico. Todas as terças-feiras, pegávamos o trem para Park Slope a fim de passar noventa minutos com uma professora chamada Yvette, cujas camisas de mangas largas, juba estilo *Flashdance* e atitude animada não escondiam a decepção que ela sentia por ainda estar fazendo aquilo com quase quarenta anos. Num estúdio sem janelas, assoalho de madeira desgastado e um pôster de Merce Cunningham torto, aprendemos coreografias de balé moderno, correndo para a frente e para trás ao ritmo da trilha sonora de *Nine to Five* e “Daydream Believer”, do The Monkees.

— Não posso ir — disse a Sophie numa terça-feira. — Estou menstruada.

— Menstruação não é motivo para cancelar nada — retrucou ela, aborrecida. — Você simplesmente faz tudo que sempre faz, mas *menstruada*.

No entanto, para mim, era como o início de uma gripe. Uma dor nas costas difusa, porém constante. Uma necessidade de me curvar na altura da cintura para ficar mais confortável. E uma fisgada que coçava, como um contato com urtigas, na vagina e no ânus. Como alguém podia fazer qualquer coisa se sentindo desse jeito? E isso de fato aconteceria todos os meses até eu chegar aos *cinquenta*? Minha mãe tinha cinquenta anos, e sua mesinha de cabeceira estava cheia de livros com títulos como *O ciclo de uma mulher* e *Segunda puberdade*. Perguntei se alguma vez ela tinha sofrido cólicas como as minhas. “Não”, respondeu. “Minha menstruação não me causou nenhum problema até sumir.” Agora ela tinha que tomar vários tipos de comprimido e usar cremes. Há pouco tempo, eu descobri um remédio que ela usava cujas instruções diziam: “Inserir o comprimido na vagina pelo menos cinco horas antes do banho.”

Não era assim todos os meses. Em alguns, acontecia. Por dias a fio. Em outros momentos, parecia que tinha sumido até que um dia eu acordava e achava que tinha levado um tiro na virilha. Os meses em que ela não vinha nunca me preocuparam até eu me tornar sexualmente ativa e passar a guardar testes de gravidez na gaveta de meias.



Quando tinha dezesseis anos, fui ao ginecologista pela primeira vez. Dizem que podemos esperar até os dezoito ou até sermos sexualmente ativas, e eu não era nem uma coisa nem outra, mas precisava de ajuda. Minha menstruação — a dor, a inconstância, o sentimento de desespero absoluto — estava fazendo minha família de refém. E quando meu pai perguntava se eu, por acaso, estava menstruada, eu gritava no rosto dele tão alto que seus óculos balançavam. Apesar de eu ainda ser virgem, o ginecologista me receitou anticoncepcional, o que ajudou a tornar a menstruação mais regular, mas nada podia ajudar a melhorar o mau humor que ainda me abate alguns dias antes da menstruação, como uma nuvem negra se aproximando. Fico soturna e niilista, o que não é do meu feitio. Todos querem me prejudicar, me machucar, me desconvidar para as suas festas, criticar o meu corpo e destruir a minha família. Sou como uma personagem de *Dallas*, obcecada por subterfúgios e vinganças, convencida de ter descoberto complôs improváveis, porém verossímeis, contra mim. Uma vez, enquanto passava pelas dores da TPM, me convenci de que um homem de sobretudo preto estava me seguindo pelo boulevard La Cienega, em Los Angeles. “A polícia nunca vai acreditar em mim”, murmurei. Então comecei a elaborar

um plano para despistá-lo. Quando estou menstruada, sou a definição de inconsolável. *Impossível de ser consolada*. Minha amiga Jenni jura que meus olhos ficam puxados, como os de um gato, e meu rosto fica pálido. Se alguém sugere que é hormonal, se depara com um dilúvio de xingamentos, seguido de pedidos de desculpas agressivos e súplicas por perdão. Lágrimas. Deito de bruços e espero passar.



Menstruar é a única parte de ser mulher de que não gosto. Todo o resto parece um privilégio único e invejável, mas isso? No começo, eu tinha uma fascinação mórbida, como um acidente de carro ocorrido dentro da minha calcinha a cada três semanas. Foi bom ter sido admitida nesse clube exclusivo, para enfim olhar para a prateleira dos absorventes com o conhecimento de uma iniciada. No entanto, isso logo se tornou cansativo, como um amigo melodramático ou ensaios de peças. Há algo desmoralizante na previsibilidade de todo o ciclo: queremos chocolate; ficamos com raiva; nossa barriga incha como massa de bolo. No início, fiz uma promessa a mim mesma de que nunca usaria a menstruação no meu trabalho como uma muleta para o cômico ou um dispositivo narrativo. Nunca discutir em grupo sobre quais remédios de fato dão conta das cólicas. Nunca dizer nada além de “Estou com dor no estômago”. E estou.



Verão passado, minha vagina começou a arder. Eu acordava mais consciente da minha área genital do que o normal e, à medida que ficava mais consciente, percebia por quê. Quando começava o trabalho, enquanto nos cumprimentávamos, comíamos sanduíche de pão com ovo e decidíamos quem odiaríamos naquele dia, eu a sentia. Era como se alguém tivesse jogado uma gota de vinagre dentro de mim, seguido por um jato de bicabornato de sódio. Aquilo borbulhava, efervescia e invadia tudo. Passei a tomar litros de água, após chegar à conclusão de que a causa era urina ácida. Seguindo uma sugestão da minha cabeleireira, tomei comprimidos encontrados na seção de congelados de um supermercado de produtos naturais. Solicitei ao médico um pedido de exame de urina e questionei o resultado negativo. Imaginei o pior: uma bactéria carnívora contraída na Índia, que subia pela uretra e que logo me transformaria em apenas ossos. Um tumor minúsculo, como uma ervilha, instalado bem fundo dentro de mim. Um arranhão imperceptível provocado por um absorvente interno com areia.

Tenho muitos pesadelos horríveis, e há muito tempo a dor vaginal crônica faz parte deles. *A câmara que minha mãe me deu* é um livro de memórias curto e lírico de Susanna Kaysen sobre sua luta contra o vaginismo, uma dor na vagina que ela nunca conseguiu explicar nem ignorar. É sério: você nunca leu um livro tão interessante sobre a genitália feminina, e Kaysen ilustra com maestria o fato de que a vagina é um órgão singularmente qualificado para expressar as nossas emoções a nós mesmas quando não somos capazes de dar atenção ao nosso cérebro ou coração. E a vagina é o nosso órgão mais emocional, sujeito à ciência e ao espírito. No auge de sua saga, Kaysen afirma: “Queria a minha vagina de volta (...) Queria que o mundo recuperasse aquela outra dimensão que apenas a vagina consegue perceber. Por ela ser o órgão que olha para o futuro. A vagina tem potencial. Não é vazio, é possibilidade.”

Como resultado dessa leitura, associei dor vaginal à fraqueza e à tristeza. Kaysen construiu uma carreira expondo sua loucura para o

mundo, e o livro nunca liga essa dor a uma causa médica. Ao contrário, ela encontra alívio ao sair de um relacionamento ruim, recuperando a vida, o vigor e, no processo, a vagina. Então, o que eu estaria reprimindo que me enchia de dor? Seria a ambivalência em relação ao sexo? Será que já fui molestada? (Se fui, isso explicaria algumas outras coisas também.) Será que eu estava com medo do rumo que minha carreira poderia tomar e andava a passos tão acelerados que não conseguia alcançar a mim mesma? Será que eu sabia mesmo a diferença entre a uretra e a vagina?



A dor ia e vinha, mas a ansiedade causada por ela aumentava constantemente. Evitei consultar um médico, certa de que o prognóstico seria apenas “maluquete”. Mas, por fim, meu pensamento catastrófico se tornou insuportável, e meu namorado incrivelmente paciente ficou de saco cheio de ouvir o refrão “Minha vagina dói”. Então, fui me consultar com Randy.

Randy é o meu ginecologista. Tive vários ginecologistas ao longo dos anos, todos talentosos às suas maneiras, mas Randy é o melhor. Ele é um judeu de certa idade que, antes de optar por ganhar a vida examinando mulheres lá embaixo, jogou beisebol pelos Mets. Ele ainda mantém aquela determinação confiante de um jogador bom num time fraco, e, para mim, esse é o tipo exato de homem que você quer que faça seus partos ou fique cutucando a sua vagina.

E foi isso que ele fez numa quinta-feira, quando me perguntou sobre o meu trabalho e me contou sobre o novo buldogue francês do seu filho.

— Dói quando você trepa?

Respondi que sim. Ele inseriu o espéculo em mim enquanto descrevia a dedicação da esposa às aulas de spinning. Disse “Não sou fissurado em comida” pelo menos três vezes.

— Bom, pelo *toque* parece que está tudo bem — informou. Com exceção de uma pequena protuberância de uma cicatriz inexplicável, meu canal vaginal estava em ótimo estado. — Mas vamos dar uma olhada mais cuidadosa para termos certeza.

Ele chamou Michelle, a técnica em ultrassom, que não tirou a aliança de noivado do dedo gordo e bronzeado quando colocou uma luva descartável e cobriu o bastão do ultrassom com o que parecia ser um profilático barato.

— Isso é uma camisinha? — perguntei.

— É, basicamente — respondeu ela.

— Mas é diferente de uma camisinha? Tipo, como você chama isso?

— Camisinha.

Gentil, porém firme, ela introduziu o bastão do ultrassom em mim e ficou observando a tela com atenção enquanto o movimentava para a frente e para trás. Randy olhou com interesse enquanto Michelle tentava abrir meu intestino grosso como uma cortina.

— O útero dela — observou. — Olha. Está bastante deslocado para a direita.

Randy confirmou.

— Mas e o ovário?

— Está colado na parede.

— Meu útero? — perguntei.

— Está bem deslocado para o lado — respondeu Randy.

— Tem um pouco de adenomiose bem ali — acrescentou Michelle, apontando para uma forma cinza turva. — Mas nada maior do que isso. Nenhum cisto. O ovário esquerdo é...

— Não, é o ovário direito que está torto — informou Randy, tirando o bastão dela como uma criança impaciente jogando videogame com um amiguinho.

Após um longo instante, ele deu um tapinha tranquilizador na minha perna e retirou o bastão de uma vez.

— Ok, desce, se veste e me encontra no consultório.

Quando eles saíram, a dor estava tão forte que sacudi as pernas, como uma criança dançando, para tentar redistribuí-la. Como não adiantou, fiz um bolo com o jaleco de algodão azul e o pressionei entre as pernas como se tentasse estancar um sangramento.

No consultório, que tem duas cadeiras do século XIX que não combinam uma com a outra, um desenho de carvão vegetal de uma grávida e um par de luvas de boxe decorativas, Randy explicou que eu tinha endometriose clássica. Usando uma imagem plastificada que devia ser de 1987, ele explicou que a endometriose ocorre quando as células que revestem o interior do útero estão fora dele, salientes e inchadas durante o ciclo hormonal mensal e causando muitos dos sintomas que eu sempre tinha considerado a minha disfunção singular, um sinal de que eu não era forte o bastante para este mundo. A dor na bexiga, a sensação de ardência, a dor lombar: tudo isso era resultado de nódulos do tamanho de cabeças de alfinete que cobriam meus órgãos outrora prístinos. Ele não podia garantir sem cirurgia, mas tinha visto quantidade suficiente de casos para ter muita confiança no diagnóstico. E a adenomiose — quando as células do endométrio começam a crescer nos músculos que circundam o útero — era um sinal típico. No desenho que Randy me mostrou, parecia que centenas de pérolas minúsculas se entranhavam num veludo cor-de-rosa. Ele foi bastante gentil ao me mostrar também algumas fotos que tinha tirado durante cirurgias de laparoscopia de casos piores do que o meu. As imagens pareciam os restos de um casamento: arroz espalhado, bolo amassado. Um pouco de sangue.

— Isso explica por que me sinto tão cansada? — perguntei, esperançosa.

— Bem, se você sente dor durante metade do mês, então sim, você fica cansada — concordou.

— E tipo, isso afetaria a minha fertilidade? — perguntei, hesitante.

— Pode ser mais difícil manter o feto — explicou Randy. — Não significa que não vai conseguir. Mas pode ser difícil.



— Toda mulher tem útero? — perguntei à minha mãe quando tinha sete anos.

— Sim — respondeu ela. — Nascemos com ele, e com todos os nossos óvulos, mas eles começam muito pequenos. E não ficam prontos para fazer bebês até estarmos mais velhas.

Olhei para minha irmã, então com um ano, magrela e brigona, e para a barriguinha dela. Imaginei seus óvulos, como o saco de ovos de aranha em *A menina e o porquinho*, e seu útero, do tamanho de um dedal.

— A vagina dela parece com a minha?

— Acho que sim — respondeu minha mãe. — Só que menor.

Um dia, sentada na frente da nossa casa em Long Island enquanto brincava com blocos e baldes, não resisti à curiosidade. Grace estava sentada, balbuciando e sorrindo; me inclinei para a frente, entre as pernas dela, e abri sua vagina com cuidado. Ela não ofereceu resistência, e, quando vi o que tinha lá dentro, soltei um grito.

Minha mãe veio correndo. “Mamãe, mamãe! A Grace tem uma coisa lá dentro!”

Minha mãe não perguntou por que eu tinha mexido na vagina de Grace. Esse comportamento estava dentro do espectro das coisas que eu costumava fazer. Ela apenas se ajoelhou e olhou também. Logo ficou claro que Grace tinha enfiado seis ou sete pedrinhas lá dentro. Minha mãe as retirou com paciência enquanto Grace gargalhava, animada pelo fato de sua brincadeira ter sido um sucesso tão grande.



Até onde consigo lembrar, sempre quis ser mãe. No início da minha infância, esse desejo era tão extremo que, muitas vezes, me flagraram amamentando bichos de pelúcia. Quando a minha irmã nasceu, reza a lenda na família que perguntei à minha mãe se podíamos inverter os papéis: “Vamos dizer a ela que eu sou a mãe e que você é a irmã. Ela nunca vai desconfiar!”

Com o tempo, minha crença em muitas coisas diminuiu: casamento, vida após a morte, Woody Allen. Mas nunca a maternidade. Tenho jeito para a coisa. Simplesmente sei disso. Às vezes, deitado na cama ao lado do meu namorado adormecido e estufando a barriga, imaginando que ele está me protegendo e eu estou protegendo o nosso filho. De vez em quando, falamos sobre como seria emocionante se acontecesse por acidente, se nos tornássemos pais sem termos que tomar essa decisão. Penso em nomes para eles, me imagino buscando-os no parque, empurrando-os no carrinho do supermercado quando todos estamos resfriados, dando um pulo num piquenique “só por cinco minutos porque ele está com muito sono”. Lendo *Eloise* para minha filha de três anos pela primeira vez. Correndo pela casa e fechando as janelas antes de uma tempestade, explicando: “Isso vai nos manter bem sequinhos!”



Quando conto à minha tia médica que meu diagnóstico é de endometriose (“endo”, para os entendidos), ela diz que é melhor eu começar logo. “Na faculdade de medicina, essa é a primeira coisa que aprendemos”, conta ela. “Após um diagnóstico de endo, você diz *comece agora.*”

Meu médico nunca me disse isso. Ele não estava preocupado — agora que penso a respeito, despreocupado demais? Estive certa o tempo todo, sabia mais do que qualquer médico: algo de fato *estava* errado lá embaixo.

Então preciso começar agora. Está na hora de começar agora. E por que não? Reflito. Tenho um emprego. Estou apaixonada. Temos um quarto extra usado atualmente como depósito de sapatos e caixas e para visitas ocasionais. Já me disseram que o meu cachorro adora crianças. Eu já pareço grávida pra cacete. Por que *diabos* não?

Consigo senti-los. Os bebês. Eles não estão engatinhando em cima de mim. Não estão vomitando no meu cabelo ou berrando. Estão fazendo coisas de bebê totalmente normais, e eu os mantenho vivos. Mas fico ressentida por eles. A demanda infundável, a intrusão no meu relacionamento, no meu tempo livre, nas minhas sonecas, na minha imaginação e no meu coração. Eles chegaram cedo demais, e não posso fazer mais nada do que planejei. Tudo que posso fazer é sobreviver.

No meu sonho recorrente mais comum, de repente, lembro que tenho bichos de estimação em casa dos quais não cuido há anos. Coelhos, hamsters e iguanas empilhados em gaiolas sujas no meu armário ou embaixo da cama. Horrorizada, abro a porta e a luz os toca pela primeira vez em anos. Desesperada, remexo os montes úmidos de lascas de madeira. Temo que os bichos estejam se decompondo lá dentro, mas descubro que ainda estão vivos, magros, doentes e imundos. Sei que já os amei, que eles tiveram uma vida melhor antes de eu me distrair tanto com o trabalho e comigo mesma, a ponto de deixá-los emagrecer e quase morrer. “Desculpa, desculpa, desculpa”, digo, enquanto limpo as gaiolas e encho os potes com água fresca. “Como posso reparar o que fiz?”

SEÇÃO III

Amizade





Fixação por garotas

Naquela época em que quase fui lésbica, depois vomitei

Você me escreveu uma carta linda, fico pensando se tinha intenção de que ela fosse tão bonita. Acho que sim, porque, de alguma forma, sei que seu sentimento por mim, embora frágil, é da natureza do amor... Quando você disser para eu ir, pego o primeiro trem e vou do jeito que estou.

— Carta de EDNA ST. VINCENT MILLAY
para EDITH WYNNE MATTHISON

TIVE EXATAMENTE UMA fixação séria por garotas, uma definição que mulheres que admiro (mas pelas quais, na verdade, nunca tive uma fixação) me ensinaram a odiar. Também pelo fato de ter uma irmã gay, considero a escolha do termo “fixação” um pouco homofóbica, como se eu precisasse deixar claro que minha fixação por outra

mulher não é nada sexual, mas, ao contrário, moderada e adorável, muito parecida com... uma garota.

A garota por quem eu tinha fixação se chamava An Chu. Eu estava no terceiro ano e ela, no quarto. Ela usava camisetas térmicas, jeans de boca larga e uma faixa na linha do cabelo que dava a impressão de segurar uma peruca preta e brilhosa.

Em retrospecto, talvez ela fosse gay. Gostava de beisebol infantil, tinha o tipo de andar insolente que não pretendia provocar os garotos, mas que os provocava mesmo assim durante os anos pré-ereção, quando uma garota participar de brincadeiras brutas é um estímulo sexual maior do que peitos. Um foco concentrado no grupo seletivo de amigas dela. An era linda como uma dama, mas enigmática como um homem. Era ativa, porém calma. Tinha o sorriso lento e a cabeça grande demais para o corpo, e, quando eu olhava para ela, sentia um calor perturbador.

Nunca nos falamos, mas eu a observei bastante durante um passeio da escola em que pernoitamos num refúgio natural: admirei atentamente ela tirar sons de um pau de chuva e analisar a plumada regurgitada por uma coruja. Depois que os meus pais me buscaram mais cedo (eu tinha vomitado), passei o fim de semana seguinte no quarto de hóspedes da casa da minha avó imaginando como seria convidar An para dormir lá em casa e compartilhar segredos na penumbra.

Desde então, nunca mais tive fixação por nenhuma mulher, com exceção da minha relação confusa com a Shane, de *The L Word*. Nunca desejei ficar com mulheres; eu desejei *ser* essas mulheres: existem aquelas cuja trajetória profissional me excita, cuja facilidade de expressão me impressiona, cujo domínio da conversa fiada em festas ao mesmo tempo me irrita e me arreata. Não sou invejosa da maneira tradicional — de namorados, bebês ou contas bancárias —, mas cobiço o jeito de ser de outras mulheres.

Há dois tipos de mulheres em especial que despertam minha inveja. O primeiro é a exuberante, alegremente ocupada da manhã à

noite, capaz de desfrutar almoços em grupo, tirar férias espontâneas em Cartagena com as amigas e planejar chás de bebê para outras pessoas. As grandes questões existenciais não parecem afetá-la, e ela consegue limpar o forno sem pensar sequer uma vez: “Para que fazer isso? Vai ficar sujo de novo de qualquer jeito, e depois vamos todos morrer. Por que eu simplesmente não enfio a cabeça...”

Minha avó Dottie é esse tipo de mulher. Aos 95 anos, ela ainda vai ao cabeleireiro duas vezes por semana, está sempre armada com um batom coral e dá conselhos aos corações partidos (“Você precisa ser positiva e apenas falar com os olhos”). Ela sempre foi muito pequenininha e, uma vez, num baile de militares no fim da década de 1930, um soldado lhe disse “Eu comeria amendoins na sua cabeça”, o que ela considerou um enorme elogio.

A versão moderna disso é a minha amiga Deb, que adora experimentar aulas de ginástica novas e consegue escrever pelas mesmas quatro horas todos os dias, na mesma cafeteria, sem conflitos com o processo criativo. Ela tinha um rodízio constante de caras que a levavam para jantar quando era solteira, antes de conhecer o marido e se apaixonar por ele, sem o acusar sequer uma vez de não entender “o que significa ser eu”. Deb planeja escapadas regulares nos fins de semana para lugares “sexy e maravilhosos”, como Palm Springs e Tulum, e é perita na logística dos jantares de gala e visitas ao médico. Ela não parece se preocupar com a possibilidade de ter lúpus ou câncer. Seria fácil para mim, por inveja, menosprezar Deb por ser uma pessoa leviana ou superficial, insensível ao que *de fato* acontece no mundo. Mas Deb é inteligente e, como disse antes, tenho inveja dela.

O outro tipo de mulher que me deixa louca de inveja é a depressiva bonita. Sei que não é bom glamorizar a depressão, mas me refiro aqui a um grau inferior de melancolia que seria um problema imenso para uma caixa de supermercado, mas funciona muito bem para um determinado tipo longilíneo de aspirante a poeta e atriz de cabelo escorrido. Num sábado, eu andava pelo Brooklyn em busca de

arroz-doce quando encontrei por acaso a namorada de um grande amigo meu. Ela estava correndo, com as pernas brancas e compridíssimas saindo de um short retrô.

— Como vai, Leanne? — perguntei.

Ela me olhou sonolenta e, com um suspiro vitoriano, disse:

— Uma merda.

Fiquei impressionadíssima! Quem responde a essa pergunta com sinceridade? Digamos que eu estivesse indo comprar uma arma para me matar e encontrasse uma conhecida que trabalha no departamento de relações-públicas da H&M:

CONHECIDA: Oi, e aí?

LENA: Ah, nada de mais. Só estou indo comprar alguma coisa estranha.

[*Risos.*]

CONHECIDA: Há quanto tempo a gente não se vê. Como você está?

LENA: Ah, você sabe. *¡Así, así!* A vida é tão ESTRANHA, sabe? É tipo INACREDITÁVEL! Quer dizer, vamos tomar um café um dia desses. Estou literalmente sempre livre.

Enquanto observava Leanne correr em câmera lenta para casa, eu pensava no quanto aquela fórmula deve ser eficaz. Leanne é tão bonita e tão triste. Seu namorado vai passar anos saindo de madrugada para comprar coisas para ela, só para fazê-la sorrir. Eu achava que os caras gostavam de mulheres alegres, flexíveis e espirituosas. Na verdade, não esconder o tédio enquanto se assiste a um programa sobre a natureza na TV e forçá-los a se perguntar o que você está pensando depois de transar é, na maioria dos casos, muito mais eficiente.

Sinto inveja das características masculinas, embora nem tanto dos homens. Tenho inveja da naturalidade com que eles parecem desempenhar suas atividades profissionais: não pedem desculpa, não

fazem malabarismos para garantir que as pessoas ao redor se sintam confortáveis com o que eles tentam fazer. O fato de serem tão livres do instinto de agradar às pessoas, algo que considero uma maldição da minha condição feminina. Em restaurantes, já vi homens pedirem mais pão e vinho de merda com uma segurança que jamais terei, e pensei: “Que ótimo deve ser isso.” Mas, para mim, ser mulher é um dom muito singular e uma alegria muito sagrada, de uma maneira tão profunda que não consigo articular. Trata-se de um tipo especial de privilégio nascer no corpo que você queria, abraçar a essência do seu gênero, mesmo reconhecendo as dificuldades implícitas. Mesmo enquanto você busca redefini-lo.

Sei que, quando estiver à beira da morte, ao olhar para trás, vou me arrepender de ter discutido com mulheres, mulheres que tentei impressionar, entender e pelas quais fui torturada. Mulheres que desejo rever, para vê-las sorrir, rir e dizer: *Tudo foi como deveria ter sido.*



No oitavo ano, minha turma fez um passeio a Washington, D.C. É uma tradição das turmas de oitavo ano em todo o país. A premissa é que você verá monumentos, aprenderá sobre os diversos departamentos do governo e desfrutará de algum tempo bem-merecido comendo hambúrgueres na Johnny Rockets. A verdade é que o dia é apenas um prelúdio para a noite, quando as cortinas são abertas e revelam um circo de libertinagem que todos os monitores sabiamente decidem ignorar, fingindo estar “dormindo”. Os alunos correm de quarto em quarto de algum hotel de aeroporto — com seus lados mais selvagem liberados —, gritam para ser ouvidos acima do som das televisões e do rap e deixam o chuveiro aberto sem ninguém embaixo dele. Às vezes, os frascos de xampu contêm bebida alcoólica; às vezes, alguns se beijam no banheiro.

Na segunda noite da viagem, enquanto assistíamos a um filme da Drew Barrymore na TV a cabo, todas as garotas do meu quarto — Jessica, Maggie e até Stephanie, que tinha um NAMORADO SÉRIO — decidiram virar lésbicas. Começou com uns selinhos na cama, depois Jessica tirou a blusa e, apertando os mamilos, balançou os peitos sem piedade na nossa cara.

Eu era um cachorro abandonado, morta de medo. Não que não quisesse me juntar a elas. Eu meio que queria. Mas e se *gostasse*? E se começasse e nunca mais parasse? Como poderia voltar atrás? Eu não tinha problema algum com gays. Só não queria *ser* gay. Eu tinha catorze anos. Não queria *ser nada* ainda. Eu me enrolei nos lençóis e, como a nossa professora de matemática no quarto ao lado, fingi que estava dormindo.



Eu tinha ouvido falar de Nellie — uma dramaturga britânica extraordinária cuja página na Wikipédia informava que ela era dois meses mais nova do que eu. Um ator conhecido meu tinha atuado na única produção de Nellie em Nova York e a descreveu como Sininho ou Annabel Leigh — ou Pattie Boyd na época em que ela fodia com a vida do George Harrison. Uma intelectual com tendência a formar vínculos emocionais profundos, dançar embriagada e usar casacos vintage jogados sobre o ombro.

As fotos de Nellie na internet mostravam uma criança pálida e desamparada, com cabelos descoloridos desgrenhados e roupas de uma Joana d'Arc moderna — em todas as imagens, ela aparecia pálida, esfarrapada e em ângulos andróginos.

Uma busca no Google pelo nome de Nellie não deu em nada. Ela não tinha Twitter, blog nem qualquer outra forma de expressão virtual. Uma presença limitada na internet é muito raro hoje em dia,

e algo sedutor em si mesmo. Ela contava sua história usando um meio antigo: o teatro.

Após meses de trabalho investigativo no Google em busca de Nellie, ela apareceu numa palestra minha no festival da *New Yorker*. Era uma plateia difícil de fazer rir, que se levava muito a sério com perguntas sobre política racial e sexual, às quais respondi de forma insegura, cansada e despreparada. Mais tarde, encontrei Nellie no camarim, apertei sua mão delicada e me surpreendi com o tom grave de sua voz, como a de um britânico idoso. Ela estava com os olhos meio cerrados e a blusa abotoada quase até o queixo. Parecia Keats, Edie Sedgwick ou algum outro artista importante já morto.

— Sou uma grande fã sua — falei, conhecendo-a apenas das buscas por imagens do Google.

Eu nunca tinha lido uma palavra escrita por ela, mas, ao olhar seu rosto em formato de coração, o que eu mais queria era causar uma impressão duradoura. *Oi, sou a Lena, queria que ela sentisse, e gosto de teatro, de me sentar nos degraus da frente da minha casa e de festas onde as pessoas choram.*

— Obrigada, obrigada — ronronou ela.



Quando eu tinha quinze anos, minha amiga Sofia me ensinou o seu truque favorito, que, segundo ela, levava os garotos à loucura. Ela o apresentou como um ato complexo que exigia instruções especiais, mas na verdade era só chupar o lóbulo da orelha de alguém. Ela estava à minha frente no jogo sexual, e tentei fingir que aquilo não era nenhuma novidade para mim.

Estava tarde, e dava para ouvir que o jantar que meus pais tinham oferecido aos amigos estava acabando: as pessoas pegavam os casacos e o meu pai começava a lavar os pratos cedo demais — sua maneira de sinalizar que a noite tinha terminado.

Sofia me explicava como os garotos eram burros, como alguns truques poderiam derrubá-los em questão de segundos. Vestia uma camiseta branca apertada e jeans surrados que ressaltavam suas gordurinhas na cintura. Tinha aquele tipo de cabelo liso que sempre escapa do rabo de cavalo e uma pele constantemente avermelhada.

Fez uma demonstração em mim, no colchão do meu “escritório” — na verdade, um armarinho perto do meu quarto onde guardávamos materiais de arte e a caixa de areia do gato. Senti as pontas dos dentes de Sofia e, depois, minha vagina latejar.



Vou para Londres. Sozinha. Não vou a Londres desde os catorze anos, quando fiquei com raiva por minha mãe ter me forçado a andar numa roda-gigante, e com mais raiva ainda por ter gostado.

Sem saber o que fazer nessa viagem, decidi mandar um e-mail a Nellie, cujo trabalho eu já havia lido a essa altura e tinha achado tão impressionante e impenetrável quanto ela.

Quando Nellie responde, ela me chama de “Menina querida”. Sugiro chá, mas ela prefere um drinque e diz que “vai aparecer” para me pegar às 17h30. Manda um e-mail para me dizer que vai se atrasar, depois outro dizendo que vai chegar cedo. Quando a encontro no saguão, ela está vestida com calça de couro justa e um longo casaco preto. Sua bolsa parece o saco de tesouro de um pirata.

Nossa primeira parada é o “clube social” do qual ela é sócia, que fica num subsolo a um quarteirão de distância. Uma sala empoeirada, com painéis de madeira, teto baixo e muita fumaça de cigarro. Nellie pede vinho tinto, e eu também, remexendo, nervosa, as alças da minha bolsa. Ela me apresenta a vários personagens que parecem ter saído de uma obra de Oscar Wilde e menciona Aristóteles, Ibsen e George Michael numa só frase (este último é vizinho dela). Ela pede

mais vinho para nós antes de eu terminar a minha primeira taça, depois se dá conta de que estamos atrasadas para o jantar no J. Sheekey. Ela me leva pela mão pelo West End, conta que esse restaurante é onde seus pais sempre a levavam quando ela tirava notas boas ou precisava levar uma bronca séria. Ela me conta sobre seus casos e passagens secretas. Ela adora caminhar, anda quilômetros todos os dias.

No J. Sheekey, um restaurante de frutos do mar tradicional e elegante onde eles sempre perguntam se você vai assistir a alguma peça de teatro antes mesmo de você sentar, ela faz os pedidos com habilidade: vinho branco, peixinhos fritos e outras comidinhas que tenho medo de experimentar, mas que, quando chegam, são pura delícia, como manteiga ou melado. Meu rosto está ficando quente e talvez eu já esteja falando demais. Combinei de tomar drinques com uns amigos dali a uma hora, mas ela pede que eu cancele os meus planos e vá para a casa dela. “É um lugar diferente, e quero que você conheça todo mundo e que todo mundo conheça você.”

No táxi, indo para a casa dela, conversamos. Sobre por que escrevemos, sobre o propósito de ela dizer “o mundo está tão cheio de merda que não dá para consertar”.

— E, no nosso trabalho, criamos um universo melhor ou mais claro — digo, sem fôlego. — Ou, pelo menos, que faz mais sentido.

— Um lugar onde desejaríamos viver ou que poderíamos ao menos entender. — Ela faz que sim, satisfeita. — Você é muito inteligente.

Percebo que nunca conversei com alguém sobre isso, muito menos com uma mulher da minha idade. Nunca conversei com alguém da minha idade sobre qualquer coisa além de ambição. Técnica, paixão, filosofia: não tocamos em nenhum desses assuntos.

Ela pergunta qual é o meu maior defeito, e digo que às vezes sou muito egocêntrica. Nellie diz que o dela é se perder no mundo do seu trabalho e não encontrar o caminho de volta.

A cidade está mudando, de metrópole agitada a ruas arborizadas com casas imensas e poucas luzes acesas. (Busque no Google “jardins

britânicos” se quiser saber do que estou falando.) Quando chegamos à casa dela, saímos para a noite úmida. É difícil andar de salto alto pelos paralelepípedos, por isso me apoio no braço de Nellie. Tenho certeza de que nunca estive num lugar como aquele. Ele tem a grandiosidade de um conto de fadas e a dureza de um filme do Mike Leigh. Inspiro e sinto o cheiro de rua molhada e fumaça distante. Presumo que ela tenha pagado o táxi.

Ela abre a porta de uma biblioteca que parece o cenário de um episódio da série *Masterpiece Theatre*, livros antigos espalhados por todos os lados. Tinha livro até na lareira.

— Olá!?! — chama ela. Um buldogue francês enlouquecido desce saltitante pela grande escadaria, mostrando os dentes. — Ah, vem cá, Robbie.



Uma menina vestindo orelhas de animal sai de uma porta secreta. Ela me cumprimenta com um abraço, e as sigo até uma sala onde quatro ou cinco colegas de quarto estão reunidos ao redor de uma garrafa de vinho tinto. Cada um deles é apresentado a mim como estudante de literatura ou ator, ou as duas coisas. A irmã de Nellie, outro diabinho com cabelo incrivelmente bem-cuidado, tem um riso rouco engraçado.

Sei que eu não deveria beber mais, ou deveria pelo menos comer as batatas chips que estão circulando. Ninguém sabe explicar como vieram morar ali. Nellie aparece, tirando o casaco enquanto anuncia que está um gelo lá fora. “Deixa eu mostrar a casa para você”, diz.

Absorvo todos os detalhes da casa como se tivesse seis anos de novo e estivesse lendo um livro, olhando as ilustrações com grande cuidado. Perto de uma lareira de mármore estão uma edição da *Elle*, uma meia-calça sete-oitavos rasgada, um maço vazio de Marlboro e um pote de pudim comido pela metade. Um cômodo leva ao outro, como um daqueles imóveis dos sonhos nova-iorquinos onde você abre uma porta secreta e descobre salas imensas que nunca cogitou que existissem. Derramo um pouco de vinho no vestido.

O quarto de Nellie tem uma daquelas banheiras vitorianas com patas de gato, e examino todos os livros e recortes de jornal dela com um interesse patético. Nellie conta que passou o dia anterior inteiro na cama com uma mulher proibida, se recuperando de uma noite que a deixou arrasada. Digo mais uma vez o quanto adoro a obra dela, o que é verdade. Ela trabalha com temas, memes e metáforas. Usa recursos formais que vão além da minha capacidade de compreensão.



— Ninguém da nossa idade escreve como você — digo a ela.

— Obrigada, obrigada — responde.

De volta à sala, eles começaram a tocar rap das antigas, e minha taça está cheia de novo. Não posso me sentar sem que a minha saia suba. Jenna, uma garota bonita e conhecida por interpretar Anne

Frank em peças no West End, dá a Nellie um beijo na boca e diz: “Oi, cheguei em casa.” Eu me sinto muito acolhida por Aidan, um ex-ator mirim de sexualidade ambígua que fala macio, como um garoto que trabalha numa floricultura.

Eles me ensinam várias palavras novas em inglês britânico — como *lairy*, que significa “arruaceiro” ou “embriagadamente maligno”, e usam a expressão em diversos contextos para eu entender: “Fiquei muito *lairy* depois de alguns drinques e, quando dei por mim, estava pendurado no lustre.”

Eles enchem minha taça de novo e de novo. Rimos, rimos de rostos, sons e objetos, então de repente tudo começa a rodar, e minha visão se afunila de uma forma que só pode significar que vou vomitar.

Assim que anuncio o que sinto, acontece. Libero uma torrente no tapete bege outrora imaculado. Sinto os restos quentes e ácidos do jantar escorrerem pelo meu queixo e atingirem o chão, e estou enjoada demais para ficar constrangida. O alívio é grande demais para eu me preocupar com o fato de que toda a comida inglesa deliciosa que saboreei no dia, junto com as repetidas taças de vinho tinto, agora decoram o chão. Nellie acaricia a minha cabeça, arrulhando palavras de afeto. Levanto e olho ao redor. Todos estão onde os deixei, exceto Aidan, que reaparece com uma vassoura e uma pá de lixo e varre meu vômito como se fosse amendoins ou cabelos cortados. Ele insiste que faz isso sempre. Ainda não me sinto constrangida.

Nellie se aproxima de mim.

— Você tem um rosto tão bonito — diz ela. — Olhos tão incríveis. Você é muito gostosa.

— Está brincando? — gaguejo. — Você é perfeita. E muito inteligente. E sinto... sinto como se entendesse você.

Ela segura o meu rosto, ofegando como se estivéssemos numa tempestade de neve. Seus olhos se arregalam e, sem palavras, entendo. Ela sabe que entendo o que está faltando. Alguém se foi. Ela bate no peito com a mão fechada.

— Mas dói tanto. Você não *imagina* o quanto dói.

— Eu sei — digo e, naquele momento, sei mesmo. — Eu sei, eu sei. Você é muito corajosa.

Ela deita perto de mim. Estamos cara a cara agora. Jenna dança sobre a gente, rindo e vestindo apenas um top de ginástica.

— É difícil falar sobre isso — diz ela. — Adoro conhecer você.

Aperto Nellie. Sinto como se nunca tivesse sentido o sofrimento de outra pessoa com tanta profundidade. Imagino que meu hálito esteja horrível, mas também acho que ela não se importa com coisas desse tipo. E não me incomodo quando ela sopra fumaça no meu rosto. Despenteio o cabelo dela, depois o meu, e o dela de novo. Não achei que ela fosse me beijar, mas também não achei que ela não fosse. Avisei que estava indo embora uma hora antes de realmente partir e, no táxi de volta para o hotel, segurei com força um pedaço de papel com o número de telefone dela e lembrei que não tinha visto o lago da casa.



Na manhã seguinte, durmo até quase três da tarde, embalada pelo som de táxis parando diante do meu hotel na chuva. Tenho reuniões à tarde e estou decidida a não contar a ninguém que vomitei. Mas contar é o meu primeiro instinto, e é isso o que faço passados dez minutos do meu primeiro compromisso profissional do dia. Beberico apenas uma xícara de chá até, por volta das seis da tarde, estar pronta para comer a crosta de um empadão de carne. Pego o celular e revejo as fotos da noite anterior, e não me lembro de ter tirado nenhuma delas. Em uma, Aidan, desfocado, ameaça a câmera. Em outra, Jenna beija o meu rosto suado. Em algumas, o cigarro de Nellie balança

loucamente, quase causando um incêndio na casa. Em outras, estamos cara a cara, olhos fechados. Mãos dadas.

Se você olhar com cuidado verá, no canto superior esquerdo, o fantasma roxo do meu vômito.



Beijei três garotas na faculdade. Todas de uma vez. Três garotas hétero estavam experimentando o amor universal num canto de uma festa em prol dos direitos dos palestinos e, quando me chamaram para participar, aceitei. Fizemos um rodízio, nos revezamos e beijamos por tempo suficiente para sentir a boca uma da outra. Elas me pareceram macias e excitantes, sem aqueles cantos duros e partes ásperas das bocas dos garotos, com os quais eu ainda estava me acostumando. Depois disso, rimos. Nenhum dos meus medos do oitavo ano tinha se concretizado. Eu não tinha me transformado, de repente, numa líder lésbica militante de uma gangue de motociclistas, nem estava envergonhada. Não me retraí quando uma foto minha, em pleno amasso com uma garota chamada Helen, surgiu no prédio de artes como parte da “tese inspirada em Nan Goldin” de um garoto chamado Cody.



Mais tarde, sozinha na cama e quase recuperada do enjoo provocado pela ressaca, dou zoom na minha foto com Nellie. Quer dizer, a versão sem cortes. Garotas conspiradoras, doentias, perdidas e jogadas num bom sofá. Se eu fosse uma pessoa um pouco diferente, teria experimentado muitas noites como essa, um arquivo cheio dessas imagens. Posso odiar a definição “fixação por garotas”, mas uma foto não mente. Ela tem a qualidade de uma imagem tirada por um

caçador de fantasmas, revelando espíritos e entidades flutuantes que os participantes não foram capazes de ver.



A melhor parte

— ACHO QUE NÃO está dando certo — diz ele. — Acho que é melhor sermos só amigos.

Estamos no sétimo ano e acabamos de voltar das férias. No nosso último encontro, andamos de mãos dadas pela rua, para cima e para baixo, até entrarmos na Häagen-Dazs para esperar a minha mãe me buscar. Sei que gosto dele porque não fico com nojo quando os seus dentes ficam cheios das sementes de um smoothie de frutas vermelhas. A quarta-feira seguinte seria nosso aniversário de seis meses de namoro.

— Ok — esganiço, antes de me jogar no casaco de pele azul de Maggie Field.

Ela cheira a algodão doce e está muito triste por mim, me levando para o banheiro feminino no décimo segundo andar enquanto acaricia minha cabeça. Ele foi o meu primeiro namorado, e tenho certeza de que nunca terei outro. Maggie já teve três, e todos a decepcionaram.

— Que babaca! — diz ela. — O que a gente vai fazer com ele? — O sotaque do Brooklyn de Maggie só aparece quando ela está zangada. Essa é a melhor parte.

— Não dá para continuar assim — digo, me encostando na janela.

Ele está no assento do motorista do seu jipe verde, tentando entender por que estou tão chateada enquanto choro atrás dos óculos escuros. Estacionamos em silêncio e ele me leva de volta para o seu apartamento como se eu fosse uma criança malcriada. Fechamos a porta, ele enche um pote com água e me diz que sou a única pessoa com quem ele se importou na vida. Diz que sabe que sinto o mesmo por ele, com o rosto contorcido na única expressão de emoção que vi desde que nos conhecemos.

Finalmente, após mais três tentativas de terminar — na praia, ao telefone, por e-mail —, eu me sento com a minha amiga Merritt num café na calçada de Park Slope. Está um pouco frio demais para ficar ao ar livre, e usamos óculos escuros enquanto nos encolhemos dentro dos nossos casacos com capuz. Como devagar as minhas panquecas enquanto ela me diz apenas: “Não tem problema mudar de ideia.” Sobre um sentimento, uma pessoa, uma promessa de amor. Não posso continuar só para não me contradizer. Não preciso vê-lo chorar.

Então, paro de atender o telefone, paro de pedir permissão, e logo ele desaparece. Foi como ficar de castigo no Natal ou alguma outra coisa terrível que parece durar para sempre.

— Quando você tiver a minha idade, saberá como tudo isso é misterioso — diz ele.

Está falando sobre amor, e só tem oito anos a mais do que eu. Eu deveria saber. Estava indo bem demais, um relacionamento em que moramos em costas opostas do país. Ele me ligava todas as manhãs quando estava indo surfar na praia. Eu descrevia a vista da janela do meu apartamento novo, neve caindo no jardim do vizinho, gatos da

vizinhança miando ruidosamente de suas respectivas escadas de incêndio. Nem sempre conseguia me lembrar do seu rosto, então a imagem dele para mim se tornou os meus pés, descalços e pálidos, apoiados na parede enquanto conversávamos por horas.

— Queria que você estivesse aqui — disse ele. — Eu levaria você para tomar sorvete e mostraria as ondas.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu gostaria de estar aí. — Ou gostaria de gostar.

Mas aqui estou, na festa de aniversário dele, com o vestido preto da minha mãe, toda errada: rosto vermelho, tranças oleosas, saltos afundando no gramado do quintal da casa do amigo dele, Wayne. A DJ tem onze coques na cabeça, e ele está parado perto do ofurô conversando com outra garota de jardineira curta, e sei, mais do que jamais soube qualquer outra coisa, que a minha chegada não foi aquilo que ele imaginou. Talvez ele nunca a tenha imaginado. No dia seguinte, ele me leva num passeio pela costa, o que deveria ser romântico, mas parece mais um sequestro. Enquanto esperamos na fila por tacos de peixe, desejo com todas as forças que ninguém o esteja ouvindo falar e, caso esteja, que não me julgue por isso. Quero mais do que nunca estar sozinha.

Vou para casa e, após concluir este capítulo da vida, consigo relaxar pela primeira vez em meses. Afinal, o desejo é inimigo da satisfação. Da banheira, ligo para Audrey.

— Não vai dar certo — digo a ela. — Acho que ele acha que estava sendo muito maduro por namorar uma gordinha.

Mais tarde, descobrimos que, enquanto isso acontecia, ele dava em cima de uma atriz da série *Nos bastidores do poder* e que deu um cacto para ela.

Audrey começa a rir.

— Que babaca. Ele tem sorte de conhecer você, mas é burro demais para perceber isso.



— Ainda te amo — diz ele —, mas preciso seguir o meu caminho.

— Então você quer terminar? — pergunto, tremendo.

— Acho que sim — responde ele.

Caio no chão, como uma mulher do século XII que desmaia ao assistir a um enforcamento na praça da cidade.

Mais tarde, minha mãe chega de uma festa e me encontra deitada, atravessada na cama, catatônica, cercada por fotos de nós dois juntos e com as luvas que ele me deu no Natal dobradas sob as minhas bochechas. Estou destruída por algo que parece tristeza, mas que, na verdade, diagnostico mais tarde como vergonha. Ela me diz que isso é uma grande desculpa: para eu passar mais tempo comigo mesma, chorar bastante e comer apenas carboidratos abarrotados de queijo.

— Você vai descobrir — diz ela — que é um pouco charmoso ter o coração partido. — Usarei essa fala muitas vezes nos anos seguintes, dando-a de presente a qualquer um que precise dela.

13 coisas que aprendi que não se deve dizer aos amigos

1. “Ela é gordinha de um jeito diferente do nosso.”
2. “Não se preocupe, ninguém vai se lembrar disso quando você estiver morta.”
3. “Não, por favor, não peça desculpas. Se tivesse uma mãe como a sua, eu também seria insuportável.”
4. “Tudo bem. A honestidade nunca foi o seu forte.”
5. “Quem sabe você não abre uma loja? Esse seria um ótimo trabalho para você!”
6. “Holocausto, distúrbio alimentar. Mesma coisa.”
7. “Pesquisei ele no Google e a palavra ‘estupro’ surge automaticamente depois do nome dele.”
8. “Mas é diferente porque eu *tenho* um pai.”
9. “Ah, por favor, me deixa pagar o almoço. Você está desempregado!”
10. “Tem um capítulo sobre você no meu livro.”
11. “Não tem nada sobre você no meu livro.”
12. “Ah, ei, seu namorado tentou me beijar quando você foi comprar um smoothie. Quer dizer, foi isso ou ele estava cheirando a minha boca.”
13. “Tenha uma boa vida, sua vaca.”



Grace

FUI FILHA ÚNICA até os seis anos.

Pelo pouco que eu sabia sobre reprodução e planejamento familiar, imaginava que seria sempre assim. Na pré-escola, ouvia outras crianças conversando sobre seus irmãos ou a falta deles:

“Minha mamãe não pode ter mais filhos.”

“Meu papai diz que eu sou *mais* do que suficiente.”

— Você tem irmãos ou irmãs? — perguntou minha professora no primeiro dia da pré-escola.

— Não — respondi. — Mas a minha mamãe está esperando um bebê.

Ela não estava esperando um bebê, nem um pouquinho, e teve que explicar isso quando a professora a cumprimentou pelo “aumento da família”.

— Você quer um irmão ou irmã? — perguntou minha mãe naquela noite, enquanto comíamos comida chinesa na mesinha de centro. — Foi por isso que mentiu?

— Claro — respondi, com tanta naturalidade quanto se ela tivesse me oferecido mais uma panqueca *moo shu*.

Então, sem que eu soubesse, meu voto foi decisivo, e eles começaram a tentar para valer. Segui com a minha rotina, sem saber da tempestade que se formava no quarto no final do corredor. Dois anos depois, num dia muito quente de junho, minha mãe se virou para mim do banco do motorista do Volvo e disse:

— Adivinha? Você vai ter uma irmãzinha.

— Não, não vou — respondi.

— Sim, vai sim — insistiu ela, sorrindo de orelha a orelha. — Como você queria.

— Ah — disse —, mudei de ideia.



Grace chegou no final de janeiro, em nada menos do que num dia de semana, à noite. A bolsa d'água rompeu, molhando o assoalho de madeira diante do elevador. Então minha mãe cambaleou até o meu quarto e me colocou para dormir. Quando acordei, às três da manhã, a casa estava escura, a não ser por uma luz acesa no quarto dos meus pais. Andei sorrateira pelo corredor, onde encontrei uma babá chamada Belinda lendo na cama deles, ao lado de uma boneca de porcelana que eu tinha encomendado de um anúncio no *Guia da TV* (cinco prestações de 11,99 dólares) e uma pilha de balas de hortelã embrulhadas.

De manhã, fui levada a pé pela Broadway até o hospital, onde Grace era a única criança caucasiana num berçário cheio de bebês chineses. Espiei pelo vidro.

— Qual deles é ela? — perguntei.

Minha mãe estava deitada na cama do hospital. Sua barriga ainda parecia tão grande quanto no dia anterior, embora mais mole agora, como gelatina. Tentei não olhar para os seios avermelhados que

pendiam sob o quimono dela. Ela estava cansada e pálida, mas me observou ansiosa enquanto eu me sentei numa cadeira e meu pai colocou, com muito cuidado, o bebê no meu colo. Ela era comprida, tinha um rosto vermelho achatado e um crânio bulboso e esquisito. Era molenga e indefesa, dobrando e estendendo o pulso minúsculo. Achei minha boneca nova bem mais bonita. Meu pai posicionou a câmera Polaroid, e eu levantei Grace como faria com um coelho premiado numa feira agropecuária.

Passsei a primeira noite de Grace em casa choramingando e dizendo “INTRUSA! DEVOLVE ELA!” até me cansar e adormecer na poltrona. A sensação era muito forte, tão distintamente trágica que nunca a esqueci, embora nunca mais a tenha sentido outra vez. Talvez seja essa a sensação de encontrar o seu marido na cama com uma amante. Talvez seja mais como ser demitida do emprego que você teve por trinta anos. Talvez seja simplesmente a sensação de perder o que é seu.

Desde o início, havia algo incompreensível em Grace. Controlada e opaca, ela não chorava ou expressava as suas necessidades como os bebês normais. Ela não era particularmente fofinha, e, quando você a abraçava (pelo menos quando *eu* a abraçava), ela se contorcia para fugir, como um gato nervoso. Uma vez, quando tinha cerca de dois anos, ela adormeceu em cima de mim numa rede, e fiquei sentada lá, tão imóvel quanto possível, desesperada para não acordá-la. Arrumei o cabelo macio dela, beijei suas bochechas gorduchas e passei o dedo indicador pelas sobrancelhas grossas dela. Quando Grace enfim acordou, foi num susto, como se tivesse adormecido em cima de um estranho no metrô.

O cercadinho de Grace ficava no meio da sala de estar, entre o sofá e a mesa de jantar na qual entalhei meu nome. Nossas vidas giravam em torno dela, meus pais falando em telefones idênticos, eu desenhando “meninas fashion” e “homens loucos”. De vez em quando, eu ajoelhava no chão na frente dela, encostava o rosto na rede da sua clausura e falava em voz fofinha: “Oiii, Graaacieeee.” Certa vez, ela se inclinou e colocou os lábios no meu nariz. Eles eram duros e finos

através da barreira. “Mãe, ela me beijou! Olha, ela me beijou!” Eu me inclinei para a frente de novo e ela mordeu com força meu nariz, com seus dois dentes novos, e depois riu.

À medida que ela crescia, eu a subornava para ganhar sua atenção e afeto: 1 dólar em moedas de 25 centavos se ela me deixasse maquiá-la como uma “gata motociclista”. Três balas se eu pudesse beijar seus lábios por cinco segundos. Eu a deixava assistir ao que quisesse na televisão, se “relaxasse em cima de mim”. Basicamente, eu tentava fazer todas as coisas que um predador sexual faria para atrair uma garotinha suburbana. Talvez, pensei, ela ficasse mais disposta a aceitar beijos se eu colocasse a máscara de hospital que minha avó usava quando fazia diálise. (A resposta foi não.) O que eu queria mesmo, além de afeição, era sentir que ela precisava de mim, que ficaria indefesa sem a irmã mais velha para guiá-la pelo mundo. Eu tinha um prazer perverso em dar notícias ruins para ela — a morte do nosso avô, um incêndio do outro lado da rua — na esperança de que o medo a jogasse nos meus braços, a fizesse confiar em mim.

— Vai ser melhor se você não se esforçar tanto — disse meu pai. Então, me contive. Mas, quando ela estava dormindo, eu entrava pé ante pé no seu quarto e ouvia a sua respiração: inspira, expira, inspira, expira novamente, até ela se virar para o outro lado.



Grace sempre deixou os adultos intrigados. Para começar, ela era inteligente. Seus interesses iam da arquitetura à ornitologia, e ela abordava as coisas muito mais como uma adulta do que com o capricho irritante de uma criança precoce. Quando eu era pequena, tinha uma timidez detestável, era de uma prepotência irritante, lia o dicionário “por diversão” e fazia pronunciamentos como: “Papai, ninguém na minha idade gosta de literatura de verdade.” Coisas que tinha ouvido pessoas “especiais” dizerem nos filmes. Grace simplesmente existia, cheia de sabedoria e mistério, razão pela qual

muitas vezes a encontrávamos nos banheiros dos restaurantes, falando com uma quarentona sobre a sua separação ou perguntando que gosto tinha um cigarro. Um dia, encontramos Grace na despensa bebendo vodca de uma garrafinha de avião, com nojo, mas curiosa.

Em apenas uma ocasião sua maturidade foi longe demais. Era o alvorecer das redes sociais e Grace, na época no quinto ano, me pediu para abrir uma conta para ela no Friendster. Juntas, listamos seus interesses (ciências, Mongólia, rock'n'roll) e o que ela procurava (amigos), e postamos uma foto desfocada dela jogando um beijo para a câmera e vestindo um maiô neon.



Uma noite, fui mexer no meu computador e a tela mostrava as mensagens do Friendster de Grace. Havia umas dez, todas de um cara chamado Kent: “Se você curte Rem Koolhaas, precisamos mesmo nos conhecer.”

Sempre alarmista, acordei minha mãe, que confrontou Grace sobre o assunto enquanto comíamos panquecas integrais na manhã seguinte. Lívida, Grace se recusou a falar comigo por vários dias. Ela não se importava que eu tivesse feito aquilo para protegê-la ou com o que “Kent, o representante de vendas de anúncios”, tinha em mente. Tudo o que importava para ela era que eu tinha contado o seu segredo.



Na faculdade, minha colega de quarto Jessica começou a namorar uma garota. Para mim, isso pareceu repentino e precipitado, uma

resposta à moda do politicamente correto em vez do desejo humano básico. “Ela está tentando provar que não é só mais uma patricinha rica”, falei para todo mundo. “Ela terminou com o namorado tipo duas semanas atrás! Ela só se interessa por sapatos e vestidos.”

A namorada dela, uma machona gentil e de rosto bonito, com óculos redondos e o cabelo de um galã dos anos 1950, já tinha se formado e ia de carro até Ohio em fins de semana alternados, quando eu era forçada a sair do nosso quarto e dormir no chão do quarto de alguém, para que elas pudessem chupar uma à outra por uma eternidade.

Às vezes, eu pedia a ela para me contar sobre sexo e se a vagina de outra mulher era bizarramente nojenta.

— Não — respondia ela. — Eu gosto mesmo de fazer isso. — “Isso” significava “sexo oral”.

Grace veio me visitar na faculdade num fim de semana e a levei a uma festa. Na época, ela tinha quinze anos, era só pernas, olhos e sardas, com cabelo castanho comprido e brilhoso e um jeans de 200 dólares que ela havia, de alguma forma, convencido meu pai de que precisava. Ficou num canto, rindo e bebericando a única cerveja que eu tinha prometido que a deixaria beber.

Como Oberlin era um paraíso liberal onde ser democrata era a norma, o grupo mais descolado na universidade era o time de jogadoras de rúgbi lésbicas que vestiam roupas neon. Elas dominavam todas as festas com suas playlists cheias de Kate Bush, pintura facial abstrata e energia pansexual. “Beijar é um passo de dança”, explicou uma vez a líder, Daphne.

E, naquela noite, Daphne notou Grace, seu narizinho de cachorrinho e os dentes grandes e irregulares que ainda não tinham amadurecido, e a arrastou para a pista de dança.

— Estamos vivas! — gritou ela, e Grace ficou constrangida, mas dançou. Desajeitada a princípio, depois com convicção, envolvida, mas não muito exaltada. Do sofá, a observei com orgulho. *Essa é a minha garota. Ela consegue se enturmar em qualquer lugar.*

— Sua irmã é gay — anunciou Jessica, no dia seguinte, dobrando a roupa recém-lavada espalhada por sua cama de casal.

— Como é que é? — perguntei.

— Só estou dizendo que ela gosta de garotas — acrescentou, despreocupada, como se estivesse me oferecendo uma dica útil de como economizar no seguro do carro.

Perdi o controle.

— Não, ela não gosta! Só porque você é gay por um *segundo* não significa que todo mundo também seja, tá!? Eu não me importaria se ela fosse, mas *se* ela fosse, eu saberia. Sou irmã dela, tá? Eu saberia. Eu sei de tudo.



Grace me contou que era lésbica quando tinha dezessete anos. Estávamos sentadas na mesa da sala de jantar comendo *pad thai*. Nossos pais tinham viajado, como costumavam fazer agora que estávamos crescidas o suficiente para cuidar de nós mesmas. Aos 23 anos e levando uma vida boa, coloquei um pouco do macarrão na boca enquanto Grace descrevia um encontro terrível com um garoto “desajeitado” de uma escola chique.

— Ele é alto demais — reclamou ela. — E *legal*. E se esforçou demais para ser sagaz. Ele colocou um guardanapo na mão e disse: “Olha, minha mão é *capada*.” — Ela hesitou. — E ele desenha tirinhas. E tem *diabetes*.

— Ele parece sensacional! — comentei. E depois, sem pensar muito, acrescentei: — Você é gay, por acaso?

— Na verdade, sim — respondeu ela, rindo e mantendo a compostura que tinha sido sua marca registrada desde que nasceu.

Comecei a chorar. Não porque não quisesse que ela fosse gay — na verdade, isso combinava perfeitamente com a imagem vergonhosa que eu tinha de mim mesma como a garota mais esquisita do bairro, que

explica minha sugestão recorrente para meus pais adotarem uma criança de um país do terceiro mundo. Não, eu chorei porque, de repente, tinha sido inundada por uma compreensão do quão pouco eu de fato sabia sobre os segredos, as dores e as fantasias que habitavam a cabeça da minha irmã quando ela deitava na cama à noite. Sua vida interior.



Ela sempre me pareceu opaca, um lindo mistério com monocelha, sempre um pouco além da compreensão da nossa família. Eu vinha falando aos meus pais, irmã, avó — a qualquer um que estivesse disposto a ouvir, na verdade — sobre os meus desejos desde muito nova. Vivo num mundo que é quase compulsivamente sem segredos.

Um dia, quando tinha três anos, Grace chegou em casa da pré-escola e anunciou que estava apaixonada por uma menina.

— O nome dela é Madison Lane — contou. — E vamos nos casar.

— Você não pode — falei. — Porque ela é uma menina.

Grace deu de ombros.

— Bem, nós vamos.

Mais tarde, isso virou uma das histórias favoritas da nossa família: o ano em que Grace foi gay, o caso Madison Lane. Ela ria, como se estivéssemos contando a história boba de uma criança qualquer. Nós ríamos como se isso fosse uma piada.

Mas não era piada. E a confissão de Grace não foi recebida como uma revelação, mas como a confirmação de algo que todos sabíamos, mas nos recusávamos a dizer. Durante todo o ensino médio, Grace se manteve longe das polêmicas. Ela era a presidente do clube de palestras e debates e participava de uma competição de retórica para

depois correr para as aulas de tênis vestindo saia branca jovial, cética em relação à histeria hormonal que assolava suas amigas. Ela é madura demais, pensamos, *incomum* demais, para se deixar levar por paixões. Dissemos: “A faculdade será a hora dela. Para satisfação, descanso, garotos.”

Grace foi educada, firme e impassível ao responder as minhas perguntas, continuando a comer seu *pad thai* devagar, verificando seu celular a cada minuto. O básico: quando você descobriu? Está com medo? Está gostando de alguém? Além das que não consegui perguntar: *O que eu já disse que decepcionou você? O que deixei de fazer ou o que fiz que fez você se sentir sozinha? Para quem você contou antes de mim? A culpa é minha por causa da máscara de hospital?*

Ela contou que já havia tido um romance, uma garota chamada June que foi sua colega de quarto num intercâmbio de verão em Florença. Elas se beijaram em quase todas as noites e, acrescentou, “nunca falaram muito sobre isso”. Tentei imaginar June, mas só consegui conceber um manequim branco feito neve usando uma peruca.

Meu incômodo com segredos fez com que esperar Grace contar aos meus pais se transformasse em tortura. Implorei a ela que se abrisse para eles, dizendo que era para seu próprio bem — mas sabendo que era para o meu. Saber a verdade, a divisão que isso criava na nossa casa, era demais para mim. Nunca me senti confortável com o que não era dito, e não havia nada que eu não dissesse. Mas Grace ainda não estava pronta, apesar das minhas tentativas de convencê-la e dos meus chutes por baixo da mesa de jantar. Consegui manter a boca fechada, apesar do medo de ter um ataque de Tourette e gritar *a Grace é gay!*

Certa manhã, minha mãe saiu do quarto com os olhos inchados, descabelada e ainda de roupão.

— Não dormi nada — disse ela, cansada. — Grace está escondendo algum segredo, tenho certeza.

Engoli em seco.

— O que você acha que é?

— Ela fica até tarde na escola, me ignora quando pergunto como foi o dia dela. Parece distraída. Acho... — continuou, tomando um gole sofrido do seu café. — Acho que ela está tendo um caso com o professor de latim.

— Mãe, *não* — rebati.

— Então como você explica isso?

— Pensa bem — rosnei. — *Pensa*. — Esperei, embora não o bastante para ela entender. — A Grace é gay!

Ela chorou mais do que eu, como uma criança espantada. Ou como uma mãe que tinha chegado a uma conclusão equivocada.

Alguns anos após sair do armário, Grace admitiu que os encontros com June eram mentira. Ela tinha inventado tudo aquilo como um meio de provar que era de fato gay a todos que a questionavam. Fiquei aliviada ao saber que ela não tinha se apaixonado sem me contar.



Grace está se formando na faculdade. Quatro anos longe de casa diminuíram o seu mistério e aprofundaram o seu autoconhecimento. Ela desabrochou como um adulto estranho e surpreendente, ainda com uma tendência a períodos distantes e mal-humorados, mas também com uma gargalhada sonora e um desejo por diversão constante e agressiva. Às vezes, ela me abraça e faz cócegas, e seus dedos longos e frios me irritam, uma reviravolta que nunca achei possível. Quando ela escreve, o que não é frequente, morro de inveja do modo como a mente dela funciona, do fato de que ela parece criar apenas para o seu próprio prazer e não para ser conhecida.

Ela se veste como uma criminosa havaiana, camisas estampadas largas e ternos mal ajustados, sapatos mocassim sem meias. Sua atitude com relação a sexo é mais moderna do que a minha e tem um elemento radical que sempre busquei, mas nunca encontrei. Ela acorda com o cabelo num coque e sai de casa assim, para muitas vezes

só voltar bem tarde. Ela gosta de mulheres incomuns, com narizes fortes, olhos de boneca e disposição criativa. Tem um senso de justiça social forte e facilidade de perceber anacronismos e contradições. Ela é magra, mas fisicamente preguiçosa. Os homens a adoram.





10 razões por que eu <3 Nova York

1. Porque todo mundo se mete em tudo, mas toda história começa com: “Lá estava eu, cuidando da minha própria vida...”
2. Porque as regras, na verdade, estão mais para sugestões.
3. Porque é mais do que apenas Manhattan, ou mesmo o Brooklyn. Lugares como Roosevelt Island, City Island e Rikers Island! Você sabia que existe uma comunidade alternativa em Staten Island que tem um chef anão? Você sabia que tem uma mansão colonial no Brooklyn onde um cirurgião japonês vive com a esposa cega, ou pelo menos foi o que me disseram? Você sabia que é possível comprar em Chinatown uma tartaruginha com salmonela extremamente contagiosa tão fofa que você vai querer arriscar?
4. Tenho uma paixão por motoristas de táxi. Concordo plenamente com a afirmação de que não existe um grupo de seres humanos mais sensacional, diverso e excêntrico neste planeta do que os homens (e as raras mulheres) empregados pela Comissão de Táxis e Limusines de Nova York. Meu pai dirigiu um táxi por seis meses no final dos anos 1970, e eu dizia a todos no segundo ano que esse ainda era o seu emprego.
5. Porque todo mundo odeia terno. Até mesmo quem usa terno.

6. Porque, se eu vir mais um filme que é uma “carta de amor a Nova York” ou no qual “na verdade, Nova York é o terceiro personagem do romance”, vou explodir de raiva e, mesmo assim, reconheço que nada fica melhor na tela do que uma esquina de Midtown durante o inverno ou a balsa para Staten Island em meados de agosto.

7. Por causa da farmácia 24 horas na esquina das ruas 48 e 8, onde um pedido desesperado por mais ansiolítico às três da manhã é tratado como uma compra de leite às cinco da tarde em Bethesda.

8. Porque as pessoas talvez não sejam educadas, mas, quando é preciso, elas são algo melhor do que educadas: são gentis. Sempre deixam você tomar o seu chá quando não tem dinheiro trocado. Ou deixam você pegar o primeiro táxi disponível se estiver chorando. Ou deixam você usar o banheiro mesmo quando não comprou nada no estabelecimento. Ou correm para ajudá-la quando você enfia o pé num buraco usando sapatos plataforma e cai estatelada no chão. Ajudam você a capturar o coelho aterrorizado e de orelha caída que vive num estacionamento de supermercado há semanas. Ensinam a você como chegar em casa.

9. Porque todas as mulheres são alvo de cantadas na rua. E, repito, *todas*. Se você tiver uma vagina, de nascença ou por escolha, será chamada de “*mami*”, “gracinha” ou “Britney Spears”. E as cantadas podem ser muito criativas! Uma vez, minha irmã mais nova andava pela rua com seus óculos de aro grosso e um mendigo murmurou: “Fala coisas de nerd para mim.”

10. Porque nasci aqui, e Nova York não me é estranha: ela está entranhada em mim como uma doença crônica. Às vezes, estou andando no Soho ou em Brooklyn Heights e um cheiro, algum tipo de ar estagnado, me paralisa. Envolvida por aquele odor: foi como me senti ao ser arrastada para casa do Balducci’s numa noite quente, com uma bolha causada pela minha sandália de borracha, suplicando a cada passo por um táxi e percebendo com horror que estava tão perto

de casa que até conseguia vê-la, mas continuava a pé. A vista sombreada da sala de espera da minha dentista, antes de ela enfiar os dedos gordos na minha boca. O dia em que estávamos tão atrasadas para a escola e chovia tanto que pegamos uma carona na traseira de um caminhão de leite de soja, algo que minha mãe nega até hoje. Sentava num beco com alguns caras de outra escola, observando eles fumarem. Esperava os meus pais chegarem em casa porque perdi minhas chaves e mijava no vaso de planta de alguém. Olhava para baixo e percebia que estava, inexplicavelmente, com lama até os joelhos. O dia em que peguei um táxi no dia do meu aniversário e ele atropelou uma idosa e ela ficou estirada na rua, a dentadura jogada no chão, e o motorista do táxi ficou segurando a cabeça ensanguentada dela, e eu me encolhi toda até o pedestre que se encarregou de tirar o carro do cruzamento enfim perceber a minha tentativa de me esconder e eu murmurar: “É o meu aniversário.” O dia em que eu passeava com o meu cachorro usando um vestidinho de verão e flertei com um cara de bicicleta, e ele bateu num carro estacionado e eu saí correndo. Cada esquina é uma memória. Por esse ângulo, ela é igual a qualquer outra cidade.

SEÇÃO IV
Trabalho





Isso era para ser engraçado?

Aproveitando ao máximo a sua educação

NINGUÉM ACREDITA nesta história.

Foi na primavera do terceiro ano; a nossa turma estava numa excursão para um lugar chamado Nature's Classroom [Sala de Aula da Natureza], onde passaríamos três dias aprendendo sobre trabalho em equipe, ecologia e história num canto remoto do norte do estado de Nova York. Detestei a ideia desde o momento em que tomei conhecimento dela, dois meses antes, e levei a autorização para os meus pais assinarem com a esperança secreta de que eles a devolveriam dizendo: *Nem pensar! Filha nossa não vai para o meio do mato por três dias! PODE ESQUECER.*

Eu não tinha amigos. Se era por escolha ou não, eu parecia incapaz de esclarecer para mim mesma ou para os meus pais, que obviamente estavam preocupados. Eu ficava ansiosa só de ficar longe da minha família ao longo dia, ligava para a minha mãe a cobrar todos os dias na hora do almoço e sentia um nó no estômago quando

não conseguia falar com ela. A melhor notícia que eu poderia ter recebido era que meus pais tinham decidido me educar em casa para acabar com qualquer tentativa de socialização e simplesmente me deixariam passar o dia com eles nos seus estúdios, onde eu sentia que pertencia.

É sério, odiei a escola desde o dia em que pisei nela. Meu pai costuma repetir a história da minha reação inicial ao jardim de infância: voltei para casa depois do primeiro dia e desabei na minha escrivadinha minúscula.

— Então, como foram as coisas? — perguntou meu pai.

— Foi divertido — respondi. — Mas acho que não vou voltar.

Com cuidado, ele explicou que não era uma opção, que a escola está para as crianças como o trabalho para os adultos: é o que as pessoas fazem. E que eu teria de ir todos os dias, fizesse chuva ou fizesse sol, podendo em raras exceções faltar por causa de alguma doença, até completar dezoito anos.

— Só então — continuou ele — você pode decidir o que fazer da sua vida.

Faltavam treze anos para aquele momento chegar. Eu não conseguia imaginar mais treze minutos daquilo, muito menos treze anos.

Mas lá estava eu, no terceiro ano, indo para o norte do estado numa van com quinze pessoas, enquanto Amanda Dilauro me mostrava um monte de fotos de sua gata Shadow. A primeira coisa que fiz quando chegamos no nosso beliche foi atirar minha mochila no colchão de plástico e vomitar.

Nos dias que se seguiram, fomos levados de atividade em atividade. Tocamos tamborins, pesamos os restos das nossas comidas antes de acrescentá-los à pilha de compostagem, fingimos que ovos eram nossos bebês preciosos e os carregamos para todos os lados em xícaras acolchoadas, penduradas no pescoço com barbante. E, então, no último dia, chegou a hora da falsa trilha de fuga dos escravos.

Essa é a parte em que ninguém acredita.

— Nenhum adulto faria isso — diz todo mundo. — Você não está lembrando direito.

Na verdade, lembro perfeitamente. Os monitores nos “amarraram” uns aos outros com cordas de pular como se fôssemos “famílias de escravos” e depois nos soltaram na mata. Eles nos deram um mapa com uma rota para a “liberdade” no “Norte”, que deveria ser de apenas cem metros, mas parecia muito mais longa. Então, um monitor a cavalo saiu no nosso encalço dez minutos depois, fingindo ser um caçador de recompensas. Ao ouvir o som de cascos, me agachei atrás de uma pedra com Jason Baujelais e Sari Brooker, implorando para eles ficarem quietos para não sermos pegos e “chicoteados”. Eu era jovem, egocêntrica e alienada demais para imaginar o tipo de impacto que aquilo tinha nos meus colegas negros. Tudo o que eu sabia era que estava muito infeliz. Ouvimos o som de cascos se aproximando e a leve respiração asmática de Max Kitnick detrás de um carvalho. “Cala a boca”, rosnou Jason, e eu sabia que estávamos fritos. Quando o monitor apareceu, Sari começou a chorar.

De volta ao acampamento, o monitor que era o caçador de recompensas voltou a ser monitor e explicou quantos americanos viajaram pela linha de fuga dos escravos e quantos não sobreviveram. Enquanto falava, puxou uma cartolina com a linha do tempo da Guerra de Secessão, e tudo o que pensei foi: isso é idiota. Isso é muito, *muito* idiota.

Qual lição tiraríamos de sermos amarrados aos nossos colegas e perseguidos por um pônei? Será que de repente entenderíamos, seríamos capazes de imaginar em profundidade a experiência dos escravos americanos?

Um mês após o Nature’s Classroom, meu irmão escravo Jason Baujelais foi suspenso por usar a palavra “crioulo”. O exercício tinha sido um fracasso.



O quinto ano era o momento em que passávamos para o segundo ciclo do ensino fundamental, e isso trazia privilégios: matérias eletivas, sextas-feiras de pizza e tempos livres na biblioteca. Minha sala de aula no quarto ano ficava do outro lado do corredor da sala de história do quinto, e às vezes o professor daquela turma, Nathan, deixava a porta aberta para que pudéssemos ouvi-lo falando sobre a Mesopotâmia a um grupo de alunos de onze anos às gargalhadas. Eu já tinha visto Nathan por lá. Ele era a definição perfeita de desengonçado. Seu cabelo começava a rarear e suas roupas eram parecidas com as de Bob Saget, mas ele demonstrava um ar juvenil ao saltitar pela sala, fazendo vozes bobas como a de Dana Carvey, minha favorita, e organizando competições para ver quem conseguia dizer “tipo” menos vezes. Todos os alunos do quinto ano diziam que ele era o máximo.

Um dia, nosso hamster do quarto ano, Nina, teve filhotes. Seis. Eles pareciam tomates mastigados, como descrevi para a nossa professora quando a chamei para ver a gaiola. “Acho que ela vomitou umas frutas ou algo assim.”

Os alunos se amontoaram ao redor da gaiola, mas à tarde já tinham perdido o interesse. Eu, por outro lado, fiquei obcecada, sobretudo com o menor da ninhada, que era preto e branco e do tamanho de um feijão. Batizei-o de Pepper. Quando Pepper cresceu, ficou evidente que havia algo errado: suas patas traseiras eram unidas por um tipo de membrana, que parecia um chiclete cor-de-rosa esticado e fininho. Como resultado dessa deformidade, ele precisava se arrastar com as patas dianteiras e costumava sempre ficar para trás. Kathy, nossa professora, ficou preocupada: Pepper não conseguiria chegar até a tigela de comida a tempo, sofreria bullying pelos outros filhotes ou coisa pior. Nathan, ela me contou, era um especialista em hamsters. Ele tinha quinze em casa. Talvez eu pudesse levar Pepper até o outro lado do corredor e ver o que ele tinha a dizer.

Eu me aproximei com cautela na hora do almoço, carregando Pepper numa caixa de sapatos aberta. Parei na porta, observei por um

momento Nathan na sua mesa, debruçado em um sanduíche, um suco de caixinha e um romance de gente grande.

— Oi?

Nathan olhou para cima e respondeu:

— Oi.



Hesitante, expliquei a situação, tentando ao mesmo tempo transmitir a gravidade do caso de Pepper e absorver a realidade de uma *sala do quinto ano*. Ele fez um gesto para eu lhe entregar a caixa. Espiou dentro, pegou Pepper com um gesto confiante, segurando-o pelas minúsculas axilas enquanto examinava as extremidades inferiores. Então tirou uma tesourinha de unha de uma gaveta da mesa, e eu o observei cortar e separar as patas de Pepper.

— É fêmea — revelou ele. Ela guinchava e chutava com seus pés recém-separados. — Ela vai ficar bem.

. ♀ .

No ano seguinte, quando cheguei à aula de Nathan, senti como se já o conhecesse. Ele agiu assim também. E percebeu que eu adorava ler, escrever e encenar, e também que não tinha amigos. Ele me convidou para almoçar com ele para eu não precisar ficar no pátio com todo mundo que eu odiava, escondida num canto para me aquecer enquanto os esportistas suavam e tinham que tirar algumas das camadas de roupa. Em geral, acabávamos conversando: sobre livros, roedores, coisas que me apavoravam. Ele me contou que a esposa tinha morrido logo depois do nascimento da filha, e que ele tinha se casado de novo, mas não gostava tanto da atual mulher. Disse que era

difícil encontrar alguém com quem se deseje passar tanto tempo junto. O comportamento dele variava: em alguns dias, era calmo e engraçado. Em outros, era inquieto e tenso, parando toda hora para aplicar descongestionante nas narinas. “Alergia estúpida.”

Eu nunca havia tido um professor que falasse comigo daquela maneira. Como se eu fosse uma pessoa cujos sentimentos e ideias fossem importantes. Ele não era apenas legal. Ele me via como eu sentia que era: sofregamente brilhante, incompreendida, cheia de contos, poemas e piadas contadas na hora certa. Ele me disse que as crianças populares nunca se tornam adultos interessantes e que as crianças interessantes nunca eram populares. Pela primeira vez, eu ansiava por ir à escola. No momento em que entrava na sala, ele me notava e eu tinha certeza de que seria ouvida naquele dia.

Ele me chamava de “My Lena”, minha Lena, o que acabou virando Malena. Em certo ponto, começou a massagear o meu pescoço enquanto falava para a turma. Desenhava um coração no quadro todas as vezes em que eu dizia “tipo”, mas fazia só um sinal de visto no caso dos outros alunos. Eu estava apavorada com o que os outros alunos pensavam e empolgada por ter sido escolhida. Um dia, ele levou a filha para a aula, e ela se sentou no seu colo durante o almoço, bebendo um suco de caixinha, os pés balançando, raspando o chão. Ela era a cara dele, só que com uma peruca. Eu queria matá-la.

Naquele inverno, Jason Baujelais (que aparentemente tinha sido perdoado pelo incidente da palavra que começa com “c”) anunciou que não tinha feito o dever de casa.

— Bom, isso é um problema — disse Nathan, de braços cruzados.

— Você nunca obriga a Lena a fazer o dever de casa — rebateu Jason.

Congelei. Nathan se aproximou de mim devagar e pediu que eu abrisse a mochila. Obedeci, apavorada com o que poderia cair dela. Havia um monte de exercícios inacabados, trabalhos incompletos,

tudo o que ele tinha parado de me cobrar. Ele disse que preferia ler as minhas histórias.

— É bom que você termine tudo isso até amanhã — disse.

Eu tinha pegado uma nota de 1 dólar que tinha caído da mochila e estava com ela nas mãos, remexendo-a com a mão suada. Ele a tomou.

— Você pode pegar isso depois da aula.

Quando a sala esvaziou, fui falar com ele.

— Oi. Posso pegar a minha nota?

Ele sorriu e a guardou dentro da camisa.

— Ok, agora não quero mais — falei, rindo, esperando que aquilo acalmasse a situação.

Ele atirou o dólar na minha direção.

— Meu Deus, Lena. Você gosta muito de falar, mas na hora de agir...

Anos se passariam até eu entender o que ele quis dizer com aquilo, mas não gostei do tom e contei à minha mãe, que pareceu ter visto um desfile de fantasmas.

— Aquele pervertido filho da puta — disse ela, ligando furiosa para o meu pai. — Vem para casa agora.

Na manhã seguinte, ela entrou na escola comigo em vez de me deixar na porta da frente. Esperei do lado de fora da sala do diretor, ouvindo fragmentos da voz confusa, porém obviamente zangada da minha mãe. Encarei o chão de linóleo, perguntando-me se estava encrencada. Depois de algum tempo, ela saiu de repente da sala e agarrou minha mão.

— Vamos sair desta porra agora.

Quinze anos depois, conheci um homem cuja filha estava na turma de Nathan, em outra escola num bairro diferente.

— Ah, fica de olho — avisei-lhe como quem não quer nada, tentando parecer mais tranquila do que me sentia. — Ele agiu de forma inapropriada comigo.

O rosto dele se fechou.

— Essa é uma acusação muito grave.

— Eu sei — respondi, correndo para o banheiro antes que ele me visse chorar.

Lembrei de novo que há muitas coisas de que precisamos que também podem nos ferir: carros, facas, adultos. Lembrei como ninguém presta atenção de verdade nas crianças.



Mudei de escola no sétimo ano. Fui para uma instituição com valores parecidos com os meus, e durante seis anos a escola foi o melhor que podia ser. Escrevi poemas, épicos prolixos com palavrões e referências casuais a suicídio, mas que não me levaram para o psicólogo da escola. (Não sei se havia um psicólogo na escola.) Montávamos peças, algumas sobre lésbicas ou criadores de gatos, ou ambos. Os nossos professores nos envolviam em debates animados e estavam sempre dispostos a dizer “Não sei” quando não sabiam a resposta. Eu tinha permissão para distribuir informações sobre veganismo na escada. Um professor e eu tivemos um mal-entendido e “o resolvemos na conversa”. Não pareceu inapropriado. Pareceu verdadeiro.

Não fui uma aluna perfeita — longe disso. Naquela época, tomava remédios demais e me sentia exausta, vestia pijamas e um chapéu antigo com um véu. Lutava para ficar acordada na aula de história da arte. Tinha problemas com autoridade. Mas vivia num mundo onde éramos compreendidos e apreciados pelo que tínhamos a oferecer. Eu podia levar meu cachorrinho para a aula de educação física. Meu melhor amigo tocava um didjeridu que comprou na internet. Era o melhor cenário para o pior problema: o fato de que o governo nos obriga a ir para a escola. E quando, por fim, chegou a hora de ir embora, eu não estava pronta.



Cheguei animada em Oberlin, empolgada por ter sido aceita e pronta para aprender com um *A* maiúsculo. Estava louca para me tornar um ícone da escrita criativa e tinha preparado um “portfólio” com os meus poemas e contos para a chefe do departamento. Com uma calça de veludo bem acadêmica, esperei do lado de fora do escritório dela durante o expediente para discutir as minhas obras com ela.

— Bem — disse ela. — Está na cara que você escreve muito.

— Ah, obrigada! Escrevo, sim. Todos os dias! — respondi, alegre como se ela tivesse feito um imenso elogio e não apenas uma constatação.

— Há momentos interessantes, mas você não apresenta uma habilidade específica para qualquer gênero. Os poemas parecem contos. Os contos parecem peças.

Concordei com a cabeça, tipo, *ótimo argumento*.

— Sim! Eu também escrevo peças.

— E o conto — continuou ela — sobre a falsa rota de fuga dos escravos. Ele mais parece uma sátira, como algo tirado do *The Onion*. É um pouco forçado, óbvio.

Tudo o que consegui dizer foi uma frase tímida.

— Mas isso realmente aconteceu comigo.

Ela assentiu, pouco convencida.

Ela me deixou entrar no curso, mas com ressalvas. A minha raiva por esse breve encontro me deu gás e me tornei a garota mais combativa de todas as oficinas de escrita. Aquela que cortava frases inteiras de forma dramática na frente do autor da obra. Aquela que postulava a frase sempre muito útil “E se TUDO isso for uma merda?”. Eu tinha implorado para entrar e, então, queria sair. Mas primeiro queria que todo mundo percebesse o que eles estavam fazendo com a gente, aqueles professores. Eles nos tiravam da nossa perspectiva, nos ensinavam a escrever como os poetas que admiravam — ou, pior, como eles próprios. Havia apenas três professores de quem eu gostava. O primeiro porque parecia ter outros interesses, o segundo porque fumava e xingava e um terceiro porque a ex-mulher escreveu

um livro de memórias — que vendeu bem — contando que tinha sido traída por ele com uma professora de francês. Ele no momento estava com outra professora de francês, usava um brinco de diamante e parecia não ter se abalado.



Meus pais têm problemas com figuras de autoridade. No segundo ano, minha mãe foi mandada de volta para casa por tentar organizar um protesto em que todas as garotas desafiariam o código de vestimenta e usariam calças. Ela achava os professores não apenas entediados, mas nojentos, sobretudo os que tentavam abraçar a contracultura. Eles não conseguiam enganá-la com seus cabelos longos divididos no meio, seus colares de âmbar e o uso constante da palavra “*vibe*”. Mesmo agora, como professora de meio período, ela fica horrorizada só de pensar em alguém lhe dizendo o que pensar ou fazer. Ela também é contra a socialização com os alunos, aflita de pensarem que está dando uma de “professora maneira”. “Não há nada mais detestável do que ser a mulher mais velha da festa”, ela gosta de dizer.

Meu pai, por sua vez, começou a carreira acadêmica como a estrela das escolas públicas de Southbury, Connecticut. Representante de turma, líder do clube do livro, sorriso dentuço e gravata no cartaz de Estudante do Mês. Mas, como todos os homens da sua família, ele mais tarde foi enviado para o colégio interno e, quando chegou a Andover, tinha quinze anos, cabelos despenteados e raiva e se recusava a ir à missa ou mesmo às aulas. Quando li *O apanhador no campo de centeio*, achei a história muito familiar, como uma continuação das que o meu pai contava durante uma longa viagem de carro. A sua jornada, de exemplo de excelência acadêmica a vagabundo drogado, era uma narrativa clássica, mas potente. Eu ficava orgulhosa ao imaginar o momento em que ele percebeu que

tudo aquilo era babaquice, cara, e da coragem dele por não se deixar levar pela correnteza. Certa vez, ele faltou a uma aula para andar pelo bosque e pela superfície de um lago congelado e acabou caindo na água gelada. Depois de um esforço terrível, ele se agarrou no gelo, saiu da água e correu, ensopado, de volta para a segurança do alojamento. Mas a vida dele tinha passado diante dos seus olhos. Ele podia ter morrido. Afinal, ninguém sabia onde ele estava.



Minhas fases de boa aluna na faculdade foram breves. Chegar cedo no meu seminário com uma caneca de chá, tomar notas corretas com uma lapiseira, carregar livros junto do peito como uma garota num filme sobre Radcliffe. Eu adorava fazer as coisas do jeito certo — a comodidade de tudo aquilo, a organização dos meus objetivos, que eram apenas entender e expressar esse entendimento.

Mas, inevitavelmente, tudo isso se esvaiu. Um mês após o início do semestre, eu voltava a chegar vinte minutos atrasada à aula, com um pacote de salgadinhos de queijo e uma xícara de canjica fria, e sem o meu caderno. As recompensas não eram suficientes para me manter concentrada nas minhas tarefas, e a vida atrapalhava tudo. Minha mente viajava para o futuro, para depois da faculdade, quando eu criaria minha própria agenda, que atenderia minha necessidade de comer um lanchinho gorduroso a cada cinco ou quinze minutos. E a decepção gravada no rosto do professor? Eu não podia e nem queria me preocupar com aquilo.



Cheguei quinze minutos atrasada para a minha formatura. Minha mãe esqueceu o vestido de seda cor de pêssego que planejei usar, então comprei um sari vintage e preni o cabelo no topo da cabeça, caminhei até o arco no meio da praça Tappan e esperei pelo começo da música. Meu namorado, já formado, estava deitado no gramado. Meu pai se perguntava por que ele estava de terno. Tínhamos duas opções: dar a volta no arco da praça Tappan se não apoiássemos os missionários imperialistas que o ergueram, ou atravessá-lo se não soubéssemos ou não nos importássemos. Não consigo lembrar qual opção escolhi, apenas que não acreditava que nunca tinha notado a oboísta grávida na fila à minha frente. Enquanto andamos pelo jardim, acenei com a cabeça para os professores elegantemente vestidos nos seus trajes estilo Hogwarts pelo décimo, trigésimo, quinquagésimo ano seguido. *Até mais, seus filhos da puta.*



Vou para Oberlin no meio do inverno para dar uma “palestra inaugural” na capela Finney, a maior e mais histórica construção do campus. Numa recaída inconsciente de minha experiência na faculdade, me esqueci de colocar na mala meias-calças e calcinhas, e tive de passar o fim de semana sem usar nada por baixo de uma saia de lã, apenas meias três-oitavos. Uma garota que nem sequer estuda lá me leva para fazer um passeio pelo campus como se eu fosse uma

estranha. Paramos num café novo em folha para tomar chá e comer bolinhos. Ela me pergunta se quero fazer um tour pelos alojamentos — não, só quero vagar por aí sozinha e talvez chorar.

É difícil acreditar que eu me formei há seis anos. Pessoas mais velhas riem da minha ingenuidade e dizem que seis anos não são nada numa vida. Agora, porém, o tempo que passou desde que saí da faculdade é maior do que o que passei lá dentro. Em breve, minha vida como estudante estará tão distante quanto uma colônia de férias.

Vou ao sótão do Burton Hall, onde organizaram uma sessão de perguntas e respostas, com alunos de jornalismo num confuso semicírculo ao meu redor. Tomo cuidado para manter as pernas cruzadas e evitar a manchete “Ex-aluna expõe a vagina”. A maioria faz perguntas doces e neutras: “Qual o lugar que você acha mais bonito em Oberlin?”, “Se pudesse fazer uma disciplina novamente, qual seria?”. Outros são mais incisivos e parecem estar atrás de um grande furo:

— Como é ser um componente pequeno nas narrativas de privilégio e opressão de tantas pessoas?

Não tenho uma resposta boa. Olho ao redor em busca de um rosto solidário antes de murmurar:

— Tem gente bem pior do que eu.

Uma aluna me alerta que planejaram um protesto do lado de fora da minha palestra esta noite, embora ela não saiba explicar exatamente do que se trata. Isso me lembra da vez em que participei de uma passeata estudantil — saí da aula de história e esperei o tempo inteiro que alguém me contasse para onde estávamos indo e por quê.

Naquela noite, no palco da capela Finney, me sinto ansiosa e inexperiente, como se tivesse algo para provar e nenhuma vontade de fazê-lo. Fiz uma trança e senti que ela aos poucos se desfazia pescoço abaixo em mechas molhadas. Um professor escolhido faz perguntas inteligentes, e eu respondo da melhor maneira que consigo, com frases curtas que funcionaram no passado.

— Acho que é preciso tocar na polêmica que cerca o seu trabalho — diz ele.

— Tudo bem, manda ver! — Tento falar com calma e coragem, mas a voz parece mais um guincho. — Manda ver, e diz para aqueles manifestantes entrarem, e vamos conversar como adultos, não apenas como um bando de malucos com placas! Vamos conversar e simplesmente RESOLVER tudo! Porque, no fim das contas, estamos todos putos com a mesma coisa, sabe? Seremos obrigados a ir para a faculdade.

Ele olha para mim com o rosto inexpressivo. A plateia se agita, por desconforto ou confusão, ou as duas coisas. Logo percebo que não tem nenhum manifestante, provavelmente nunca teve. Se planejaram alguma coisa, já tinham se dispersado. Só estamos eu e eles. Nós.

Na manhã seguinte, parto às oito da manhã. Dirigindo pela cidade coberta de neve, vejo minhas memórias com clareza. Lá estou eu, no meu casaco longo, que parecia um saco de dormir, arrastando os pés para a aula, vinte minutos atrasada numa manhã de terça-feira. Lá estou eu no que antes era a videolocadora, com os braços abarrotados de fitas VHS. Lá estou eu na lanchonete, pedindo não um, mas dois sanduíches de ovo. Lá estou eu na academia, usando uma bicicleta ergométrica do início dos anos 1980 e lendo um livro chamado *Bosnian Rape* [“Estupro da Bósnia”].

E lá estou eu, bêbada numa noite de primavera, arrancando o absorvente interno e o jogando numa moita do lado de fora da igreja. Lá estou eu me apaixonando perto do bicicletário. Lá estou eu lentamente me dando conta de que minha bicicleta desapareceu desse mesmo bicicletário, roubada enquanto eu dormia. Lá estou eu ligando para o meu pai nos degraus do museu de arte. Lá estou eu ouvindo sem prestar muita atenção uma professora me dizer que preciso começar a frequentar as aulas com mais regularidade. E lá estou eu, também, arrastando um sofá rasgado para dentro do teatro experimental com meu “cenógrafo”.

Se eu soubesse o quanto sentiria saudade dessas sensações, eu poderia tê-las vivenciado de outra forma, reconhecido seu glamour banal e respeitado o tique-taque do relógio que definiu toda essa experiência. Teria colocado meu ressentimento de lado, abaixado a guarda. Eu poderia ter um conhecimento básico da história ou da economia europeia. De uma forma mais abstrata, poderia sentir que de fato tinha *estado* em algum lugar, aberta, porosa e com vontade de aprender. Porque ser estudante era uma identidade invejável, uma que só poderei recuperar se um dia me matricular num curso livre de produção de livros ou coisa do tipo.



Sempre tive talento para reconhecer quando estou num momento digno de saudades futuras. Quando eu era pequena, minha mãe voltava para casa de uma festa, o cabelo frio por causa do vento, o cheiro do perfume quase imperceptível e, nos lábios, apenas os restos do batom vermelho, e murmurava para mim: “Você ainda está acordada! Oiiii.” E eu pensava em como ela era bonita e como eu sempre ia querer me lembrar dela daquele jeito, saindo do elevador no seu casaco de lã verde-ervilha, aos 39 anos. Meus dezesseis anos, deitada na doca à noite, com o meu namorado da colônia de férias, dando golinhos de vodca. Mas a escola foi tão repulsiva para mim, tão marcada pelo desejo de *acabar*. Essa é parte da razão por que dói tanto ver aquele lugar de novo.

Não absorvi a essência da sala de aula. Não fiz anotações claras nem dancei a noite toda. Achei que acabaria me casando com o meu namorado, envelheceria e ficaria de saco cheio dele. Achei que manteria os meus amigos e que teríamos lembranças novas e

diferentes. Nada disso aconteceu. Coisas melhores aconteceram.
Então, por que ainda estou triste?



Luvinhas de couro

A alegria de perder tempo

Lembro quando a minha agenda era tão flexível quanto ela.

— DRAKE

TRABALHEI NA LOJA de artigos para bebês por nove meses.

Recém-formada, larguei o emprego de garçonne de repente, sem mais nem menos, fazendo meu pai gritar:

— Você não *pode* simplesmente fazer uma coisa dessas! E se você tivesse filhos?

— Bom, graças a Deus não tenho! — gritei em resposta.

A essa altura, eu vivia num espaço pouco maior do que um closet no fundo do loft dos meus pais, um cômodo que eles tinham designado para mim porque achavam que eu me formaria e sairia de casa, como uma pessoa em fase de amadurecimento. O quarto não tinha janelas e, por isso, para ter um pouco de luz do dia, eu precisava abrir a porta do quarto claro e arejado da minha irmã. “Sai daqui”, rosnava ela.

Eu estava desempregada. E, embora tivesse um teto sobre minha cabeça (o dos meus pais) e comida (também tecnicamente deles), meus dias não tinham estrutura, e a decepção das pessoas que me amavam (meus pais) era palpável. Eu dormia até meio-dia, reagia na defensiva quando me perguntavam sobre os meus planos para o futuro e engordava como se isso fosse uma profissão viável. Eu me tornava o tipo de adulto que causa preocupação aos pais.

Eu tinha sido ambiciosa no passado. Na faculdade, tudo o que eu parecia fazer era lançar revistas literárias com nomes inexplicáveis, produzir peças de teatro experimental e entrar em times de esportes coletivos (rúgbi, nem que fosse só por um dia). Era ansiosa e faminta: por arte nova, amigos novos, por sexo. Apesar da minha ambivalência com relação à academia, a faculdade era um programa maravilhoso, centenas de horas para dedicar a mim mesma como se eu fosse um jardim. Mas agora eu tinha voltado à estaca zero. Nada de notas. Nada de semestres. Nada de sites com resumos de livros, em caso de emergência. Estava perdida.

Não era que eu não tivesse planos. Ah, eu tinha planos. Mas nenhum que aquelas mentes pequenas pudessem entender. Minha primeira ideia era ser assistente de um detetive particular. Sempre fui acusada de bisbilhotice extrema, então por que não transformar essa falha de caráter em dinheiro vivo? Após pesquisar no Craigslist, no entanto, ficou claro que a maioria dos detetives particulares trabalhava sozinho — ou, quando precisava de assistentes, queria alguém com uma aparência sensual que pudesse atrair maridos infiéis. A segunda ideia era ser padeira. Afinal, adoro pão e qualquer coisa feita com pão. Mas não, esse trabalho envolvia acordar às quatro da manhã todos os dias. E aprender a assar. Que tal então ser professora de artes numa pré-escola? Acabava que isso envolvia mais do que apenas uma paixão por colares de macarrão. Não havia nenhum trabalho típico de comédia romântica me esperando.



O único lado bom da minha situação era poder retomar contato com minhas amigas mais antigas, Isabel e Joana. Estamos todas de volta em Tribeca, o mesmo bairro onde nos conhecemos na pré-escola. Isabel estava se formando em escultura, morando com um pug idoso chamado Hamlet, que certa vez teve a cabeça atropelada por um caminhão e sobreviveu. Joana tinha acabado de terminar a faculdade de artes e exibia os restos festivos de um mullet oxigenado. Eu tinha terminado com meu namorado hippie que eu considerara uma ponte para a saúde e para a completude e editava um “longa-metragem” no laptop. Isabel morava no velho estúdio do pai dela, que tinha decorado com objetos encontrados na rua, araras com fantasias infantis de Halloween e uma TV de 1997. Quando nós três nos encontrávamos lá para colocar a conversa em dia e as unhas de Joana estavam pintadas como folhas de maconha e Monets, eu me sentia em paz.

Isabel trabalhava na Peach and the Babke, uma loja chique de roupas infantis no nosso bairro. Isabel é uma excêntrica de verdade — não daquelas tímidas que colecionam penas e suvenires baratos, mas do tipo cujas paixões e predileções são tão genuinamente fora de sincronia com o mundo em geral que ela própria se torna um objeto de fascinação. Um dia, ela encarou uma aposta de entrar numa loja para perguntar sobre vagas de emprego, simplesmente porque aquilo era a coisa mais hilária que ela se via fazendo para ganhar dinheiro. Usando meias até os joelhos e uma camisa masculina como vestido, ela ficou um pouco decepcionada quando lhe ofereceram um emprego na hora. Joana também foi contratada poucas semanas depois, quando a loucura anual de ponta de estoque exigiu mais vendedores.

— É divertido — disse Isabel.

— Quer dizer, é fácil demais — acrescentou Joana.

A Peach and the Babke vendia roupas de bebê a preços tão altos que os clientes muitas vezes davam gargalhadas ao verem as etiquetas. Casacos de cachemira, tutus de bailarina e roupas de veludo em tamanhos que iam dos seis meses aos oito anos. Era o lugar para comprar algo para a sua filha se parecer com uma foto da Dorothea Lange ou para o seu filho lembrar um animado condutor de trem de antigamente, macacões largos demais e bonés de lã joviais. Será um milagre se algum garoto que tenha usado roupas da Peach and the Babke conseguir manter uma ereção ao sair da infância.

Muitas vezes passamos a hora do almoço da Isabel na Pecan, um café da vizinhança onde perturbávamos os yuppies que trabalhavam nos seus laptops com a nossa conversa incessante — e suja.

— Não consigo encontrar uma porra de emprego e estou gorda demais para ser uma stripper — falei enquanto devorava um croissant velho.



Isabel parou como se contemplasse um teorema avançado e, em seguida, se animou.

— Precisamos de mais uma vendedora na Peach! Precisamos, precisamos, precisamos mesmo! — Seria muito legal, acrescentou ela. Seria como a sede da nossa própria sociedade secreta. — Você pode pegar toneladas de laços de graça! — Era um trabalho muito fácil. Tudo o que se precisava fazer era dobrar e embrulhar, além de atender os ricos e famosos. — Isso é o que sempre fazíamos quando éramos crianças, ser legal com os colecionadores de arte para que

nossos pais pudessem pagar a nossa escola — disse Isabel. — Você vai ser ótima nisso.

No dia seguinte, fui até lá com uma cópia do meu currículo e encontrei Phoebe, a gerente da loja, que parecia a criança do quarto ano mais triste que eu já vi na vida, mas tinha, na verdade, 32 anos e não estava muito satisfeita com essa idade. Ela tinha o tipo de beleza apreciado na virada do século XIX para o XX, um rosto redondo e pálido, pálpebras pesadas e lábios rosados. Ela limpava as mãos em seu avental xadrez.

— Por que você saiu do último emprego? — perguntou ela.

— Eu estava tendo um caso com um cara da cozinha e a chef de sobremesa era uma vaca — expliquei.

— Posso pagar 100 dólares por dia, em dinheiro vivo.

— Parece bom.

Secretamente, eu estava radiante, tanto pelo salário quanto pela perspectiva de passar todos os dias com minhas amigas mais antigas e divertidas.

— Também pagamos o seu almoço todos os dias — informou Phoebe.

— O almoço é incrível! — intrometeu-se Isabel, espalhando mais luvinhas de couro minúsculas, vendidas a 155 dólares, na vitrine ao lado de uma máquina fotográfica antiga quebrada (preço sob consulta).

— Topo — falei.

Por razões que nunca entenderei, porém não questionei, Phoebe me pagou 25 dólares só pela entrevista.

E, com isso, a Peach and the Babke se tornou a loja com o pior atendimento da história mundial.



Os dias na Peach and the Babke seguiam um certo ritmo. Com apenas uma vitrine de frente para a rua, era difícil ter noção da passagem do tempo, e então a vida se tornou uma massa sedentária, embora prazerosa, de risoto e macacõezinhos. No entanto, vou reconstruir essa rotina para você com o máximo de precisão:

10h10 Passar porta adentro com um café na mão. Caso se sinta gentil, também levar um para Phoebe. “Desculpe pelo atraso”, dizer antes de arremessar o seu casaco no chão.

10h40 Ir até a sala dos fundos para começar a dobrar, sem muita pressa, algumas leggings de bebê feitas de algodão pima (de 55 a 65 dólares) e suéteres de gola rolê estilo pescador (175 dólares).

10h50 Distrair-se contando a Joana uma história sobre um morador de rua que você viu usando um secador de salada como chapéu.

11h10 Primeira cliente toca a campainha. Ela pode estar congelando e fazendo hora até o próximo compromisso ou ser obscenamente rica e estar prestes a gastar cinco mil dólares em presentes para as sobrinhas. Você e Joana tentam fazer um embrulho aceitável e calcular o imposto corretamente, mas existe uma grande chance de você ter cobrado 500 dólares a mais.

11h15 Começar a falar sobre o almoço. Sobre o quanto você quer ou não almoçar. Como será bom quando ele enfim chegar à sua boca ou sobre o quanto você não tem pensado em comida nos últimos dias.

11h25 Ligar para a loja ao lado e pedir o prato do dia.

12h Isabel chega. Ela está numa escala chamada Horário de Princesa. Quando você pergunta se também pode trabalhar no Horário de Princesa, Phoebe diz: “Não, ele é para princesas.”

12h30 Sentar-se para comer uma refeição elaborada de três pratos. Deixar Phoebe experimentar o seu cuscuz, pois isso é o mínimo que você pode fazer. Dividir uma baguete com Isabel, desde que você fique com a metade da sopa de abóbora dela. Comer um pote de ricota fresca no final.

13h Joana vai para a terapia.

13h30 O entregador chega e descarrega caixas de bonecas de pano feitas de cortinas antigas (320 dólares). Você lhe pergunta como vai o filho dele. Ele diz que o garoto está na cadeia.

14h Isabel vai para a terapia.

14h30 Meg Ryan entra, usando um chapéu grande, e não compra nada.

15h Phoebe pede para você fazer uma massagem na cabeça dela. Ela se deita no tapete dos fundos e geme de prazer. Um cliente toca a campainha. Ela diz para ignorá-lo e, quando a massagem termina, pede para você ir até a esquina comprar um cappuccino e brownies.

16h Você vai para a terapia após receber os seus 100 dólares.

18h Essa é a hora em que o trabalho deveria terminar de verdade, mas você já está em casa, meio dormindo, esperando Jeff Ruiz terminar o trabalho de jardinagem para lhe encontrar no terraço do prédio dele a fim de beber cerveja e se pegar. Apenas uma vez a cada nove meses Phoebe censura você pela sua falta de ética profissional, e ela se sente tão culpada por isso que na hora do almoço atravessa a rua e compra uma vela perfumada de presente para você.

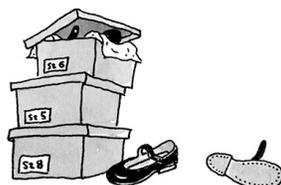


Phoebe administrava a loja com a mãe, Linda, embora esta passasse a maior parte do tempo na Pensilvânia ou, quando estava na cidade, no andar de cima, no apartamento que as duas dividiam, fumando e comendo pipoca de uma grande tigela de metal. Se, por um lado, Phoebe era atenciosa e confusa, a mãe era tão alucinada que seu cabelo vivia em pé. Phoebe lidava com os aspectos práticos do negócio, enquanto Linda criava designs tão fantásticos que, em vez de colocá-los no papel, ela simplesmente balançava fitas e retalhos no ar,

esboçando um suéter ou um tutu. As brigas entre Phoebe e Linda costumavam ficar violentas e abrangiam desde questões típicas de um pequeno negócio à própria fibra de suas personalidades.

“Todas as minhas amigas estavam fazendo abortos!”, gritava ela. Linda costumava falar sobre a sua vida em São Francisco, antes dos filhos, uma utopia que envolvia designers de roupas de tricô e os primeiros praticantes de ioga no Ocidente, que apoiavam e inspiravam uns aos outros. O dinheiro era bom, e o sexo, melhor ainda.

Enquanto as duas brigavam, Isabel e eu (ou Joana e eu, já que era raro nós três trabalharmos ao mesmo tempo) olhávamos nervosas uma para a outra, dávamos de ombros e depois experimentávamos todos os vestidos infantis de tamanho 36, cujas barras ficavam logo abaixo da virilha (ou seja, no lugar certo). Outra distração comum era cobrir a cabeça com presilhas de cabelo de pele de coelho (16 dólares) ou amarrar uma à outra com fitas, como uma cópia ruim de uma foto do Helmut Newton.



Às vezes, eu encontrava Phoebe chorando perto do ar-condicionado, a cabeça abaixada na escrivaninha em que mantinha seu computador velho, olhando para uma pilha de contas vencidas. A verdade era que a loja ia mal. A recessão estava à toda e, em épocas de dificuldade econômica, as roupas infantis chiques são o primeiro item a ser dispensado. Sentimos uma tristeza profunda e impenetrável quando vimos o cartão de crédito de um magnata do hip hop ser recusado, um sinal certo de catástrofe para a Peach and the Babke — e para o mundo.

Todos os dias, torcíamos por uma grande venda; todos os dias, observávamos Phoebe franzir a testa ao examinar os livros contábeis; e todas as noites pegávamos nossa nota de 100 dólares sem qualquer sentimento de culpa.



O trabalho nos permitia muito tempo livre para socializar. Juntas, descobríamos a nossa própria Nova York, que se parecia bastante com a Nova York dos nossos pais. Íamos a *vernissages* para tomar vinho de graça e a festas de Natal para comer de graça, depois caíamos fora para fumar maconha no sofá da Isabel e assistir a reprises de *Seinfeld*. Passávamos em festas cujos anfitriões não conhecíamos, usávamos saias como tops tomara que caia e meias-calças como calças. Dividíamos pratos de espaguete à bolonhesa em restaurantes chiques em vez de pedir uma refeição inteira em lugares sem graça. Não houve sequer uma noite de farra em que eu não me descolasse daquela experiência para pensar: Sim, é isso que significa ser jovem.

Depois de me formar, senti uma sensação pesada de catástrofe, uma sensação de que nada nunca mais seria simples. Mas veja, veja só o que tínhamos encontrado! Estávamos fazendo aquilo funcionar, com o nosso dinheiro e os nossos embrulhos malfeitos, com os nossos cabelos duros de tanta tinta e as nossas comidas fritas e industrializadas demais. Tudo tinha uma atmosfera de romance: ter uma espinha, comer um donut, sentir frio. Nada era uma tragédia e tudo era uma piada. Eu tinha esperado muito tempo para virar mulher, muito tempo para me desgrudar dos meus pais e, agora, transava — certa vez foram dois caras na mesma semana — e me gabava disso como uma recém-divorciada que estava na luta outra vez. Uma vez, depois de me enfiar na lama até os joelhos numa noitada, me lavei no chuveiro enquanto Isabel me observava e dizia: “Segura a onda, garota suja!”



Não tinha uma palavra para nomear aquilo tudo, mas eu estava feliz. Estava feliz embrulhando presentes, atendendo mulheres de banqueiros apáticas e trancando a porta da loja com uma chave enferrujada alguns minutos antes do fim do expediente. Estava feliz sendo levemente condescendente com pessoas com cartões de crédito ilimitados, aproveitando ao máximo o nosso status de vendedoras que sabiam mais do que deixavam transparecer. Ficávamos na nossa caverna, de onde víamos Tribeca pela vitrine e, nos fins de semana, passeávamos pela West Side Highway de vestidos vermelhos, derramando cerveja, preparadas para trepar, brigar e dormir uma por cima da outra.

No entanto, a ambição é uma coisa curiosa: ela se infiltra quando menos se espera e lhe faz ir adiante, mesmo que você prefira ficar parada. Eu sentia falta de criar coisas, o sentido que essa atividade dava a essa longa caminhada que chamamos de vida. Uma noite, quando nos arrumávamos para outro evento para o qual não tínhamos sido exatamente convidadas, me dei conta: isso é alguma coisa. Por que não contamos essa história em vez de vivê-la? A história dos filhos do mundo das artes que tentavam (e fracassavam) ser como os seus pais, inseguros de suas próprias paixões, porém certos de que desejam a glória. Por que a gente não fazia uma websérie (naquela época, todo mundo achava que as webséries substituiriam o cinema, a televisão, o rádio e a literatura) sobre personagens ainda mais patéticos do que nós?

Não fomos para a tal festa naquela noite. Em vez disso, pedimos pizza, nos acomodamos em poltronas confortáveis e passamos a noite inteira pensando em nomes, lugares e roteiros. Vasculhamos o armário de Isabel em busca de possíveis peças de vestiário (um vestido de melindrosa cheio de contas, um chapéu da Real Polícia Montada do Canadá), e Joana criou o penteado que seria a marca registrada do seu personagem (um topete elegante, montado num frasco de xampu para aumentar o volume). E então, usando o dinheiro fornecido pela Peach and the Babke, começamos a criar algo que refletiria a energia frenética daquele momento.

Isso foi chamado de *Delusional Downtown Divas*, um título que odiávamos, mas não conseguimos encontrar outro melhor. Isabel era a AgNess, uma empresária ambiciosa que adorava ternos anos 1980. Joana era a enigmática Swann, uma artista performática. Minha personagem, Oona Winegrod, era uma aspirante a escritora que nunca tinha escrito sequer uma palavra. Todas elas eram obcecadas por um jovem pintor chamado Jake Pheasant. Completamos dez episódios, muitos com figurações dos amigos dos nossos pais, que ainda nos viam como crianças fazendo um trabalho de escola bonitinho.

Quando assisto aos vídeos hoje, reconheço que eles deixam a desejar. Descaradamente digital, com movimentos de câmera tremidos, nós desembestamos pela tela com figurinos confusos, rindo das nossas próprias piadas, nos deliciando com a engenhosidade do nosso conceito. Falas como “Aposto que podemos nos juntar ao coletivo de arte feminista se nos empenharmos, e aí finalmente seremos ‘It girls’” são reais demais para parecerem paródia.

A primeira vez em que mostrei a gravação para o meu pai, estávamos na mesa de jantar. Ele tomou um longo gole de chá e depois perguntou: “Por que você teve que fazer isso?” E sim, era pouco específico, amador e um tanto vulgar. Não tinha força narrativa ou elegância cinematográfica. No entanto, ao vê-la hoje, sinto também a excitação e a alegria de criar algo que todas nós

estávamos vivenciando, a catarse de reconhecer a nossa situação. Isso parece saltar da tela. A série é boba, óbvia e arrogante, mas é algo. É um passo adiante.

As pessoas, com exceção do meu pai, meio que adoraram, e fomos convidadas a exhibir os episódios numa pequena galeria na rua Greene, no Soho. Numa tentativa de nos mantermos firmemente enraizadas no conceito, decidimos decorar a galeria como uma réplica do apartamento de Isabel. Levamos tudo que tínhamos até o outro lado da rua Canal, incluindo uma esteira ergométrica, o sofá da Isabel e algumas heranças de família. Ficamos acordadas noites inteiras, decorando o espaço com capricho, e insisti em vestir um macacão de pintor para complementar minha nova identidade de artista séria.

A noite da nossa “estreia” ainda é uma das mais surpreendentes da minha vida: quando cheguei (me atrasei porque minha mãe ficou insistindo para eu tomar banho), o lugar estava cheio, e a multidão transbordava invadindo a rua, com vinho em copos plásticos e os pés em botas de pirata e sapatos com saltos fluorescentes. Pessoas que nem *conhecíamos* estavam lá, numa demonstração de que energia atrai energia, porque nossos pais sem dúvida não estavam ajudando na divulgação. Alguém pediu para tirar uma foto de nós três. Isabel, Joana e eu nos abraçamos, incapazes de acreditar na nossa sorte. Depois da exibição, fomos para um bar, e o DJ me deu seu cartão de visita de um jeito que poderia ser considerado sexual. Tínhamos chegado lá.



Depois disso, a vida na Peach and the Babke perdeu um pouco o encanto. O trabalho provocava um torpor sonolento, e eu me perguntava se tinha pegado mononucleose de novo. Joana começou a trabalhar com ilustrações e reduziu suas horas de trabalho. Isabel

encontrava cada vez mais desculpas para não ir à loja. A caminhada pela rua Hudson para abrir a loja começou a parecer meio trágica.

E aí, um dia, estraguei todo o nosso *mailing*. Eu tinha sido incumbida de enviar mil cartões-postais divulgando a liquidação de verão. Mas, perdida num devaneio, não notei que imprimi quinhentas etiquetas com o endereço de uma única família e coleí quase todas. Meu erro foi tão chocante para Linda que as narinas dela se dilataram e cuspe voou de sua boca enquanto ela gritava comigo.

— Desculpe — falei. — Mas preciso pegar o ônibus.

Peguei um ônibus para Ithaca para ver um amigo da faculdade, numa daquelas viagens sem propósito que você nunca faz depois dos 25 anos. Passamos o fim de semana caminhando pelo campo, tirando fotos de letreiros em néon fora de moda com uma câmera descartável e vendo carpas procriarem em um rio. Só comemos *honus* e só bebemos cerveja. Fomos ao funeral do vizinho dele, nos sentamos na fileira de trás e começamos a rir, e então saímos correndo. Andamos pelo jardim da mãe dele, esmagando coisas vivas com as nossas botas.

— E o seu trabalho? — perguntou ele.

— A minha chefe é uma vaca — respondi.

Imaginava que a vida dele fosse deliciosa, sem complicações, o tipo de vibe que pessoas horríveis chamariam de “excêntrica”. Adorava o apartamento dele no porão de uma casa caindo aos pedaços, o fato de que havia apenas um restaurante chinês na cidade e de que ele nunca precisaria encontrar alguém mais bem-sucedido do que ele numa festa. Eu tinha inveja dele. Queria fazer parte de tudo aquilo. Queria foder tudo aquilo.

Então, na noite anterior à minha partida, bebi meio copo de uísque com refrigerante de gengibre e me joguei pelada nele, beijando-o de uma forma desconcentrada, mas entusiasmada. Ele respondeu com um sorriso triste, e trepamos sob a luz azul de um documentário sobre brutalidade policial. Não nos falamos por um ano, mas pensei na casa dele o tempo todo.



Em setembro de 2009, as Delusional Downtown Divas receberam uma proposta para fazer o primeiro trabalho de verdade: apresentar a primeira edição do Prêmio Anual de Artes do Guggenheim. Nossos pais ficaram muito surpresos ao verem que essa brincadeira tinha levado alguém remotamente sério a nos procurar, mas sempre achei que todo mundo curte ser alvo de uma piada, e que o mundo das artes não é exceção. Eles nos deram liberdade total e 5 mil dólares para dividirmos entre nós. Pedimos demissão da Peach and the Babke naquele mesmo dia, impulsivas e empolgadas como se tivéssemos ganhado na loteria.

Aluguei um escritório de nove metros quadrados num prédio do bairro, que virou o nosso quartel-general oficial, e comecei a trabalhar. O prédio era povoado por cineastas jovens e bonitos que usavam chapéus pork pie e profissionais que não sabiam explicar muito bem o que faziam. As pessoas montavam rampas de skate nos seus escritórios e promoviam festas de pijama. Todo mundo comprava o almoço em um empório chamado New Fancy Food. A proprietária, uma chinesa chamada Summer Weinberg, me perguntou sem malícia se eu era prostituta. Nosso frigobar tinha apenas um bolo *tres leches*.

Passamos meses preparando e criando novos episódios e escrevendo diálogos típicos de entrega de prêmios sobre figuras como a artista performática Joan Jonas (“Ela é mãe dos Jonas Brothers?”). Filmamos um episódio dentro do próprio museu e quase fomos expulsas depois que incentivei Isabel a passar a perna por cima do muro do mezanino e gritar: “Vou dar uma de Carl Andre!”

Lembro-me pouquíssimo da cerimônia. Acordamos cedo e fomos ao cabeleireiro para fazer um penteado profissional pela primeira vez. Chegamos aos nossos lugares no palco e ouvimos nossas vozes ecoarem pela rotunda. Vimos James Franco, algo que hoje parece difícil de evitar. Durante um intervalo, Isabel e eu brigamos aos

prantos quando eu disse a uma maquiadora que Isabel “deveria ser dona de loja”.

— Você não leva fé em mim — disse ela. — Acha que eu não sei fazer nada de verdade, e essa é a única razão por que você diria que alguém deveria ser dona de loja.

— Sim, eu acho. Olha só para tudo isso — falei, entre as lágrimas.

— É, mas a gente não vai fazer isso, tipo, pelo resto da nossa *vida* — disse Joana.

Nos meses seguintes, nos separamos: fui para Los Angeles; Joana começou uma pós-graduação; e Isabel foi para outra cidade do estado de Nova York, onde conheceu um homem chamado Jason com um sorriso fofo e nenhuma ligação com o mundo das artes. Tiramos os vídeos que fizemos juntas da internet, envergonhadas das coisas que tínhamos achado tão profundas.

— Qual foi o pior emprego que você já teve? — muitos me perguntam, tanto em entrevistas quanto em jantares.

— Uma vez, minha chefe gritou comigo por eu ter vendido leggings de bebê do tamanho errado para Gwyneth Paltrow — respondo, estremecendo só de lembrar.

O que não digo é que aquilo parecia a nossa casa, que aquilo deu início à nossa jornada, que tive os melhores almoços da minha vida. O que não digo é que sinto saudades daquilo.



17 coisas que aprendi com o meu pai

1. A morte chega para todos.
2. Não existem pensamentos ruins, apenas atitudes ruins.
3. “Homens, fiquem de olho: as mulheres estão vindo para pegar os seus brinquedos.”
4. A autoconfiança pode fazer qualquer coisa dar certo, até mesmo sandálias com meias.
5. Todas as crianças são artistas fantásticos. Você precisa se preocupar é com os adultos.
6. Está entediado numa festa? Diga que vai conferir o seu carro, e aí saia batido. Não faça contato visual com ninguém.
7. As emoções dos bêbados não são reais.
8. Uma batata-doce cozida num micro-ondas e depois lambuzada de óleo de linhaça é um lanche excepcional.
9. Nunca é tarde demais para aprender.
10. “O Volvo já é demais, me recuso a botar um casaco na porra do cachorro.”
11. Uma maré que sobe levanta todos os barcos.
12. Dito isso, é horrível quando quem você odeia consegue coisas que você deseja.
13. Está com bloqueio criativo? Dê um tempo e assista a um seriado policial. Eles sempre solucionam o caso, e você fará o mesmo.
14. Não é preciso ser extravagante na vida para ser extravagante no trabalho.

15. Vista um terno quando for ao Departamento de Trânsito para acelerar um pouco as coisas.

16. Não faça piadas sobre drogas, armas ou dinheiro escondidos na frente de policiais ou da alfândega. Ser preso não é nada engraçado.

17. Alfaiataria é tudo.



***E-mails que eu enviaria se fosse
um pouquinho mais maluca/
zangada / corajosa***

Prezado Fulanilson Beltrânio,

Você se lembra de quando nos encontramos por acaso num café perto da sua casa no verão passado? Eu estava com um bando de gente do meu trabalho e você, com alguns colegas do seu. Alguns deles vestiam camisetas “mamãe, sou forte” e pareciam fortes mesmo. Fiquei sem palavras ao ver sua barba emaranhada, tipo a do Rip Van Winkle, que eu não cheguei perto o suficiente para cheirar, mas que deve ser um desafio imenso para a higiene. Obviamente, deixá-la crescer exigiu um esforço enorme, e esse é o maior sinal que recebi, até agora, de que o seu equilíbrio emocional está prejudicado. Tremi como uma alcoólatra em abstinência porque estava morrendo de medo de que você gritasse comigo por causa do texto que escrevi sobre você. Eu me desculpei muitas

vezes naquele dia. Sua expressão era tão colérica que eu só queria acalmá-lo. Além disso, eu tentava agir como uma adulta perto dos meus colegas de trabalho, um conceito que você desconhece por completo, seu tarado cheirador.

Mas a verdade é que *não sinto nenhum remorso*. Você não foi legal comigo, então não tenho por que me desculpar. Estou farta de dizer coisas que não quero dizer.

Fique à vontade,

Lena

p.s.: Todos os *meus* colegas de trabalho acharam que você parecia uma caricatura de hipster. Suas calças eram tão altas que quase chorei. Não me importo com o que os seus colegas de trabalho pensaram de mim. Eu não tomava banho fazia quatro dias e, até onde eu sei, ainda tenho um namorado.

Prezado dr. Fulano

Meu tímpano estava *perfurado*, seu JALECO BRANCO. E você me tratou como uma psicótica com um arranhãozinho, como um obstáculo fatigante entre você e o seu almoço. Chorei quando você derramou o líquido no meu ouvido, e a única coisa que você fez foi me segurar. Tive que implorar por analgésicos que nem uma viciada. Onde você conseguiu o diploma? Desde então, essa se tornou a minha memória mais traumática, superando a morte prematura de uma amiga e a vez em que vi uma mulher com um enorme buraco rosa onde deveria estar o nariz. Odiei tudo isso.

Lena

Prezada sra. Fulana,

Você é literalmente esquizofrênica, então é inútil responder ao seu e-mail, MAS eu preciso dizer: você é doida de pedra. Entendo que você faz parte de uma geração de mulheres que tiveram de lutar muito para serem ouvidas, mas você contesta o meu feminismo e age como se eu fosse uma praga para todas as mulheres só porque me recuso a defender a *sua* ideologia específica. Isso é deprimente, e não é por isso que você lutou. Se continuar assim, vai se tornar pior do que eles (eles = homens). Todas nós estamos apenas tentando sobreviver. Existe espaço suficiente para todas. Além disso, “cacetada” não é uma palavra muito usada. Vou viver pelo menos cinquenta anos a mais que você.

Atenciosamente,

Lena

Prezada Fulaninha,

Lembra quando você me “perdoou” pelo meu filme? Bem, eu não perdoou você por ter dito isso. Lamento ter duvidado se você é lésbica de verdade. Isso não foi legal da minha parte e você é evidentemente lésbica. Adoro lésbicas. Mas sabe o que mais não é legal? O seu macacão neon. A D.J. Tanner me ligou e pediu as roupas dela de volta para incluí-las numa exposição retrospectiva sobre os melhores anos de *Três é demais*.

Argh, dá um jeito na sua vida!

LD

Prezado Fulano Beltranovski

Somos amigos desde o quarto ano. Você deixava flores na porta da minha casa, me levava para passear no lago no seu barquinho e me ensinava a pegar sapos. Passamos a infância juntos. Portanto, quando chupei você (FOI A MINHA PRIMEIRA VEZ) no dia em que meu gato morreu, você deveria ter me ligado. Seu desaparecimento completo transformou tantas lembranças bonitas em memórias sujas.

Descobri no Facebook que você tem uma noiva. Quantos centímetros ela é mais alta que você? Tipo, 25? O fato de o governo permitir que você pilote aviões parece loucura.

Sua amiguinha,

Lena

p.s. Nunca busquei as cinzas do meu gato porque associei aquilo a boquetes e abandono. Quando enfim criei coragem para buscá-las, dois anos depois, tinham sido jogadas numa cova coletiva. Culpo você por isso.



Eu não transei com eles, mas eles gritaram comigo

ESSE É O TÍTULO das memórias que vou escrever quando tiver oitenta anos. Sabe como é, quando todo mundo que conheci em Hollywood estiver morto.

O livro será uma análise da época em que as mulheres em Hollywood eram tratadas como aqueles papezinhos que cobrem os copos em banheiros de hotel — necessários, mas também infinitamente descartáveis.

Trechos do livro serão publicados na *Vanity Fair*, com fotos de mim sorridente numa estreia de muito tempo atrás, com um pompom na cabeça, bebericando suco de mirtilo com água com gás, sutilmente grávida do meu primeiro par de gêmeos.

Ele será recomendado pela presidente, e vou ficar muito popular entre as universitárias que escrevem monografias sobre a história da desigualdade entre os sexos.

Mal posso esperar para chegar aos oitenta anos.

Para poder ter um “conjunto da obra” — ou ao menos uma “filmografia”.

Para impressionar meus netos com a minha coleção de broches.

Para poder mandar pratos de volta às cozinhas dos restaurantes sem qualquer constrangimento e usar cadeira de rodas no aeroporto.

Para chocar as pessoas ao dizer “lamber cu” em conversas corriqueiras.

Para poder pintar de laranja meu cabelo de cuia.

Para poder dar nomes aos bois. Nomes deliciosos e vingativos. E não vou dar a mínima para a possibilidade de um processo porque vou ter oitenta anos e, talvez, dezessete cisnes.

Contarei a todo mundo sobre o que os homens que conheci em Hollywood me disseram naquele primeiro ano alucinante:

“Só quero proteger você.”

“Sei que a gente acabou de se conhecer, mas considero você uma amiga íntima.”

“Você é engraçada.”

“Você é esperta.”

“Aposto que você nunca diz não.”

“Você deveria ser um pouco mais grata.”

“Você é mais bonita do que se permite ser.”

“Espero que o seu namorado faça você se sentir bem. Você tem namorado, não é?”

“Sabe, muitos homens não conseguem lidar com uma mulher poderosa.”

“Você está mais bonita do que da última vez que nos encontramos.”

Vou contar todas as interações com um homem que começavam como conversas interessantes sobre arte e acabavam em relatos sobre

a falta de satisfação sexual dele com a esposa, que antes era fogosa e que agora faz tratamento para fertilidade. De repente, estamos falando sobre a namorada da época da faculdade, que não tirava as botas quando transava com ele, e sobre como o casamento “dá muito trabalho”.



Isso pode ser traduzido da seguinte forma: *Minha esposa não me dá mais tesão e você não é nenhuma modelo, mas é bem jovem, e provavelmente algumas posições sexuais novas e mais ousadas surgiram desde a última vez que estive solteiro, em 1992, então vamos experimentá-las e aí você pode voltar a ser casada com a sua profissão e eu vou voltar a ser casado com uma “decoradora de interiores ecologicamente correta” e nunca mais vou assistir a qualquer filme seu.*

Vou falar sobre como eu nunca trepei com nenhum deles. Trepei com caras que moravam em vans; com caras que dividiam lofts ilegais com as ex-namoradas que tinham viajado para o festival Coachella; caras que curtiavam plantas nativas; e caras que assistiam ao canal público na TV.

Mas nunca trepei com *eles*.

Vou falar sobre como cada uma dessas relações desmoronou assim que eles perceberam que eu não seria a protegida, o bicho de estimação, o fã-clube pessoal ou a agregada ansiosa de ninguém.

A acusação sutil: “Você não é fácil de encontrar.”

A pergunta sensível: “O que está acontecendo aqui, querida?”

A acusação raivosa: “Você é uma mentirosa do cacete. Será que ninguém da sua idade tem um pingo de educação?”

Minha amiga Jenni os chama de ladrões de luz. Homens que estão no negócio há tempo demais, que estão cansados do dia a dia, mas não conseguem cair fora. Eles estão atrás de uma nova forma de energia, de aprovação. Tem a ver com sexo, mas não é a mesma coisa. O que eles querem tirar de você é algo muito pior do que a sua calcinha no banco de trás de um Lexus. São ideias, curiosidade, aquele entusiasmo ao se levantar de manhã e criar coisas.

“Ah”, diz ela quando menciono o único cara com quem conversei numa festa chata. “Outro ladrão de luz.”

“Aquele ali”, fala ela, apontando para um visionário aparentemente charmoso, “é um ladrão de luz das antigas.”

Quando tiver oitenta anos, vou descrever aquela vez em que estive com um diretor na suíte de um hotel e ele me falou sobre como as garotas adoram quando alguém “dirige” seus boquetes.

— Ah, uau — respondi. Afinal, o que mais eu podia dizer?

— Sei lá — disse ele. — Elas curtem isso.

Vou descrever o pseudoencontro que tive com um homem cujo trabalho eu admirava. Usei um vestido branco com apenas uma mancha, fomos de táxi até o centro, me recostei no assento de couro falso rasgado e pensei: “Eu consegui, agora sou uma mulher adulta de verdade.” E, às quatro da manhã, quando tentei beijá-lo, ele ficou com o rosto imóvel. Beijei o canto da sua boca e saí correndo pela rua a uma velocidade que eu nunca tinha atingido e que não atingi desde então. Fiquei com muita vergonha. Meu primeiro e único erro desse tipo, e ele podia contar a todos: *ela é fraca; ela é que nem todas as outras; ela está a fim.*

Vou descrever outro cineasta, ainda mais velho, e como, ao andar com ele pela rua após tomar um drinque, percebi que ele mancava um pouco, sem nenhuma explicação. Vou descrever o e-mail que ele me enviou depois que eu disse que não podia trabalhar no filme dele por estar fazendo meu próprio programa. “Como é que você pode

trocar essa oportunidade de ser uma pequena parte de um filme que será estudado em universidades durante anos a fio pela efemeridade de um ‘episódio-piloto de TV’.” Entre aspas! Ele escreveu isso ENTRE ASPAS.

Chocada, li o e-mail várias vezes, meu maxilar tenso de raiva, a ponto de não conseguir emitir qualquer som. Então imaginei a minha dor e a minha raiva multiplicadas por cinquenta pelo homem que tinha sido capaz de enviar aquele e-mail, que acredita que a vida é um jogo de soma-zero e que as garotas só estão ali para serem seus adereços, que a arte dos outros é uma mera distração do grande plano divino de promoção dos objetivos dele. Como isso deve ser sofrido, como deve ser sufocante. E decidi que nunca sentiria inveja. Nunca seria vingativa. Nunca seria ameaçada pelo velho ou pelo novo. Vou desabrochar como uma flor todas as manhãs. Vou fazer o meu trabalho.

Imaginei os ladrões de luz ao redor de uma longa mesa de reunião, como os membros de um ministério do governo, falando sobre mim. *Ela é dissimulada e manipuladora, diz um. Ela é capaz de fazer qualquer coisa para conseguir o que quer, diz outro. Tem que ser bem mais bonita do que aquilo para chegar ao topo trepando. Outro, muito velho, acrescenta: Tive ótimas experiências com ela, cara, garota legal, gostaria de saber o que vai acontecer com ela.*



Porém, o pensamento mais assustador é aquele que me forçou a continuar mantendo contato com eles muito além do ponto em que comecei a me sentir desconfortável, a tentar me afirmar para eles

tantas vezes. A razão pela qual não parei de atender às ligações deles, corri para tomar drinques com eles muito depois da hora de dormir; tive conversas que não me interessavam e me forcei a sentar a uma mesa mesmo sem ter a menor vontade. O pensamento que batalhei tanto para garantir que nunca passasse pela cabeça deles: *Ela é uma tolinha. Ela não é uma ameaça.*

Minha amiga, uma mulher que eu admirava pelo seu espírito independente, me disse que teve uma experiência semelhante. “Fiz meu primeiro filme e um monte de homens apareceu do nada, procurando por... alguma coisa.” Ela já foi punk. Punk de verdade, não daquele tipo que compra roupa em shopping. “Mas eles não entenderam: eu não estou aqui para ser amiga deles. Estou aqui para destruí-los.”

Eu disse a ela que agora estava fora da zona de perigo, mas que, por um tempo, entrava em pânico quando meu telefone tocava às duas da manhã. Quem era esse cara que tinha o meu número, porém não sabia como usá-lo de forma apropriada? Uma mensagem, deixada com voz grave: “Se você tiver um tempinho, eu adoraria conversar. Você é uma boa ouvinte.”

Sabe por que eu ouvia? Porque queria muito aquilo. Porque eu queria aprender, crescer e *ficar*.

Ei, olha só, diziam eles para si mesmos, é uma coisinha fofa em forma de diretora.

Esperem só eu chegar aos oitenta anos.

SEÇÃO V

Panorama





A terapia e eu

TENHO OITO ANOS e medo de tudo.

A lista de coisas que me tiram o sono inclui, mas não se limita a: apendicite, febre tifoide, lepra, carne impura, comida que não vi sair da embalagem, comida que a minha mãe não provou antes — se morrermos, que seja juntas —, pessoas sem-teto, dor de cabeça, estupro, sequestro, leite, metrô, dormir.

Um professor-assistente chega à escola com os olhos vermelhos e tenho certeza de que ele está contaminado com ebola. Fico esperando ver o sangue escorrer da sua orelha ou ele cair no chão, morto. Paro de tocar meus cadarços (sujos demais) ou de abraçar adultos que não são da minha família. Na escola, estamos aprendendo sobre Hiroshima, então leio *Sadako e os mil pássaros de papel* e logo fico convencida de que tenho leucemia. Um sintoma da leucemia é tonteira, e sinto isso quando me levanto rápido demais ou fico girando em círculos. Então me preparo com calma para morrer

no ano seguinte ou um pouco depois, dependendo da rapidez com que a doença progredir.

Meus pais estão começando a ficar preocupados. Já é difícil ter uma filha, ainda mais uma que insiste em inspecionar as compras do mês e os remédios para verificar se os lacres foram violados. Tenho apenas memórias vagas de uma vida anterior ao medo. Toda manhã, quando acordo, tenho um segundo de felicidade antes de olhar para o meu quarto e me lembrar dos terrores do cotidiano. Eu me pergunto se vai ser assim, tipo, para sempre, e tento me lembrar dos momentos em que me senti segura: na cama ao lado da minha mãe numa manhã de domingo; brincando com o cachorrinho de Isabel; quando meus pais me buscam na casa de uma amiguinha logo antes da hora de dormir.

Uma noite, meu pai fica tão frustrado com o meu comportamento que sai para uma caminhada e só volta três horas depois. Enquanto ele está fora, começo a planejar a nossa vida sem ele.

Minha professora do quarto ano, Kathy, é a minha melhor amiga na escola. Ela é gorducha e bonita, e seu cabelo parece um limpador de cachimbo amarelo. Suas roupas parecem os lençóis da casa da minha avó, estampas florais com botões descombinados. Ela diz que posso fazer quantas perguntas eu quiser: sobre tsunamis, minhas narinas, guerra nuclear. E me dá respostas vagas e consoladoras. Pensando bem, eram impregnadas de religião e pressupunham a crença num Deus eminentemente cristão. Kathy percebe quando estou ficando nervosa e me lança um olhar do outro lado da sala que significa *Está tudo bem, Lena, espera só um segundo*.

Quando não estou com Kathy, estou com Terri Mangano, a enfermeira da escola, que tem o cabelo curtinho e usa suéteres natalinos o ano inteiro. Terri tem uma abordagem à saúde bem prática, o que me conforta. Ela me mostra estatísticas (apenas 2% das crianças desenvolvem síndrome de Reye em reação à aspirina) e me informa que a poliomielite foi erradicada. Ela me leva a sério quando explico que fui exposta à escarlatina por uma criança no metrô que

tinha o rosto vermelho. Às vezes ela me deixa deitar no beliche na sala de trás, que é escura e fresquinha. Encosto a bochecha na capa de plástico do colchão e escuto enquanto Terri entrega pílulas anticoncepcionais e testes de gravidez para garotas do ensino médio. Quando tenho sorte, ela não me manda de volta para a aula.



Ninguém está satisfeito com o rumo das coisas, então, em algum momento, a terapia entra em cena. Estou acostumada a consultas: alergista, quiroprático, professor particular. Tudo o que quero é me sentir melhor, e isso supera o medo de algo novo, de algo reservado aos doidos. Além disso, meus pais têm terapeutas, e me sinto mais parecida com eles do que com qualquer outra pessoa. A do meu pai se chama Ruth. Nunca a vi, mas uma vez pedi para ele descrevê-la. Ele disse que era mais velha, mas não tão velha quanto a vovó, e que tinha cabelo grisalho comprido. Na minha imaginação, o consultório dela não tem janelas, é apenas uma caixa com duas cadeiras. Gostaria de saber o que Ruth pensa de mim. Com certeza ele falou *alguma coisa* a meu respeito para ela.

“Eu não posso me consultar com a Ruth?”, pergunto. Ele explica que a terapia não funciona assim, que preciso de um lugar só meu para expressar os meus pensamentos mais íntimos. Então, pegamos o metrô para encontrar uma terapeuta só minha. Por alguma razão, quando vamos a consultas para tratar a minha mente, é sempre meu pai que me acompanha. Minha mãe vai às que têm a ver com o meu corpo.

A primeira terapeuta, uma mulher da idade da minha avó, com cabelo roxo e um sobrenome alemão, faz algumas perguntas simples e me convida a brincar com os brinquedos espalhados pelo chão. Ela se senta numa cadeira, com um bloco de anotações na mão. Tenho a sensação de que ela vai tirar várias informações daquilo, então faço

uma encenação que com certeza vai demonstrar minha solidão e introspecção: a Barbie falsificada bate seu carro conversível com um Ken genérico no banco do carona. Pequenos homens-Lego morrem numa guerra contra outros da própria espécie. Depois de um longo período de observação, ela me pergunta quais são os meus três maiores desejos.

— Um rio, onde eu possa ficar sozinha — respondo, impressionada com a minha própria veia poética.

Com essa resposta, ela vai perceber que não sou como as outras crianças de nove anos.

— E o que mais? — pergunta ela.

— Só isso.

Saio de lá me sentindo pior do que quando entrei, e meu pai me diz que não tem problema e que podemos procurar quantos médicos forem necessários, até eu me sentir melhor. Consultamos uma mulher diferente, ainda mais velha do que a primeira, só que chamada Annie, que não é nome de velha. Subimos quatro ou cinco lances de escada até o consultório, que também é a sala de estar dela. Meu pai entra comigo dessa vez e me ajuda a explicar as coisas que me incomodam. Annie é compreensiva; tem uma risada alta e engraçada, e, quando saímos à noite pela rua Bank, digo a meu pai que ela é a escolhida.

“Só viemos aqui para pegar uma indicação com ela”, comenta meu pai. “Annie vai se aposentar.”

Então a minha terceira sessão é com Robyn. O consultório dela fica no fim do quarteirão onde a gente mora, e, sentindo hesitação em mim, minha mãe me puxa para um canto e diz para eu pensar naquilo como se estivesse indo brincar na casa de uma amiguinha. Se eu gostar de brincar com ela, posso voltar. Se não gostar, encontraremos outra pessoa com quem eu queira brincar. Concordo, mas sei muito bem que a maioria dos convites para brincar não envolve alguém tentando saber se você é doida ou não.

Na nossa primeira sessão, Robyn se senta no chão comigo, com as pernas cruzadas, como se fosse uma amiga que só está ali para brincar. Parece uma mãe de um programa de TV, tem cabelo cacheado comprido e usa uma blusa de seda. Ela me pergunta quantos anos tenho, e respondo perguntando quantos ela tem — afinal, estamos sentadas no chão juntas. “Trinta e quatro”, responde ela. Minha mãe tinha 36 quando eu *nasci*. Robyn é diferente da minha mãe em vários aspectos, a começar pelas roupas: um terninho com saia, meia-calça transparente e um sapato de salto alto preto e simples. Ao contrário da minha mãe, que não fica muito diferente do normal quando se fantasia de bruxa no Halloween.

Robyn me deixa perguntar tudo que quero. Ela tem duas filhas. Mora na parte chique da cidade. É judia. Seu segundo nome é Laura e sua comida favorita é cereal. Quando chega a hora de ir embora, tenho a impressão de que ela talvez possa me consertar.



A germofobia se transforma em hipocondria, que se transforma em ansiedade sexual, que se transforma na dor e na angústia que acompanham o começo do sexto ano. Com o tempo, Robyn e eu desenvolvemos um código para as coisas que fico constrangida demais para dizer: “masturbação” vira “M”, “sexualidade” vira “chualidade”, e os garotos por quem tenho uma queda viram “ele”. Não gosto da expressão “zona cinzenta”, como em “zona cinzenta entre o medo e a excitação”, e então Robyn cria o termo “zona rosa”. Mais tarde nos mudamos para o consultório dos adultos, mas continuamos sentando no chão. Muitas vezes, dividimos uma caixa de cereal ou um croissant.

Ela me ensina a bordar símbolos geométricos abstratos em tons outonais. Quando faço treze anos, ela organiza um *bat mitzvah* particular e ateu para mim — só para nós duas —, no qual comemos duzentos gramas de *prosciutto*. Robyn me conta que em breve ela

própria terá um *bat mitzvah* de verdade, apesar de já ter quase quarenta anos.

Certa noite nos encontramos no metrô e a nossa interação, calorosa, embora confusa, inspira um poema, cujos últimos versos são: “Acho que você não é minha mãe. Você nunca será minha mãe.” Faço uma pintura para ela, uma garota com olhos grandes no estilo Margaret Keane vertendo lágrimas violeta, e ela me diz que a pendurou no banheiro, junto a um nu sem forma definida que fiz com tinta guache. Levo minha câmera descartável e tiro fotos de nós duas batendo papo e desenhando, como amigas.

O trabalho que fazemos juntas me ajuda, mas nem mesmo três manhãs por semana são suficientes para acabar com os pensamentos repetitivos, o medo de dormir e da vida em geral. Às vezes, para controlar as imagens que aparecem espontaneamente, me forço a imaginar meus pais copulando em posições intrincadas, visualizando as imagens em grupos de oito e por tanto tempo que olhar para aquilo me deixa enjoada.

“Mãe”, digo. “Vira para o outro lado para eu não pensar em sexo.”



Uma tarde, no salão de beleza com a minha mãe, encontro um artigo sobre transtorno obsessivo-compulsivo. Uma mulher descreve a própria vida, tão dominada por obsessões que ela precisa lambeir obras de arte em museus e rastejar pela calçada. Os sintomas não são muito piores do que os meus: a descrição que a revista fez do pior dia dela equivale para mim a um dia normal. Arranco as páginas da revista e as levo para Robyn, cujo rosto se contrai demonstrando empatia, como se enfim houvesse chegado o temido momento. Isso me faz querer atirar os meus apetrechos de bordar na cara dela. Será que tenho de fazer tudo sozinha?



Um dia, quando eu tinha catorze anos, Robyn me avisa de que precisa atender um telefonema importante durante a nossa sessão. Ela pede desculpas, mas precisa atendê-la, e não faria isso se não fosse uma emergência de verdade. Desaparece por dez minutos e, quando retorna, ela parece agitada. Respira fundo.

— Então...

— Cadê a sua aliança? — pergunto.



“A gente se vê na quarta, Leen”, diz Robyn. Visto meu casaco laranja e sigo até o elevador. Na sala de espera estão dois adolescentes: um garoto louro, o típico garoto de treze anos, pouco desenvolvido para a idade, mas bonito, que deixa as meninas do sétimo ano malucas, apesar de ter 1,40 metro de altura, e uma garota pálida com mechas verdes no cabelo. Eu a encaro por um instante longo demais, porque a reconheço: ela é a garota da foto na agenda de Robyn, que algumas vezes fica aberta na mesa. Aquela é a filha de Robyn, Audrey.

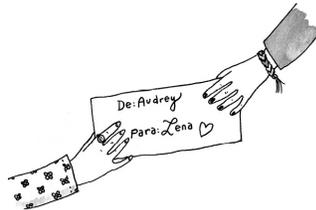
Saio do consultório um pouco antes deles, mas os dois me alcançam no elevador. Prendo a respiração enquanto descemos juntos, tentando, de algum modo, escutiná-la sem olhar diretamente. Queria que ela fosse uma foto numa revista para que eu pudesse ficar olhando, girar um pouco a página e olhar de novo.

Será que ela sabe quem sou? Talvez esteja com ciúmes de mim. Eu estaria. Quando chegamos ao térreo, ela olha bem no meu rosto. “Ele achou você gostosa”, comenta, apontando para o amigo, e sai correndo.

Ando pela Broadway com um sorriso radiante.



O que acontece nos meses seguintes parece o roteiro de um filme para crianças, daqueles em que o cachorro encontra o dono apesar das probabilidades ínfimas e da geografia desfavorável. Após uma investigação sagaz, Audrey descobre que a sua amiga de colônia de férias Sarah é *minha* amiga da escola e começa a me enviar cartas. São envelopes grossos, decorados com cola colorida e adesivos de estrelas. Dentro do primeiro tem uma carta com aquelas letras de adolescente que aparecem na série *Uma galera do barulho*: “EI! VOCÊ PARECE SER DEMAIS! Aposto que a gente ia se dar bem. Minha mãe disse que a gente gostaria uma da outra se pudesse se conhecer. Adoro fazer compras, a trilha sonora de *Felicity*, ah, e fazer compras. Essa é uma foto minha no Muro das Lamentações depois do meu *bat mitzvah*! MANDA UMA MENSAGEM PARA MIMMMMM.”



Respondo com uma carta igualmente efusiva, pensando bem em qual foto enviar, até enfim escolher uma em que estou de bobeira no beliche da minha irmã, vestindo uma blusinha curta com os dizeres SUPER DEBBIE. “Eu também amooo a trilha sonora de *Felicity*, animais, atuar e DÃ, FAZER COMPRAS! Meu nome de usuário é LAFEMMELENA.”

Sei que a nossa troca de cartas é um erro, então conto tudo para Robyn, que confirma minha impressão de que aquilo não é apropriado. “É uma pena”, diz ela, “pois acho que vocês são muito parecidas. Provavelmente seriam boas amigas.”



Com quinze anos, paro de me consultar com Robyn. Estou pronta para parar de falar sobre os meus problemas o tempo todo, digo a ela, que não insiste. Eu me sinto bem. Meu TOC não desapareceu por completo, mas talvez nunca desapareça. Talvez seja parte de mim, parte do que preciso controlar, o desafio da minha vida. E, por enquanto, parece que está tudo bem.

Nossa última sessão é cheia de risadas, lanchinhos chiques e conversas sobre o futuro. Admito que fiquei magoada quando ela reagiu com nojo ao piercing que fiz no umbigo, e ela se desculpa por ter demonstrado um juízo de valor. Agradeço por ela ter me deixado levar o meu gato a uma sessão e por remover o tal piercing com alicate quando ele infeccionou, e, mais que tudo, por ter me ajudado a me sentir melhor. Pela primeira vez em muitos anos, tenho segredos. Pensamentos que não são apropriados para ninguém, exceto para mim.

Sinto saudades dela como senti do nosso loft depois que nos mudamos, no sétimo ano: muita, e depois nem um pouco. Tem coisa demais para desencanaixotar.



Em seis meses, estou ignorando os deveres de casa e matando aula para ficar com o meu coelho de estimação Chester Hadley. Meus pais acham que estou deprimida, e eu acho que eles são uns idiotas. Por causa do remédio, fico com sono o tempo todo e ganho fama no colégio por dormir escondida pelo capuz do casaco, despertando assim que um professor me chama: “Eu não estava dormindo.”

Meu fascínio pela filha de Robyn nunca se extinguiu, e nossos caminhos se cruzaram só o suficiente para eu ter uma ideia de onde ela anda e como está: me contam que ela colocou um piercing no próprio nariz na colônia de férias e que está namorando um

grafiteiro chamado SEX. Certa vez, nossa amiga em comum nos põe em contato por telefone, e mal consigo falar.

— Ei! — grita ela.

— É você — digo.



Minha luta está cada vez mais acirrada, e meu pai me diz que vou conversar com Margaret, uma especialista em “aprendizagem e organização” com quem me consultei algumas vezes anos atrás, quando meus pais descobriram que eu tinha enfiado todos os deveres de casa incompletos debaixo da cama por quase seis meses. Tenho memórias bastante afetuosas de Margaret, sobretudo porque ela me oferecia biscoitos com desenhos de peças de xadrez e suco de laranja antes de começarmos a fazer o meu dever de matemática. Quando chego lá dessa vez, ela não oferece nenhum biscoito, mas continua igual ao que era da última vez que nos vimos: cabelo chanel ruivo e ondulado, um vestido preto drapeado e botas de bruxa. Mais parecida com a minha mãe do que com Robyn, mas com um sotaque australiano.

O consultório dela é um museu de curiosidades interessantes: conchas emolduradas, ramos de salgueiro secos saindo de vasos assimétricos, uma mesa de centro decorada com penas e azulejos descombinados fazendo as vezes de porta-copos. Por algumas semanas, nos sentamos à mesa e nos concentramos na organização da minha mochila, cuja divisão da frente parece a casa de um acumulador compulsivo viciado em crack com cinco filhos pequenos. Ela me ensina a organizar uma agenda, a etiquetar as divisórias de um fichário e a marcar com um tique as tarefas cumpridas. Margaret também é psiquiatra, e muitas vezes vejo crianças tristes ou casais incompatíveis esperando por ela depois das nossas sessões, mas esse não é o lugar para falar dos meus sentimentos. Nossa missão tem a ver com eficácia, arrumação e estabelecimento de prioridades.

Mas um dia chego lá assolada por pensamentos obsessivos recorrentes e pela sensação enevoada e nauseante que a medicação provoca. Não tenho vontade de arrumar o meu fichário. Os sistemas de organização que ela tinha me apresentado haviam me deixado muito satisfeita: os lápis apontados e as pastas de papel pardo bem organizadas. No entanto, numa grande metáfora da piora da minha condição, rabisquei todas as páginas antes imaculadas. Deito a cabeça na mesa.

“Você quer se sentar no sofá?”, pergunta Margaret.



Ela não revela nada sobre a sua vida. Desde o começo, deixa claro que estamos ali para falar apenas sobre mim. Quando faço uma pergunta pessoal, ela a ignora. Não é uma atitude grosseira. Na verdade, ela abre um sorriso amarelo, que sugere que falei numa língua desconhecida.

— Só por curiosidade, você tem filhos? — pergunto.

— Como você acha que a resposta a essa pergunta poderia ajudá-la? — rebate ela, como os analistas fazem nos filmes.

Por causa das suas reticências, desenvolvi minhas próprias teorias sobre Margaret. Por exemplo, que ela é uma comedora controlada e moderada, incapaz de entender a minha batalha pessoal contra a gula. Já vi um iogurte de leite de cabra no lixo dela, a tampa recolocada na embalagem com esmero. Outra das minhas teorias é que ela adora tomar banho quente. Tenho certeza de que adora flores do campo, trens e conversas íntimas com idosas sábias. Um dia ela me conta que, quando estava na escola, era forçada a usar um chapéu palheta durante os passeios. Eu me agarro a essa imagem, imaginando uma pequena Margaret marchando para cima e para baixo numa longa fila de meninas de chapéu.



Então, num dia de outono, chego no consultório e a encontro com um tremendo olho roxo. Antes que eu pudesse absorver o choque, ela aponta para o rosto e ri. “Um acidente de jardinagem.” E eu acredito. Margaret nunca deixaria ninguém bater nela. Nunca deixaria ninguém andar calçado dentro de casa. Sempre protegeria a si mesma, seus assoalhos, suas flores.

Meu pai conta que um amigo dele, Burt, conheceu Margaret nos anos 1990, que ela esteve “na área por um tempo” e teve um caso breve com um videoartista. Imagino os encontros deles: ele se senta a uma mesa de frente para ela e pergunta como foi o dia. Ela sorri e faz que sim, sorri e faz que sim.



O fato de Audrey e eu termos ido parar na mesma universidade é uma das coisas mais estranhas que já aconteceram — talvez no mundo, mas definitivamente comigo. À primeira vista, faz bastante sentido: duas nova-iorquinas com notas semelhantes nas provas e problemas semelhantes com autoridade são encaminhadas por administradores pouco criativos à mesma instituição liberal disposta a nos aceitar. Porém, do ponto de vista espiritual, eu não podia acreditar. Depois de tantos anos separadas, estamos juntas.

Ficamos amigas logo de cara, mais pelo que odiamos do que pelo que amamos. Odiamos salmão defumado. Odiamos garotos de calças cargo. Estamos de saco cheio das pessoas de Long Island que dizem ser de Nova York. Passamos as primeiras semanas do semestre

andando pela cidade nas nossas bicicletas vermelhas novas, com sapatos inapropriados e batom demais, sem querer abrir mão da ideia de que as garotas da cidade grande são diferentes. Quase caímos na gargalhada quando um garoto chamado Zenith chega numa festa vestindo uma camiseta com os dizeres F É DE FODÃO. Ficamos de olho nos veteranos que editam revistas literárias irônicas e tentamos evitar usar o banheiro perto de outra pessoa que não ela ou eu.

Audrey é intelectual, gosta de falar sobre Fellini e ler livros grossos sobre mandatos presidenciais malogrados escritos por velhos barbudos. Mas ela também fala gírias com mais confiança do que eu jamais consegui e remenda a minissaia jeans com apliques de bandas hardcore. Ela corta o próprio cabelo, usa delineador líquido e parece capaz de comer tantos biscoitos quanto quiser sem passar dos 45 quilos. Criamos apelidos engraçados uma para a outra: nininha, guguzinha e bibizinha.

Brigamos pela primeira vez após três semanas de amizade, quando decido que ela está me prejudicando socialmente com a sua misantropia.

— Vim aqui para crescer — digo. — E você não quer isso.

Ela corre até as árvores no jardim botânico, soluçando, cai e arranha o joelho. Quando tento ajudá-la, ela grita:

— Por que você quer me ajudar!?

Ligo para minha mãe, que tomou um tranquilizante e me diz alegremente para “comprar uma passagem de volta para casa”. Apavorada, tenho certeza de que Audrey está em casa conversando com a mãe e que Robyn está brava comigo.

Fazemos as pazes alguns dias depois quando, durante um brunch em que cada um levou um prato, percebo que na verdade odeio todo mundo mesmo. Até a minha nova amiga, Allison, que comanda a rádio, e até mesmo Hannah, que faz muffins veganos e tem uma colcha feita com camisetas do The Clash. As conversas na faculdade estão me deixando louca: pessoas sem qualquer convicção política

genuína com posturas politicamente corretas. Audrey estava certa: somos as únicas coisas boas uma para a outra.

Às vezes Audrey e eu comemos cereal ou nos secamos depois de um banho, e tenho um vislumbre da mãe dela. Robyn está aqui: jovem e nua, minha amiga.



Margaret está de férias, e tenho uma emergência. Minha mãe e eu tivemos a pior briga de todos os tempos, daquelas que põem à prova o conceito de amor incondicional, sem falar da decência humana básica. E a verdade é que nenhuma das duas tem muita razão. Seguimos os nossos corações, e não tivemos nenhuma escolha a não ser magoar muito uma à outra.

Tento ligar para Margaret, mas, uma vez que tecnicamente não é um caso de vida ou morte, não deixo mensagem. Em seguida, ligo para minha tia, que, espero, ao menos dirá que não sou um saco de lixo podre em forma humana.

“Sua mãe não é fácil, e você também não”, diz ela. “Não sei como vocês vão consertar isso, só sei que é necessário.” Ela sugere que eu telefone para uma amiga dela, dra. Linda Jordan, “especialista em relacionamentos”. “Linda terá ideias”, promete. “E ela é ótima em dar conselhos rápidos e eficientes.”

Conselhos? Minha terapeuta nunca me deu conselhos. O objetivo dela é me fazer dar conselhos a *mim mesma*.

Então eu, prestes a cometer a segunda maior traição desde aquela que minha mãe pode contar a vocês, liguei para a terapeuta de outra pessoa.

A especialista em relacionamentos, dra. Linda Jordan, está passeando em Washington, D.C., com amigos da faculdade, então retorna minha ligação sentada num banco diante do museu Smithsonian. Descubro que já nos encontramos uma vez — anos atrás

em um *bat mitzvah* — e me lembro vagamente do seu capacete de cabelo cor de mel e dos seus dedos cheios de anéis de diamantes enormes.

— Então, o que está acontecendo? — pergunta ela, com aquele tom caloroso mas pragmático de uma advogada de divórcios poderosa.

Despejo tudo. O que eu fiz. O que minha mãe fez em resposta. O que fizemos uma à outra desde que fizemos aquelas primeiras coisas.

— Uhum, uhum — diz Linda, indicando que está acompanhando. Enfim, respiro.

— Então. Eu sou uma pessoa horrível?

Pelos vinte minutos seguintes, Linda fala. Explica alguns “fatos” básicos sobre o relacionamento entre mães e filhas. (“Você é propriedade dela, mas também é uma pessoa.”) Em seguida, diz que nós duas agimos de maneiras perfeitamente compreensíveis, embora desagradáveis. (“Entendo” é uma das frases favoritas dela.)

— Então — conclui —, essa é, na verdade, uma oportunidade para chegar à próxima fase do relacionamento de vocês, se deixarem. Sei que você pode sair disso tudo mais forte se conseguir dizer a ela: “Você é minha mãe, e preciso de você, mas de um jeito diferente de antes. Por favor, vamos mudar, juntas.”

Desligo e sinto o pânico diminuir pela primeira vez em dias: a dra. Linda Jordan, especialista em relacionamentos, me ajudou. E rápido. E não foi como as minhas sessões com Margaret, nas quais evito o cerne de uma questão, ela assente, discutimos um livro de Henry James que não acabei de ler, então voltamos ao tópico de minha avó e de como eu adoraria estar dormindo, e aí elogio os sapatos dela, que são, como sempre, fabulosos. Fiz uma pergunta e a dra. Linda Jordan me deu uma resposta. E agora eu tenho as ferramentas para consertar a situação.

Ligo para a minha mãe:

— Eu te amo — digo. — Você é minha mãe, e preciso de você, mas de um jeito diferente de antes. Por favor, vamos mudar, juntas.

— Que merda é essa? — diz ela. Dá para perceber que ela está numa loja.



Audrey teve sinusite quinze vezes só nesse inverno e então, por recomendação do médico, quebraram o nariz dela, alinharam o septo e removeram as adenoides e as amígdalas. Cinco de nós, suas amigas, vamos até o apartamento de Robyn, onde Audrey está se recuperando. Antes de tocarmos a campainha, colocamos aqueles óculos de Groucho Marx com bigode e nariz e seguramos nossa tigela de sopa.

Robyn atende vestida com calças de ioga. “Para ver a paciente é só ir por ali”, diz ela.

Audrey está deitada na cama com dossel de Robyn, com o nariz coberto por um curativo, parecendo ainda mais magra do que o normal. Robyn deita na cama ao lado dela. “Como está se sentindo, querida?”

As outras garotas vão para a cozinha para desembulhar os biscoitos e revistas que compramos num quiosque do metrô. E, como se tivéssemos feito isso cinquenta vezes antes, como se fôssemos uma família, eu me deito ao lado de Audrey e Robyn. Todo mundo precisa receber cuidados de vez em quando.



Margaret e eu nos falamos ao telefone de praticamente todos os lugares. Já liguei para ela da praia, de veículos em alta velocidade em estados do Oeste, agachada atrás de uma lixeira, do estacionamento do meu alojamento da faculdade e do meu apartamento a dez quarteirões de distância do consultório dela, quando não tive forças para andar até o divã. Da Europa, do Japão e de Israel. Contei aos

sussurros sobre os caras que estavam dormindo ao meu lado. O som da sua voz, aquele “alô” tranquilo, porém cheio de expectativa, sempre me acalma. Ela atende no segundo toque, e todos os meus músculos e veias relaxam.

Numa viagem recente, ligo do deserto do Arizona, vestindo apenas calcinha e sutiã e torrando a minha pele numa piscina. Passo a maior parte da nossa sessão contando sobre os móveis que eu e meu namorado compramos juntos naquela manhã. Foi a primeira vez, como um casal, que tomamos decisões estéticas importantes. Escolhemos uma mesa de centro, dois cervos de bronze e dois bancos de bar forrados de couro artificial rasgado. Incapaz de resistir, acrescentei um gato de cerâmica cubista à mistura.

— Acho que a gente tem gostos bem parecidos! — balbucio, ignorando a dúvida que ela parece demonstrar quando eu falo sobre a inclusão de animais metálicos kitsch numa sala de estar.

— Isso é incrível — diz ela. — Meu marido e eu sempre tivemos gostos parecidos e isso realmente traz um enorme prazer na hora de montar uma casa. — Com seu sotaque, “prazer” soa como *praxer*. *Um enorme praxer*.

Atônita, faço uma pausa.

— Traz mesmo! — digo.

Ela me contou. Ela me contou. *Ela me contou*.

Mais adiante na conversa, ela menciona uma viagem a Paris:

— Viajamos para lá com frequência por causa do trabalho do meu marido.

É como se fosse Natal. Presente após presente. Agora eu não só sei que ela tem um marido, como também que é possível que ele seja francês ou, pelo menos, que TRABALHE PARA FRANCESES. Isso é informação com que posso trabalhar. Na próxima vez, ela vai me contar sobre o namorado da faculdade que era um Pantera Negra, sobre um aborto e sobre a melhor amiga, Joan.

— GRANDES NOVIDADES! — digo a todo mundo que está disposto a me ouvir. — Minha terapeuta tem um marido. E ele *talvez*

seja francês.

Por que Margaret acha que estou pronta agora? Em qual teste passei, que maturidade demonstrei? Será que os terapeutas têm algum critério para avaliar a nossa capacidade de lidar com informações de uma maneira racional? Eu me pergunto se ela se arrependeu quando desligou o telefone, se franziu a testa e juntou as mãos bonitas, as mãos com um anel de ouro em cada dedo para manter vivo o mistério.

Talvez eu tenha transmitido a verdade e a segurança do meu relacionamento romântico da maneira apropriada e ela esteja pronta para me incluir no clube de mulheres estáveis e equilibradas do qual faz parte. Talvez ela simplesmente não consiga se conter quando o assunto é mobília dos anos 1940 e 1950. Ou talvez tenha sido sem querer. Talvez ela tenha esquecido os nossos papéis por um momento, e viramos apenas duas mulheres, duas amigas conversando a distância. Colocando em dia o papo sobre as nossas casas, os nossos maridos e as nossas vidas.



Isso é mesmo real?

Pensamentos sobre a morte e morrer

PENSO BASTANTE SOBRE o fato de que todos nós vamos morrer. Penso nisso nos momentos mais inoportunos — quando estou em pé num bar depois de conseguir fazer um cara bonito rir e eu rio também, e talvez dançando um pouco, e depois tudo passa em câmera lenta por um segundo, e penso: será que essas pessoas entendem que vamos todos para o mesmo lugar no final? Posso voltar à conversa e dizer a mim mesma que o lampejo de consciência da mortalidade enriqueceu a minha experiência, me lembrou de que preciso aproveitar ao máximo quando rio, jogo o cabelo para o lado e digo o que penso porque... por que não? Mas de vez em quando o sentimento permanece comigo e me lembra da minha infância — do pavor que eu sentia e de não saber as palavras para me acalmar. Pelo jeito, quando se trata da morte, nenhum de nós tem de fato as palavras certas.

Eu queria ser uma daquelas jovens que parecem ignorar por completo o fato de que o seu corpo núbil e reluzente é, na verdade, falível. (Talvez seja preciso ter um corpo núbil e reluzente para se sentir assim). Ledo engano: ser jovem não é isso? Você acha que é imortal até que um dia, aos sessenta anos, a ficha cai: você vê um espectro da morte meio ao estilo Ingmar Bergman, faz um exame de consciência e talvez adote uma criança carente. Você decide viver o resto da vida de uma forma que lhe dê orgulho.

Mas eu não sou uma dessas jovens. Sou obcecada pela morte desde que nasci.

Quando era bem pequena, um medo sem nome muitas vezes me assolava. Não era medo de nada tangível — tigres, ladrões ou virar uma sem-teto — e também não podia ser resolvido pelos métodos normais, como abraçar a minha mãe ou assistir a um desenho da Nickelodeon. A sensação era fria e residia logo abaixo do meu estômago. Ela fazia tudo ao meu redor parecer irreal e inseguro. A sensação mais próxima dessa que já tive foi quando, aos três anos, fui levada ao hospital no meio da noite com uma urticária repentina. Meus pais estavam viajando, então minha babá brasileira, Flávia, me levou correndo para a emergência, onde um médico me colocou numa cama alta e pressionou um estetoscópio frio entre as minhas omoplatas. No caminho para o hospital, tive certeza de que vi um homem dormindo dentro de uma sacola de correspondências. Pensando nisso agora, ele devia estar numa maca, coberto por um cobertor escuro. Talvez estivesse em coma, ou até mesmo morto. O médico tirou a minha blusa, senti as minhas axilas, e o tempo inteiro eu flutuava acima de todos, dissociada, observando.

Essa reação em cadeia de observações e deduções se repetiria por toda a minha infância diante desse medo sem nome, e comecei a chamá-la de “sensação de hospital”. Decidi que poderia ser curada com goles de suco de uva.

Consegui definir melhor essa sensação quando a minha avó morreu. Eu tinha catorze anos. Pouco antes, eu havia pintado o

cabelo e comprado uma blusa tomara que caia de cetim, uma transição que considereei uma prova da minha maturidade irreversível. Apareci na última visita à minha avó com um batom marrom bem forte e um casaco justinho e sem gola, comprado numa liquidação da Banana Republic. Pinteí com muito cuidado as unhas da minha avó moribunda com esmalte perolado e prometi voltar para almoçar com ela no dia seguinte. Mas não houve dia seguinte: ela morreu naquela noite, com o meu pai ao seu lado. No outro dia de manhã, quando ele nos contou sobre o falecimento dela, foi a primeira e última vez que o vi chorar.

Até eu ter mais ou menos doze anos, minha avó era a minha melhor amiga. Carol Marguerite Reynolds — Vó, como eu a chamava — tinha uma farta cabeleira, branca feito neve, com corte chanel e apenas uma sobrancelha, resultado da ignorância sobre os raios ultravioleta e, conseqüentemente, do câncer de pele. Ela tinha o hábito de desenhar a sobrancelha que faltava com um lápis cinza-azulado da Maybelline que não dava, nem de longe, a ilusão de pelos naturais. Ela vestia calças de grávida para acomodar a barriga distendida e o tipo de sapato confortável que, nos últimos anos, virou moda no Brooklyn. Sua casa cheirava a naftalina, talco e uma umidade argilosa que emanava do seu porão abarrotado. Eu ligava para ela todos os dias às quatro da tarde.

À primeira vista, ela era tradicional. Até mesmo provinciana. Corretora de imóveis aposentada, nascida em Old Lyme, Connecticut, com uma queda pelo Dan Rather e uma geladeira cheia de contrafilé barato, ela não tinha grande interesse pela nossa vida urbana (na verdade, só me lembro de ela ter visitado a gente uma vez, um evento que me deixou tão ansiosa que coloquei o leite para o chá na mesa às dez da manhã, e ele azedou até ela chegar, às quatro da tarde). No entanto, os detalhes triviais de sua vida doméstica escondiam o que agora vejo como a alma de uma radical. Depois de estudar numa escola com uma única sala de aula numa cidade cheia de ianques caipiras — sua família foi a primeira do bairro a ter um carro, que

eles dirigiam sobre o lago congelado no inverno —, ela fugiu da sua vida protegida para a Mount Holyoke College, a escola de enfermagem de Yale. Em seguida, entrou para o exército e ficou baseada na Alemanha e no Japão, suturando ferimentos e removendo estilhaços de soldados alemães apesar das ordens explícitas para deixá-los morrer. Ela namorou alguns médicos (alguns deles judeus!) e adotou um dachshund chamado Bolo de Carne que ela encontrou fuçando o lixo atrás de sua barraca.

Vó recontava suas aventuras com o estoicismo dos primeiros peregrinos que chegaram aos Estados Unidos, mas era evidente para mim, mesmo com nove anos de idade, que ela tinha visto bem mais do que estava disposta a contar.

Vó só se casou aos 34 anos, o que, em 1947, era o equivalente a ser Liza Minnelli no quinto marido gay. Meu avô, que também se chamava Carroll, era incrivelmente obeso e tinha nascido na riqueza, que ele perdeu numa série de investimentos malogrados que incluíram uma granja e um negócio que vendia “estruturas poliesportivas”. Mas a Vó viu algo nele, e em duas semanas ficaram noivos. Dessa união vieram meu pai e seu irmão, Edward, vulgo Jack.

No dia seguinte à morte da Vó, meu pai e eu fomos à sua casa pela última vez, e fiquei ouvindo Aimee Mann num discman e observando a paisagem industrial passar pela janela. Essa viagem tinha sido um evento recorrente na minha infância: hospitais e trilhos de trem abandonados, placas de cidades que não faziam jus a seus nomes e uma parada em New Haven para comprar pizza e abastecer o carro. Lembro-me de pensar: é o fim. Nada nunca havia acabado antes.

Enquanto meu pai e meu tio Jack organizavam os pertences da Vó para vender a casa, andei pelos corredores aos prantos, usando o roupão dela, com os lenços de papel amassados ainda nos bolsos. Eles continuaram a trabalhar, aparentemente imunes à magnitude da ocasião.

— Não posso acreditar que ela guardou todos esses malditos recibos — exclamou meu pai. — Tem latas de sopa de 1965 no porão.

— Ela estava aqui agora mesmo! — gritei para os adultos insensíveis. — E agora ela se foi! As coisas dela ainda estão na GELADEIRA!

Quando saí do banheiro cheirando o pente da Vó, meu tio puxou meu pai de lado e pediu que ele mandasse eu parar.

Furiosa com o pedido, entrei no closet e comecei a cheirar os pijamas dela. Minha cabeça latejava com perguntas. Onde está a Vó? Ela está consciente? Ela está solitária? E o que tudo isso significa para *mim?*

O resto do verão foi caracterizado por um tipo de terror quente, um medo onipresente que sugava a vitalidade de tudo que eu fazia. Todo picolé que eu chupava, todo filme a que assistia e todo poema que escrevia eram marcados por uma sensação de perda iminente. Não de outro ente querido, mas da minha própria vida. Poderia ser amanhã. Poderia ser oitenta anos depois de amanhã. Mas ela chegaria para todos nós, e eu não era exceção.

Então o que estávamos tentando fingir?

Até que, um dia, não aguentei mais: fui até a cozinha, apoiei a cabeça na mesa e perguntei ao meu pai:

— Como a gente vive dia após dia sabendo que vamos morrer?

Ele olhou para mim, visivelmente aflito com o alvorecer da minha morbidade predestinada pela genética. Ele era igual quando criança. Não passava um dia sem pensar no fim inevitável. Suspirou, se recostou na cadeira, incapaz de dar uma resposta consoladora.

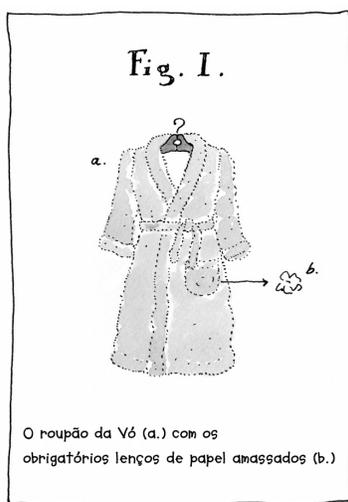
— A gente simplesmente vive.

Tem horas que meu pai fica bem existencialista. “Você nasce sozinho e morre sozinho” é a sua frase favorita e pela qual sinto um ódio especial. O mesmo vale para “Talvez a realidade seja apenas um chip implantado nos nossos cérebros”. Ele costumava observar a natureza e dizer: “Como sabemos que isso está *aqui* de verdade?” Pelo jeito, herdei isso dele. Pensei na Vó, como a vida dela tinha sido longa e complicada e como foi reduzida a uma lixeira cheia de latas de comida velha e um suéter Pucci antigo no qual eu já tinha derramado

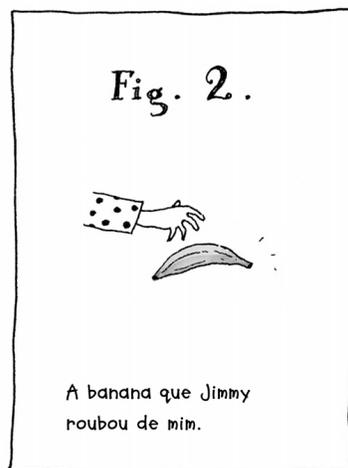
molho de tomate. Pensei em todas as coisas que ainda queria fazer na vida e percebi: é melhor começar logo. Nunca mais vou passar uma tarde inteira assistindo a uma maratona de *Singled Out* se é *isso* que vai acontecer.



A verdade é que eu vinha rondando o tópico da morte no meu subconsciente por um bom tempo. Por ter vivido no Soho no fim dos anos 1980 e começo dos 1990, sabia sobre a aids e a alta taxa de mortalidade que ela provocava na comunidade artística. Doença, perda, quem tomaria conta das obras de arte, dos imóveis e das despesas médicas — esses assuntos surgiam em todos os jantares. À medida que muitos dos amigos dos meus pais ficavam doentes, eu aprendia a reconhecer a aparência de alguém que estava sofrendo: rosto esquelético, com manchas estranhas, um suéter que tinha ficado largo demais. E eu sabia o que isso significava: que essa pessoa logo viraria um memorial, um nome num prêmio dado a alunos de intercâmbio, uma memória distante.



O melhor amigo da minha mãe, Jimmy, era um fotógrafo moreno de fetichismo gay que estava morrendo quando eu nasci. Uma das minhas memórias mais antigas é a de um homem pálido e frágil deitado no sofá perto da janela da frente do nosso loft, brincando com a minha mãe sobre mãos, fofocas e moda, com a voz debilitada. Ele era carismático, talentoso e sarcástico. Minha mãe o ajudou a organizar a sua papelada, entrou em contato com amigos que não o viam havia muito tempo para que se despedissem dele, passeou por Nova York com a mãe dele quando ela veio passar os últimos dias de Jimmy com ele. Eu ainda me sinto muito culpada por ter gritado com Jimmy por ele ter comido uma banana que eu estava “guardando”, sobretudo porque ele morreu poucas semanas depois.



No verão depois do segundo ano da faculdade, me convenci de que também morreria de aids. Fiz sexo imprudente com um poeta-matemático baixinho que, depois de tudo, tirou a camisinha, colocou-a embaixo do travesseiro e limpou o pênis nas próprias cortinas.

— Posso contar um segredo? — perguntou ele ao voltar para a cama.

— Manda ver! — respondi.

— Bem — contou ele —, semana passada eu estava andando por aí de madrugada e sem querer entrei em um bar gay, conheci um

filipino, deixei ele vir para a minha casa, comi o cu dele, a camisinha estourou e ele roubou a minha carteira.

Dei um tempo.

— Lamento muito que isso tenha acontecido com você — falei.



Fazia mais ou menos 35 graus, o tipo de calor nova-iorquino que assa suas coxas e faz a taxa de homicídios subir. Passei o resto do verão num inferno criado por mim mesma, imaginando o vírus se espalhando, as coisas que nunca faria, os filhos que nunca teria, as lágrimas que a minha mãe derramaria ao perder outro ente querido para a doença. Eu tinha pesquisado o suficiente para saber que, se tivesse sido infectada, demoraria vários meses até a doença aparecer num teste, então simplesmente esperei e me fiz perguntas: Eu era forte o bastante para ser ativista? Como me sentiria sendo o símbolo da aids no mundo industrializado? Ou será que eu apenas me esconderia até morrer? Pedi para que os meus sisos fossem arrancados, para ficar inconsciente durante algumas horas. Tentei curtir cada mordida de sorvete e cada risada que dei com minha irmã, sabendo que as coisas logo mudariam. Fiquei com um programador de computador e me perguntei se o tinha contaminado. No fim do verão, já estava oficialmente “vivendo com aids”.

Alerta de spoiler: eu estava bem.

Por mais que eu quisesse acreditar que o universo pune quem transa com bissexuais minúsculos, não contraí o vírus. Mas o espectro apavorante da minha morte tinha me consumido tanto que precisei fazer uma cirurgia dentária.



“Eu não tenho nenhum problema com a ideia da morte”, diz minha amiga Elizabeth, “mas fico estressada com a logística da coisa toda.”

Se reencarnamos, como promete minha mãe, por quanto tempo precisaremos esperar até voltarmos naquele novo bebê? É uma fila longa, como a das garotas japonesas na frente de uma Topshop recém-inaugurada? E se esse novo bebê tiver pais malvados? Se seguirmos a lógica budista de que estamos virando parte da glória do universo, uma única consciência gigantesca, bem, isso é aglomeração demais para o meu gosto. Eu nem consegui acabar um trabalho em grupo para a aula de artes no segundo ano. Como vou dividir uma compreensão com o resto da humanidade? Se esse for o caso, sou solitária demais para a morte, mas também tenho medo de ficar sozinha. Onde me encaixo?

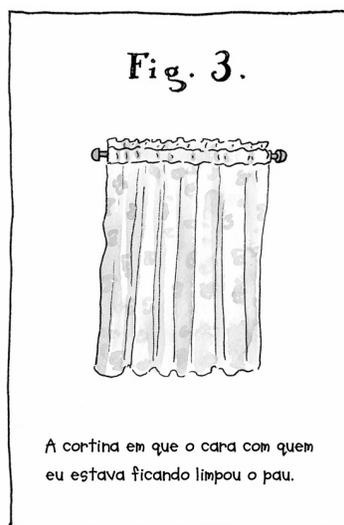


Após ler uma versão preliminar deste ensaio, meu amigo Matt me perguntou: “Por que você tem tanta pressa para morrer?” Fiquei chocada com a pergunta, até meio irritada. Aquilo não tinha nada a ver comigo! Era uma certeza universal, sobre a qual eu calhei de ter uma perspectiva excepcionalmente clara por causa da minha incapacidade de ignorá-la, como fazem alguns idiotas!

Eu nunca tinha pensado naquilo dessa forma, mas Matt estava certo. A hipocondria. A intensidade das minhas reações à morte e a minha incapacidade de abandonar o assunto quando ele surge num grupo. Minha necessidade de deixar claro para todo mundo que ela virá para eles também. Minha necessidade de meditar sobre o assunto. Será que o que se manifesta como medo é, na verdade, um instinto de resistir à juventude? A juventude e tudo que a acompanha: todos os riscos, humilhações, incertezas e pressões para fazer tudo antes que seja tarde demais. Será que a sensação de morte iminente está ligada ao desejo de deixar algum tipo de legado? Uma vez escrevi, porém nunca filmei, um curta-metragem em que eu fazia um

enorme funeral para mim mesma, ouvia todo mundo que amo falar sobre mim, e aí, no final, saltava do caixão e gritava: “Surpresa!”

Ainda estou na casa dos vinte anos, por isso o medo da morte é, apesar de razoável num contexto mais amplo, também bastante irracional. A maioria das pessoas passa dos vinte anos. E dos trinta. E dos quarenta. Muitas pessoas vivem por mais tempo do que é divertido viver, até mesmo para eles. Então, todas as vezes em que penso sobre a morte, quando deito na cama e me imagino desintegrando, minha pele começando a endurecer, meu cabelo a petrificar e uma árvore brotando do meu estômago, é uma forma de evitar o que está diante de mim. É uma forma de não estar presente, de evitar a incerteza do aqui e agora.



Se eu viver por tempo suficiente e tiver a chance de ler este texto quando estiver velha, talvez fique estarrecida pela minha audácia de pensar que tenho alguma ideia do que a morte significa, do que ela revela, do que é viver sabendo que ela se aproxima. Como alguém cujo maior problema de saúde foi uma infecção intestinal causada por café sabe como será o fim da vida? Como alguém que nunca perdeu um dos pais, um amante ou um melhor amigo tem alguma noção do que tudo isso significa?

Meu pai, que está muito bem para alguém com 64 anos, gosta de dizer: “Você não imagina nem por um caralho, Lena.” Ele é daqueles que vê a morte de longe (apesar de sua crença na robótica) e diz coisas como: “Manda ver. A essa altura, estou curioso pra cacete.” Entendo: eu não sei de nada. Mas também espero que meu eu futuro tenha orgulho do meu eu presente por tentar entender as grandes ideias e também por tentar fazer vocês sentirem que estamos todos no mesmo barco.



A irmã da minha avó ainda está viva.¹ Doad tem cem anos e a energia de alguém com oitenta e poucos. Embora o seu corpo mostre resistência à maioria das atividades, ela ainda tricota, esculpe com faca e toca órgão. Tem aquele tipo de disposição ianque de estar sempre preparada para o que a vida trouxer. Para ela, o câncer é como um shopping em construção ao lado da sua casa: inconveniente e inesperado, mas não há muito o que fazer. Ela nunca ouviu Deepak Chopra, passou a tomar leite de amêndoas ou fez meditação. Ainda assim, aqui está, na cadeira ao lado da janela na casa em que nasceu, tendo vivido mais do que o marido, os irmãos, os sobrinhos e os amigos.

Meu pai e eu a visitamos mais ou menos uma vez por ano. Pergunto a ela sua opinião sobre os eventos recentes (“Obama parece ser um garoto bacana, e ainda por cima é bonito”) e sobre a história da sua casa (“Um banheiro e cinco filhos, aquilo era uma piada de mau gosto”). Ela usa a expressão “é uma brasa, mora” do jeito que a geração dos anos 2000 fala “tipo”. Meu pai, quando se depara com uma mulher de cabelo branco e com o mesmo jeito enérgico e objetivo de sua mãe, fica introvertido e infantil. Ele arrasta os pés do mesmo jeito que faz quando está junto ao túmulo dela ou num tribunal de infrações de trânsito: sem nenhum traço de radicalismo.

Doad escreveu suas memórias. Dezessete anos atrás, quando já estava bem velha. Ela escreveu sobre a vida na sua cidade no começo do século XX — o primeiro carro, a primeira televisão, o primeiro divórcio. Escreveu sobre a escola com uma única sala de aula, sobre seu único amigo negro e a vez em que seu irmão subiu numa escada vestindo uma máscara de diabo, espiou pela janela do quarto dela e a assustou tanto que ela fez xixi nas calças. Ela não fez isso pela glória, mas para a posteridade: uma narrativa prosaica e prática, elaborada apenas para repassar informações, para provar que esteve ali e que ainda está aqui. Ela tem orgulho do fato de, na sua idade, não precisar de ajuda para se vestir — camisa xadrez, sapatos de enfermeira e macacões em tons pastel.

Na nossa última visita, ela nos dá uma pilha de cachecóis que tricou à mão, todos um pouco curtos, com pontos desiguais e protuberantes. Quando nos despedimos, ela diz que ficamos pouco tempo, e prometemos voltar, da próxima vez com a minha irmã. Nós nos abraçamos e sinto a curva da sua coluna, cada vértebra saliente.

Na viagem de volta para Nova York, meu pai e eu enfrentamos um dos engarrafamentos “mais horrendos” que ele já viu. Ao avançarmos devagar pela estrada, ele relaxa as mãos no volante e fica pensativo.

— A gente deveria visitar Doad com mais frequência — diz. — Ela sabe que ficamos apenas 45 minutos. Ela não está senil.

Tento abordar outro assunto, algo em que ando pensando, ou pensando em pensar.

— Eu não tenho medo de morrer — comento. — Não mais. Algo mudou.

— Bem, tenho certeza de que o seu sentimento sobre isso vai continuar a evoluir à medida que você ficar mais velha. À medida que você vir mais morte ao seu redor e coisas acontecendo com o seu corpo. Mas espero que você sempre se sinta dessa forma.

Sei que ele adora falar sobre a morte. Leva apenas um segundo para pegar o embalo.

— Sabe — começa ele. — Não tem como ser uma coisa ruim. Porque é tudo.

Falamos sobre seres iluminados, sobre o que significaria transcender o plano humano.

— Quero ser iluminada, mas isso parece algo tão entediante — digo. — Muitas coisas que adoro, fofoca, móveis, comida e a internet, estão aqui na Terra. — Então falo algo que faria Buda se revirar no túmulo: — Acho que eu poderia ser iluminada, mas ainda não estou a fim. Só quero entender toda essa coisa da morte.

Chegamos ao topo de um morro na escuridão chuvosa e vemos, diante de nós, uma fila de carros com as luzes de freio acesas, parados até onde a vista alcança. Ainda levaremos horas para chegar em casa.

— Caralho — diz ele. — Que loucura. Isso é mesmo real?

1 Doris Reynolds Jewett teve uma morte tranquila em 10 de dezembro de 2013, logo após saborear um martíni.

Minhas 10 maiores preocupações com a saúde

1. Todo mundo teme o câncer. Até onde sei, ele é uma ameaça sempre latente dentro do corpo, mas não é um problema até que passa a ser. Ele pode estar em qualquer lugar, do fígado àquela marca de nascença bonitinha no seu quadril, e pode matá-la ou motivar uma autobiografia. Não tenho medo suficiente para começar a fazer caminhadas de dez quilômetros, mas morro de medo.

2. Penso muito sobre a síndrome da fadiga crônica. Os sintomas parecem horríveis, como uma gripe que nunca acaba, que drena as pessoas e as transforma em fardos cansativos para a família e os amigos até você enfim virar apenas um simulacro de ser humano. (Tenho certeza de que tanto as autoridades médicas quanto as vítimas da síndrome vão adorar essa descrição.) E fica pior: alguns médicos acham que é um problema mental e que os pacientes são depressivos delirantes. Outras pessoas suspeitam de que ela esteja ligada à mononucleose, uma doença que tive com tanta gravidade que ficava cansada demais até para contrair o rosto enquanto chorava. Passava o dia inteiro me perguntando: “Será que posso dormir neste instante?” E a resposta sempre era um retumbante sim.

3. Fico achando que, se comesse coisas diferentes, mais verduras e legumes ou menos torradas com manteiga salgada, sentiria uma explosão de energia eletrizante que mal consigo imaginar. Que existe uma versão melhor, mais forte e mais produtiva de mim e ela pode se revelar caso eu tome as devidas providências para mudar a minha vida. Mesmo quando me apresentam provas da minha produtividade, acho que as pessoas que me acusam de ser produtiva não sabem como

às vezes é difícil para mim dobrar o braço. Um dos medos ligados a isso é que, se eu emagrecesse dez quilos, perceberia que passei a vida inteira com uma mochila de gordura grudada em mim e que poderia fazer acrobacias e coisas do tipo. Dito isso, um médico homeopata me informou certa vez que precisamos de manteiga para “lubrificar as sinapses” e que a razão para o grande número de divórcios em Hollywood é que ninguém está lubrificado o suficiente.

4. Falando nisso: tenho medo de como o meu celular afeta o meu cérebro. E, no entanto, nunca usei fones de ouvido por mais do que metade de um dia. O aspecto mais assustador da saúde humana é a nossa recusa a tomar as devidas providências para ajudarmos a nós mesmos e o fato de que, muitas vezes, somos responsáveis pela nossa própria aniquilação por não nos engajarmos em ações positivas. Isso me faz querer tirar uma soneca.

5. Caseum nas amígdalas. Você já ouviu falar em caseum nas amígdalas? Bem, deixe-me fazer a seguinte pergunta: você já expeliu, ao tossir, uma pequena massinha branca que, quando examinada mais de perto, fedia como as piores partes do esgoto de Nova York? Caso isso tenha acontecido, você sem dúvida ficou chocado com o fato de aquilo ter saído do seu corpo, jogou a massinha na privada, puxou a descarga e desejou nunca mais pensar nisso de novo. Aquilo era um caseum da amígdala. Eles se formam nas criptas amigdalíneas, onde comida, pele morta e vários detritos se acumulam e fermentam, criando a coisa mais nojenta que o seu corpo é capaz de produzir (e isso não é pouca coisa). Além do aspecto asqueroso, isso também é uma fonte de infecção e desconforto. Tenho essas massinhas de vez em quando e, por isso, pedi ao meu médico para examinar as minhas amígdalas, descritas por ele como “bolas cheias de doenças”. E, mesmo assim, quando lhe perguntei sobre a possibilidade de retirá-las, ele não pareceu preocupado. Disse que eu teria que repousar por duas semanas e perderia pelo menos sete quilos, o que não é a melhor maneira de me fazer desistir. Pergunto: como pode ser

remotamente saudável isso acontecer na sua garganta? Será que outras pessoas percebem isso e, numa situação apocalíptica, podem me abandonar para morrer engasgada com as minhas massinhas?

6. Tenho medo de zumbido. Um tinido constante no meu ouvido que vai me enlouquecer, me deixar acordada e interromper minhas conversas e, mesmo depois de me curar, ainda vou ouvir sua sibilância maligna. Se fico bem quieta à noite, consigo imaginá-lo em toda a sua plenitude, um som como o de um inseto fervido até a morte.

7. Tenho muito medo da poeira de abajures. Tenho um problema sério com a poeira que sai dos meus. Tudo o que coloco debaixo dos meus abajures fica, em poucos minutos, coberto por uma camada espessa de poeira. Aproveitando o ensejo, minha narina esquerda está sempre entupida, e uma vez o otorrinolaringologista retirou todo o muco do meu seno nasal com um pequeno aspirador. Senti uma melhora de 45% na minha qualidade de vida por três horas, até ele ficar entupido de novo.

8. Tenho medo de fadiga adrenal. Ela está ligada à fadiga crônica, mas não é a mesma coisa. Os médicos ocidentais não acreditam em fadiga adrenal, mas, se você tem um emprego e é humano, qualquer médico holístico dirá que você tem fadiga adrenal. Resumindo, trata-se de uma exaustão perigosa causada pela ambição e pela vida moderna. Sofro gravemente dessa doença. Por favor, leia sobre isso na internet — você também é vítima.

9. A superfície da minha língua é bizarra. Parece uma caricatura da lua. Isso não pode ser normal.

10. Tenho medo de ser estéril. Meu útero *está* inclinado para a direita, o que pode significar que ele é um ambiente inóspito para uma criança que deseja um útero bem reto. Por isso vou adotar, mas não terei uma daquelas histórias de amor lindas que desafiam a genética publicadas pela *People*. A criança vai ter síndrome de alcoolismo fetal

não diagnosticada. Ela vai me odiar e vai pregar nosso cachorro numa tábua.



Oi, Mãe; oi, Pai

Saudações da Colônia de Férias para Meninas Fernwood Cove

MINHA MÃE E MINHA AVÓ foram para uma colônia de férias “verde e branca”. Esse foi o apelido que elas deram a um lugar respeitável onde jovens judias privilegiadas passavam o verão enquanto os pais faziam um cruzeiro. O uniforme consistia em bermuda verde bem passada e camisa branca com colarinho.

Elas descreveram a colônia de férias, onde passavam oito semanas todos os verões entre os seis e os dezessete anos, como uma espécie de utopia para garotinhas. Localizada nas profundezas das florestas do sul do Maine, lá se assava marshmallows, se compartilhava segredos e se aprendia a atirar com arco e flecha. Até a minha mãe, uma adolescente tão taciturna e irascível que se recusava a jantar com a família, ficava animada na colônia de férias. Em casa, era colérica, enojada pelo senso de humor vaudevillesco do pai e pela criteriosa atenção da mãe às normas de etiqueta. Ela odiava as irmãs louras por tentarem se incluir socialmente e a empregada por precisar tanto de dinheiro a ponto de abandonar a própria família. Mas, na colônia de

férias, ela tinha um beliche cheio de irmãs, garotas que a entendiam, garotas por quem ela esperava todo o inverno gelado e solitário para reencontrar. Na colônia de férias, conseguia expressar um entusiasmo e uma paixão que ela nunca deixou a família sequer vislumbrar. E, quando o verão acabava, ela ficava inconsolável.

Quando eu era pequena, deitava na cama e pegava no sono enquanto minha mãe me contava histórias: sobre gincanas, passeios de canoa e muitas travessuras. Sobre a “mãe” da colônia de férias, que lavava a cabeça delas com força uma vez por semana e depois enrolava os cabelos em bobs. Sobre amizades eternas, um mundo onde a juventude reinava e os meninos não podiam perturbar o idílio. Na minha cabeça, as suas histórias da colônia de férias se misturaram irrevogavelmente com o roteiro de *Operação cupido* e deram um estilo tecnicolor à imagem que eu tinha desses verões de outrora.

Quando eu tinha dez anos, viajamos de carro até o Maine para visitar alguns amigos e paramos na Colônia de Férias Wenonah, que havia sido abandonada. Do banco do carona, vi chalés abandonados e uma quadra de tênis com a rede dilapidada. Minha mãe pulou do carro com a mesma agitação frenética que ela devia sentir todos os verões quando seus pais a deixavam lá. Ela tinha 1,70 metro desde os treze ou catorze anos, e eu conseguia imaginar aquele mesmo corpo esbelto pulando da cama a tempo da cerimônia matinal de hasteamento da bandeira.

Agora, beirando os cinquenta anos e usando o tipo de chapéu de palha que faz eu querer me matar, ela nos levou até o morro gramado que dá vista para um lago cinzento e barcos de madeira abandonados batendo na margem. Nesse exato local, contou, elas faziam festas ao ar livre junto com os garotos da Colônia de Férias Skylamar, que ficava nas redondezas. Ali, de acordo com ela, ficava a cabana de artesanato, agora apenas uma sombra do que era. E, de repente, ela começou a chorar. Eu nunca tinha visto minha mãe chorar antes e fiquei observando-a sem saber o que fazer.

“Para de olhar para mim”, ralhou ela. “Não sou um experimento científico.”

Perguntei se ela ainda mantinha contato com alguma das suas amigas de Wenonah. Não, respondeu, mas isso não queria dizer que ela tinha deixado de amá-las: elas eram irmãs.

Então eu também queria uma colônia de férias. Não queria sair de casa. Amava a minha cama loft, o meu gato sem pelo e a pequena escrivaninha que meu pai instalou no que antes era o closet onde ele guardava os seus livros de ficção científica. Adorava o nosso elevador verde-hortelã, a comida malaia que pedíamos para viagem, o mês de agosto em Nova York e o fato de que a única brisa existente era provocada pelo trem do metrô passando em disparada. Mas também queria amizades, novos começos com pessoas que nunca tinham me visto fazer xixi nas calças durante um jogo de beisebol para crianças ou bater no meu pai na porta da delicatessen. Eu queria memórias tão poderosas que me fariam chorar. E, por Deus, eu queria shorts verdes.



Passei três verões na Colônia de Férias para Meninas Fernwood Cove.

Fernwood Cove era a colônia de férias feminina da Fernwood, uma instituição antiga com a qual Wenonah costumava disputar algumas modalidades esportivas. Fernwood Cove era uma colônia de quatro semanas, para as garotas que tinham medo de passar oito semanas fora de casa. Ou eram mimadas demais para viver sem eletricidade. Ou vadias demais para viver sem garotos. Eu tinha decidido que oito semanas seria demais para mim quando a minha prima, uma garota de Fernwood, descreveu a decapitação ritualística do bicho de pelúcia de uma menina fracote. “Quer dizer, ninguém leva um *brinquedo* para uma colônia de férias”, disse ela, como se isso fosse óbvio.

Comecei a ir para Fernwood Cove quando tinha treze anos. Havia acabado de terminar o sétimo ano com sucesso, no qual curti não apenas um, mas *dois* namorados populares, e uma esteticista profissional chamada Beata fez luzes no meu cabelo. Essa rara sequência de vitórias foi apenas maculada de leve pela franja curta que eu mesma cortei como preparação para o meu teste de elenco para o papel da irmãzinha de Drew Barrymore no filme de Penny Marshall *Os garotos da minha vida*. (O papel foi dado a outra garota depois que eu disse à sra. Marshall que não conseguia sorrir sob comando. “Isso se chama *atuar*”, resmungou ela).

Então, foi com um sentimento raro de esperança e expectativa que peguei o ônibus em Boston que me levaria até Fernwood Cove. Durante a viagem de três horas, conversei com a garota sentada ao meu lado, uma menina chamada Lydia Green Hamburger, que me contou, três minutos depois de me conhecer, que conhecia Lindsay Lohan. Lydia era diferente de mim — falava com animação sobre bailes da escola, lacrosse e shoppings —, e mesmo assim nos demos muito bem. “Colônia de férias é isso!”, pensei. “Encontrar tipos um pouquinho diferentes de garotas brancas!”

Mas, no momento em que chegamos à entrada empoeirada e vimos o espirobol nos esperando, o medo se instalou.

Se o meu comportamento naquele primeiro verão na colônia de férias fosse o único dado que um psiquiatra tivesse à disposição, eu seria diagnosticada como uma bipolar de ciclo rápido. Minhas emoções oscilavam de modo frenético, da alegria ao desespero e ao desdém pelas minhas colegas. Em um minuto eu conversava animadamente com a minha nova amiga Katie e, no seguinte, me convencia de que ela tinha o QI de uma ameba. Em um minuto eu aproveitava o momento, nem pensava na minha família, e no outro, enquanto andava da parede de escalada à tenda do teatro, sentia uma saudade de casa tão grande que tinha certeza de que morreria naquele instante. Meus pais pareciam estar a uma distância absurda — poderiam até estar mortos, até onde eu sabia. Ficava cada vez mais

difícil me livrar dessa sensação e, à medida que o verão avançava, minha saudade ficava mais intensa, exatamente o oposto do que meu pai havia prometido que aconteceria.

A única coisa que consegui me distrair por completo foi ter permissão para apresentar uma peça que eu tinha escrito sobre uma mulher com treze gatos em busca de um namorado compreensivo. Por causa da qualidade desse trabalho, minha monitora de teatro, Rita-Lynn, me escalou como a estrela de uma peça que ela tinha escrito sobre “mulheres-coiotes primitivas” como trabalho de conclusão de curso na escola de dramaturgia de Yale. Fiquei animada até descobrir que precisaria soltar uma batata presa entre minhas pernas e grunhir: “Uh, que belo cocô.” Como era possível pedir a uma atriz séria para falar uma frase tão absurda?!

Mas quando a fala provocou risadas durante o ensaio, decidi que ela era genial.

Eu estava no inferno. Eu estava no céu. Eu estava na colônia de férias.



Nós éramos dez morando num alojamento de trinta metros quadrados e passando pela puberdade como um relâmpago. Era atividade hormonal demais para qualquer cômodo, e o resultado era um espaço frenético e emocionalmente volátil que cheirava a uma loja de produtos para banho.

Só porque não tinha garotos na colônia de férias não significava que não havia romance. Tínhamos festas — duas por verão, como a minha mãe tinha em Wenonah — e nos preparávamos, escolhendo a roupa com uma semana de antecedência, trocando tubinhos de gloss cheios de areia e prendedores de cabelo que brilhavam no escuro.

Minha nova amiga, Ashley, uma loura que gostava de esportes e namorava o herdeiro das batatas chips Utz, me emprestou um tomara

que caia estilo Pucci e torceu o meu cabelo em *dreads* pequenininhos. Enquanto retribuía o favor, passando blush nas suas bochechas já rosadas, percebi algo:

— Você tem um cílio aqui — disse a ela, e tentei tirá-lo até perceber que, na verdade, se tratava de um longo pelo preto que crescia na sua bochecha.



Cada uma de nós estava num estágio diferente da puberdade. Charlotte tinha seios grandes, tão grandes que eram caídos e projetavam uma sombra em forma de meia-lua sobre a sua caixa torácica. Marianna parecia não perceber os pelos que cresciam nas suas axilas, ou talvez isso não fosse uma questão na Colômbia, seu país de origem. Eu era reta feito uma tábua, e sem pelos também, e não me importava com isso; porém, não conseguia parar de olhar todas as outras garotas enquanto se vestiam, para as bundas arredondadas, para os pelos escuros que escapavam de seus trajes de banho. “Você é tão bicuriosa!”, gritou minha monitora Liz ao me flagrar olhando para os seus peitos balançantes enquanto ela trocava de roupa.

A minha maior obsessão eram os odores corporais. Eu os sentia em todos os lugares: no banheiro, no vento durante um jogo, na escova de Emily que eu pegava emprestada porque a minha antiga tinha algum tipo de mofo. Eu não imaginava uma vida em que aquele cheiro, parecido com o de cebola a ponto de me deixar confusa, vinha do nosso corpo. E aí uma tarde, sentada na minha cama durante o horário de descanso, eu podia jurar que senti o cheiro. Não

era muito forte, mas estava lá, na minha camiseta. Uma breve análise me levou a uma área perto da minha axila direita. *Peguei isso quando abracei a Charlotte*, pensei. Na verdade, tinha certeza disso. Escrevi uma carta para casa na mesma hora, explicando toda aquela situação horrível. “Como digo isso para Charlotte sem magoá-la?”, perguntei.

Meu pai respondeu e explicou carinhosamente que era difícil transferir odores corporais de uma pessoa para outra e que, só por segurança, eu deveria comprar um desodorante natural na minha próxima ida ao Walmart.



A primeira festa do verão aconteceu na Colônia de Férias Skylamar, a quarenta minutos de carro de Fernwood Cove, num celeiro cheio de garotos espinhentos que vestiam camisas de mangas curtas e calçavam sapatos dockside. *NSYNC e Brandy tocavam num aparelho de som pouco potente. As garotas dançavam nervosas num grupinho, enquanto os garotos ficavam pelos cantos do salão bebendo ponche. Em certo momento da noite, abri a porta do banheiro e vi um garoto encurvado sobre o vaso se masturbando freneticamente.

Após anoitecer, comecei a bater papo com um garoto de catorze anos de Nova Jersey chamado Brent. Ele era bonito, usava boné de beisebol e tinha a cara achatada de um boxeador. Contei a ele que estudava no Brooklyn e ele disse que não sabia onde ficava porque não era “muito bom em geometria”. Depois dos vinte minutos mais longos da história, ele me perguntou se eu gostaria de ir para a varanda dos fundos com ele, o que entendi ser um código para darmos bicadas um no outro como se fôssemos passarinhos.

“Desculpa, mas acho que não nos conhecemos bem o suficiente” disse a ele. “Mas se quiser meu endereço, posso dar para você, e vamos ver o que acontece.”

Depois que fui embora, Emily disse que o viu me mostrar o dedo pelas minhas costas.

Durante a noite inteira que passamos em Skylamar, eu tive uma sensação de já ter vivido aquilo, como um *déjà vu*, mas que não cessava. Já tinha estado naquele lugar antes, conhecia a disposição dos prédios; os alojamentos se espalhavam pelo morro de uma forma familiar. O prédio do refeitório me saudava. Mais tarde, deitada na minha cama, percebi: aquilo era Wenonah. Skylamar foi construída no local onde antes fora a colônia de férias da minha mãe.

Aquele era o lugar de onde a minha mãe ligou para casa por dez verões, onde encontrou as mulheres que eram como irmãs para ela até hoje, apesar da geografia e das ideologias que as separavam. Foi lá que ela interpretou Rhatt Butler no teatro de verão, onde foi apresentada ao macarrão com queijo instantâneo e pegou piolhos que a forçaram a cortar o cabelo de uma forma bem irregular. Foi lá onde seus pais a deixaram quando decidiram fazer um cruzeiro de sete semanas pela Europa, usando seus melhores chapéus.



Depois do meu primeiro verão em Fernwood Cove, parecia bem óbvio para os meus pais que eu não voltaria. Apesar de alguns momentos de prazer, chorei histericamente em todas as ligações para casa, gritando: “Por favor, venham me pegar. Estou implorando.” Eu me sentia vítima das minhas colegas de alojamento e incompreendida pelos monitores. Tinha desenvolvido “alergia a madeira”.

Desistia de tudo: das brincadeiras, das aulas de dança, do curso de hebraico. Nada no meu passado indicava que eu aguentaria tudo aquilo de novo. No entanto, quando chegou o prazo de inscrição em dezembro, surpreendi os meus pais (e a mim mesma):

— Acho que gostaria de dar uma outra chance para a colônia de férias.

— Tem certeza? — perguntou meu pai. — Você não parecia muito feliz.

— Não parecia mesmo — concordou minha mãe. — Você podia ir para uma colônia de férias sem pernoite. Ou não ir para nenhuma colônia.

— Tenho certeza — respondi. — Acho importante.



Algumas das minhas lembranças da colônia de férias pertencem, na verdade, à minha mãe. Certas imagens, apesar de parecerem reais para mim, vêm de histórias que ela me contou na hora de dormir. Por exemplo, nunca assei massa de pão na ponta de um graveto e depois enchi o buraco deixado por ele com manteiga e geleia. Foi ela quem fez isso. Nunca encontrei duas monitoras se beijando no campo de arco e flecha, encostadas num alvo, a mão de uma dentro dos shorts da outra. Quando os garotos vinham a Wenonah para uma festa, atravessavam o lago de canoa e chegavam ao anoitecer como uma tribo inimiga, invadindo a praia em seus pequenos blazers. E, mesmo que os garotos tenham chegado à nossa colônia de férias em várias vans de uma igreja, ainda posso vê-los amarrando as canoas e se espalhando pelo morro, prontos para nos saquear.

Às vezes me pego contando uma dessas histórias para um grupo: a vez em que vi duas lésbicas em ação. O melhor lanche para fazer numa fogueira. Demoro um instante para perceber que estou mentindo. As minhas melhores lembranças, as que me são mais preciosas do tempo que passei em Fernwood Cove, não são minhas. Elas pertencem a outra pessoa. As minhas histórias são terríveis. Ninguém vai ficar empolgado ao me ouvir contar que me escondi no banheiro para tomar meu remédio para TOC. A vez que evitei ir a um passeio fingindo estar com enxaqueca não é exatamente uma história nostálgica que agrada ao público. Ter diarreia num cânion durante uma caminhada longa não é apropriado para nenhum ouvinte. Não me lembro de nenhuma das músicas.



Como na minha vida em casa, em Nova York, os meus “amigos de verdade” na colônia de férias eram os funcionários.

Os monitores eram um grupo diverso, totalmente apropriado para uma das primeiras temporadas de *The Real World*. Garotas com piercing no umbigo e tatuagens no tornozelo. Rapazes mórmons que vestiam regatas e ouviam rap gângster. Até os gordos tinham pernas saradas e bronzeadas. Eles pareciam enfeitiçados uns pelos outros, seduzidos pela própria juventude e beleza. Isso ficou evidente quando, do meu beliche de cima, vi pela janela as bundas brancas deles rebolando no píer depois da meia-noite, quando deveriam estar *zelando pelas nossas vidas*.

No primeiro verão fiquei fascinada por um universitário chamado Buddhu Bengay, que vinha do oeste de Massachusetts e usava sandálias feitas de cordas trançadas como se fosse o próprio Jesus Cristo. Ele tinha cicatrizes de acne e os dedões enormes, mas seu jeito de falar me lembrava o Matthew Perry, tão mordaz que até palavras banais pareciam engraçadas. Nós só conversamos algumas vezes, embora em uma delas, durante um ataque à geladeira, ele tenha me carregado de volta para o meu alojamento em seus braços. Bati no seu peito, chocada por ele estar me tocando. Ele tinha cheiro de desodorante, daqueles verdadeiros, não o troço orgânico que o meu pai usava.

“Nem pensar, mocinha”, disse ele enquanto me depositava na varanda do Alojamento Martim-pescador. Minhas pernas tremiam, como se eu estivesse pisando no chão pela primeira vez em semanas.

Também tive uma paixonite por Rocco, meu “tio” de alojamento australiano, que afirmou ter um caso com a filha da Diana Ross, uma mulher com o nome improvável de Chudney. Embora os monitores homens fossem proibidos de entrar nos nossos alojamentos sem a presença de pelo menos duas monitoras, Rocco várias vezes se sentava do lado de fora da porta de tela e conversava com a gente enquanto o

sol se punha depois do jantar. Ele me chamava de Dunny, o que, explicou, era uma gíria australiana para “banheiro”.



Mas encontrei o meu amor mais verdadeiro durante o segundo verão, e o nome dele era Johnny. Johnny McDuff. Era louro, vinha da Carolina do Sul e tinha quase 22 anos. Vestia calças largas, camisetas do Morrissey e óculos escuros wayfarer. Tocava guitarra, músicas que ele mesmo tinha composto, com títulos como “Oogie Boogie Girl” e “Angel Watchin’ Over Me”, e chegava no refeitório atrasado, com o andar arrogante de um primogênito. Diziam que ele tinha uma queda por Kelsey, a monitora de artes, mas eu não acreditava nisso. Ela usava uma tornozeleira de cânhamo. Ela se bronzeava no sol. Ela era vulgar.

Johnny nos acompanhou em vários passeios. Foi sob a sua supervisão cuidadosa que andamos de carrinhos de bate-bate, assistimos a *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado*, pernoitamos num estacionamento de trailers onde ouvi um homem gritar “Vá pra puta que pariu” para a esposa e disparar escuridão adentro na sua motocicleta. Fizemos rafting com um guia chamado Urso, que me ensinou o termo AMFYOYO (uma sigla em inglês para “adeus babaca, agora você está sozinho”). E dirigimos por quatro horas até um penhasco com doze metros de altura com a intenção de pular dele.

No caminho até lá, decidi que seria a primeira a pular. Foi uma decisão silenciosa. Minhas habilidades como campista eram pouco desenvolvidas, para dizer o mínimo. Eu ainda tinha medo do escuro. Ganhei o prêmio de “pior arrumadora de cama”. Completei a pista de arborismo exatamente uma vez, com ajuda. Às vezes, Karen e Jojo brincavam de me jogar no chão e aí cronometravam quanto tempo eu demorava para me levantar até me empurrarem de novo. O ato de

pular primeiro, antes das minhas colegas de alojamento, seria um ato ousado, uma forma de reverter minha posição como o membro mais fraco e chorão do Martim-pescador. Enquanto as outras garotas hesitariam e fingiriam estar com medo, eu iria até a beira e mergulharia com elegância na água, rompendo a superfície com as mãos ligeiramente em concha — como nosso professor de mergulho tinha ensinado.

Enquanto a van se aproximava do local do mergulho, não consegui me conter.

— Vou pular assim que chegar lá — anunciei.

— Ah, claro — disse Jojo.

Enquanto as outras garotas aprontavam suas toalhas e ajustavam os biquínis, eu me aproximei da beira do penhasco. Caralho, era alto. O tipo de altura que faz suas entranhas virarem geleia.

— É uma baita queda, não é? — Lá estava Johnny, bem atrás de mim. Estava rosado e bronzeado no seu shortinho azul. Parecia um soldado da Segunda Guerra Mundial de licença.

— Estou com frio — falei. — Quero esperar um segundo.

— Isso não vai ficar mais fácil — disse ele.

— Eu sei. Talvez eu nem pule — admiti, voltando na direção das outras garotas.

Estava preparada para ser alvo de zombaria. Não me importava, desde que estivesse bem longe daquele precipício. É contra a natureza se atirar de uma rocha gigante para dentro de uma poça de água turva.

— Quer saber? Vou com você.

Quase quinze anos depois, fico toda arrepiada só de escrever isso. Olhei para Johnny.

— Sério?

Ele confirmou.

— Com certeza.

— Comece a contar — falei.

— Ok. — Ele assentiu, dando um passo à minha frente, um pouco mais perto da borda. — Vou começar agora. Preparada? Um... dois...

E nós pulamos. Não foi o mergulho elegante que eu tinha imaginado. Entrei em pânico e me debati no ar como um gatinho recém-nascido que tenta usar as garras para subir de novo. Antes de conseguir processar a sensação de cair, eu já tinha batido na água com força e no ângulo errado. O frio suavizou a dor, que suavizou o medo. Johnny caiu um pouco depois e voltamos à superfície: eu cuspi e tossia, tirando o maiô do meio da bunda; ele me deu parabéns com um aceno de cabeça descontraído, afastando o cabelo louro dos olhos.

Mais tarde naquele dia, quando paramos para tomar sorvete numa vendinha na beira da estrada, ele pediu para experimentar o que eu estava tomando, um de chiclete. Passou a língua ao redor de minha casquinha — na minha memória, era uma língua incredivelmente grossa e vermelha —, e a sensação nas minhas entranhas foi ainda mais estranha do que a que experimentei durante o salto. Eu sabia que ele estava me enviando um sinal secreto. Podíamos fingir, podíamos nos divertir com o grupo, mas éramos bons demais para aquele lugar.

Naquela noite no meu beliche, me imaginei tirando a roupa, me aproximando de Johnny e deixando ele passar as mãos em todo o meu corpo. Talvez nos encontrássemos lá fora, numa barraca, na trilha do bosque. Eu era prática o suficiente para imaginar que ele levaria uma camisinha.



No nosso último verão, na condição privilegiada de meninas mais velhas da colônia, fomos a New Hampshire para caminhar, acampar e assistir a um filme. A viagem foi acompanhada por Rita-Lynn, Cheryl e Rocco, e era impossível saber quem estava a fim de quem naquele

trio. Como tínhamos quinze anos, parecíamos vagamente adultas, e a vibe do passeio foi claramente universitária, com os monitores tratando a gente como seus iguais. Eles mal precisaram afirmar sua autoridade e nós nos divertimos: fofocamos na parte de trás da van, escrevemos nos nossos diários e cantamos músicas da Britney Spears aos berros.

Na última noite da viagem, choveu, e, usando um cartão de crédito da colônia de férias, os monitores nos colocaram num hotelzinho de beira de estrada. Todo mundo se reuniu no quarto de Rita-Lynn para jogar cartas e comer sanduíches de pasta de amendoim e geleia, e eu notei, pelo rabo do olho, que Rocco estava abrindo uma cerveja. E outra. E outra. Ele passou uma para Rita. Uma para Cheryl. Deu um gole na sua.

Eu me levantei e fiz um sinal a Rita para ela ir ao banheiro comigo.

— Posso falar com você um minuto? — perguntei.

— Que foi? — perguntou ela. — Está precisando de um absorvente?

— Não. Eu só queria dizer que não me sinto muito confortável com o fato de os únicos adultos aqui com a gente estarem bebendo *álcool*.

Ela olhou para mim sem demonstrar nenhuma expressão.

— Várias pessoas da minha família têm problemas de alcoolismo, e isso mexe muito comigo — expliquei.

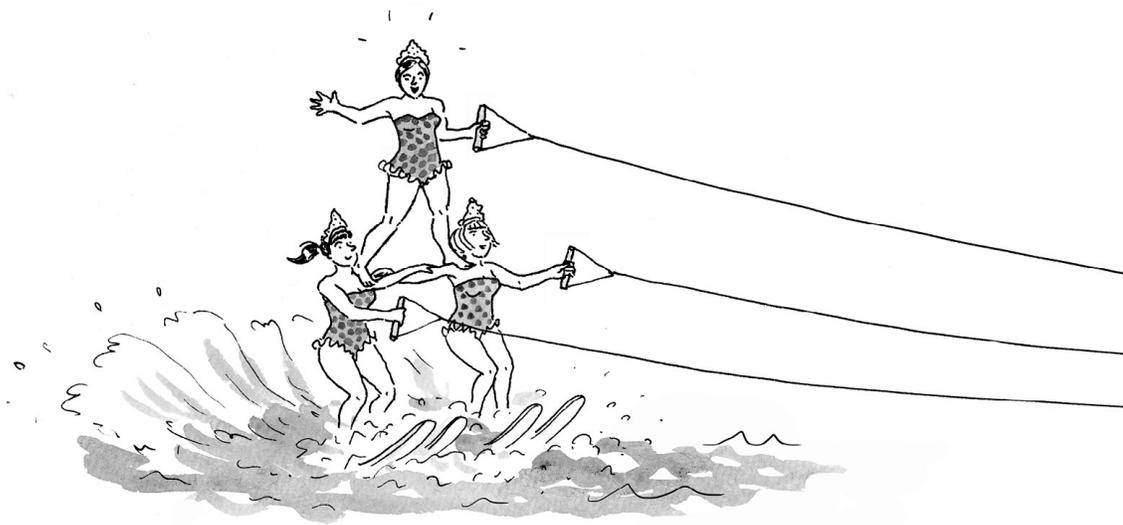
— Cara. — Ela olhou para as próprias sandálias. Não ficou claro se ela se sentia frustrada ou culpada. — Eu realmente achei que vocês não iam se importar.

Na nossa última noite na colônia, todo mundo vestiu branco, e as mais velhas colocaram velas em barquinhos e os empurraram lago adentro cantando “I Will Remember You”, da Sarah McLachlan. Todas choraram e se abraçaram, prometendo escrever cartas e nunca se esquecer umas das outras. Também chorei, querendo que tudo pudesse ter sido diferente, que eu pudesse ter sido diferente. Olhei para a minha vela até ficar vesga e ela desaparecer na escuridão.



Recentemente, sonhei com a colônia de férias. O sonho foi tão vívido que me assombrou durante todo o dia seguinte. Eu estava de volta em Fernwood Cove e tinha um último verão para fazer valer a pena. Nosso alojamento estava intacto, assim como o meu hímen. Eu não estava mirando num cara específico, nem escrevia cartas para casa. Todas nós estávamos lá e amávamos muito umas às outras.

Nesse sonho, eu tinha cabelo bem comprido, cheio de penas e contas, e estava pelada no píer. Meu corpo era mais esguio, mais flexível, mais parecido com o da minha mãe. Mergulhei de costas na água com elegância, sem perturbar a superfície.



Meus arrependimentos

UM DIA, o time de futebol da minha colônia de férias foi jogar contra o de outra colônia, então todo mundo no meu alojamento saiu, menos eu.

Ficar sozinha — sem os sotaques monótonos do Meio Oeste, sem o som de cabelo sendo trançado ou o estalo das sandálias de borracha durante o banho — foi delicioso. Decidi matar a aula de esqui aquático para escrever cartas e tirar uma soneca. De qualquer forma, para que tudo aquilo? Minha vez nunca chegava. A aula era muito cheia, então na maior parte do tempo ficávamos no píer, tremendo de frio, vestindo coletes salva-vidas e ouvindo Claire B chorar porque seu pai ia fazer noventa anos.

Mesmo assim, nas poucas vezes em que pus os esquis, achei a experiência sobrenatural: eu voei. Às vezes por meros segundos, mas uma vez foi por minutos. Pelo menos três. O mundo passou correndo por mim: barcos, casas e o que pareciam ser esboços de pinheiros. Até que passei por um trecho com ondulações e, inexperiente como era, levei um tombo daqueles. Os esquis voaram, abri as pernas de uma

forma que não era natural para mim, e caí primeiro de bunda e depois de nariz.

Acordei no final da tarde, quente e me coçando, ao som das minhas colegas de alojamento voltando inebriadas pela vitória.

— Arrasamos com elas! — gritou Madeleine, jogando as meias sujas na cama de baixo do meu beliche.

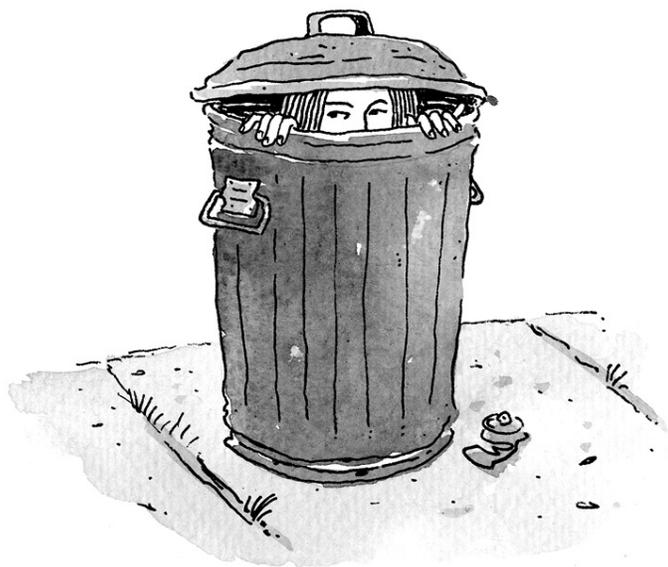
— Elas eram lentas e goordas — guinchou Emily, ficando só de top.

— Su-perrr le-gaale — disse Phillipine num inglês macarrônico, seu rosto francês e estúpido transtornado de orgulho.

Na hora da fogueira, o monitor de esqui aquático me perguntou onde eu tinha estado.

— Todo mundo estava na excursão para o jogo. Você teria tido uma hora de aula inteira só para você.

Você pode imaginar como seria minha vida agora se isso tivesse acontecido?



Guia para fugir de casa

UM GUIA PARA FUGIR DE CASA PARA GAROTAS DE NOVE ANOS

Você quer fugir de casa. Você quer fugir por muitas razões, mas vamos começar com a mais imediata: você está com raiva. Com raiva do seu pai porque ele não a leva a sério quando você diz que vai enlouquecer se tiver que passar outra noite no seu quarto sozinha, olhando para a lua. Ele acha que você está tendo problemas de criança. Ele acha que as crianças precisam “superar” os seus problemas de criança. Ele diz:

— Só tenta entender que isso não vai piorar. O pior que pode acontecer é ficar do mesmo jeito.

Isso não ajuda. Porque ele não sabe que existe algo dentro de você — grande, explosivo, pronto para surpreender o mundo de uma maneira ruim se as pessoas não souberem lidar com você, mas

preparado para se tornar uma coisa linda se alguém simplesmente prestar atenção.

Você está com raiva da sua mãe porque às vezes ela não presta atenção e diz sim a uma pergunta que requer outro tipo de resposta. Ela está distraída. Quando segura a sua mão, é de um jeito frouxo demais, e você precisa mostrar a ela como segurar direito, como se fizesse uma pequena rede de dormir para os dedos. Você está brava com a sua mãe porque ela está sentada de calças capri na varanda, dizendo a alguém ao telefone que você está tendo um bom verão.

Você está brava por estar passando o verão no campo, onde os dias são tranquilos demais e você tem bastante tempo para pensar. Na cidade, você vive na Broadway, onde o barulho é tão alto que os pensamentos assustadores não conseguem se intrometer. Mas aqui no campo só há espaço. Na ponte de pedra sobre o riacho. Na pedra coberta de musgo no canto do jardim. Atrás do trailer abandonado onde Art, o velho com olho de vidro, morava. Espaço, espaço, espaço, e você pode se aterrorizar a ponto de achar que os seus pensamentos mais parecem vozes.

Seus padrinhos, que também são pessoas da cidade, vivem a um quilômetro e meio de distância. Ela tem cabelo ruivo e óculos de gatinho, ele é careca e faz uma única voz para imitar os quatro Beatles. Um dia, seu padrinho e você falam nos respectivos telefones sem fio e saem de casa para ver se conseguem se encontrar antes de ficarem sem sinal. Você o vê chegar ao topo do morro, acenando, bem no momento em que a voz dele estala e some.

Semana passada, seus pais deram uma festa. Todo mundo da cidade veio de carro. Artistas, escritores, namorados, namoradas e uma mulher com sobrancelhas roxas, e estacionaram por todo o gramado. O irmão de Gregory fez vinho de lilases; você tomou três goles e se fez de bêbada, fazendo uma grande encenação ao fingir que não conseguia andar em linha reta, como um bêbado em *I Love Lucy*. Por volta das dez, seus pais a mandaram para o seu quarto e

você ouviu a festa acabar lentamente, como um cigarro, sua irmãzinha respirando ao seu lado como uma máquina confiável.

O dia da festa tinha sido o pior do verão. Seus pais pediram para você cumprir tarefas que não pareciam justas, não pareciam ser sua responsabilidade. Então você foi para o sótão e jogou ovos crus na calçada da frente. Seu pai nem pareceu ficar com raiva, apenas a obrigou a esfregar a pedra com uma esponja de cozinha.

O dia seguinte à festa foi dedicado à limpeza. E o dia depois desse foi dedicado ao trabalho. E o dia depois desse foi apenas um dia como outro qualquer, com todo mundo obrigando você a dormir na sua própria cama.

Então é hora de fugir de casa.

Primeiro você precisa fazer a mala. Talvez seja melhor usar uma mochila pequena, para não ficar pesada demais. Você deve poder se movimentar. Pode usar a mochilinha azul-bebê que comprou para se sentir mais parecida com Cher Horowitz em *As patricinhas de Beverly Hills*. Mas aí você insistiu em usá-la na partida de queimado no primeiro dia da escola e se tornou o alvo preferido do quarto ano. Parabéns, sua esquisitinha.

Em relação ao que levar, tudo o que você precisa é de calcinhas limpas e um pão de forma.

Se estivesse fugindo de casa na cidade, seria fácil. Você apenas iria para o saguão de entrada e se sentaria abaixo das fileiras de caixas de correio. Lembra quando o seu gato sem pelo desceu de elevador sozinho e se escondeu no buraco onde ficam os pacotes de Victor Carnuccio? Isso foi muito engraçado.

Se ficasse com medo no saguão ao ver a Broadway passar, você não precisaria se sentir assim. Sua mãe logo desceria e atenderia às suas demandas.

Mas você está na sua casa de campo, então fica um pouco mais difícil. Um bom lugar para se esconder poderia ser os fundos da casa, atrás do trailer de Art. Você também poderia rondar a igreja velha,

mas ela cheira a mofo e é no mínimo quatrocentos metros mais distante, e você odeia andar.

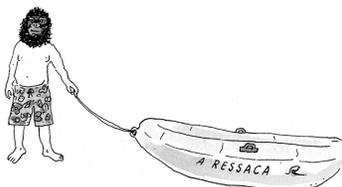
Uma pessoa boa para você levar junto, se quiser ter companhia, seria o seu vizinho Joseph Cranbrook. Ele é um bom menino, apesar de parecer meio doido às vezes. (Como a vez em que ele arrancou a porta de tela das dobradiças da sua casa porque você não queria brincar com ele. Seu pai falou com ele como se ele fosse um adulto que tivesse cometido um erro, que é a maneira como seu pai sempre fala com crianças e uma das razões pelas quais você está fugindo de casa.) Joseph pode ser gorducho e desleixado agora, com a cara sempre suja de molho barbecue, e ter como únicas virtudes o fato de ser dono de um barquinho a vela e a ideia de se vestir de gorila com suspensórios no Halloween, mas fique avisada: daqui a dez anos, ele ainda será baixinho, mas também será musculoso e se alistará na força aérea para canalizar sua raiva, e você o encontrará na rua Crosby no seu primeiro ano de faculdade, e ele será a primeira pessoa que você vai chupar. Você não irá até o fim, só vai dar uma lambida horrorizada, e ele nunca mais falará com você. Por fim, ele vai ficar “noivo” de uma garota chamada Ellie, que é uns trinta centímetros mais alta do que ele e mora na Carolina do Sul. Algo chamado Facebook será inventado, onde você poderá descobrir tudo isso.

Quando você fugir de casa, a ideia é não escapar. Você não está tentando sumir de verdade. Você só quer chamar a atenção da sua mãe. A grande fantasia é que ela está em algum lugar, vigiando, como a mãe em *O coelhinho fujão* que vira árvore, depois lago e depois lua. Sua mãe vira a mochilinha, que vira o pão, que vira a cama com o pôster do Devon Sawa na parede onde você vai ficar emburrada quando tudo acabar. Ela sabe. *Ela sabe.*

E, por fim, ela chega e você ganha o tipo de atenção que vinha pedindo quando a olhava falar ao telefone sem fio e folhear o catálogo da J. Crew, marcando possíveis compras com uma caneta esferográfica. Ela diz que entende, que uma vez, quando tinha a sua

idade, se escondeu numa lata de lixo por uma hora, mas ninguém a procurou exceto a enfermeira do dentista do pai dela.

Mais tarde no verão, o seu avô morre, e você fica secretamente contente. Agora você tem um lugar onde depositar toda a sua tristeza, uma que as pessoas entenderão. Você anda no triciclo da sua irmã para a frente e para trás na varanda, adorando o som que ele faz ao remover a tinta à base de chumbo do chão. Seus pais não acreditam que a tinta é à base de chumbo, e você pede para eles a levarem à loja de materiais de construção, onde compra um pequeno kit de teste. O kit contém um tubo pequeno, como um batom, com uma ponta esponjosa branca que você passa na área que suspeita que seja tóxica. Aí você espera, e, se houver chumbo na tinta, o branco vai ficar vermelho vibrante. O resultado do teste é negativo, o tubo fica apenas cinzento da sujeira no chão da varanda, e você fica decepcionada.



UM GUIA DE COMO FUGIR DE CASA PARA MULHERES DE 27 ANOS

Nenhum dos seus vizinhos a conhece, então nenhum deles vai se importar. Todos eles têm mais de 85 anos e *não* têm HBO em casa. Você podia se atirar no duto de lixo e só seria encontrada seis dias depois, sangrando em uma pilha de fraldas geriátricas, e isso não provocaria mais do que um “Hein?”, seguido por uma reunião de condomínio para discutir a maneira apropriada de se livrar do corpo.

Se você não liga para os seus pais por um dia, eles presumem que você está ocupada trabalhando, ajudando uma amiga a se recuperar de uma pequena cirurgia ou transando com o seu namorado por

dezessete horas seguidas. Passar uma hora agachada atrás de um prédio religioso já não será suficiente para chamar a atenção deles.

Lembra quando você descobriu que o seu pai tinha um livro chamado *How to Disappear and Never Be Found* [Como desaparecer por completo e nunca ser encontrado]? Você tem certeza de que aquilo foi usado apenas para pesquisar novas formas criativas de pensar e conceitos que ele poderia aplicar no trabalho, mas a descoberta levantou a clara possibilidade de que há algo muito perturbador que uma pessoa que você ama pode fazer em vez de morrer. Você já sabia que o seu pai era mórbido, mas supôs que ele fosse tão feliz quanto lhe era inerentemente possível, e isso era um consolo. O fato de essa revelação sugerir o contrário é algo em que você prefere não pensar.

Hoje em dia, a situação se inverteu. É você que está distraída enquanto sua mãe tenta conversar. É você quem acha que os pais deveriam simplesmente superar os seus problemas de pais. Agora você sempre cai no sono antes da sua irmãzinha — você a deixa na estação de metrô e a vê desaparecer no subsolo. Seus amigos que encontram sua irmã nas noitadas dizem que ela dança muito bem.

Você sempre sofreu de dissociação. Se é um caso clínico, como pelo menos dois terapeutas sugeriram, ou uma ação deliberada (“Você está me escutando?”, seu pai sempre pergunta. “Sinto que você está se dissociando de novo.”), você não sabe dizer, mas agora aquele terror meloso que dominou as suas noites de verão aos nove anos pode durar dias.

— Sabe aquela coisa, quando você está transando, e em vez de curtir tudo, vê a si mesma de cima, como se estivesse assistindo a um filme? — você um dia pergunta à sua amiga Jemima enquanto ela pinta você nua deitada no seu sofá.

— Uhm, não — responde ela. — E isso é muito triste. Você já conversou com alguém sobre isso?

Todo mundo diz que você se parece com a sua tia. Vocês têm o mesmo nariz, a mesma bunda e o mesmo jeito de abraçar, como um coala excessivamente carinhoso. Um dia ela lhe conta a história do

início do namoro dela com o marido. Ela sabia que não era a única namorada dele, mas gostava dele mesmo assim. Uma noite, ele saiu para comprar cerveja e, quando ela o ouviu chegar, fingiu estar dormindo. Só para ver o que ele faria. Será que a cobriria com um cobertor? Será que agiria como se ela não estivesse ali, ou faria uma ligação importante? Será que a observaria dormir?

Você acha que isso deve ser genético. Você tinha tentado fazer isso semana passada, com a pessoa com quem estava saindo, e o resultado foi decepcionante.

A verdade é que, desde aquele primeiro boquete, o seu conforto em relação ao sexo não aumentou nem um pouco. Em cada relação sexual, você se sentiu como se estivesse na sua primeira consulta com um novo clínico geral. Desajeitada, problemática e um pouco fria. Com o tempo, você aprende alguns jargões e posições que fazem tudo fluir com mais facilidade, e sempre começa com as melhores intenções de não se observar da soleira da porta, como uma detetive mal disfarçada.

Mas, mesmo assim, você está fugindo de casa.

Uma versão de fugir é tomar um banho bem demorado enquanto alguém de quem finge gostar está na sua cama vendo trailers no computador.

Outra versão é pegar uma infecção urinária e, após horas tentando se forçar a urinar num banheiro do tamanho de um balde, você sai de casa vestindo apenas uma camisola e volta para a casa dos seus pais, onde sua mãe separou antibióticos e suco de amora, mas voltou para a cama.

Outra versão é chamar um táxi no meio de uma onda de torpor causada por remédios, chegar em casa às seis da manhã e se dar conta de que deixou todos os seus pertences na casa de um cara que só acorda às duas da tarde e não pode ser despertado de seu sono narcótico por uma campainha.

Outra versão é dar uma escapada para meditar de manhã e depois voltar para a cama como se nunca tivesse saído dela. Outra versão é só

meditar.

Outras coisas que você pode tentar: dizer que está doente. Dizer que levou um tombo no meio da rua por causa de sapatos inconvenientes. Dizer que ficou no trabalho até tarde. Escrever tudo o que vier à mente. Dizer que está doente de novo. Dizer que é o tipo de pessoa que vive doente. Deixar o telefone no silencioso e depois dizer que perdeu o celular em algum lugar na cama. Ir para o trabalho e ficar lá o dia inteiro. Ouvir uma música da Taylor Swift sobre dançar na chuva com um garoto da sua cidade natal. Mas nada de sair para correr. Nunca correr.

Logo você vai se encontrar em mais e mais situações das quais não vai querer fugir. No trabalho, vai perceber que passou o dia inteiro no seu corpo, dentro dele de fato, sem imaginar como as pessoas ao seu redor veem você, simplesmente sendo quem você é. Você é uma ferramenta sendo usada de maneira correta. Isso muda muita coisa.

E um dia você vai sair da cama para fazer xixi, e alguém vai dizer: “Odeio quando você vai embora.” E você vai *querer* voltar correndo. Você vai pensar: esse tipo de coisa só acontece com personagens interpretadas pela Jennifer Garner, certo?, mas isso está acontecendo com você e continua a acontecer, até mesmo quando você chora, faz besteira ou mostra como é ruim em planejar saídas em grupo. Ele parece estar ali sem reservas. Ele presta atenção. Ele ouve. Ele parece querer ficar.

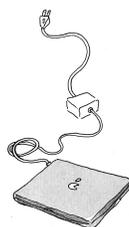
Às vezes, aquela sensação antiga retorna. De ser invadida e incompreendida. De ficar fora do seu corpo, mas ainda assim dentro do quarto, como você imagina que um espírito faz logo após a morte. Você costumava dominar a noite e aproveitá-la, durante aquela época gostosa em que o seu pai não podia mais mandar você dormir e antes de dividir um apartamento com outra pessoa. Será que essa cumplicidade está destruindo a sua produtividade? Quando foi a última vez que você ficou acordada até as quatro da manhã testando os limites da sua consciência e procurando *serial killers* no Google?

Mas aí você se lembra de como era difícil aquele momento entre a vigília e o sono. Como o momento de diminuir o ritmo era quase fisicamente doloroso, a mente se afastando do corpo como um balão sugado para a atmosfera. Ele resolve essa questão. Ele diz a você que o seu dia já foi produtivo o suficiente e que agora é hora de relaxar. Ele a ajuda a dormir. As pessoas precisam dormir.

Você aprendeu uma nova regra, e ela é simples: não se coloque em situações das quais gostaria de fugir.

Mas, quando fugir, fuja de volta para si mesma, como aquele coelho em *O coelhinho fugião* correu para a mãe, mas você é a mãe, e perceberá isso mais tarde e ficará muito, muito orgulhosa.





Agradecimentos

EU GOSTARIA DE AGRADECER imensamente às seguintes pessoas, que foram fundamentais para a escrita e a publicação deste livro:

Peter Benedek, melhor amigo e herói. Devo muito a você, e é por isso lhe dou 10% de todo o meu dinheiro. Jenny Maryasis, você é uma mulher extremamente literária e franca num mundo cheio de idiotas mentirosos. Agradeço muito aos dois.

Kimberly Witherspoon, obrigada por me incentivar a ocupar o espaço que preciso, tanto numa cadeira quanto numa página.

Jodi Gottlieb, que ajuda a dar elegância à empreitada.

Susan Kamil, Gina Centrello e as outras integrantes do esquadrão feminino da Random House. Uma turma linda.

Andy Ward, você é o melhor editor que uma garota que usa muito a palavra “vagina” poderia ter. Seu trabalho cuidadoso, meticuloso e brilhante neste livro teve um impacto que vai muito além destas páginas. Oi, Abby e Phoebe 😊.

David, Esther e todo o clã Remnick/Fein: sua amizade e sabedoria foram um bálsamo para a minha alma. Obrigada pelo humor, encorajamento e brie com matzos sem fim.

Joana Avillez, você desenha o mundo onde desejo viver. Este livro é um documento comprobatório da nossa amizade de 25 anos.

Ilene Landress, que me faz perseverar, cumprir prazos e ser muito feliz.

Jenni Konner: minha melhor amiga, minha parceira no trabalho e no crime. Não é coincidência que parei de perder a voz logo depois

de conhecer você. Obrigada, todos os dias. Amo vocês, Mack e Coco!

Minha família: sua arte, seu humor e seu amor são a minha razão. Sinto muito por continuar fazendo isso com vocês. Laurie e Tip, agora chega, pelo menos até vocês morrerem. Mas, Grace, você ainda não se safou.

Titias SuSu e Bonmom, vó Dot, tio Jack, os primos que estão aqui e os que já se foram, Rick, Shira e Rachum.

Jack Michael Antonoff. Estas palavras não existiriam se não fossem seu amor e apoio. Muito obrigada por construir uma vida e um lar comigo.

Isabel Halley, Audrey Gelman, Jemima Kirke — amigas e musas. As mais engraçadas e bonitas de todas.

Um obrigada de coração a todas as pessoas espirituosas com quem interajo todos os dias na internet, que apoiaram minha autoexpressão, me desafiaram muito e confirmaram minha esperança derradeira de que o mundo é cheio de pessoas parecidas com a gente.

Recebi ajuda, incentivo e inspiração de muitas pessoas. Essa lista inclui, mas não é limitada a: Ericka Naegle, Mike Birbiglia, Leon Neyfakh, Alice Gregory, Miranda July, Delia Ephron, Ashley C. Ford, Paul Simms, Charlie McDowell e o Roon, Murray Miller, Sarah Heyward, Bruce Eric Kaplan, Judd Apatow, B.J. Novak, a revista *New Yorker*, a revista *Glamour*, a revista *Rookie*, Tavi Gevinson, Anaheed Alani, a HBO, Mindy Kaling, Alicia van Couvering, Matt Wolf e Carl Williamson, Teddy Blanks, Roberta Smith e Jerry Saltz, Taylor e todas as suas músicas, Bill Simmons, Polly Stenhan, Larry Salz, Kassie Evashevski, Richard Shepard, David Sedaris, Zadie Smith, Tom Levine, Maria Santos, Ariel Levy, Kaela Myers, Maria Braeckel, Tom Perry, Theresa Zoro, Leigh Marchant, Erika Seyfriend e Lamby.

Sobre a autora



LENA DUNHAM é a criadora de *Girls*, a série da HBO aclamada pela crítica na qual ela também exerce as funções de produtora executiva, roteirista e diretora. Foi indicada para oito Emmys e ganhou dois Globos de Ouro, incluindo o de melhor atriz, por seu desempenho na série. Ela foi a primeira mulher a ganhar o prêmio do Directors Guild of America na categoria comédia. Dunham também escreveu e dirigiu dois longas-metragens (incluindo *Tiny Furniture* em 2010) e é colaboradora frequente da revista *The New Yorker*. Ela vive e trabalha no Brooklyn, Nova York.

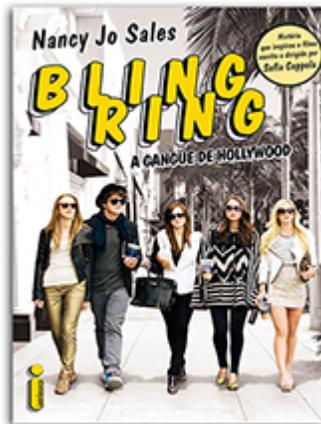
Sobre a ilustradora

JOANA AVILLEZ é ilustradora e autora de *Life Dressing*, o relato de duas mulheres que vivem para se vestir e se vestem para viver. Seus trabalhos foram publicados no *The New York Times*, na *New York Magazine* e no *The Wall Street Journal*. Mais ilustrações dela podem ser vistas em joanaavillez.com.

Leia também



Hell
Lolita Pille



Bling Ring
Nancy Jo Sales



Orange is the new black
Piper Kerman



Não se apega, não
Isabela Freitas